ACADEMIA
DOS
HUMILDES, E IGNORANTES.

DIALOGO

Entre hum Theologo, hum Filosofo, hum Ermitaõ, e hum Soldado,

No sitio de Nossa Senhora da Consolaçaõ.

OBRA UTILISSIMA

Para todas as pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, que naõ tem Livrarias suas, nem tempo para se aproveitarem das publicas.

SUMMA EXCELLENTE

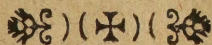
De toda a Theologia Moral, Filosofia antiga, e moderna, Mathematica, Direito Civil, e Canonico, de todas as Sciencas, Artes Liberaes, e Mecanicas.

COMPENDIO BREVISSIMO

De todas as noticias do Mundo, das suas partes, Inperios, Reynos, Cidades, Villas, Castellos, Fábricas notaveis, Costumes, Ritos, e Leys. Da vida de Christo Senhor nosso, de sua Mãy Santissima, de todos os Santos, Santas, e Veneraveis mais conhecidos. De todos os Summos Pontifices, Inperadores, Reys, Principes, desde o principio do Mundo, até ao presente tempo. De toda a Historia Sagrada, Ecclesiastica, e Secular. De todos os succesos admiraveis, e exquisitos; e de todos os artefactos, e mecanismos antigos, e modernos.

POR

D. F. J. C. D. S. R. B. H.

TOMO II.

LISBOA, M.DCC.LX.

Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA I.

NO dia quinze de Outubro ſe juntáraõ os noſſos Academicos; e depois de encarecer o Theologo a todos o grande trabalho do Soldado em referir ſó as vidas de tantos Reys, diſſe era neceſſario foſſe iſto mais ſuave; e antes que elle proſeguiſſe, neceſſitava elle explicar algumas couſas, e dizer outras; e olhando para o Soldado, diſſe deſte modo: *Vós fundado no grande Hiſtoriador Manoel de Faria e Souſa naõ contaſtes o que elle encobrio; porque eſcreveo em Caſtella no tempo de Filippe III. de Portugal: e naõ he juſto que huns ignorantes, e humildes, como ſomos, ignorem as verdades mais conſtantes.* Foi o Rey D. Filippe I. de Portugal, e II. de Eſpanha hum dos mayores Principes, que vio o mundo, e ao menos o mais prudente, que ſe tem viſto; mas na Conquiſta deſte Reyno excedeo o mayor conceito de politico. Mandou D. Chriſtovaõ a conquiſtar os animos com dadivas, e promeſſas de grandes honras, e conveniencias, e a requerer o ſeu direito, e herança; porém todos os que aceitáraõ promeſſa ſua para o futuro, vîraõ a fallencia della, tan-

to que tomou posse do Reyno; castigo justissimo, e bem empregado. Era tal o conhecimento, que D. Filippe tinha da justiça clara, com que lhe preferia a Serenissima Casa de Bragança á successaõ desta Monarquia, que recommendou a D. Christovaõ de Moura désse logo os parabens á Senhora D. Catharina, se a sentença sahisse a seu favor, como esperava. Offereceo-lhe o Brasil, e nelle o titulo de Rey, o Principe herdeiro para marido de huma filha, o Mestrado de Christo para sempre, e o poder mandar huma Náo á India cada anno, se cedesse do seu direito; e depois de acclamado Rey em Lisboa, vendo-se viuvo, e viuva a Duqueza, a pertendeo para Esposa. Tudo isto rejeitou ella com animo Real, herdado de tantas Corôas, dizendo, que, se ella tinha justiça, naõ podia com partido algum desherdar seu filho do direito, que tinha á Corôa de Portugal; e se o naõ tinha, era justo que servisse como o melhor Vassallo, e Soldado a Sua Magestade. Todos estamos certos que, se esta incomparavel Matrona aceitasse algum partido, que entaõ se lhe offerecia, depois de Coroado Filippe, havia ficar sem nada; e se naõ, lêde o Conde da Ericeira, Historiador unico da nossa Monarquia, e achareis que, álem de succeder isto mesmo a todos os que aceitáraõ promessas de Castella, a mesma Duqueza D. Catharina, depois de acclamado D. Filippe em Lisboa, lhe fez offerecer hum Memorial, em que pedia o cumprimento do que lhe offerecêra o Duque de Ossuna, que era tudo o que ja dissemos, e o casamento do Principe com huma filha sua, a primeira cousa; e D. Filippe, como ja estava de posse, remetteo o Memorial ao Conselho de Estado, o qual inspirado pelo Rey, res-

pon-

pondeo, que se pagasse com algum dinheiro a perda, e damno, que os Duques tiveraõ no saque do Castello de Villa-Viçosa, e que o Rey désse dotes para as filhas, e beneficios Ecclesiasticos aos filhos segundos dos mesmos Duques: parecer, com que o Rey logo se accommodou; e os Duques foraõ taõ briosos, que occultáraõ este bom despacho para o naõ desacreditarem. Apenas acabou D. Filippe de jurar os privilegios deste Reyno, que vós referistes, quando logo os quebrou quasi todos; porque o Cardial Arquiduque, que ficou governando, pôs logo Soldadesca Castelhana nas Praças; os negocios naõ se terminavaõ neste Reyno, mas sim em Madrid, para onde se remettiaõ as Consultas; os tributos dos pórtos seccos naõ se levantáraõ; tirava-se do Reyno a melhor artilherîa, e munições; as forças maritimas empregáraõ-se na jornada de Inglaterra, fizeraõ levas de gente Portugueza para esta expediçaõ, e extrahîraõ todo o dinheiro, que foi possivel. Os Sacerdotes eraõ presos na Torre de S. Giaõ, e della os lançavaõ ao mar, onde morriaõ affogados, de sorte, que até o mar se escandalizou, e fugîraõ totalmente os peixes sem comerem os cadaveres dos Sacerdotes; e os Pescadores, vendo que só os corpos delles vinhaõ nas redes, pedîraõ ao Arcebispo de Lisboa fosse benzer o mar, o que elle fez com solemne Procissaõ de preces, e depois da bençaõ, vieraõ nas redes peixes, e naõ cadaveres. Entregou D. Filippe aos Mouros a Praça de Arzilla, célebre, e gloriosa conquista desta Corôa, e isto ao mesmo tempo em que os Portuguezes, moradores della, requerêraõ ao Rey a naõ entregasse, porque elles se obrigavaõ a defendêlla sempre á sua custa. Morto Filippe Prudente, foi mayor a nossa disgra-

ça no governo de seu filho; porque como se verificou nelle a profecia do Pay, feita a D. Christovaõ, na hora da morte, em que este vendo-o afflicto lhe disse, morresse consolado, porque deixava hum filho muito capaz do Imperio, respondeo: *Ay D. Christovaõ, que temo, que o haõ de governar.* Naõ só fomos seus escravos, mas escravos dos seus valîdos: mandou fazer levas copiosas de gente Portugueza para a guerra de Flandres, accrescentando a paga aos Soldados para despovoar o Reyno, a quem intentava fazer Provincia; e passando ao ultimo limite a tyrannia, quando fez tregoas com os Estados de Olanda no anno de 1609., capitulou que isto se entendia com todos os Reynos, e Senhorîos da Corôa de Castella da parte dáquem da Linha Equinoccial, deixando a guerra aberta, e livres todas as forças de Olanda contra todas as Conquistas da Monarquia Portugueza, que todas saõ da Linha para lá; Guiné, Mina, e todo o Brasil o sentîraõ, e pagáraõ em rios de sangue tantos annos, e a India o pagou para sempre; porque os Olandezes nos conquistáraõ todas as melhores Praças, e Cidades de importancia, que tinhamos nesse tempo florentissimas nas melhores Provincias da Asia, e nellas, e dellas hoje vivem. As Náos da India expediaõ-se taõ tarde, e mal, que se perdiaõ quasi todas; as Frótas hiaõ taõ mal guardadas, que cahiaõ nas mãos dos inimigos, e lhe accrescentavaõ as forças de sorte, que em Lisboa se acabou o negocio da Praça totalmente. Veyo o Rey a Lisboa; e he certo que á vista dos festejos dos Portuguezes disse, que só aquelle dia fôra Rey: porém esse dito foi a nossa disgraça mayor; porque os valîdos receando se affeiçoasse á Naçaõ, tantos, e taes testimunhos

munhos falsos nos levantárão, que o Rey converteo o amor em odio; não se deixou tratar, nem servir de Portuguez algum; nenhum requerimento quiz ouvir; nenhuns serviços, por mayores, que fossem, quiz premear; occupou em todos os póstos Extrangeiros de diversas Nações; e como a nossa redempção era a Serenissima Casa de Bragança, passou ordens para se fazerem desattenções ao Duque D. Theodosio, a fim de o mover a alguma acção de cólera, para em castigo lhe causar a ruîna, que se desejava, com alguma disculpa. A primeira foi no dia das Côrtes: deo-se ordem a hum Soldado, para que lhe impedisse o entrar na sala do Paço, onde se fazia o acto, fingindo que o não conhecia: assim se executou; e o Duque com admiravel prudencia, communicada por Deos, que o defendia, disse ao Soldado com muita brandura: *Deixai-me entrar, que se não póde fazer sem mim esta festa.* Quando sahîrão do Paço tinhão os Soldados da Guarda pendenciado com os criados do Duque, tomando-lhe as armas; sahio elle a montar, e hum Soldado teve a ousadia de lhe metter o mosquete á cara; vio o Duque o atrevimento, e foi andando sem fazer caso. Envergonhados os Castelhanos prendêrão o Soldado, e fingîrão que o querião enforcar, a que acodio o Duque com a sua intercessão, que elles estimárão muito, para o soltarem logo. Quando, acabadas as Côrtes, se foi despedir do Rey, para se retirar a Villa Viçosa, lhe disse que pedisse mercês; e o Duque, que conhecia o fim daquella liberalidade, e astuto exame, respondeo: *Os Avós de V. Magestade, e os meus, derão tanto á minha casa, que se desobrigarão de ter que pedir.* Sahio de Lisboa o Rey para Madrid,

naõ deixando neſte Reyno mais que aggravos, diſgoſtos, tributos, e lagrimas de todos. Pouco lhe durou a vida depois de nos fazer eſta viſita; ſuccedeo-lhe ſeu filho Filippe III., e paſſámos de Vaſſalos vexados a eſcravos opprimidos; porque nos impôs novos, e intoleraveis tributos; mandou ir para Caſtella todo o dinheiro da Bulla, e Captivos, e a terça parte dos bens dos Conſelhos, de ſorte, que, faltando o dinheiro para o reparo das Fortificações, cahiaõ as muralhas, e nada ſe concertava. Fez eſtanque das mercadorîas, e o dinheiro hia para Caſtella a titulo de empreſtimo; os Caſtelhanos, que eſtavaõ em Lisboa, tambem punhaõ tributos, e hum delles foi, que nenhum ſahiſſe a peſcar, ſem pagar primeiro certa quantia, de ſorte, que ſe levantou o pôvo, e ſem mais effeito, que a deſordem de apedrejar as janellas do Paço, acçaõ infame, que ſe caſtigou juſtamente. Alcançou Bullas para os Eccleſiaſticos pagarem tributos; e o Conde Duque de Olivares, primeiro Miniſtro de Caſtella, e inimigo capital da Naçaõ Portugueza, naõ ſatisfeito com todas eſtas vexaçoẽs, paſſou á ultima com hum Decreto do Rey, para lhe dar o pôvo de Portugal quinhentos mil cruzados cada anno. Para ſe publicar convocáraõ os Governadores os tres Eſtados á Igreja de Santo Antonio de Lisboa; e lido o decreto, o Conde de Sabugal, Meirinho mór, D. Franciſco de Caſtello-Branco, reſpondeo, que elle, e os mais tinhaõ jurado guardar os coſtumes deſte Reyno, e naõ podiaõ votar naquella materia fóra de Côrtes: dito iſto, foi-ſe, e a Nobreza toda com elle; de que eſcandalizado o Conde Duque depôs os Governadores, e mandou de Madrid por Vice-Rey o Arce-

biſpo

bispo de Lisboa, que apenas chegou, morreo. Antes disto tinha o Conde Duque nomeado em Castella para Secretario de Estado de Portugal a Diogo Lopes, e com o mesmo officio neste Reyno a seu sogro, e cunhado Miguel de Vasconcellos, Portuguezes, mas indignos do nome, inimigos da sua Naçaõ, e Patria pelos interesses, que esperavaõ em Castella; estes allentáraõ com o Conde Duque se executasse o tributo dos quinhentos mil cruzados; para o que instituîo em Madrid a Junta do desempenho, immediata ao Conselho de Estado; mandou para governar o Reyno a Duqueza de Mantua, Prima do Rey, e por isso incapaz, segundo o que tinha jurado nas Côrtes; veyo com ella o Marquez de la Puebla por Conselheiro, e nada obravaõ hum, nem outro. Levantou-se o pôvo de Evora opprimido das vexações, com que se executava o novo tributo; seguîraõ muitas terras do Alemtéjo o exemplo, e o Algarve todo. Chamou o Conde Duque a Madrid varios Fidalgos; e pessoas, que julgou podiaõ compôr o motim; e vindo a Portugal, nada vencêraõ. Acclamou o pôvo huma noite em Villa-Viçosa o Serenissimo Duque D. Joaõ por seu Rey; e elle como estava doente fez sahir seu filho o Senhor D. Theodosio, que tinha quatro annos, e este Anjo da paz socegou o motim. Fez o Conde Duque Junta de Fidalgos Portuguezes para o socego, e consulta do castigo, que veyo a parar ultimamente em tirar a vida aos cabeças da sublevaçaõ em ambos os Reynos. Fez logo duas Juntas de Castelhanos huma em Badajós, outra em Ayamonte para os despachos de Portugal, que sempre foraõ na lingua Castelhana, contra o que os Reys juráraõ. Chamou a Madrid oitenta Fidalgos Portu-

guezes,

guezes; e os Prelados Ecclesiasticos; e juntos na mesma hora em casa de diversos Ministros de Castella se lêo a todos o Decreto, em que o Rey dizia lhe tinhaõ sido perfidos os Portuguezes; pelo que privava o Reyno deste honroso titulo, e pedia os seus pareceres para novo governo no Estado de Provincia. Nomeou ao Duque de Bragança General das Armas deste Reyno com notavel astucia; mandou prender tyrannamente o Colleitor do Papa, tirando-o do Convento de S. Francisco, e remettendo-o a Madrid, de que resultou interdicto no Reyno todo; mandou fazer novas levas de Soldados para a guerra de França: e vendo que tudo isto era pouco para nos acabar, intentou tirarnos de Portugal o nosso remedio o Serenissimo Duque de Bragança. O mais, que he a nossa redempçaõ, ouvireis á tarde.

FIM

DA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. Ann. de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA II.

NA tarde do meſmo dia quinze foi extraordinario o concurſo a ouvir a redempçaõ do noſſo Reyno; e continuou a materia o Theologo, dizendo: Conſiderai, irmãos, quaes ſeriaõ as afflicções da Nobreza deſte Reyno, e do ſeu pôvo, vendo-o privado do glorioſo titulo, que lhe deo Chriſto Senhor noſſo no Campo de Ourique quando appareceo ao Veneravel Rey D. Affonſo, e lhe diſſe: *Queria eſtabelecer nelle hum Imperio para ſi; e ſeria eſte Reyno para o meſmo Chriſto ſantificado, puro na Fé, e amado, pela piedade, fortuna, que eſtabelecia na ſua deſcendencia, a qual na decima ſeptima geraçaõ ſeria attenuada; mas depois elle lhe poria os olhos de ſua miſericordia.* Conſiderai, torno a dizer, a miſeria, a que chegámos; o Reyno condemnado a ſer Provincia para ſempre, as Conquiſtas perdidas, os dinheiros extinctos, os tributos tyrannos, o Reyno ſem gente, a Nobreza em Caſtella, como reprezada, e a Sereniſſima Caſa de Bragança, a quem pertencia a Corôa, em perigo evidente da mayor ruîna. Eis-aqui o que o noſſo irmaõ Soldado nos encareceo, fiado na grande verdade do noſſo Manoel de Faria; ſem advertir, que elle eſcreveo em

Castella, e que o crisol da historia de Portugal he o Illustrissimo, e Excelentissimo Conde da Ericeira, honra, e gloria eterna da Nação pela espada, e penna, e historia tão pura, que depois de lhe custar dez annos o primeiro tomo della, a entregou a toda a pessoa, que a quiz lêr, e riscou tudo, o que qualquer, ainda enganado, lhe notou; acção, que no mundo não teve igual. Aceitou pois o Duque de Bragança o governo das Armas, porque lhe não aceitárão as escusas; veyo á Villa de Almada, onde o visitou a Nobreza, entregando-lhe todos com os olhos o Reyno; e elle disfarçando o que em todos estava conhecendo, veyo a Lisboa visitar a Duqueza de Mantua, a qual ordenou, que a cadeira de espaldar, em que elle havia sentar-se no tempo da visita, a mudassem com destreza para fóra do estrado, e para o lado esquerdo, quando o Duque se houvesse de sentar; porém como esta ordem se deo a hum Portuguez resoluto, e valoroso, que era Thomé de Sousa, este com nunca assás louvado brio, quando o Duque se houve de sentar, lhe pôs a cadeira dentro do estrado, e do lado direito; de que a Duqueza de Mantua recebeo susto. Pouco se dilatou o Duque na visita; na mesma tarde se recolheo a Almada, onde continuou em assistir-lhe a Nobreza; e entrando o Inverno, se ausentou para Villa-Viçosa, onde logo recebeo ordens de Castella para fazer levas de Soldados nas suas terras, tudo tentações, e astucias. Replicou o Duque levemente ás ordens novas, lembrando o pouco effeito, que tiverão as outras: porém o Rey ordenou, que fizesse as levas; e elle obedecendo passou as ordens necessarias, e com ellas occultamente ordenou aos Commissarios as executassem com tanta pausa, que a di-

a diligencia serviſſe ſó de o naõ arguirem. Neſte tempo ſe viráõ em cuidados grandes os amigos, e inimigos; eſtes excogitando como haviaõ de tirar o Duque de Bragança do Reyno; e a Nobreza, e pôvo toda a eſperança de gozallo; aquelles como o haviaõ de perſuadir a que aceitaſſe o Reyno; porque fallando-ſe-lhe em Almada com baſtante clareza, ſempre com ſumma prudencia mudou a pratica: alguns appellavaõ para os rogos de D. Duarte, irmaõ do Duque, que eſtava em Alemanha; mas como o perigo creſcia, aſſentáraõ rogallo com mayor inſtancia. Quem mais apertava o negocio era o Monteiro mór Franciſco de Mello, eſcrevendo ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioſo, para que ambos fallaſſem ao Duque logo; as meſmas inſtancias fazia Jorge de Mello, irmaõ do Monteiro mór, e na ſua caſa ſe juntáraõ Pedro de Mendonça Furtado, e Antaõ de Almada a conferirem os meyos para a noſſa redempçaõ. Recebia o Duque eſtes aviſos, e dilatava a reſoluçaõ até examinar mais os fundamentos, e conſtancia dos animos. Toda eſta perplexidade lhe tiráraõ os inimigos; porque neſte tempo lhe veyo ordem do Rey, para que foſſe aſſiſtir em Almada, replicou, e deſvaneceo-ſe; mas logo veyo outra ordem, que foi a noſſa vida, e a ruîna do Conde Duque, que a forjára para deſtruir a Sereniſſima Caſa de Bragança. Perſuadio o Conde Duque ao Rey, que foſſe peſſoalmente com grande exercito a ſocegar o levantamento de Caſtalunha, e levaſſe comſigo o Duque de Bragança; porque, ſe cá o deixaſſe, podia levantar-ſe Rey na ſua auſencia; e levando-o na ſua companhia, ficava livre deſte ſuſto, e ou morreria em Catalunha, mandando-o empenhar em alguma acçaõ, em que

B 2 peri-

perigasse a vida, ou lá o deixasse taõ preso com algum emprego de grande honra, que por força o houvesse de ir acompanhar toda a sua familia; e entretanto naõ faltariaõ motivos frivolos para extinguir esta Serenissima Casa, a mayor de Europa, sombra de Castella; e ficaria Portugal seguro na ultima escravidaõ, e disgraça. Este foi o discurso do Conde Duque, e com elle se degollou a si, quando intentava degollar o Duque de Bragança, e o Reyno de Portugal; porque o Rey consentio (como sempre) em tudo, o que elle lhe disse, mandou que o acompanhasse a Catalunha o Duque; e elle resoluto a naõ ir, porque hia lá ficar, consentio que o acclamassem Rey, que era o receyo do Conde Duque: o Rey de Castella sempre foy a Catalunha, e deixou governando a Raînha, a qual, recolhendo-se de Catalunha o marido, lhe abrio os olhos, mostrando-lhe que o Conde Duque perdêra o Reyno de Portugal por odio á Naçaõ, vexando-o com tributos, quebrando os juramentos todos, e que toda a Monarquia de Castella se perdia, se elle o naõ deixava. O Rey o mandou retirar para Loeches, terra sua, e dahi para Toro, onde morreo de paixaõ de alma; e a tempestade, que de repente se vio em Madrid sobre o seu enterro, confirmou a todos na antiga opiniaõ de que fôra magico; o que naõ creyo, aindaque em Castella he, e será sempre fama pública, e constante; sendo certo que todos os dias tinha Oraçaõ mental duas horas, ouvia Missa; e depois da morte de sua filha, todos os dias commungava. Recebeo o Duque de Bragança a carta do Rey, em que lhe dizia se preparasse para acompanhallo a Catalunha, para onde fazia depréssa jornada; lêo o Duque a carta, e Deos lhe inspirou logo

o que

o que intentavaõ o Rey, e Conde Duque nesta separaçaõ da nossa vista, como agora vos disse: accrescentou isto a noticia, que os Castelhanos ja tinhaõ espalhado, de que os Grandes de Espanha haviaõ preceder daqui por diante ao Duque em todos os actos públicos, e álem disto lhe tinhaõ negado o Arcebispado de Evora para seu irmaõ D. Alexandre, dando por escusa naõ ser Doutor em faculdade alguma; ao mesmo tempo, em que déraõ o Bispado de Viseu a hum menino de tres annos, filho de Leopoldo Arquiduque de Tirol, contra as Leys do Reyno. A doze de Outubro de mil seiscentos e quarenta se fez a segunda Junta da Nobreza em casa de D. Antaõ de Almada, á qual chamáraõ Joaõ Pinto Ribeiro Agente da Casa de Bragança, e lhe communicáraõ o segredo, queixando-se do Duque, e da sua irresoluçaõ em tomar a Corôa, que lhe pertencia de justiça, sendo causa de tantos males communs a perplexidade, com que se portava; em fim pediraõ-lhe quizesse ir fallar-lhe em nome de todos: escusou-se Joaõ Pinto, porque pareceria suspeito, como taõ interessado; e nomeou Pedro de Mendonça, que partio logo fazendo caminho por Evora, donde levou cartas do Marquez de Ferreira, e Conde de Vimioso. Achou Pedro de Mendonça o Duque na Tapada caçando; fallou-lhe eloquentemente, deo-lhe as cartas, e recommendou-lhe naõ communicasse este segredo ao seu Secretario Antonio Paes Viegas, como lhe tinhaõ recommendado na Junta de Lisboa, temendo que o Secretario dissuadisse o Duque do negocio, propondo-lhe as difficuldades, que o tinhaõ obrigado a vacillar tanto tempo. Chegou o Bispo de Elvas a visitar o Duque; e este disse a Pedro de Mendonça, que a materia

era

era de tanta ponderaçaõ, que necessitava tempo para cuidar nella, e que brevemente lhe daria a resposta: e no que respeitava a naõ communicar o negocio a Antonio Paes Viegas, sem escrupulo o podiaõ permittir; porque álem das largas experiencias, que tinha do seu segredo, e prudencia, naõ era o que menos o estimulava para o que elles pertendiaõ. Entrou o Bispo, acabou-se a pratica. Despedido o Bispo, entrou o Duque a considerar a grandeza do negocio; e chamou Antonio Paes Viegas, para communicar-lho: disse tudo; e chegando ao ponto ultimo da proposta, em que lhe dizia a Nobreza que, se elle naõ aceitava a Corôa, que era sua, elles se resolviaõ a fazer huma Républica como Olanda; disse Antonio Paes, que antes de passar a diante lhe désse licença para lhe perguntar, que havia elle fazer, e que partido havia seguir, se a Nobreza fizesse Républica? respondeo o Duque, que havia seguir o commûm parecer do Reyno, e que teria por suave todo o perigo, a que se expuzesse pela defesa da patria. Pois, senhor (disse Antonio Paes com grande fervor), essa resoluçaõ tira toda a dûvida, que ha na resposta a Pedro de Mendonça; porque quem se resolve a expôr a vida pela defesa da Patria, sendo vassallo de huma Républica, mais glorioso, e conveniente lhe he expôlla pela defesa do Reyno, e Corôa, que lhe pertence de justiça. Agradeceo o Duque muito o parecer de Antonio Paes; e passando ao quarto da Duqueza D. Luiza de Gusmaõ, filha dos Duques de Medina Sidonia, lhe communicou a empresa, para que o convidavaõ, por conhecer na Duqueza o mais raro entendimento, e varonil animo, como depois admirou o mundo; e ella ouvindo, e ponderando tudo, respondeo generosa-

nerosamente que, aindaque a morte fosse consequencia da Corôa, antes morrer reynando, que acabar servindo; e animou o Duque, dizendo, que todos os vaticinios eraõ segurança da empreza, e que neste sentido só a dilaçaõ em se cercar podia ser prejudicial. Vendo o Duque taõ confórme duas opiniões, de que tanto se fiava, chamou Pedro de Mendonça; e depois de lhe agradecer o trabalho, e perigo, a que se expuzera por seu respeito, lhe disse, que havia ponderado tudo; e que, antepondo a saude da Patria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Corôa, para a fazer respeitada de seus inimigos, e commûa a seus vassallos; porque na occupaçaõ, que a Nobreza lhe dava, escolhia para si o trabalho do governo, e largava aos que governasse os interesses do Imperio. Alegre Pedro de Mendonça quiz beijar-lhe a maõ, o que o Duque naõ consentio, e fez logo de Mouraõ, para onde partio, para mayor disfarce, hum avizo confuso á Junta da Nobreza dizendo fôra a Villa-Viçosa, e na Tapada huns tiros se acertáraõ, outros se erráraõ, e que era grande a prudencia de Joaõ Pinto Ribeiro; e este avizo taõ obscuro, e confuso desconsolou a D. Miguel. Porém chegando Pedro de Mendonça, e contando tudo, festejáraõ excessivamente esta fortuna, e foi a primeira acclamaçaõ. Todos (e ja eraõ muitos mais) persuadiaõ a Joaõ Pinto Ribeiro, Agente do Duque, fosse fallar-lhe, e ajustar com elle a fórma de se executar esta grande empresa; e Joaõ Pinto pelas mesmas razoẽs se tornou a escusar; e como nisto se gastáraõ dias, tardando ao Duque os avizos, que deviaõ ser continuos, escreveo a Pedro de Mendonça, que estava em Evora, pedindo-lhe noticias do negocio: respondeo-lhe elle com tal confusaõ, que o

Du-

Duque, crefcendo-lhe o embaraço, chamou a Villa-Viçofa Joaõ Pinto a titulo de lhe communicar huma demanda, que trazia com a cafa de Odemira. Deo Joaõ Pinto conta a D. Miguel defta ordem, para elle a communicar aos mais conferados: e depois de refolverem todos o que havia de dizer ao Duque, partio Joaõ Pinto para Villa-Viçofa, onde diminuio logo ao Duque o cuidado, em que eftava. Porém conftando-lhe nefte tempo, que paffavaõ para Caftella algumas peffoas, de quem fe prefumia tiveffem alguma noticia, ou fufpeita do que fe tratava; e que a Duqueza de Mantua em Lisboa efpeculava todos os paffos da Nobreza, defpedio Joaõ Pinto com ordem, para que logo o acclamaffem em Lifboa; porque, fendo proprio em Evora, como elles diziaõ, corria o perigo de fe acautellar a Duqueza de Mantua. Chegou Joaõ Pinto a Lisboa com duas cartas do Duque, huma para Miguel de Almeida, outra para Pedro de Mendonça, fem conterem mais que demonftraçoẽs de affecto, e remettendo-fe ao que diffeffe Joaõ Pinto; efte no Paço dos Duques de Bragança em Lisboa efperou os confederados effa noite. Nefta direi o que mais defejais ouvir.

FIM

DA SEGUNDA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA III.

ASsistia Joaõ Pinto (disse antes da Ladainha o Theologo) no Paço, que a Serenissima Casa de Bragança tem em Lisboa, aonde concorrêraõ nessa noite os Fidalgos, deixando as carroças em differentes sitios; e elle tendo a cautella de retirar os seus criados, e ter poucas luzes em casa para naõ serem conhecidos os que entravaõ. Tanto que se juntáraõ todos, referio Joaõ Pinto a commissaõ, que trazia, dizendo queria o Duque fosse Lisboa a que désse principio; que se juntassem os mais que fosse possivel para esta acçaõ, e que fosse com a mayor brevidade, por causa do perigo, a que estavaõ expostos com hum taõ grave segredo revelado a tantos; e que esperava tempo, em que remunerar esta fineza; porque certamente seriaõ companheiros na Corôa os que agora lha punhaõ na cabeça. Cada palavra de Joaõ Pinto era huma nova châma, com que se inflammavaõ os corações dos que o ouviaõ. Ajustáraõ logo nessa noite vinte e seis de Novembro, que fosse a acclamaçaõ no Sabbado seguinte, primeiro dia de Dezembro: communicou-se a to-

dos, que por intervençaõ do Padre Nicoláo da Maya eſtava reduzido o Juiz do Pôvo, Eſcrivaõ, e Meſteres; porém lembrados dos caſtigos, que tiveraõ os meſmos Officiaes do Pôvo em Evora, diſſeraõ que, ſem vêr declarada a Nobreza, naõ fariaõ movimento algum. Deo-ſe parte ao Arcebiſpo de Lisboa, Pay da patria, e o mais apaixonado pelo direito da Sereniſſima Caſa de Bragança, e cada hum cuidou em adquirir companheiros para eſta grande empreſa. Faltavaõ ſó tres dias para a noſſa redempçaõ, quando ſe reſolvêraõ a communicar o negocio a D. Joaõ da Coſta, Fidalgo de raro valor, e entendimento; eſte offereceo goſtoſo logo a vida, mas de ſorte ponderou os perigos da empreſa, vendo que em Lisboa ſe achavaõ ſó quarenta Fidalgos com pouco mais de duzentos homens ſeus obreiros, e Caſtella com Armadas, e exercitos promptos, em fim as razões foraõ taes, que vacilláraõ os animos; e Joaõ Pinto avizou ao Duque, que ſuſpendeſſe os apreſtos, que fazia para o primeiro de Dezembro. Aſſuſtou-ſe o Duque com eſta noticia; mas de préſſa recebeo outro avizo do meſmo Joaõ Pinto, em que lhe dizia continuaſſe as diſpoſições, porque ſem dûvida no primeiro de Dezembro ſerîa acclamado. A cauſa deſta ſegunda mudança foi conſiderarem os Fidalgos o perigo, em que eſtavaõ todos, revelado o ſegredo a peſſoas, que naõ coſtumaõ guardállo. Depois de muitos, e varios pareceres aſſentáraõ, que na manhãa do dia ſignalado ſe juntaſſem todos no Terreiro do Paço com os ſeus familiares; e quando o rologio déſſe nove horas ſahiſſem todos das carroças, huns ganhaſſem o Corpo da Guarda, outros a Sala dos Tudeſcos, outros mataſſem Miguel de Vaſconcellos, outros pelas janellas appellidaſſem

ſem *Liberdade* para concorrer o Pôvo. Confeſſáraõ, e commungáraõ os quarenta Fidalgos na veſpera; e no dia pela manhãa ſe avizáraõ todas as peſſoas, que eraõ ſeus dependentes, ſem lhes dizer mais do que *Se achaſſem no Terreiro do Paço*. Preveniraõ-ſe, e armaraõ-ſe todos; e foi eternamente memoravel o valor de D. Filippa de Vilhena, Condeſſa de Attouguia; porque, fiando-ſe da ſua rara prudencia o ſegredo, ajudou a armar ſeus dous filhos D. Jeronymo de Attaîde, e D. Franciſco Coutinho, exhortando-os a conſeguir a glorioſa acçaõ, que emprehendiaõ; o meſmo obrou D. Marianna de Lencaſtro com ſeus filhos Fernaõ Telles, e Antonio Telles da Sylva. Chegou a feliz manhãa para eſta Monarquia; e ſem haver hum ſó, que ſe arrependeſſe, occupáraõ todos os póſtos deſtinados: impacientes eſperavaõ as nove horas, que nunca pareceo tardavaõ tanto; e apenas deo a primeira o rologio, ſem eſperarem a ultima, ſahîraõ todos das carroças, e avançáraõ o Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Caſtro, e Eſtevaõ da Cunha com alguma gente, que os ſeguia, detiveraõ os Soldados Caſtelhanos, que eſtavaõ de guarda; D. Miguel de Almeida ſubio á Sala dos Tudeſcos, e diſparou huma piſtóla, ſignal determinado, para cada hum acodir a ſeu poſto; Luiz de Mello, Porteiro mór, e Joaõ de Saldanha de Souſa ganháraõ o lugar, onde eſtavaõ as alabardas dos Soldados Tudeſcos; D. Affonſo de Menezes, Gaſpar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo lançáraõ as alabardas em terra, e prohibîraõ, que os Soldados as pudeſſem tomar. Alguns delles intentáraõ defender a porta, que ſahe ao corredor, que remata no Forte, onde morava Miguel de Vaſconcellos; porém inveſti-

veſtidos valoroſamente por Pedro de Mendonça, Thomé de Souſa, deixárað a porta franca; e querendo ganhar outra, que hia para o quarto da Duqueza de Mantua, a achárað já occupada por Luiz Godinho de Benavente, criado do Duque de Bragança, e da gente, que o ſeguia, os quaes matando hum Tudeſco, e ferindo outros, os fizerað retirar. Neſte tempo andava D. Miguel de Almeida, veneravel, e brioſo, com a eſpada na mað, dando vozes pelas barandas do Paço, e dizendo: *Liberdade Portuguezes; viva o Rey D. João o IV.* O que ouvindo o Pôvo, ſe foi juntando no Terreiro do Paço: arrebatados de igual furor, buſcando Miguel de Vaſconcellos, entravað pelo corredor D. Antonio Tello, D. Joað de Sá de Menezes, Camereiro mór do Rey; Antonio Telles ferido em hum braço de huma bala da piſtola, que ſe diſparou na Sala dos Tudeſcos, o Conde de Attouguia ſeu irmað D. Franciſco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha, D. Antonio Alvares da Cunha, Joað de Saldanha de Souſa, D. Gaſtað Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, Joað de Saldanha da Gama, e ſeus irmãos Antonio, e Bartholomeu de Saldanha, Triſtað da Cunha de Attaîde, ſeus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, e ſeu genro D. Manoel Child e Rolim; no fim do corredor encontrárað Franciſco Soares de Albergarîa, Corregedor do Civel da Cidade, que ſahia da Secretarîa de Eſtado, diſſerað-lhe todos com igual impulſo: *Viva o Rey D. João IV.* Elle tirando pela eſpada com reſoluçað imprudente, diſſe: *Viva o Rey D. Filippe.* Perſuadirað-o a que ſoceg aſſe, e nað foi poſſivel; diſparárað-lhe huma piſtóla na garganta, ferida, de que morreo em poucas horas: chegárað

gáraõ á Secretarîa, acháraõ Antonio Corrêa, Official mayor, sem se defender; porém D. Antonio Tello, dizem que por paixaõ particular, lhe deo algumas cutiladas; e passáraõ a diante, buscando a casa, em que assistia Miguel de Vasconcellos. Tinha-lhe advertido pela manhãa Manoel Mansos da Fonseca, que no Terreiro do Paço se juntavaõ muitos Fidalgos: mostrou com palavras proprias do seu arrogante genio, que desprezava o avizo; porém avizando-o o coraçaõ, levantou-se da cama, e fechou por dentro a porta da casa, em que despachava, que era a primeira, que cahia para o Terreiro do Paço, passado o corredor. Rompêraõ os Fidalgos facilmente a porta; porém naõ achando dentro Miguel de Vasconcellos, entendêraõ que escapára pelo passadisso, que tinha para a Casa da India; de que se affligîraõ. Deste cuidado os livrou huma escrava de Miguel de Vasconcellos, que por acenos lhes disse, que seu senhor estava escondido em hum armario de papéis; abrîraõ o armario, e D. Antonio Tello lhe disparou huma pistola; elle vendo-se ferido, sahio para a casa, onde recebeo outras feridas mortaes, de que cahio, e ainda vivo o lançáraõ por huma das janellas, que cahiaõ sobre o Terreiro do Paço, onde estava o Pôvo, que vil, e tyrannamente se vingou no cadaver, até que Gaspar de Faria Severim, Escrivaõ da Misericordia, o fez enterrar. Examináraõ estreitamente os seus escriptorios; e passando ás casas interiores, em huma acháraõ o Capitaõ Diogo Garcez Palha com huma cravina nas mãos, que disparou, e outras armas, que tinha, sem causar damno; investiraõ-o, e lançou-se ao Terreiro do Paço por huma janella; e como o Pôvo só attendia á tyranna vin-

gança no cadaver de Miguel de Vasconcellos, pôde elle escapar com huma perna a rasto. Ao mesmo tempo, que se executavaõ estas acções, subîraõ ao quarto da Duqueza de Mantua D. Miguel de Almeida, Fernaõ Telles de Menezes, D. Joaõ da Costa, que havia atalhado a morte a alguns dos Ministros, que estavaõ nos Tribunaes; Thomé de Sousa, Pedro de Mendonça, D. Antaõ de Almada, D. Luiz seu filho; D. Antonio Luiz de Menezes, e seu irmaõ D. Rodrigo de Menezes; D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, Joaõ Rodrigues de Sá, Martim Affonso de Mello, Francisco de Mello, Luiz de Mello, que foi Porteiro mór do Rey, seu filho Manoel de Mello, Tristaõ de Mendonça, Luiz de Mendonça, D. Francisco de Sousa, D. Thomé de Noronha, D. Francisco de Noronha, D. Antonio Mascarenhas, D. Fernando Telles de Faro, Rodrigo de Figueiredo, seu irmaõ Luiz Gomes, Francisco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade, e seu filho Gil Vaz Lobo. Depois de abrirẽm por força algumas portas, que acháraõ fechadas, chegáraõ todos á casa da galé, onde acháraõ a Duqueza de Mantua em huma das janellas, que cahiaõ para a porta da Capella Real, pedindo em altas vozes ao Pôvo, que a favorecesse, e livrasse do perigo, em que se via: obrigáraõ-a com toda a politica a que se tirasse da janella; porém vendo que ella queria descer ao Terreiro do Paço, lhe prohibîraõ a pórta; e ella vendo isto, disse com voz tremula: *Basta, senhores: ja o Ministro culpado pagou os delictos cõmettidos: naõ passe a diante o furor, que naõ merece entrar em peitos taõ nobres. Eu me obrigo a que o Rey naõ só perdoe esta acçaõ,*

mas

mas tambem a agradeça. O Arcebiſpo de Braga que tinha chegado de Caſtella com o emprego de Preſidente do Paço, ſahio do Tribunal, e com aquelle coraçaõ Caſtelhano, que depois foi cauſa da ſua morte, chegou quando a Duqueza dizia iſto aos Fidalgos, e quiz ajudalla dizendo o meſmo; porém ninguem o quiz eſcutar; e D. Miguel o fez retirar, dizendo-lhe ſe calaſſe, porque lhe cuſtára muito na noite antecedente o livrallo da morte. Cheyo de temor ſe retirou logo para outra caſa; e a Duqueza com animo varonil continuou a prática, promettendo perdões do Rey de Caſtella: ao que responderaõ, que já naõ conheciaõ outro Rey mais, que ao Duque de Bragança, a quem haviaõ acclamado. Tanto que ouvio iſto a Duqueza, creſceo-lhe com tal exceſſo a cólera, que foi neceſſario diminuir com ella a politica, dizendo-lhe D. Carlos de Noronha ſe retiraſſe, e naõ quizeſſe dar occaſiaõ a que ſe lhe perdeſſe o reſpeito: replicou ella dizendo: *A mim? e como? Como, Senhora* (diſſe D. Carlos) *obrigando a Voſſa Alteza a que ſaya por aquella janella, ſe naõ quizer entrar por eſta porta.* Cedeo logo, recolheo-ſe ao ſeu Oratorio; e pedindolhe que paſſaſſe ordem, para que D. Luiz del Campo, Governador do Caſtello, naõ fizeſſe movimento algum, a aſſignou na fórma que a lançáraõ; e D. Luiz del Campo obedeceo logo, livrando a todos do cuidado, em que os punha a artilharîa, que pudéra jogar em grande prejuizo da Cidade. Ficou de guarda á Duqueza D. Antaõ de Almada com algumas peſſoas; os mais Fidalgos ſahîraõ ao Terreiro do Paço gritando: *Liberdade: viva o Rey D. Joaõ o IV.* Os moradores ignorantes do que iſto era, ouvindo ſó o eſtrondo, e confuſaõ, ſe tinhaõ recolhido

colhido nas ſuas caſas, fechadas as portas, de ſorte, que os Fidalgos ſe aſſuſtáraõ vendo menos gente do que eſperavaõ: mas correndo logo pelas rûas de toda a Cidade a noticia, naõ ficou Portuguez algum em caſa, gritando todos: *Viva o Rey D. Joaõ o IV.* O meſmo faziaõ as mulheres nas janellas: e toda a ſuſpenſaõ antecedente ſe converteo em jubilo, ſendo ja tanta a gente, que cercava a Nobreza, com o Juiz do Pôvo, que ſe opprimiaõ no Terreiro do Paço, e mais nas rûas, que delle vaõ para a Sé, para onde os Fidalgos ordenáraõ caminhaſſe o Pôvo. Juntemonos logo para vos contar o mais delicioſo deſte dia feliciſſimo.

FIM

DA TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA IV.

NAõ he explicavel o alvoroço, e concurſo, que, acabada a Ladainha, houve neſte ſitio; acçaõ natural da Naçaõ Portugueza quando ouve contar acções glorioſas dos ſeus naturaes. Entre vivas, e acclamações do noſſo Rey novo, natural, e verdadeiro (diſſe o Theologo) chegou ao largo da Sé o tropel do pôvo acompanhando os Fidalgos; acháraõ ja nelle o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, banhado em lagrimas de alegria, que deſde as nove horas com o Cabido os eſperava. Era Preſidente do Senado D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede; e como nem ſeus filhos lhe tinhaõ communicado o ſegredo, tanto que ouvio o tumulto fechou as portas; mas batendo nellas os filhos, e dizendo-lhe de fóra o motivo do tumulto, as mandou abrir; entráraõ dentro, pegou D. Alvaro de Abranches na bandeira da Cidade, ſeguiraõ-o todos, e foraõ buſcar o Arcebiſpo; e virando logo com boa ordem, quando chegáraõ defronte da Igreja de Santo Antonio, repetindo D. Alvaro as palavras: *Real, Real: viva D. Joaõ IV. de Portugal*, deſpregou da Cruz

o braço direito o Santo Christo, que o Capellaõ levava diante do Arcebispo; gritou o pôvo, prostrado por terra, á vista do milagre, conhecendo que a maõ de Deos approvava a acclamaçaõ, e a favorecia. Os milagres, com que Deos mostrou a todo o mundo, que fôra só obra sua a restauraçaõ deste Reyno, foraõ tantos, taõ grandes, evidentes, e claros, que em huma Conferencia havemos só tratar delles todos. Foraõ alguns Fidalgos á Relaçaõ, e acháraõ as portas fechadas; pedio Ayres de Saldanha aos Desembargadores, que as mandassem abrir, segurando os de todo o perigo, que podiaõ temer; abrîraõ, e constando-lhes a acclamaçaõ, foi excessivo o jubilo, e logo lançáraõ o assento, em que a approváraõ, assignando-se todos: D. Gaspar Coutinho ao mesmo tempo abrio as cadeyas, e soltou todos os prezos; Ayres de Saldanha acompanhou os Desembargadores a suas casas, porque nestas funções de pôvo tem os Ministros de Justiça perigo. Neste tempo tinha ja o Arcebispo chegado ao Paço, acompanhado de innumeravel pôvo: chegáraõ os Fidalgos todos, e elegêraõ por Governadores o Arcebispo de Lisboa, o de Braga, e o Inquisidor geral, o qual se excusou; e em seu lugar elegêraõ o Visconde D. Lourenço de Lima, heroe bem conhecido em todo o tempo. Escrevêraõ logo os Governadores ás Cidades, e Villas principaes do Reyno, dando-lhes noticia da nossa redempçaõ, para que a festejassem, acclamando o novo Rey, e seu legitimo natural Senhor; e despedidos os Correyos com as cartas, se recolhêraõ os Governadores a suas casas pelo meyo dia, pasmados de verem o socego da Cidade tal, como se nella absolutamente naõ tivesse acontecido cousa alguma de novo; abertas

tas as tendas, e lójas dos mercadores, e tudo em fim milagre evidente; porque o pôvo como monstro, he taõ barbaro alegre, como triste, como ouvistes succedêra na sacrilega, e tyranna morte do Bispo de Lisboa no dia, em que o Rey D. Joaõ I. matou o Conde de Ourem no Paço. Repartîraõ pela Cidade as Ordenanças para evitar algum movimento dos muitos Castelhanos moradores em Lisboa; D. Joaõ de Sá, D. Joaõ da Costa, e outros Fidalgos embarcáraõ em duas Galés, e chegando a tres Navios da Armada Castelhana, que estavaõ ancorados no Téjo, os rendêraõ, sem elles fazerem a menor resistencia, estando cheyos de munições, e Infanterîa, e com a barra prompta. Naõ foi menor milagre o desacordo dos quinhentos Soldados, que estavaõ no Castello, aos quaes aconselhou Mathias de Albuquerque, que lá estava injustamente prezo, que sahissem quando soou o tumulto; e se tomaõ o Conselho, juntos estes com os muitos Castelhanos, que havia na Cidade, era o perigo da funçaõ evidente. Chegou a noite, e encostáraõ ao Castello as Ordenanças; tinha ja o Governador ordem da Duqueza de Mantua, álem do que vos disse, para que se naõ fortificasse; passou outra, para que o entregasse na manhãa seguinte; duvidou D. Luiz del Campo dos termos della, e foi a ultima, como elle queria. Mandou abrir as portas, entrou D. Alvaro de Faro, D. Alvaro de Abranches, Thomé de Sousa, D. Francisco de Faro, e outros Fidalgos; tomou D. Alvaro posse do Castello, que os Governadores lhe entregáraõ até que o Rey chegasse; soltou logo Mathias de Albuquerque, e Rodrigo Botelho Conselheiro da Fazenda, que tambem estava prezo, por ter huma pendencia com hum mer-

 cador,

cador. Mandou D. Alvaro lançar bando, que todos os Soldados, que quizessem ficar, se lhes pagaría, e aos que se resolvessem a ir para Castella dariaõ passaportes para caminharem divididos: muitos ficáraõ, e os outros foraõ alojados nas Tercenas, para onde caminháraõ formados, como se tinha capitulado; depois se foraõ quasi todos, e D. Luiz del Campo seu Governador tanto que chegou a Madrid foi prezo, e morreo louco. No mesmo dia passou a Duqueza ordens para se entregarem as Torres de Belem, Cabeça secca, Torre velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada, o que todas fizeraõ sem a menor resistencia. Mandáraõ os Governadores a Duqueza de Mantua para o Paço de Xabregas, acompanhada do Marquez de la Puebla, que lhe assistia antes ao governo, e do Conde Bayneto seu Estribeiro mór, e mais familia: os dous foraõ prezos no Sabbado da acclamaçaõ, e com elles D. Diogo de Cardenas, Mestre de Campo, Thomas de Hibio Caldeiraõ, e D. Thomaz de Albia e Castro Conselheiros da Fazenda, Juiz da Rocha, Juiz do Contrabando: e naõ foi pequeno milagre o prendellos logo que o Rey foi acclamado no Paço; porque o Marquez, e D. Diogo de Cardenas intentáraõ introduzir-se no Castello, e sustentallo á obediencia do Rey Catholico, até vir soccorro; o que sempre havia de dar cuidado. Tanto que no dia da acclamaçaõ se executou o que vos disse, partîraõ para Villa-Viçosa pela pósta Pedro de Mendonça, e Jorge de Mello a dar conta ao Rey da fortuna, com que estava acclamado: entre tanto chegou a Evora o avizo; e o Marquez de Ferreira acompanhado do Conde de Vimioso acclamáraõ o Rey, e partîraõ para Villa-Viçosa, aonde chegáraõ pouco antes

antes que Jorge de Mello, e Pedro de Mendonça. Chegáraõ estes na Segunda feira a tempo, que o Rey sahia a ouvir Missa, e Sermaõ na Capella; beijaraõ-lhe a maõ, e deraõ lhe a noticia, que recebeo sem a menor alteraçaõ; socego, que bastára para o fazer digno da Corôa, se ella naõ fosse sua por herança verdadeira, direito, e justiça. Ordenou sem sossobro se continuasse a festa; porém o que naõ obrou o gosto na constancia do seu Real animo, fez nos coraçóes dos Vassallos impressáõ de tal modo, que os vivas, os jubilos, e os excessos de alegria naõ permittîraõ executar a sua ordem; e o Rey vendo quanto convinha partir logo para Lisboa, se metteo em hum coche, acompanhado nelle do Marquez de Ferreira, e do Conde de Vimioso Pedro de Mendonça, e Jorge de Mello, e a cavallo alguns criados da sua casa. Sem mais Trópas, que o seguissem, e defendessem, sahio de sua casa o Rey a tomar posse de huma Monarquia, que os Reys de Castella formidaveis a todo o mundo, senhoreáraõ com violencia, e contra direito, e justiça sessenta annos, e haviaõ de procurar novamente unir á sua Corôa, como pedra a mais preciosa della; porém a maõ visivel de Deos em tantos prodigios da sua acclamaçaõ o animava a obrar com esta confiança. As Villas de Monte-mór, e Arrayolos, e as mais da Provincia do Alemtejo, a que fez avizo antes de sahir de Villa-Viçosa, o acclamáraõ com a mayor alegria. Na Quárta feira chegou o Rey a Aldagallega, onde o esperavaõ muitos Fidalgos, e outras pessoas Ecclesiasticas, e Seculares; recebeo a todos taõ benignamente, que com os coraçóes lhe entregáraõ as liberdades, e fazendas. Na manhãa da Quinta feira se embarcou o Rey, e pelas nove horas

ras ſahio a terra na ponte da Caſa da India. Eſtavaõ no Paço os Governadores; e como naõ eſperavaõ o Rey com tanta brevidade, tanto que ſe eſpalhou a noticia de que tinha chegado, concorreo tanta gente ao Paço, que de inſtante a inſtante era neceſſario chegar o Rey ás janellas, para ſatisfazer a ſede, que os Vaſſallos tinhaõ de o vêr, e ſocegar o tumulto, com que novamente o acclamavaõ, e pediaõ a ſua preſença para os conſolar. Accreſcentou a alegria levantar o Auditor por ſeis mezes o Interdicto, que o Colleitor prezo barbaramente em Caſtella deixou no Reyno com eſte occulto privilegio; e ſeguio-ſe, para ſer completo o contentamento, chegarem noticias de que todas as Villas, e Lugares do Reyno, a mayor parte, ſem eſpecial avizo, tinhaõ acclamado o Rey. Tanto que tiveraõ das Cidades noticia certa da ſua fortuna, e redempçaõ milagroſa, Santarem foi a primeira que acclamou o Rey ſem ter carta de Lisboa; o Caſtello de Vianna, guarnecido de Caſtelhanos, ſe poz em defeza; mas atacado valoroſamente dos moradores, ſe rendeo; em Setubal o Caſtello de S. Filippe, e a Torre de Outaõ reſiſtîraõ oito dias, e ſe entregáraõ; ſó reſtava a Fortaleza de S. Giaõ na barra de Lisboa: era ſeu Governador o Tenente D Fernando de la Cueva, o qual logo deſpachou hum avizo ao Duque de Maqueda General da Armada do Rey Catholico, pedindo-lhe ſoccorro de que pouco neceſſitava em muitos mezes, ſe quizeſſe defender-ſe; porque tinha mantimentos, e munições em abundancia, e ſeiſcentos Soldados para a defeza com todo o mar livre á viſta; porém eſtava prezo nella o Conde da Torre D. Fernando Maſcarenhas em premio dos ſerviços grandes feitos a Caſtella: eſte perſuadio

ſuadio o Tenente a que aceitaſſe premios do novo Rey, e entregaſſe a Fortaleza mais importante: teve a fortuna de o vencer, porque Deos era o vencedor; por acordo ſe fizeraõ humas foſcas de expugnar a Fortaleza, ſendo ella inexpugnavel; atiraraõ-ſe alguns tiros com diverſa pontaria, e rendeo-ſe a Torre, e o Rey deó huma Cõmenda ao Tenente: dous dias antes D. Gaſpar Coutinho rendeo Caſcaes, e chegando neſte tempo á barra D. Sabiniano Manrique com ſoccorro mandado pelo Duque de Maqueda, foi prezo com dez Soldados; e as embarcações, em que vinhaõ os apreſtos, conhecendo a ſua diſgraça fugîraõ; o meſmo ſuccedeo a nove Soldados do barco do avizo, e eſcapou hum Navio, que os vio cahir no laço. Vencidas eſtas difficuldades, foi o Rey jurado ſolemnemente em hum notavel theatro no Terreiro do Paço, ſendo o primeiro, que jurou, o Duque de Caminha D. Miguel de Noronha, degollado dahi a poucos mezes por infiel. Elegeo o Rey Officiaes da Caſa, e Miniſtros para o governo; deo Caſa á Raînha, que chegou a Lisboa com o Principe D. Theodoſio, e as Infantas D. Joanna, e D. Catharina; concorrêraõ os Fidalgos, que eſtavaõ eſpalhados pelas Provincias, a dar-lhe obediencia: chamou Côrtes, e nellas foi jurado o Principe D. Theodoſio por ſucceſſor do Reyno: levantou os tributos póſtos por Caſtella; foi o Rey acclamado na Ilha terceira. Offerecêraõ os póvos dous milhões cada anno para a guerra defenſiva do Reyno, determinando em Côrtes o modo de cobrar eſta quantia, para o que inſtituîo o Rey a Junta dos Tres Eſtados, de que reſultou o mayor bem aos póvos: offerecêraõ voluntariamente os Eccleſiaſticos hum certo cómputo em cada

Biſpa-

Bispado. Temerosos das Armas de Castella; e esquecidos do juramento, passáraõ para Castella D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, seus filhos D.Luiz, e D.Estevaõ de Menezes, muito menino, que depois sendo homem fugio para este Reyno, onde foi heroe; D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Alcaide mór de Torres Vedras, Mestre Sala do Rey, D. Pedro Mascarenhas, seu Védor; e Jeronymo Mascarenhas, Deputado da Mesa da Consciencia, taõ inimigo da Naçaõ, e da Patria, ainda depois da paz, que os mesmos Castelhanos lho estranháraõ sempre. Vinde á manhãa sedo.

FIM
DA QUARTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de M.DCC.LIX.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA V.

ALterou-se o pôvo de Lisboa (disse o Theologo na manhãa seguinte) vendo a desgraçada resoluçaõ destes Fidalgos; e como monstro sem juizo ja lhe naõ lembrava o beneficio, que poucos dias antes deveo aos braços da Nobreza, convertendo a sua brutal cólera contra a que ficára com valor, e innocencia: aplacou-se a ira com ordens do Rey, e vozes dos Prégadores; e foi acclamado nas Ilhas sem mais resistencia, que a do Castello da Terceira. Chegou a Castella a noticia da acclamaçaõ com brevidade, e o Corregedor de Badajoz mandou avizo á Côrte, o qual chegou a sete de Dezembro; porém, como era primeira noticia, servio só para se expedirem ordens ao Embaixador em Alemanha, para que naõ deixasse passar a Portugal o Infante D. Duarte, irmaõ do Rey, e notavel General, e fazer outras leves prevençóes. Fez mayor confusaõ em Madrid chegar o Conde de Figueiró, que tinha sahido de Lisboa nos ultimos dias de Novembro, e naõ dava noticia da acclamaçaõ; porém cessou toda a dûvida com a chegada de hum Castelhano, que fôra criado do Rey em Villa-Viçosa no estado de Duque; e agora

vendo-o Rey , fugio para a sua patria , onde contou com individuação tudo o que succedêra. Tanto que se rompeo na Côrte a noticia , todos os Fidalgos Portuguezes, que assistiaõ nella, se foraõ offerecer por ceremonia politica ao Rey para a conquista de Portugal, considerando ja como haviaõ de achar occasiaõ para gozarem da fortuna presente, como depois o mostráraõ , passando para este Reyno em tempo opportuno. Repartio por elles o Rey de Castella os juros, que vagáraõ das pessoas, que ficáraõ em Portugal , que repartidos foi pouco mais de nada para oitenta Fidalgos , que lá estavaõ , além de outras muitas pessoas benemeritas , que naõ entráraõ na repartiçaõ, entrando no numero daquelles os Ecclesiasticos. Muitos foraõ em Madrid os arbitrios, que déraõ para a restauraçaõ de Portugal os Conselheiros : alguns de bom juizo ferîraõ o ponto; porém Deos que milagrosamente dispunha todas as acções necessarias para se estabelecer esta grande obra , para desempenho da palavra dada no Campo de Ourique ao Veneravel Rey D. Affonso Henriques , fez com que naõ attendessem aos seus votos , e cahissem os Castelhanos em mil absurdos ; que, a naõ ser assim, nos veriamos nos ultimos perigos, ou infallivelmente segunda vez conquistados , e para sempre, peyor que os Catalães, escravos opprimidos. Diziaõ pois estes que todo o exercito, que estava preparado para castigar injustamente Catalunha , marchasse logo contra este Reyno; e toda a Armada, que estava prompta, viesse sobre Lisboa bem municionada ; porque , a naõ se fazer logo esta diligencia em quanto estavamos na ultima miseria, a que nos tinhaõ reduzido , sem dinheiros , sem Armas , sem gente , sem disciplina militar , sem cavallos , nem reparos

nas

nas fortificações, era dar-nos tempo para adquirirmos tudo isto, que nos faltava, que era tudo; e depois de o termos, sería muito difficultoso o conquistar-nos, quando ja, álem do nosso valor, fidelidade, e liberdade, em que nos viamos, a certeza de que sería mayor a disgraça dos que ficassem vivos, do que a dos que morressem peleijando, nos havia deanimar dobrado a conservar o Rey, e o Reyno. Naõ se dava parecer mais acertado: mas Deos para nosso bem cegou totalmente o Conde Duque de Olivares com o odio infernal, que tinha aos Catalães, sem advertir que, assim como elle fòra causa delles se levantarem, tambem o querer castigallos fòra o motivo de perder Portugal com as oppressões, que lhe fez para o exercito, que os hia castigar, dando tempo para este Reyno se provêr. Desprezou o conselho prudentissimo dos outros, dizendo, que para castigar Portugal a todo o tempo bastava qualquer cousa; e mandou partir contra Catalunha o exercito, e Armada. Para que vejais o que he a suberba junta com astucia, notai o modo, com que o Conde Duque deo ao Rey a noticia de que Portugal se tinha levantado; na manhãa seguinte ao dia do avizo entrou na Camera do Rey (como costumava todos os dias tres vezes, sendo a primeira áquella hora, a segunda ao jantar, e a terceira á noite, dando conta ao Rey do que queria, que elle soubesse, e o naõ affligisse), e depois de lhe beijar a maõ, disse: *Dou a V. Magestade o parabem de que tem mais hum Ducado, que dar.* E perguntando-lhe o Rey com gosto qual era, respondeo: *He o Ducado de Bragança, Senhor; porque o Duque se levantou com o Reyno de Portugal, e póde V. Magestade dispor dos seus bens, e do titulo, por faltar á fidelida-*

 de

de do juramento. Ficou o Rey muito gostoso, e satisfeito; porque logo lhe persuadio a facilidade, com que isto se castigava: e o Rey, como só tinha visto o Reyno de Portugal pintado (se he que assim o tinha visto), a tudo deo credito sem o menor disgosto. Modo de fallar foi este taõ suberbo, e astuto, que até hum Castelhano, que escreveo a vida do Conde Duque, para canonizallo diz que fôra o mayor desatino. Calo o que dizem os muitos manuscriptos, que vî da sua vida naquelle Reyno. Mas ja que fallou elle em juramento quebrado, e somos ignorantes, he necessario dizer-vos, que o Juramento de fidelidade, e obediencia, que o Serenissimo Duque havia feito (contando ja dezasete annos de idade) ao Rey Filippe IV. em 1621., o naõ ligou para a sua observancia nas circunstancias, em que foi acclamado Rey desta Monarquia, ou, mais propriamente, restituido ao Throno de seus Gloriosos Ascendentes; o qual, depois do fallecimento do Senhor Cardial Rey, ficou pertencendo com inquestionavel direiro á Serenissima Casa de Bragança. Elle prestou aquelle juramento, como Catholico, e como Principe, desempenhando as obrigações do seu alto caracter, que o obrigava a jurar com verdade; e satisfazendo ás Leys do Evangelho, e da Igreja, que determinaõ, que o juramento promissorio, qual he o de obediencia, e de fidelidade (e tambem os mais juramentos) ha de ser feito com verdadeiro animo de jurar; obrigando-se, quem jura, á observancia de duas verdades: huma presente, que consiste no animo de prestar o que se jura: outra futura, que he a execuçaõ do que se houver promettido, e jurado; excluida sempre toda a amfibologia, e restricçaõ *puramente mental.* O adimplemento

mento da promessa jurada deve naõ se omittir; salvo occorrendo depois legitima causa, que o possa, ou deva excusar: o que tudo faz evidente ser intrinsecamente illicito, e peccaminoso o juramento ficto, e exteriormente feito sem animo de jurar; e ainda no caso de ser extorquido com medo injusto grave; porque aquelle, que assim jurasse, naõ só comettería huma grave mentira, mas tambem seria irreverente a Deos, abusando sacrilegamente do seu Nome, e Magestade para illudir o proximo, e perverter o fim principal do juramento, que he o firmar com a invocaçaõ do mesmo Divino Nome a verdade. Ficai pois advertidos, que o juramento do Sereníssimo Duque D. Joaõ foi válido, e prestado com todas as condiçóes, que para esse fim eraõ necessarias. Naõ o quebrou pela aceitaçaõ do Throno Portuguez, nem foi de modo algum perjuro contra Filippe IV. A razaõ he concludente. Porque a obrigaçaõ daquelle juramento cessou pela superveniente notavel mudança da materia com elle confirmada, e authorizada; e assim totalmente deixou o juramento de obrigar. Reflectî vós agora quanto a materia do referido juramento se mudou nas circunstancias da Acclamaçaõ, pelas causas, que a fizeraõ indispensavel para o bem pûblico do Reyno, e para outros fins importantes. Desenganai-vos, que o Castelhano Historiador da vida do Conde Duque naõ soube o que escreveo ao fallar em juramento similhante. E eu conclûo a digressaõ, dizendo, que o nosso Principe restaurador naõ foi perjuro; e tambem accrescento, que o seu juramento naõ necessitou de relaxaçaõ. Contnuemos. Partio para Catalunha o exercito Castelhano, e cuidou o nosso Reyno em adquirir o que lhe faltava;

o Rey

o Rey deo em Côrtes toda a prata da Casa Real; e de Bragança sem reservar mais, que a precisa para decencia, e a renda para isso necessaria; os pòvos concorrêraõ, como ja vos disse, e assentou-se, que houvesse vinte mil Soldados Infantes, e quatro mil cavallos: foi o Rey acclamado com incrivel felicidade em todas as Conquistas do Reyno, excepto em Ceuta, e Tangere: e o mais he que os Olandezes, que nos faziaõ em todas cruel guerra, festejáraõ a acclamaçaõ com festas, e salvas, cessando as hostilidades nesses dias. Mandou logo o Rey Embaixadores a todos os Principes da Europa, que o reconhecêraõ Monarca com summo gosto, acodindo-nos logo França com huma Armada, e Olanda depois com outra utilissima; porque vieraõ nella dous Regimentos de Cavallaría, muitas Armas, e munições, do que tudo havia no Reyno grande falta; só em Roma, e em Dinamarca naõ tiveraõ os nossos Embaixadores nunca audiencia pûblica por embaraços de Castella, e dependencias, que o Papa, e o Rey de Dinamarca tinhaõ daquella Corôa; este deo audiencia particular em huma casa de campo ao nosso Embaixador, e lhe significou o excessivo gosto, que tinha da acclamaçaõ do Rey; o Papa a offereceo ao Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal, irmaõ do Conde de Vimioso, como Bispo, e naõ como Embaixador do Rey, e elle a naõ aceitou. Mayor foi o despique de Braz Nunes Caldeira, Provedor do Hospital de Santo Antonio da Naçaõ Portugueza em Roma, que, depois das excessivas festas pela acclamaçaõ, assentou que o Embaixador de Castella lhe naõ havia de entrar na Igreja em dia de Santo Antonio, como era costume desde que Filippe Prudente governou este Reyno. Ajustou-

ftou-se com outros Portuguezes, e sem reparar no grande numero de Castelhanos, que ha em Roma, e que tem pena infallivel de morte dentro em vinte e quatro horas toda a pessoa, que naquella Cidade usou de armas de fogo; elle ajuntou quantas lhe foi possivel, e dispôs a defeza da porta da Igreja; tudo isto constou ao Papa, e ao Embaixador, o qual se naõ arriscou a ir lá esse anno, nem dahi por diante nos mais q̃ tardou a Curia em reconhecer o Rey; e o Papa naõ castigou Braz Nunes, nem Portuguez algum. Quiz o Embaixador de Castella prender, ou matar o Bispo de Lamego em Roma; e nesse perigo esteve por haver confiado na palavra do Papa, o qual sabendo que o Castelhano mettia em casa grande numero de vagamundos, e criminosos para esta funçaõ, mandou que todos os deste genero sahissem da Cidade, a qual fez governar com Soldadesca nas partes mais necessarias; e mandou dizer ao Bispo andasse com pouca familia, por evitar suspeita, porque elle o segurava. Foi boa a segurança na verdade! Em casa do Embaixador de França teve noticia de que o Castelhano o vinha buscar na rûa quando se recolhesse para casa; ateimou o Bispo como Fidalgo Portuguez, q̃ havia de ir, foi necessario fazer-lhe companhia com a familia do Embaixador de França alguns Portuguezes, e Catalães. Foi a pendencia com armas de fogo primeiro, e depois á espada; fugîraõ os Castelhanos, e o seu Embaixador pelo espaldar da carroça, sem chapéo, recolhendo-se em casa de hum biscoiteiro, donde passou para a de hum Cardial. Morrêraõ da parte do nosso Bispo quatro, hum Maltez parente do Embaixador, dous pagens, e hum criado do Secretario; dos Castelhanos oito, e vinte feridos; a carroça do

Embai-

Embaixador de Castella feita em pedaços esteve dous dias na mesma rûa, e elle sahio de Roma. O Bispo vendo que a satisfaçaõ deste insulto, devendo ser o despacho do seu negocio, era huma visita de pezames da parte do Cardial Barbarino, delle, e de todos justamente queixoso se naõ despedio, e fez jornada para Lisboa, onde foi recebido com o grande applauso, que merecia. A' tarde tereis mais que ouvir, e admirar.

FIM
DA QUINTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VI.

DE tarde continuou o Theologo, dizendo: Tinha o Rey hum irmaõ legitimo chamado D. Duarte, o qual desejando adquirir novos brazões pelas Armas para esmaltar o sangue de tantos Reys seus Avós, passou a Alemanha oito annos antes da acclamaçaõ: e depois de militar com o mais extraordinario valor nos exercitos do Imperio contra os Suecos, que o tinhaõ occupado quasi todo, actualmente se achava no serviço do Imperador Fernando III., occupando o posto de Sargento General de batalha. Acclamado o Rey, como eraõ tantas, e taõ importantes as materias, em que se empregavaõ os cuidados, parece, que ou se considerou mal o caminho, que devia logo tomar o Infante para este Reyno, onde era taõ necessario para General do exercito, ou se perdeo o negocio por descuido: o certo he que os Castelhanos conseguîraõ do Imperador, que o prendesse sem culpa, e que lho vendesse por quarenta mil cruzados para lhe tirarem a vida: tudo se executou com tyrannia, e indecencia contra a Ley natural, e Divina, com escan-

dalo eterno da Europa: depois de varias prizões inhumanas em Alemanha, quebrou o Imperador a palavra, entregando-o aos Castelhanos, os quaes no Castello de Milaõ o recolhêraõ á torre mais forte, e destinada só para castigo dos facinorosos; e nella com sentinellas á vista, que o naõ deixavaõ dormir, sem criados, e pessimo trato o tiveraõ oito annos prezo, que foraõ só os que viveo neste martyrio. Naõ lhe valèraõ as instancias do Arquiduque Leopoldo, irmaõ do Imperador, os requerimentos da Dieta do Imperio, os protestos, e rógos de Francisco de Sousa Coutinho, nosso Embaixador em Suecia, nem todas as diligencias do nosso Rey: o peyor he que a prizaõ, e a venda foraõ executadas por D. Francisco de Mello, e D. Manoel de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, aquelle parente da Casa de Bragança, este da mais antiga Fidalguia Portugueza, ambos Embaixadores de Castella em Alemanha, ambos premeados por esta acçaõ a mais indigna, que eu vos naõ contára em taõ poucas palavras, se o Conde da Ericeira a naõ désse ao prélo com todas as suas horrorosas circumstancias. Na Primavera do anno de 1641. apparecêraõ fortificadas as nossas Praças, e os nossos Generaes nas suas Provincias; rompêraõ a guerra os Castelhanos com huma cilada, que fizeraõ a dez cavalleiros da ronda de Elvas, attacados primeiro por dez Castelhanos, e logo por trinta; ficáraõ sete Portuguezes prisioneiros, e escapáraõ tres; matáraõ a Roque Antunes por naõ querer proferir: *Viva o Rey D Filippe*: morreo gloriosamente, dizendo: *Viva o Rey D. Joaõ meu Senhor*, até ao ultimo instante. Toda a vida do Rey D. Joaõ durou a guerra em todas as Provincias do Reyno com os Castelhanos, e nas

Con-

Conquiſtas com os Olandezes: em todas as funçoẽs della ſe vio ſempre, que nos defendia a Maõ Divina; porque naõ perdemos Praça, Caſtello, Cidade, Villa, ou lugar; nunca recebemos damno, que naõ foſſe recompenſado com outro mayor. Alguns encontros houve, a que chamáraõ batalhas, em que tivemos milagroſa fortuna, como foi a de Montijo, ſendo Ganeral Mathias de Albuquerque, a qual perdemos ao principio pela deſordem da noſſa Cavallarîa, que ſe auſentou; e os Caſtelhanos vendo-ſe ſenhores do campo, artilherîa, e bagagem, largáraõ as armas para furtarem com as mãos expeditas; porém os noſſos aproveitando-ſe do ſeu deſcuido, e deſordem, formados novamente os accommetteraõ, matáraõ grande numero, reſtauráraõ o perdido, e ſó lhes eſcapáraõ os primeiros, que fugîraõ. A noſſa perda entre mortos, e priſioneiros foraõ novecentos homens; dos Caſtelhanos morrêraõ tres mil, e deixáraõ no campo quatro mil e quinhentas armas: foi muito feſtejada em todo o Reyno eſta vitoria, e o Rey fez ao General Mathias de Albuquerque a mercê de Conde de Alegrete. Os ſucceſſos da India, e Braſil ouvireis a ſeu tempo; e no que reſpeita ao pol tico, no primeiro anno deſte feliz Reinado para ſer em tudo milagroſo, e defendido por Deos o noſſo Soberano, ſe deſcobrio em Lisboa huma conjuraçaõ contra a ſua vida. Ainda eſtava em Lisboa a Duqueza de Mantua, e com a ſua preſença, e favor ſe atreveo o Arcebiſpo de Braga D. Sebaſtiaõ de Mattos de Noronha a induzir muitos Fidalgos, e outras peſſoas para hum novo levantamento, em que mataſſem o Rey, e acclamaſſem outra vez o de Caſtella; tinha entendimento ſagaz, animo intrepido, e ſabía com a libe-

ralidade facilitar as suas opiniões, por isto, e por ser o mais acerrimo parcial de Castella, donde viera Presidente do Desembargo do Paço, e recebera a Mitra, o quizeraõ matar na vespera da acclamaçaõ; porém assentáraõ depois, que era melhor obrigallo com favores, como ja vos contei. O primeiro, que descobrio ao Rey a conjuraçaõ, foi Luiz Pereira de Barros; depois Manoel da Sylva, que, naõ podendo fallar ao Rey, o disse ao Conde de Vimioso, o qual mostrou neste Crisol a fidelidade; porque estando escandalizado, foi logo revelar o segredo: e o Arcebispo vivia taõ cego, que pouco depois se atreveo a persuadillo para aquelle vil empenho. Mandou logo o Rey, que fizesse jornada para Castella a Duqueza de Mantua, a quem ja tinha dado licença: prendeo Pedro Baeça, Melchior Correa da Franca, e Diogo de Brito Nabo, denunciados por varias pessoas: e no dia 28. de Julho de 1641., primeiro do seu Reinado, mandou formar nas partes principaes da Cidade os quatro Terços da Ordenança; mandou avizo á Nobreza, e Conselheiros de Estado para se acharem no Paço pelas tres horas da tarde, porque queria o Rey ir vêr exercitar os Soldados. Deraõ-se as ordens para os que haviaõ de executar as prizões; e o primeiro foi o Marquez de Villa-Real, que nesse dia aterrado das prizões dos trez, e aconselhado de seu filho, quiz revelar ao Rey a conjuraçaõ ao sahir da Missa, mas ja foi tarde; o Porteiro mór Luiz de Mello, e Thomé de Sousa o prenderaõ; D. Rodrigo de Menezes, filho segundo do Conde de Cantanhede, Desembargador do Paço, prendeo nelle em outra sala ao Arcebispo D. Pedro de Menezes, que foi Bispo eleito do Porto; prendeo pelo mesmo estilo ao Bispo Inquisidor

ſidor geral ; Pedro de Mendonça , e Antonio de Saldanha prendêraõ ao Duque de Caminha , e o leváraõ á Torre de Belem : na meſma hora varias justiças prendêraõ a Nuno de Mendonça, Conde de Val de Reys , e a Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belem ; na de S. Filippe de Setubal D. Antonio de Attaîde , Conde da Caſtanheira ; Gonſalo Pires de Carvalho na Torre de Outaõ ; D. Antonio de Mendonça, Commiſſario da Bulla, na Torre de Caſcaes ; Ruy de Mattos de Noronha , Conde de Armamar, ſobrinho do Arcebiſpo de Braga, no Caſtello de Lisboa; Fr.Luiz de Mello, Biſpo eleito de Malaca , no Convento de Belem ; e depois na Torre com o Biſpo de Martyria D. Franciſco de Faria , que fôra familiar do Arcebiſpo de Braga , no Limoeiro; prenderaõ Paulo de Carvalho Véreador da Camera , ſeu irmaõ Sebaſtiaõ de Carvalho , ambos Deſembargadores da Supplicaçaõ ; Luiz de Abreu de Freitas , Eſcrivaõ da Camera do Rey ; Jorge Fernandes de Elvas , que tinha vindo de Caſtella havia pouco tempo ; Diogo Rodrigues Lisboa , Jorge Gomes Ademo ſeu filho, e Simaõ de Souſa Serráõ homens de negocio de groſſos cabedaes ; Chriſtovaõ Cogominho, Guarda mór da Torre do Tombo ; Manoel Valente , Eſcrivaõ da Tavola de Setubal ; Antonio Correa , Official mayor da Secretaria de Eſtado ; D. Agoſtinho Manoel no dia ſeguinte , em que do caminho de Coimbra para Braga veyo prezo para a Torre de Belem o Biſpo de Martiria. Com grande imprudencia do executor da ordem , e notavel encargo da conſciencia do Arcebiſpo de Braga foi prezo o grande heroe Mathias de Albuquerque primeiro na Torre de Outaõ , depois na de Belem, ſem mais culpa , ou indicio , que dizer o Ar-
cebiſpo

cebiſpo ao Conde de Vimiozo, que tambem elle entrava na conjuraçaõ; ſendo falſo; e intentando com eſte teſtimunho accreſcentar o numero dos ſequazes para adquirir outros. No dia ſeguinte ao das prizões ſahio o Arcebiſpo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha por toda a Cidade com Prociſſaõ ſolemne em acçaõ de graças por ter deſcoberto Deos noſſo Senhor eſta conjuraçaõ, que ameaçava a ultima ruina a Portugal. O Rey, depois de manifeſtar á Nobreza o ſeu juſto ſentimento, fez examinar as culpas, que ſe provárão em poucos dias; porque todos os prezos confeſſáraõ voluntariamente; de que ſe ſeguio conhecerem-ſe logo os innocentes. Nomeou o Rey Miniſtros, e ſeis Fidalgos Juizes, para todos juntos ſentencearem os Titulos; á Meſa da Conſciencia relaxou os Cavalleiros; foraõ ſentenceados á morte o Marquez de Villa-Real, o Duque de Caminha, e o Conde de Armamar. No meſmo dia os Deſembargadores, ſem os Juizes Fidalgos, condemnáraõ a degollar D. Agoſtinho Manoel, e a arraſtar, e enforcar em forca mais alta do coſtumado, e eſquartejar Pedro Baeça, Melchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente: Chriſtovaõ Cogominho foi remettido á Juſtiça Eccleſiaſtica por ter Ordens Menores, depois á Meſa da Conſciencia; porém, havendo-ſe-lhe por nenhuns os privilegios, elle, e Antonio Correa foraõ os ultimos, que enforcáraõ defronte do Limoeiro a nove de Settembro. A 28. de Agoſto foraõ conduzidos o Duque, Marquez, o Conde, e D. Agoſtinho Manoel a humas caſas do Rocio, que ainda hoje ſe chamaõ dos degollados, e cada hum recolheraõ a ſeu apoſento, onde paſſáraõ a noite, preparan-

parando-ſe para a morte: o Marquez dormio, e pela manhãa lhe mandou pedir a bençaõ o Duque ſeu filho. Levantou-ſe hum theatro, que ſe communicava com as caſas por hum paſſadiço; nelle puzeraõ quatro cadeiras, huma ſobre tres degráos para o Duque, outra ſobre dous degráos para o Marquez, e a terceira com hum degráo unico para o Conde; no pavimento do theatro eſtava a quarta para D. Agoſtinho. No dia 29. pela manhãa ſe formou no Rocîo o Terço da Ordenança, de que era Coronel D. Franciſco de Noronha; os Deſembargadores, que tinhaõ ſido Juizes, ſe juntáraõ na Inquiſiçaõ para decidirem quaeſquer embargos; que naõ houve. Pela huma hora depois do meyo dia deo principio a eſte laſtimoſo acto o Marquez de Villa-Real, ſahindo das ditas caſas pelo paſſadiço, acompanhado dos Corregedores do Crime da Côrte, e outras Juſtiças, alguns Irmaõs da Miſericordia, e dos ſeus criados; levava veſtido hum capuz, as mãos levantadas, e atados os dedos pollegares com huma fita negra; hia publicando o pregãõ o ſeu delicto, que dictava ao Porteiro o Rey de Armas Portugal com a cotta veſtida. Antes que o Marquez chegaſſe á cadeira, ſe pôs tres vezes de joelhos diante do Crucifixo, que levava o Capellaõ da Miſericordia, ajudando-o na oraçaõ dous Religioſos da Companhia de Jeſus, e dous Carmelitas Deſcalços; a hum dos quaes ſe reconciliou antes de ſentar-ſe. Deſpedio-ſe de todos os que eſtavaõ preſentes; e ſem moſtrar perturbaçaõ ſe entregou ao ſupplicio. O algoz, cobrindo-lhe o roſto, fez toda a execuçaõ, atou-lhe os braços, e os pés á cadeira, em que eſtava ſentado, e neſte miſeravel eſtado mandou pedir perdaõ a todo o innumeravel

ravel pôvo, que eſtava no Rocîo, da offenſa, que tinha feito ao Reyno; e o pôvo, como monſtro, julgando que elle pedia a vida, tres vezes gritou dizendo: *Morra*. Cortou-lhe o algoz a cabeça, e cobrio o corpo com hum panno de baeta negra. A noite he propria para o que falta.

FIM

DA SEXTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VII.

MAgoados ſe juntáraõ á noite os Academicos, porque a Naçaõ Portugueza ama os ſeus Monarcas com tal extremo, que naõ póde diſpenſar o ſentimento quando ouve a infidelidade de hum ſó individuo, como entre doze experimentou Chriſto. Continuou a Conferencia o Theologo, dizendo: Acabada a execuçaõ da ſentença no Marquez, foi o meſmo acompanhamento buſcar o Duque de Caminha, que chegou ao theatro com menos ſocego, e mais digno de compaixaõ, por ſe ſaber tinha menos culpa; ao Duque ſe ſeguio o Conde de Armamar, e ultimamente D. Agoſtinho; e logo ſe deſcobrîraõ os cadaveres de todos, a que ſe ſeguîraõ as vozes do pôvo dizendo: *Viva o Rey D. Joaõ IV.* Foraõ logo enforcados os que ja diſſemos, e os ultimos dous a nove de Septembro. Os corpos dos degollados eſtiveraõ no theatro até a meya noite, em que os veyo buſcar a tumba da Miſericordia, que os levou ao Convento dos Carmelitas deſcalços; mercê, que o Rey lhes fez depois de eſtarem nas caſas do Rocîo preparando-ſe para a morte, porque lha pedîſ-

raõ. E admira-ſe que a petiçaõ do Conde de Armamar, ſendo dilatada, foi toda da ſua letra; tinha vinte e quatro annos de idade, o Marquez ſincoenta e dous, o Duque ſeu filho vinte e ſete, D. Agoſtinho ſincoenta e outo. Acabou no Duque, e ſeu filho a caſa de Villa-Ræal, que floreceo duzentos e ſeſſenta e ſete annos em heroes dignos de eterna memoria em todos os Reynados; para que ſe veja quantos mil brazões extingue huma infidelidade. Soube-ſe em Caſtella o caſtigo; e o Rey chamou Rey a primeira vez ao noſſo, dizendo: *Duque chamais vós á quem degolla Duques; agora ſe ſegurou o Rey D. Joaõ IV. no Throno.* Eſta reſpoſta do Rey, naõ eſperada da ſua pequena comprehenſaõ, affligio extraordinariamente ao Conde Duque. Huma, e outra couſa naõ conta o Conde da Ericeira, porque naõ aſſiſtio em Caſtella, nem vio os eſpeciaes manuſcriptos; de que em ſeu lugar vos irei dando noticia. No dia em que ſe executou a ſentença ſahio o Rey veſtido de luto á caſa, em que aſſiſtia a Nobreza, e lhe expreſſou o ſentimento com razões iguaes ás primeiras, com que lho intimou no dia das prizões. Examináraõ depois as culpas dos outros: foraõ ſoltos o Conde da Caſtanheira, e o de Val de Reys, com Gonſalo Pires de Carvalho; e tambem o ſería ſeu filho Lourenço Pires, ſe naõ tiveſſe fallecido na prizaõ. Antonio de Mendonça foi prezo de S. Giaõ para o Convento da Trindade de Santarem, e depois ſolto, e reſtituido a tudo o que gozava antes da prizaõ, com tal fortuna, que depois de muitas dignidades chegou á de Arcebiſpo de Lisboa. Mathias de Albuquerque, heroe memoravel ſempre, requereo ſer ſolto naõ por mercê, mas por juſtiça: foi o exame exactiſſimo, e ſolto

com

com ſingular acclamaçaõ do pôvo, que o acompanhou com vivas até o Paço, onde beijando a maõ ao Rey, diſſe: *Tem V. Mageſtade a ſeus pés o Vaſſallo mais leal, que póde deſejar.* O Rey lhe aſſeverou quanto reconhecia a ſua innocencia, e havia de recompenſar o bem que ſempre o ſervîra, como depois o executou. O Inquiſidor geral, depois de o mudarem para diverſas prizões, foi ſolto a ſinco de Fevereiro de mil ſeiſcentos quarenta e ſeis, e reſtituido a tudo. O Biſpo de Martiria morreo prezo no Convento de S. Vicente. O Arcebiſpo de Braga D. Sebaſtiaõ de Mattos, depois de eſtar prezo nas caſas do Forte no Paço, onde eſteve o Inquiſidor géral, o paſſáraõ com elle para a Torre de Belem, e depois ſó foi conduzido para a de S. Giaõ, onde morreo. Outra peyor conſpiraçaõ houve no anno de mil ſeiſcentos quarenta e ſete, a qual, ſendo compoſta de hum ſó homem de naſcimento ordinario, foi de igual, ou mayor perigo. Domingos Leite, Eſcrivaõ do Civel da Côrte, fugio para Madrid, e lá ſe offereceo aos Miniſtros de Caſtella, que ſuccedèraõ ao Conde Duque de Olivares, para matar ao noſſo Rey; recebeo por eſta offerta a promeſſa do Habito de Chriſto, e outras mayores: entrou em Lisboa, acompanhado de Manoel Roque, no mez de Mayo, dizendo-lhe, que vinha occulto a matar ſua mulher, que procedia mal, ſendo ella honradiſſima: allugou humas caſas na rûa dos Torneiros, e foi allugando as mais até o ſitio, em que vós conheceſtes a Igreja, e Convento de Corpus Chriſti; communicou todas por dentro, rompendo as paredes, e na ultima fez diverſas freſtas, e nellas pôs eſpingardas carregadas com balas hervadas com eſpeciaes venenos para matar o Rey no

 dia

dia do Corpo de Deos quando passasse por aquelle sitio. Chegou o dia vinte de Junho, em que cahio a Festa do Corpo de Deos no dito anno; e passando o Rey na Procissaõ atrás do Pallio, quiz Domingos Leite disparar a primeira espingarda; porém vio se taõ afflicto, e assustado da notavel magestade, que se lhe representou no Rey quando o vio taõ perto, que perdeo a pontaria, e naõ disparou; correo á segunda fresta para lhe fazer o tiro pelas costas, e succedeo-lhe o mesmo. Attonito, confuso, mas naõ arrependido, vendo perdida a melhor occasiaõ, que elle imaginava para esta iniquidade pessima, fechou as portas, e caminhou ao alto de N. Senhora da Graça, onde Manoel Roque o esperava a cavallo com outro prompto. Chegou a Madrid, contou o caso, promettendo vir sem falta matar o Rey em melhor tempo; e os Ministros, sem conhecerem o prodigio, lhe protestáraõ cumprisse a palavra; e animando-o com novas promessas o mandáraõ contente para Lisboa. No caminho descobrio a Manoel Roque o segredo; o qual apartando-se delle na Póvoa com o pretexto de vir allugar casas, deo conta ao Rey, o qual mandou Luiz da Sylva Telles, fidelissimo Vassallo, com Justiças, que facilmente só o prendeo. Confessou tudo, acharaõ-se as escopetas, e vasos dos venenos, cortaraõ-lhe as mãos no Pellourinho, e depois de enforcado o esquartejáraõ. Em todo o Reyno mandou o nosso Monarca dar graças a Deos por este favor; e a Raînha fundou no mesmo sitio a Igreja, e Convento dos Padres Carmelitas descalços, dedicada ao Corpo de Christo com o caso pintado no retabulo. Todos os castigos eraõ poucos para este infame traidor; porêm o que elle naõ padeceo

no

no corpo, padecêraõ para sempre na honra, que vale mais, que o corpo, e a vida, os Ministros de Castella, que o mandáraõ executar esta vilissima empresa, e lhe ouvîraõ a sua infame proposta. Outra conjuraçaõ se presumio do Secretario de Estado Francisco de Lucena, de que o Conde da Ericeira duvîda: porém o pôvo em Côrtes clamou contra elle em varios Manifestos; certo Ecclesiastico testimunhou a communicaçaõ delle em Castella; o Rey a confirmou com huma carta; e em fim cortaraõ-lhe a cabeça. O mesmo succedeo a D. Pantaleaõ de Sá, irmaõ do nosso Embaixador em Inglaterra, por ter pendenceado com Thomás Aû, irmaõ do Conde de Cur; caso, que vos conto, para que admireis o capricho de huma Dama Ingleza, chamada Madama Mom, a qual visitando D. Pantaleaõ no carcere; por força o obrigou a tomar os seus vestidos, e sahir da prizaõ, ficando ella preza com os vestidos de D. Pantaleaõ. Naõ se logrou o fim glorioso desta acçaõ memoravel; porque o Conde Embaixador entregou o irmaõ a hum Medico para o ter em casa occulto, em quanto se preparava Navio para sahir daquelle Reyno; e o Medico vendeo D. Pantaleaõ ao tyranno Cromuel, o qual o tornou a prender; e desprezando os rogos de todos os Embaixadores (sendo o de Castella hum delles, por ser causa commûa), e passados tres dias o fez degollar na praça pûblica, e a Thomás Aû, author da pendencia, no mesmo dia. Naõ vos admireis desta acçaõ tyranna, e infame contra o direito das gentes, porque este Cromuel he o mesmo que fez degollar em praça pûblica quatro annos antes ao seu Rey, e natural Senhor Carlos I., como ouvireis quando tratarmos daquelle Reyno, e dos seus infortunios.

Che-

Chegou o anno de mil seiscentos sincoenta e seis; em que Deos quiz premiar no Ceo o nossoR ey, a quem tantas victorias tinha visto conseguir. Adoeceo a vinte e sinco de Outubro de suppressaõ de ourinas, achaque, que ja o tinha opprimido em Salvaterra com tanto excesso annos antes, que fez testamento; agora o assaltou juntamente com gotta, e naõ cedeo aos poderes todos da Medicina. Naõ he crivel, e menos explicavel, o sentimento da Nobreza, e pôvo tanto que recebeo esta noticia, e mais que tudo os rogos, e preces contînuos dos Ecclesiasticos; sem deixar Imagem, que naõ levassem em Procissaõ ao Paço; chegando a tal excesso, que até fizeraõ o mesmo ao Santo Christo de S. Domingos, em cujo lado está sempre o Santissimo Sacramento; nessa occasiaõ mostrou signaes de melhora, que brevemente se desvanecêraõ. O Rey desde que vio naõ obravaõ os banhos, e se frustrára a pequena melhora, que teve com as sangrias, começou a cuidar só na salvaçaõ de sorte, que indo fallar-lhe o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva em cousas muito importantes do governo, lhe disse queria primeiro fazer testamento: no dia seguinte recebeo o Santo Viatico; que veyo da Freguezia de S. Juliaõ, e lho administrou o Capellaõ mór D. Manoel da Cunha; com elle fez a Confissaõ, e Protestaçaõ da Fé, e depois de dar com elle as graças, lhe disse declarasse a todos os seus Vassallos: *Que em todo o tempo do seu governo tivera sempre tençaõ de obrar o que lhe parecêra mais conveniente ao serviço de Deos, e conservaçaõ do seu Reyno. Que nas materias Ecclesiasticas procurava sempre seguir as opiniões de pessoas de letras, e de mayor virtude; e que para justifica*

justifica

tificação desta verdade deixava entregue a elle Bispo Capellão mór todos os papeis pertencentes a estas materias. Apartou-se o Bispo; chamou o Rey os Duques de Aveiro, e do Cadaval, e abraçando-os, lhes deo notaveis documentos; approvou o testamento, mandou entrar os Presidentes dos Tribunaes, e os outros Ministros, e depois de lhes pedir perdaõ de todo o escandalo, protestou a summa inteireza, com que distribuîra sempre os dinheiros da Corôa, sem enthesourar, (como alguns imagináraõ); recommendou-lhes a obediencia á Rainha. Todos lhe beijáraõ a maõ banhados de lagrimas; e quando chegou o Camereiro mór Luiz de Mello, e Gaspar de Faria, Secretario das Mercês, aggradeceo a cada hum em particular o bem que o tinhaõ servido. Passou a noite em colloquios com huma Imagem da Conceiçaõ, de que era devotissimo: no dia seguinte chamou Diogo de Sousa, a quem disse, que esquecido das queixas, que delle tinha, e lembrado dos serviços de seu pay, e irmaõ, o deixava recommendado á Rainha; disse logo a Ruy Lourenço de Tavora o muito, que o estimava, e pedio-lhe quizesse exercitar outra vez o posto de Mestre de Campo, que tinha deixado por algumas desconfianças. Era tal o fastio, que para comer foi necessario vir a Raînha com o Principe, e Infantes obrigallo com lagrimas, e elle comeo derramando algumas; mandou escrever aos Governadores das Provincias, e recommendar-lhes a obediencia: advertio ao Conde de Soure tudo o que podia succeder-lhe na Campanha depois da sua morte, e ordenou que elle, André de Albuquerque, e os outros Generaes, e Militares de póstos inferiores, que estavaõ na Côrte, se recolhessem logo ás suas Provin-

cias,

cias, e exercicio dos póstos. Vendo se abbreviava o prazo da vida, chamou a Raînha, Principe, e Infantes; e depois de os abraçar suavemente, lhe recommendou a boa educaçaõ dos filhos, e a elles a obediencia á Raînha; e pegando nas mãos do Principe, e do Infante D. Pedro disse a este: *Pedro, naõ sabes o que perdes. A ambos encommendo, que trateis sempre de seres muito zelosos da Religiaõ Catholica, muito obedientes a vossa Mãy, muito amigos, unidos, e conformes; porque este he o unico meyo, e caminho de vos conservares, e ao Reyno em paz, uniaõ, e justiça.* A Raînha sendo varonil lhe pedio licença para retirar os filhos, receando aggravar-lhe o mal com esta dôr; e o Rey o permittio. O mais vos direi logo.

FIM
DA SEPTIMA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VIII.

JUntaraõ-se logo na mesma noite; e o Theologo continuou a materia da Conferencia antecedente, na verdade a mais triste. Quando a Raînha se recolheo com seus filhos, chamou o Rey a Marqueza de Attouguia, Aya do Principe, e lhe agradeceo a boa educaçaõ, que lhe dava; e ultimamente lhe disse escrevesse a seu filho o Conde de Attouguia, que estava no Brasil, a grande estimaçaõ, que sempre fizera do seu procedimento. Entrou logo o Cabido da Sé de Lisboa, a quem o Rey agradeceo as Preces, que tinha feito pela sua saude; recommendou o Culto Divino, e refórma de costumes por meyo de repetidas visitas. Sahio o Cabido, e entrou o Senado da Camera, de quem era Presidente D. Joaõ de Sousa da Sylveira; e o Rey esforçando a voz, que ja tinha debilitada, lhes disse fôra sempre a sua tençaõ administrar justiça: que era tempo de lhe pagar o pôvo o amor, que sempre lhe tivera, e que lhes entregava a Raînha, Principe, e Infantes, para que os servissem, e guardassem da industria, e poder de seus inimigos. Sahio o Senado; entrou o Juiz do pôvo, e o Escrivaõ;

vaõ; e chorando elles o desamparo, em que ficavaõ; lhes disse o Rey: *Que esperava em Deos lhe concedesse a gloria eterna, onde esperava alcançar mais segura protecçaõ deste Reyno, da que nesta vida lograra:* foraõ estas palavras expressa profecia das grandes fortunas, que tivemos no Reynado de seu Filho D. Affonso. Mandou o Rey lhe chamassem os Condes de Vimioso, S. Joaõ, S. Lourenço, Castello-melhor, e Ruy Fernandes de Almada, prezos por huma infeliz pendencia no jogo da péla; onde foi morto o Conde de Vimioso D. Luiz de Portugal, e ferido o Conde de S. Joaõ seu cunhado: chamou-os o Rey junto ao leito, e lhes disse: *Tinha sentido muito o tempo, que lhe haviaõ faltado da sua presença; que naõ queria acabar a vida sem os deixar amigos; que elle protestava morria sem odio, e perdoava aos seus inimigos, que tantas vezes o mandáraõ matar: que era justo perdoassem elles tambem, pois viaõ quanto necessitava o Reyno da sua uniaõ.* O Conde de Vimioso respondeo perdoava a todos os que concorrêraõ para a morte de seu irmaõ, e o mesmo disse a respeito de si o Conde de S. Joaõ. O Rey banhado em lagrimas de gosto, disse: *Dou muitas graças a Deos, porque á imitaçaõ de Christo posso dizer:* Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis; *eu vos dou paz, eu vos deixo em paz: eu vos rogo naõ queirais ir contra esta minha vontade, pois he taõ conveniente para a vossa quietaçaõ, e do Reyno.* E logo juntando as mãos de todos os ditos Fidalgos, lhes mandou promettessem diante da Raînha, que estava presente, que em nenhum outro tempo se lembrariaõ das paixões passadas: assim o promettêraõ; e beijando-lhe a maõ, sahîraõ banhados em lagrimas

grimas

grimas de verem acabar num taõ excellente Rey. Chamou D. Rodrigo de Menezes, Regedor das Justiças, a quem agradeceo o bem que exercitava o seu Officio, e exhortou-o a continuar na mesma observancia. Chamou depois Theologos, a quem communicou varias materias importantes para o socego da consciencia, e perante elles protestou a recta intençaõ, com que sempre obrára. Passou a noite com pouco socego; e no dia seguinte, que era o duodecimo, vendo os Medicos lhe accommettia o mal á cabeça, advertíraõ que era necessario ministrar-lhe a Santa Uncçaõ: perguntou-lhe o Capellaõ mór se a queria receber, respondeo, que de muito boa vontade; dilatou-se hum pouco preparando-se para a receber, e disse ao Camereiro mór queria que o ungissem; e dizendo-lhe este que ja Sua Magestade o havia dito, respondeo: *Quando mo perguntáraõ satisfiz ao que se me propôs; agora quero mostrar, que eu peço, e desejo este Sacramento para bem de minha alma.* Ministrou-lho o Capellaõ mór, e recebeo-o com notavel devoçaõ. Depois de ungido chamou o seu Confessor, e disse-lhe tinha devoçaõ de commungar outra vez; reconciliou-se, disse Missa o Confessor, commungou o Rey com taes affectos, e lagrimas, que provocáraõ novamente as de todos. Neste tempo se repetiaõ as procissões, e penitencias pela saude do Rey, e foi a principal a que ja dissemos do Santo Crucifixo de S. Domingos com o Sacramento no lado, em quem teve taõ viva fé o pôvo, que parece quiz o Senhor mostrar-lhe quanto ella podia; porque o Rey sentio nos pulsos tal melhora, que se lhe applicáraõ novos remedios com boa esperança, mas naõ bastantes para o livrar da ultima sentença,

que elle aguardava com a mais exemplar resignação na vontade Divina, de sorte que quanto mais o alentavaõ com esperanças de vida, tanto mais elle desenganado esperava o fim della. Antes dos ultimos paroxismos chamou o Conde de Abrantes D. Miguel de Almeida para se despedir delle; chegou o veneravel Velho a beijar-lhe a maõ, regando as cans com lagrimas, e com affecto sincéro, natural daquella idade, lhe disse: *He possivel meu Rey, e meu Senhor, que hides vós de taõ poucos annos, e que fico eu de noventa?* O Rey lançando-lhe os braços ao pescoço, lhe respondeo: *Vou com grande descanço, porque vos deixo para assistires á Raînha, e á meus filhos.* A todos fallava o Rey com este desengano, só a Raînha o animava a que podia ter vida; e sem dúvida se nesse tempo fosse vivo o insigne, memoravel, unico, e digno de estatuas em todo o Reyno, e em todo o mundo o Doutor Joaõ Curvo Semmedo, inventor de muitos segredos para diversos achaques, e de hum que nunca falhou para este de suppressaõ; digo-vos isto, irmãos, por estes termos, porque em toda a Europa vî adorar os seus livros, e os seus segredos; e em Portugal, e suas Conquistas huns, e outros vejo desprezados com prejuizo de innumeraveis vidas bem necessarias, como eu tenho visto. Chamou em fim o Rey o Confessor, e disse lhe conhecia que ja se chegava a morte, e naõ queria tratar ja negocio algum da vida; ordenou ao Camereiro mór o mudasse para outra cama, porque os remedios tinhaõ manchado aquella; tornou a chamar o Confessor, recebeo delle varias Indulgencias, e repetio Oraçóes devotas; pedio muitas vezes absolviçaõ de suas culpas, e deo signal, para que, entorpecida a falla, conhe-

conhecessem pedia a mesma absolviçaõ até o ultimo alento da vida, que teve fim na Segunda feira seis de Novembro de mil seiscentos sincoenta e seis, rematando em huma convulsaõ de nervos; e repetindo o Rey forvorosamente os Santissimos Nomes de Jesus, e Maria com o Soberano titulo da Conceiçaõ, Advogada antiquissima da Casa de Bragança. Separaraõ a Raînha nesse tempo; e eclypsado aquelle augusto Sol, redemptor de Portugal, lhe cerrou os olhos o Camereiro mór; e depois de o encommendarem a Deos, todos os que estavaõ presentes lhe beijaraõ a maõ. Sahio o Confessor da Raînha a dar-lhe a noticia, e assistir-lhe naquella inconsolavel pena; e o mesmo fez com o Principe, e Infantes seu Mestre o Bispo eleito de Granada. O Camereiro mór fechou a porta da Camera, onde o corpo do Rey estava, e assistido dos moços da Guardaropa amortalhou o cadaver no habito de S. Francisco da Provincia da Piedade, sobre elle o manto da Ordem de Christo com as mais insignias de Cavalleiro, Corôa, e Sceptro. Ficou o corpo sobre o leito; e depois de ornada toda a casa com magnificencia decente, entráraõ os Officiaes da Casa, e Religiosos a lançar-lhe Agua benta, e assistir-lhe, beijando-lhe a maõ antes de tudo. Deraõ os Sinos a noticia ao póvo, e foraõ taõ extraordinarios os extremos de sentimento, que só faltou matarem-se os Vassallos. Nessa tarde se juntáraõ no Paço os Conselheiros de Estado, alguns Titulos, e os Officiaes da Casa; e perante elles abrio o Secretario de Estado o testamento do Rey, no qual se achou deixava nomeada a Raînha D. Luiza por tutora, e curadora de seus filhos, Regente, e Governadora do Reyno; e que depois de huma singular justificaçaõ

de

de todas as acções do seu governo ordenava; que se acabasse a Capella Real do modo que a deixava traçada; que se proseguisse, e acabasse o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra; que se dividissem varias tenças, que importavaõ somma consideravel, por pessoas, que nomeava; que se repartissem vinte mil cruzados por Mosteiros pobres; que se sepultasse o seu corpo na Igreja de S. Vicente de Fóra no lugar, que a Raînha elegesse; que se instituissem quatro Missas quotidianas; que em Lisboa, e em todo o Reyno com a brevidade possivel se dissessem pela sua alma o numero de Missas, que, álem de cem mil, julgasse a Raînha conveniente. Lido o testamento, e acabada a tarde, passáraõ os Officiaes da Casa o corpo do Rey para a Sala dos Tudescos, que estava magnificamente armada, e alcatificada, e no meyo della hum throno, em que se pôs o corpo do Rey em hum caixaõ de Brocado; e depois de o accommodar nelle o Camereiro mór, o cobrio com hum panno do mesmo Brocado o Reposteiro mór. Na manhãa seguinte celebrou Missa Pontifical na mesma Sala o Bispo Capellaõ mór em hum Altar, que se levantou no topo della, debaixo de hum docel, e em muitos Altares, que se eregîraõ em toda, e no corredor, se disseraõ muitas Missas, entoando ao mesmo tempo o Officio dos defuntos perennemente os Capellães junto ao tumulo, assistindo, e celebrando os Prelados das Religiões, e subditos de mayor graduaçaõ. Na mesma Sala assistîraõ os Titulos, e mais Nobreza nos lugares, que lhes competiaõ, quando o Rey era vivo: naõ foi possivel com guardas dobradas impedir a torrente do pôvo, rompeo todas, e com alarido, nunca visto em morte alguma de Monarca da Europa,

ropa, fobiraõ á Sala dos Tudefcos, chorando, e foluçando todos a gozar-fe ao menos da vifta do tumulo de hum Rey, que todos amáraõ como Pay. Pelas oito horas da noite defcêraõ á Sala dos Tudefcos o Principe D. Affonfo, e o Infante D. Pedro acompanhados de alguns Titulos, e Officiaes da Cafa, nomeados para efta funçaõ, trazendo a falda do capuz, que o Principe trazia veftido, Garcia de Mello, Monteiro mór, porque o Conde Camereiro mór, a quem pertence, affiftia ao corpo do Rey, e a do capuz do Infante Ruy de Moura Telles, do Confelho de Eftado, Védor da Fazenda, e Eftribeiro mór da Raînha; chegáraõ ao tumulo fizeraõ oraçaõ, e lançáraõ Agua benta ao Rey feu Pay; fobio logo o Repofteiro mór ao alto da tarima, e defcobrio o caixaõ; chegáraõ a pegar nelle os Duques de Aveiro, e Cadaval, o Marquez de Niza, os Condes de Odemira, Villa pouca de Aguiar, e Villar mayor, D. Joaõ de Soufa, Prefidente do Senado da Camera, e Védor da Raînha, e Jorge de Mello do Confelho de Guerra; leváraõ eftes o Caixaõ até á liteira, que eftava no patio, ou clauftro da Capella, cuftofamente ornada, como tambem o coche de refpeito; rodeavaõ-a os moços da Eftribeira em grande numero com tochas de cera amarella, as quaes entregáraõ aos moços da Camera tanto que o corpo do Rey entrou na liteira, onde accommodáraõ o caixaõ os Officiaes da Cafa, como fe foffe vivo, fechando a portinhola, e mandando caminhar o Eftribeiro mór. O Principe, e Infante acompanháraõ o caixaõ, e corpo de feu Pay até o ultimo degráo, e nelle eftiveraõ até a liteira fe perder de vifta, tirando-lhe o chapéo, e fazendo-lhe profunda reverencia com o joelho em

terra

terra à primeira vez ao entrar da liteira; o mesmo, quando ella hia no meyo do patio, e a ultima quando sahio do arco. Caminhou a liteira com vagar, dando tempo a montarem os Titulos e Officiaes que tinhaõ levado o caixaõ, e tomarem os lugares, que lhes pertenciaõ no enterro do Rey; o que feito, sem que houvesse desordem, nem parassem, caminhou o enterro, como diremos logo.

FIM
DA OITAVA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto,
Anno de M.DCC.LIX.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA IX.

JA as noites permittem Conferencias depois de cea, e esta foi a segunda, na qual disse o Theologo: Caminhou o enterro com grande pompa, e magestade, iaõ a diante os Porteiros da cana, seguiaõ-se os Corregedores do Crime da Côrte, e em duas alas toda a Nobreza, e Officiaes da Casa, entre elles os Capellães do Rey rezando em voz baixa, e entoada; todos os referidos iaõ a cavallo diante da liteira, que rodeavaõ sessenta moços da Camera com tochas accesas; seguiaõ-se os Capitães da Guarda Portugueza, e Alemãa com todos os Soldados dellas, assistindo fixos, e cantando desde o Paço até S. Vicente com luzes todos os Religiosos, e Clerigos da Cidade. No terreiro de S. Vicente estava a Irmandade da Misericordia: os Officiaes da Casa, que tinhaõ mettido o caixaõ na liteira, o tiráraõ della, e o entregáraõ aos Irmãos, que o leváraõ até o Côro, que nesse tempo, e até o nosso foi detrás da Capella mór. Aberto o caixaõ pelo Secretario de Estado na presença dos Officiaes da Casa, fez hum auto, em que foraõ testimunhas todos os presentes, e juráraõ era aquelle o mesmo

corpo do Rey, e que na fórma, em que sahîra do Paço, o entregavaõ ao Prior daquelle Convento, que fez hum termo de o haver recebido; e fechado o caixaõ, foi mettido no tumulo para servir só de pouca porçaõ de terra aquelle Monarca, que com soberano poder havia pouco antes dominado nas quatro partes della, e alcançado em todas prodigiosas vitorias. A Raînha escolheo para sepultura de seu marido o melhor jazigo, que teve Rey algum no mundo, que vós todos vistes debaixo da banqueta do Altar mór do dito Convento de S. Vicente, de sorte que ficava debaixo do Sacrario, em quanto elle esteve nesse Altar, e depois quando o mudáraõ para o Altar do topo do Cruzeiro da parte do Evangelho, onde passou para o collateral, ficou debaixo da Custodia quando se expunha o Sacramento, lugar donde o trasladou para huma casa junto ao Côro o Rey D. Joaõ o grande seu neto. Foy o Rey D. Joaõ IV. de mediana estatura, muito gentil antes das bexigas, que lhe mudáraõ o primeiro semblante, o cabello louro, os olhos azuis, alegres, e agradaveis, a barba mais clara do que o cabello, o corpo grosso, mas taõ robusto, que se a desordem, com que o alimentava, o naõ descompuzera, promettia muito mayor duraçaõ. Desestimava de sorte a pompa dos vestidos, que fazia gala de trazer os menos alinhados, applicando grande diligencia, para que se naõ alterassem os trajes, nem fossem as Nações extranhas (como elle dizia) senhoras das vontades dos seus vassallos. Na conversaçaõ foi taõ discreto, que, naõ sendo as palavras as mais polidas, usava dellas com tal arte, galantaria, e agudeza, que pareceo fazia estudo do que em outros pudéra ser defeito; o entendimento era pro-

prio

prio para negocios grandes. Foy vencedor na Europa, defendeo-se na Asia, e Africa, triunfou na America. Nunca passou de liberal a prodigo; e a morte descobrio a grande economîa, com que dispendeo os dinheiros do Reyno, ajustando o gasto com o recibo. Amou a Musica, estimou a caça, e foi excellente em huma, e outra cousa; observou hum tal equilibrio na justiça, e misericordia, que facilmente em outro se naõ acha; venerou a Religiaõ com o mayor excesso, de que foi, e será testimunha todo o mundo, que admirou a humildade, e paciencia, com que tolerou os negocios de Roma; logrou tal eminencia em prever futuros, que nunca intentáraõ acçaõ os seus inimigos, para que elle naõ tivesse antes preparado remedios; creou de novo o titulo de Principe do Brasil, e Duque de Bragança em seu filho mais velho o Principe D. Theodosio; e por morte deste, fez mercê do mesmo ao filho segundo, e deu o titulo de Duque de Béja ao terceiro D. Pedro com o Senhorîo daquella Cidade, doações, e rendas. A Nuno Alvares Pereira, filho do Marquez de Ferreira, fez Duque do Cadaval; a D. Alvaro Pires, Conde Monsanto, fez Marquez de Cascaes; a D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, Marquez de Aguiar; a D. Vasco da Gama, Conde de Vidigueira, fez Marquez de Niza; a D. Fernando Mascarenhas, filho do Marquez de Montalvaõ, fez Conde de Serem; a Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete; a D. Joaõ da Costa, Conde de Soure; a D. Luiz Lobo Baraõ de Alvito, Conde de Oriola; a D. Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde; a D. Francisco de Sousa, Conde do Prado; a D. Fernando de Me-

 nezes,

nezes, Conde da Ericeira; estes dous tinhaõ recebido de Filippe III. os titulos, e o Rey lhos confirmou; restituio a D. Fernando Mascarenhas o titulo de Conde da Torre, de que fôra privado iniquamente no governo de Castella. Fez doaçaõ á Raînha sua mulher de muitas terras, que ficáraõ em herança para todas as Raînhas futuras. Deo com maõ larga muitas commendas, officios, e tenças de muita importancia, mas com tal governo, que ao mesmo tempo desempenhou a Coroa de consideraveis quantias, a que estava obrigada. Foi casado huma só vez com a Raînha D. Luiza de Gusmaõ, filha dos Duques de Medina Sidonia D. Manoel de Gusmaõ, e D. Joanna do Sandóval. Os filhos de ambos foraõ primeiro o Principe D. Theodosio, que morreo em Lisboa de desanove annos de idade com o mayor sentimento de todo o Reyno, por ser o mais excellente composto de virtudes, e talentos, que admirou em Principe o mundo; via-se nelle piedade generosa, modéstia soberana, admiravel juizo, e insigne valor; foi seu Mestre D. Pedro Poeros, que lhe cultivou muito estas virtudes, inclinando-o desde os primeiros annos a dar esmola de sorte, que depois dava aos pobres tudo o que tinha. Antes de ter sete annos sabia de memoria o Officio de N. Senhora, e o rezava todos os dias com summa devoçaõ. Ouvia Missa derramando copiosas lagrimas; em quanto ella durava taõ modesto, que nunca tratou segunda vez pessoa, a quem ouvio palavra menos pura; foi obedientissimo a seus pays; de poucos annos soube, e fallou com summa elegancia a lingua Latina; teve grande noticia da Grega, e Hebraica, soube a Franceza, e Italiana; antes dos dezasete annos foi excellente Filosofo, e admi-

e admiravel Theologo; ſoube Medicina, Direito Canonico, e Civil medianamente; foi Mathematico conſummado de ſorte, que, chamando-ſe para ſeu Meſtre o P. Joaõ Ciermans, chamado vulgarmente Colmander, indo a dar-lhe a primeira liçaõ, achou nelle tantas, e taõ raras noticias daquella excellente faculdade, ou unica ſciencia, que diſſe achára nelle mais meſtre, de quem aprender, do que diſcipulo, a quem enſinar. Foi muito deſtro no jogar das armas, e manejo dos cavallos; delineava fortalezas com ſumma perfeiçaõ. Nas artes mecanicas taõ pratico, que obrava rologios, e torneava ovádos; ſoube pintar com primoroſa naturalidade; por ſua induſtria ſe fabricáraõ folhas de eſpadas, e outras couſas de igual proveito, e curioſidade. Foi ſummamente applicado á liçaõ das hiſtorias: das ſagradas tinha a mais vaſta noticia; das humanas toda; deixou compoſtos alguns livros de ſumma erudiçaõ, e outros diſcurſos de grande eloquencia. Eſtimava com ſumma attençaõ os varões doutos em qualquer faculdade, ou arte liberal. Aos Soldados de conhecido valor favorecia com animo taõ generoſo, q̃ coſtumava dizer, era o ſeu mayor ſentimento vêr Soldado benemerito ſem premio. Era amantiſſimo da Nobreza, clementiſſimo com o pôvo, e amava tanto o de Lisboa, que poucos dias antes de morrer chamou o Juiz delle, e lhe diſſe: *Dizei ao meu pôvo que, ſe Deos me dér vida, toda heide gaſtar em ſua defeza; e que, ſe for ſervido levar-me para ſi, com mais efficaz diligencia lhe aſſiſtirei na Gloria:* e muitas vezes coſtumava repetir: *Que, ſe naõ houveſſe de vér ſeus vaſſallos livres das oppreſſões, que padeciaõ, naõ queria ſer Rey de Portugal.* De treze annos começou a aſſiſtir nos Conſelhos de

Eſta-

Estado, e de sorte eraõ elevados os seus discursos; que se observavaõ as suas opiniões como vozes de oraculo, como se vio no conselho pleno, em que o Rey seu pay communicou o grande negocio, e notaveis consequencias de amparar no porto de Lisboa, ou negar a entrada ao Principe Roberto, General do Rey de Inglaterra, e a seu irmaõ Mauricio, filhos do Conde Palatino, perseguidos dos Parlamentarios depois da cruel morte do Rey Carlos I., no qual o Principe deo o seu voto escrito na lingua Latina com tal elegancia, energia, abundancia de noticias politicas Divinas, e Humanas; e taõ fortes razões, que o Rey, a Raînha, e todos os Conselheiros seguîraõ o seu voto, que servio de gloria á Naçaõ em todo o mundo, que vio amparavamos Principes quando nos julgavaõ desamparados. No anno de 1652. o nomeou o Rey Capitaõ General das Armas de todo o Reyno, de que se lhe passou Patente, que se registou em todas as Provincias, ficando todos os Póstos Militares, e Consultas, que tocavaõ á Guerra, subordinadas ao seu poder: no dia, em que tomou posse do Generalato, compoz huma notavel oraçaõ Latina, em que como Salamaõ pedia a Deos sciencia para governar os exercitos, e os póvos; e esta rezava todos os dias de joelhos: foraõ notaveis todas as direcções do seu governo, e taõ flexivel em se accommodar ao melhor parecer, que, ordenando se naõ fizessem prezas em Castella, nem se queimassem lugares; e replicando D. Joaõ da Costa, que só com prezas, e incendios podia ser fructuosa a guerra no Alemtejo, revogou logo a ordem, e escreveo a D. Joaõ huma carta taõ cheya de louvores, que o deixou satisfeito, e obrigadissimo.

no. Depois de outras moleſtias, hum terrivel defluxo no peito lhe tirou a vida a 15. de Mayo de 1653., depois de experimentar mudanças de ar em varias quintas; ultimamente na de Paulo de Carvalho em Alcantara a ſeis do dito mez ſe ſujeitou ao leito taõ deſenganado, que, dizendo-lhe alguns Religioſos, obrigados das lagrimas de ſeus pays, que pediſſe a Deos lhe déſſe ſaude para o ſervir, e amparar o Reyno, reſpondeo: *Tal naõ farei; porque eſtou totalmente reſignado na vontade Divina; e ſó deſejo ver-me na Gloria*: e voltando para os Reys ſeus pays, lhes diſſe: *Que ſe naõ entriſteceſſem; porque confiava em Deos era conveniente a morte para a ſua ſalvaçaõ; e que lhes promettia ſer ſeu interceſſor quando ſe viſſe na patria Celeſtial.* Na ultima hora mandou, que ſe pediſſe perdaõ ao pôvo, e a todo o Reyno dos defeitos do ſeu governo; pedio ao Rey pagaſſe logo os ſerviços dos ſeus criados, lembrando-lhe mandaſſe Prégadores Evangelicos ás Conquiſtas; e encommendou-lhe o deſempenhaſſe de hum voto, que fizera a Santa Iſabel quando paſſára por Eſtremoz, que era edificar lhe hum Templo no lugar, onde morreu; diſſe-lhe hum Religioſo, que brevemente havia de fazer a jornada dos mortaes, e reſpondeo: *Nunca entendi q̃ tanto ſe dilataſſe*: iſto diſſe rindo; e logo abraçado com huma Imagem de Chriſto crucificado, repetindo fervoroſamente o Texto: *Sicut deſiderat cervus ad fontes aquarum, ita deſiderat anima mea ad te Deus: Præbe mihi cor tuum, & ego trado tibi cor meum*: elevado em profunda contemplaçaõ entregou o eſpirito ao Senhor. O Veneravel Padre Fr. Miguel de S. Jeronymo, Carmelita deſcalço, com quem o Principe coſtumava communicar o ſeu

eſpi-

eſpirito, lhe vaticinou a morte, e o premio. Adoeceo eſte grande Religioſo; e mandando-o o Principe viſitar pelo Conde de Miranda, ſeu Gentil-homem da Camera, e achando-o no ultimo parociſmo, lhe deo o recado; a que elle ainda com voz clara reſpondeo, agradecendo a honra, que lhe fazia, e por ultimo diſſe ao Conde: *Que podia ſegurar a Sua Alteza, que depreſſa ſe haviaõ de ver*. Aſſim ſe verificou; porque Fr. Miguel morreo a 19. de Abril, e o Principe a 15. de Mayo ſeguinte. Naõ he explicavel o ſentimento dos Reys, e do Reyno na morte do Senhor D. Theodoſio, primeiro Principe jurado neſte Reyno depois da ſua glorioſa redempçaõ. Era de eſtatura proporcionada, galharda preſença, roſto grave, branco, e córado, olhos, e cabellos pretos, o corpo robuſto antes que os eſtudos exceſſivos, e os achaques, que lhe reſultáraõ delles, o debilitaſſem: com magnifico apparato, e lagrimas foi a ſepultar no Moſteiro de Belem. Continue a Conferencia o irmaõ Soldado, que eu, depois de contar as mortes de dous heroes taõ grandes, naõ tenho coraçaõ para mais.

FIM

DA NONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA X.

NAõ permittio a mágoa ao Theologo dizer mais; e continuou o Soldado a Conferencia, dizendo: Acabou no Principe D. Theodoſio o melhor compoſto de virtudes, que vîraõ os ſeculos preſentes: palavras ſaõ eſtas do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Conde da Ericeira, que ſe criou com elle, e lhe aſſiſtio, creyo que até á morte; neſta cremos teve a melhor fortuna, mas o Reyno certamente diſgraça; porque com a ſua vida, álem de infinitos bens, intereſſava evitar as deſordens, que lhe ameaçáraõ ruîna no governo de ſeu irmaõ D. Affonſo, que foi jurado Principe ſucceſſor do Reyno em Côrtes no meſmo anno. Eſte foi o ſegundo filho do Rey D. Joaõ IV.; terceiro foi D. Pedro, que para remedio do Reyno, que perigava no governo de ſeu irmaõ, foi primeiro Regente, e depois Rey admiravel em tudo; quarto D. Joanna, que morreo pouco depois do Principe D. Theodoſio em Lisboa na idade de 16. annos; quinto D. Catharina, Raînha de Inglaterra, por caſar com Carlos II. Rey daquella Monarquia, e depois da ſua morte, ſe recolheo

a Lisboa, onde falleceo no Palacio da Bem-pósta. Fóra do matrimonio teve o Rey huma filha D. Maria, recolhida no exemplar Mosteiro de Carmelitas descalças em Carnide, pouco distante de Lisboa; nesta Cidade morreo o Rey Segunda feira 6. de Novembro de 1656., tendo de idade sincoenta e dous annos, e sete mezes, dos quaes foi Duque de Barcellos vinte e seis annos, Duque de Bragança dez, e Rey de Portugal dezaseis. Faltou ao Reyno, quando todos o julgavaõ mais necessario para conservallo; porém certamente deixou o Reyno invencivelmente estabelecido com a restituiçaõ, que fez ao Mosteiro de Alcobaça das terras, e rendas, que lhe tirou o Rey D.Sebastiaõ para Commenda de seu Tio Cardial Rey, de que já vos démos larga noticia em outra Conferencia, em que tratámos da profecia de S. Bernardo escripta ao Rey D. Affonso I. Mais estabelecido (disse o Ermitaõ) deixou elle o Reyno nomeando por sua Protectora Nossa Senhora da Conceiçaõ de Villa-Viçosa, affecto que a Senhora remunerou no mesmo dia, fazendo levantar o primeiro cerco de Elvas, posto pelo Marquez de Torrecuza. Assim a Praça como o Fórte estavaõ em taõ miseravel estado, que houve muitos votos, para que o deixassem ao inimigo, que senhor já do Cazaráõ, com poder muito superior ao nosso, podia conquistar a Praça quasi aberta nesse tempo, e melhor o Fórte de Santa Luzia, donde nos faría a mais penosa guerra; mas a Virgem Senhora no mesmo dia, em que tomou posse do Reyno, como especial protectora delle todo, cegou de sorte o General Castelhano, que de noite se ausentou para Badajoz com o exercito, e nos deixou livres para evitarmos com excellentes fortificaçóes o damno futuro. De-

votis-

votissimo (disse o Theologo) foi o Rey D. Joaõ deste soberaro Mysterio da Mãy de Deos, de sorte que obrigou a todos neste Reyno a jurar, que ella fôra concebida em graça sem mancha do peccado original; constou esta acçaõ piissima ao Cardial Massarini, primeiro Ministro de França, de quem o Rey, e o Reyno dependia muito naquelle tempo, e estranhou, que o Rey obrigasse os Vassallos ao dito juramento, com todas as demonstrações de sentido; porém o Rey desprezando todos os interesses temporaes, e damnos, que se podiaõ temer do odio do Cardial, senhor absoluto daquella grande Monarquia, mandou se executasse a sua ordem, e todos jurassem defender até dar a vida a proposiçaõ, que assevera foi a Senhora concebida em graça, sem mancha do peccado original, desde o primeiro instante de seu ser. Naõ vos admireis disso (disse o Soldado), porque esta devoçaõ ao Mysterio da Conceiçaõ Imaculada he o primeiro leite, com que se alimentáraõ todos os Serenissimos Duques de Bragança: e se algum dia fores a Villa-Viçosa, vereis no trem do seu inexpugnavel Castello os arnezes, com que elles iaõ á Campanha, e eraõ armados Cavalleiros, e achareis a Senhora da Conceiçaõ aberta ao buril, e doirada nos peitos de todos. Quando ouvires a historia da milagrosa Imagem da Conceiçaõ de Villa-Viçosa, Protectora do Reyno, e a sua prodigiosa invençaõ conhecereis, que os Serenissimos Duques, e seus descendentes lhe devem maternal affecto, e lho aggradecem como filhos mais favorecidos: e já que os vemos Coroados, será justo vos conte a Genealogia dos nossos Soberanos da mesma sorte, que se achaõ numerados no seu Cartorio, donde o trasladou o Padre Mestre

Fr. Antonio da Purificação, que foi o primeiro, que os imprimio juntos, e onde os lî. O primeiro avô, de que ha memoria, he Hilminando, irmaõ de Hildeprando, Rey de Lombardia em Italia. O segundo he Minando, filho de Hilminando, a quem chamáraõ, por corrupçaõ de vocabulo, Menendo, e vulgarmente Mendo, do qual diz o Conde D. Pedro, e outros, que se achára na infeliz batalha do Rey D. Rodrigo no anno de 713. Retirou-se para Lombardia, donde veyo com huma grossa Armada sobre Galliza com intento de reinar naquella grande parte de Espanha; porém derrotado totalmente por huma tempestade, deixou o intento: accommodando-se com a fortuna, que tinha, casou com D. Joanna Romanaes, filha do Conde D. Romaõ, ou Reimaõ, sobrinha pela parte do pay do Rey D. Affonso I. de Leaõ, o qual o fez Conde de Trastamara, e com este titulo continuáraõ seus descendentes até a decima geraçaõ. O terceiro he D. Froyla Mendes, filho do sobredito D. Mendo, segundo Conde de Trastamara, e Potestade (isto he Fronteiro mór) da Provincia de Entre Douro, e Minho, dignidade, que alguns dizem tivera tambem seu pay D. Mendo, em quanto viveo; casou com D. Grisodora, filha do Conde D. Alvaro Dias de Asturias. O quarto he D. Veramundo, ou Bermudo Froilas, terceiro Conde de Trastamara, filho do sobredito D. Froyla, casou com D. Aldonça Ruiz, filha de D. Rodrigo Reimaõ, Conde de Monte Roso em Galiza, e neto do Conde D. Reimaõ, irmaõ do Rey D. Affonso I. de Leaõ, sogro que fôra de D. Mendo seu avô. O quinto he D. Froyla Bermudes, quarto Conde de Trastamara, filho do sobredito D. Bermudo, casou

com

com D. Sancha ; foi Rey de Leaõ algum tempo ; mas estando de posse pacifica em Compostela, o matáraõ, e succedeo no Reyno seu oppositor D. Affonso Magno. Deste D. Froyla descendem os Reys de Portugal, como nota o Conde D. Pedro, porque delle descendeo D. Mafalda, mulher do Rey D. Affonso Enriques, primeiro Rey deste Reyno. O sexto he D. Bermudo Froylas, filho do sobredito D. Froyla, quinto Conde de Trastamara; foi casado com a Raînha D. Aldonça, ou Olfenda. Septimo he D. Rodrigo Froylas, filho do sobredito D. Bermudo, sexto Conde de Trastamara; foi casado com D. Menina, ou Moninha Gonsalves, filha de D. Gonsalo Mendes o Lidador, que tambem tinha por sobrenome Amaya, por ser senhor de huma Villa deste nome em Castella a Velha. Oitavo he D. Froyla Bermudes, filho do sobredito D. Rodrigo, septimo Conde de Trastamara, e Potestade de Braga; casou com D. Elvira Gonsalves, filha de D. Gonsalo Munhós da Villa de Lobos, e ajudou muito ao Conde de Portugal D. Enrique nas guerras contra os Mouros, naõ sendo seu vassallo. O nono he D. Bermudo Froylas, filho do sobredito D. Froyla, oitavo Conde de Trastamara, e Potestade em muitas terras de entre Douro, e Minho; naõ se sabe com quem casou. O decimo he D. Rodrigo Froylas, filho do sobredito D. Bermudo, nono Conde de Trastamara, e Potestade; como seu Pay, casou com D. Braca, ou Branca Ruiz de Castro, irmãa de D. Fernando Ruiz de Castro, marido de D. Estefania, filha do Rey D. Affonso VIII. de Leaõ; achou-se na milagrosa batalha das navas de Tolosa. O undecimo he D. Gonsalo Ruiz de Palmeira, filho do sobredito D. Rodrigo,
decimo

decimo Conde de Traſtamara; caſou com D. Froyla Affonſo, filha do Conde D. Affonſo de Cellanova, Geração Real no Reyno de Galliza. Eſte Conde D. Gonſalo eſcandalizado do Rey de Leaõ, paſſou para Portugal, onde o Rey D. Sancho II. o fez Senhor do lugar de Palmeira, na Provincia de entre Douro e Minho, e deſte lugar tomou o ſobrenome. Eſte foi o ultimo Conde de Traſtamara, que houve deſta Illuſtriſſima Familia, por cauſa da ſua mudança de Leaõ para Portugal. O duodecimo he D. Rodrigo Gonſalves de Pereira, filho do ſobredito D. Gonſalo; caſou duas vezes, a primeira com D. Ignês Sanches, a qual elle matou iniquamente no ſeu Caſtello de Lanhozo, e deſta naõ teve filhos; caſou ſegunda vez com D. Sancha Enriques de Porto Carreiro, filha de D. Enrique Fernandes o Magro, foi ſenhor dos Lugares de Palmeira, e Pereira, o qual era ſituado na Ribeira do Minho no Julgado de Sanfins, no qual obrou Deos hum grande milagre no tempo, em que o Rey D. Affonſo I. andava conquiſtando as terras da Galliza até o Douro. Eſtavaõ os poucos Catholicos para dar batalha a hum formidavel exercito de Mouros, cujo Rey contava a victoria por ſua, fiado na multidaõ, quando de repente appareceo á viſta dos dous exercitos huma Cruz, lançando notavel reſplandor ſobre huma Pereira; cobráraõ os Catholicos grande animo, e os Mouros perdêraõ todo o alento, de ſorte, que fôraõ todos mortos, e o ſeu Rey: em memoria deſta milagroſa appariçaõ da Cruz, e victoria ſe fundou alli hum lugar, de que ainda ha veſtigios; e vindo depois a deſpovoar-ſe, o mandou reſtaurar o Rey D. Diniz, e o deo a eſte D. Rodrigo Gonſalves, que fez nelle o ſeu aſſento, e domicilio, e

daqui

daqui tiveraõ principio o appellido, e armas dos Pereiras, que outros por engano julgáraõ procedêra da Cruz, que appareceo na batalha das Navas de Toloza: saõ as ditas armas huma Cruz de prata florîda em campo vermelho, e por timbre huma Cruz vermelha florîda, e vazia entre dous cotos de azas de Anjos. O decimo terceiro he D. Pedro Ruiz Pereira, filho do sobredito, senhor das Villas de Palmeira, e Pereira; casou a primeira vez com D. Estefania Enriques de Teixeira, filha de D. Hermigo Mendes, da qual nasceo D. Gonsalo Ruiz Pereira, e D. Brites Peres; a segunda vez casou com D. Maria Peres Gabriel, da qual nascêraõ D. Gonsalo Peres Pereira, Commendador mór de Espanha. O decimo quarto foi D. Gonsalo Ruiz Pereira, filho do sobredito D. Pedro Ruiz, senhor das Villas de Palmeira, e Pereira; casou a primeira vez com D. Branca Vasques, filha de D. Vasco Pimentel, da qual nascêraõ D. Vasco Pereira, e D. Gonsalo Pereira; casou segunda vez com D. Ignês Lourenço, filha de D. Lourenço Annes, Mestre da Ordem de S. Tiago em Portugal, e della nasceo D. Estefania Gonsalves. D. Vasco, primogenito do primeiro matrimonio, resuscitou o antigo appellido, e patronímico da sua ascendencia de Froylas, o qual com o tempo se corrompeo, e mudou em Forjaz: assim continuou nos seus descendentes, e hoje se conserva no Conde da Feira. O segundo filho D. Gonsalo Pereira, foi Arcebispo de Braga, porém do tempo, em que estudava em Salamanca, teve hum filho de huma senhora, com quem intentava casar, chamada D. Theresa Villarinho, o qual se chamou D. Alvaro Gonsalves Pereira. Decimo quinto foi D. Gonsalo Pereira,

Arce-

Arcebiſpo de Braga, de que acabamos de fallar. Decimo ſexto foi ſeu filho D. Alvaro Gonſalves Pereira, Prior do Crato, eſte teve trinta e dous filhos de diverſas mulheres; a mais nobre dellas, e mais eſtimada delle foi D. Eiria Gonſalves, da qual teve nove filhos, e deſtes o mais eſtimado, mas naõ o mais velho, foi o memoravel, unico, e ſanto Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, Conde de Ourem, ſegundo Condeſtavel de Portugal, que venceo dezaſete vezes os Caſtelhanos em balalhas, rejeitou ſer Rey do Algarve, e o mundo; morreo com o habito de Noſſa Senhora do Monte do Carmo, fundaçaõ ſua em Lisboa: no Cartorio dos meſmos Sereniſſimos Duques de Bragança ſeus netos ſe acha hum quaderno, que têm cento e oitenta e dous milagres, que obrou depois de morto, com o titulo: *Milagres do ſanto Condeſtavel, Religioſo da Ordem de N. Senhora do Carmo*; e outro, com duzentos e vinte e hum milagres, em que entraõ os 182.

FIM
DA DECIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XI.

DEpois de pouco espaço para as devoções costumadas neste sitio, continuou a materia da Conferencia passada o Soldado, dizendo: O decimo septimo he o Conde D. Nuno Alvares Pereira, filho do sobredito D. Alvaro Gonsalves, Prior do Crato; casou com D. Leonor de Alvim, Senhora illustrissima, da qual naceo D. Brites, ou Beatriz Pereira, que casou com D. Affonso, filho do Rey D. João I. o qual foi o primeiro Duque de Bragança: naceo deste matrimonio D. Fernando. Por morte de D. Beatriz, casou o Duque segunda vez com a Senhora D. Constança de Noronha, filha do Conde de Giron, que morreo com opinião de Santa, e no Cartorio dos Serenissimos Duques se acha hum processo dos seus milagres, dos quaes oito estão authenticos; está sepultada no Convento de S. Francisco de Guimarães, e o Duque em outro Mosteiro dos Padres Capuchos na Villa de Chaves, onde morreo no anno de 1461. O decimo oitavo he o sobredito D. Affonso, e D. Beatriz. O decimo nono he D. Fernando, primeiro deste nome, segun-

do Duque de Bragança, filho dos sobreditos D. Affonso, e D. Beatriz; casou com D. Joanna de Castro, filha de D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval; morreo em Villa-Viçosa, onde jaz na Capella mór do Convento de Santo Agostinho em hum notavel Mausoléo, como o saõ todos os dos seus descendentes, obra do memoravel Rey D. Pedro II. em cumprimento das ultimas vontades de seus avós; na sepultúra tem este letreiro: *Aqui jaz D. Fernando, II. Duque de Bragança.* O vigesimo he D. Fernando II. deste nome, e terceiro Duque de Bragança, filho do sobredito D. Fernando I.; casou a primeira vez com D. Leonor de Noronha, filha de D. Pedro de Menezes, primeiro Capitaõ de Ceuta; a segunda vez com D. Isabel, filha do Infante D. Fernando; morreo degollado em Evora por fallas informações, e imposturas, como dissemos na vida do Rey D. Joaõ II., o que reconhecendo o Rey D. Manoel, que lhe succedeo na Corôa, apenas a pôs na cabeça, restituio a seu filho D. Jaime o Ducado, e bens confiscados: foi depositado no Convento de S. Domingos de Evora, e trasladado para o de Santo Agostinho de Villa-Viçosa, onde até a natureza publíca na pedra do Mausoléo a sua innocencia, como vos contei, e sou testimunha de vista; tem o letreiro: *Aqui jaz D. Fernando, III. Duque de Bragança.* O vigesimo primeiro he D. Jaime, quarto Duque de Bragança, filho dos sobreditos D. Fernando, e D. Isabel; casou a primeira vez com D. Leonor, filha do Duque de Medina Sidonia, a quem tyrannamente matou em huma casa baixa, onde se conserva o sangue innocente nas paredes, e huma fonte, onde fazia penitencia, depois da sua morte; tudo em Villa-Viçosa tradiçaõ con-

constante. O Rey D. Manoel em castigo deste delicto o condemnou a que fosse tomar em Africa aos Mouros a Cidade de Azamor á sua custa; o que elle fez, e conquistou tambem Safim, Mazagaõ, e Cabo Guer: casou segunda vez com D. Joanna de Mendonça, filha do Alcaide mór de Mouras; foi jurado Principe deste Reyno no caso, em que o Rey D. Manoel naõ tivesse succesaõ; fundou o Mosteiro das Chagas de Villa-Viçosa para Religiosas Agostinhas, as quaes naõ querendo admittir o passadiço, e entrada das Duquezes para o Côro, o largáraõ, e em seu lugar succedêraõ as de Santa Clara de Béja, sendo para Abbadessa a Madre Soror Maria de S. Thomé, irmãa da Duqueza D. Joanna, segunda mulher do Duque D. Jaime, e as Agostinhas fôraõ fundar na mesma Villa na rûa chamada Corredoira em humas casas, que lhes deo hum Clerigo devoto, chamado Mendo Rodrigues, sobre as quaes appareceo huma Cruz, donde tomou nome o Mosteiro: morreo em Villa-Viçosa, e jaz no Convento de Santo Agostinho com o letreiro: *Aqui jaz D. Jaime, quarto Duque de Bragança.* O vigesimo segundo he D. Theodosio, primeiro deste nome, e quinto Duque de Bragança, filho dos sobreditos Duques D. Jaime, e D. Leonor; casou a primeira vez com D. Isabel de Lencastro, filha de D. Diniz, Conde de Lemos, e á segunda com D. Beatriz, filha de D. Luiz da Lencastro; intentou fundar Universidade no Convento de Santo Agostinho de Villa-Viçosa, onde morreo, e jaz no dito Convento com o epitafio: *Aqui jaz D. Theodosio, quinto Duque de Bragança.* O vigesimo terceiro he D. Joaõ I. deste nome, sexto Duque de Bragança, filho dos Duques D. Theodosio, e D. Isabel; casou

com

com a Senhora D. Catharina, filha do Infante D. Duarte, o qual era filho do Rey D. Manoel; esta Senhora por morte do Cardial Rey era a legitima herdeira deste Reyno, que lhe usurpou o Rey Filippe II. de Castella' como ja vos contamos; morreo o Duque D. Joaõ em Lisboa, e foi levado seu corpo à Villa-Viçosa, onde jaz no Convento de Santo Agostinho com o letreiro: *Aqui jaz D. Joaõ, sexto Duque de Bragança.* O vigesimo quarto he D. Theodosio, segundo deste nome, e septimo Duque de Bragança, filho do sobredito Duque D. Joaõ, e da Senhora D. Catharina; casou com D. Anna de Valasco, filha do Condestavel de Castella; sendo de onze annos acompanhou o Rey D. Sebastiaõ a Africa, onde ficou captivo dezoito mezes; foi Principe santo, e com essa opiniaõ morreo; intentou mudar os ossos de seus avós da Capella dos Duques no Claustro, para a Capella mór do mesmo Convento de Santo Agostinho de Villa-Viçosa, que para isso erigio o Conde D. Nuno Alvares Pereira, e para isso se mandou depositar na Capella mór dos Padres de S. Paulo com os ossos dos Duques, até se acabar a dita Capella mór, e os notaveis Mausoléos, em que todos estaõ sepultados; ahi jaz com o letreiro: *Aqui jaz D. Theodosio, septimo Duque de Bragança.* O vigesimo quinto foi o Serenissimo Rey D. Joaõ IV., de que ha pouco recebestes as noticias, que permitte a nossa ignorancia, e humildade, de sorte que deste Augusto Monarcha se conhecem vinte e quatro illustrissimos ascendentes, e do quinto D. Froyla descendêraõ todos os Reys de Portugal, de sorte que a Serenissima Casa de Bragança deo primeiro aos Reys o ser, e o sangue, do que o Reyno de justiça lhe désse a Corôa, e o Reyno. Outra genealo-

nealogia mais illustre sem comparaçaõ tem o Serenissimo Rey D. Joaõ IV., e seus gloriosos descendentes, a qual traz impressa o mesmo Chronista Fr. Antonio da Purificaçaõ, e he a descendencia certa, infallivel de S. Guilherme, Duque de Aquitania, Conde de Pictavia, Religioso da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho chamados vulgarmente Gracianos, e he desta sorte. S. Guilherme, Francez de Naçaõ, Duque de Aquitania, e nono Conde de Pictavia, de quem descendem os Imperadores de Alemanha, os Reys de França, Espanha, Inglaterra, e os mais Reys, e Principes da Europa, como largamente o provaõ os seus Chronistas, assombro de santidade, penitencia, e humildade, Reformador da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, e seu Religioso, do qual rezaõ, e toda a Igreja de França, e outras muitas, como vos contaremos na sua admiravel vida, he decimo quarto avô do Serenissimo Rey D. Joaõ IV. por via do Rey D. Manoel, e decimo quinto neto do mesmo Santo pela Senhora D. Brites, irmãa do mesmo Rey, como melhor os contareis vós agora. Teve S. Guilherme de legitimo matrimonio entre outras filhas huma chamada Leonora, que casou com o Duque de Normandia, e Conde de Gante, que depois foi Rey de Inglaterra; deste matrimonio naceo D. Leonor, que casou com D. Affonso VIII., Rey de Castella; destes naceo D. Urraca, que casou com D. Affonso II., Rey de Portugal, dos quaes naceo D. Affonso III., Conde de Bolonha, e depois nosso Rey; destes foi filho o Rey D. Diniz, que casou com a Raînha Santa Isabel, dos quaes naceo D. Affonso IV., de quem foi filho D. Pedro I., deste o foraõ D. Fernando I., e D. Joaõ I., Mestre de Aviz, e depois Rey de Portugal, de quem

fôraõ

fôraõ filhos D. Duarte I., e D. Affonſo I., Duque de Bragança, que caſou com a Senhora D. Beatriz, filha do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, avós ſeptimos, e legitimos do Rey D. Joaõ IV., como ainda agora vos diſſe, porque elle foi oitavo Duque de Bragança. Notai agora a deſcendencia pela linha materna; do Rey Duarte, irmaõ de D. Affonſo I., Duque de Bragança, foi filho o Infante D. Fernando, e deſte foi filho o Rey D. Manoel, do qual foi filho o Infante D. Duarte, pay da Senhora D. Catharina mulher de D. Joaõ I., ſexto Duque de Bragança, herdeira legitima deſte Reyno; deſte matrimonio naceo D. Theodoſio, ſegundo do nome, e ſeptimo Duque de Bragança, o qual naõ ſó pela Senhora D. Catharina ſua mãy era deſcendente de S. Guilherme, mas por ſeu pay duas vezes; a primeira, que ja diſſe contando até o primeiro Duque, e a ſegunda, porque ſeu pay o Duque D. Joaõ foi terceiro neto do Infante D. Fernando, pay do ſobredito Rey D. Manoel, do qual Infante naceo D. Brites, que caſou com D. Fernando II. do nome, e III. Duque de Bragança, pay de D. Jayme, Duque IV., de quem foi filho o quinto Duque D. Theodoſio I., que foi pay do ſexto Duque D. Joaõ o I., marido da Senhora D. Catharina, herdeira do Reyno, dos quaes naceo D. Theodoſio, ſegundo Duque, ſeptimo de Bragança, que caſou com a Senhora D. Anna de Valaſco, do qual matrimonio naceo o Sereniſſimo Rey D. Joaõ IV., de quem he biſneto o Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. noſſo Senhor, que Deos guarde, e proſpére ſempre, o qual he decimo oitavo, e decimo ſeptimo neto de S. Guilherme. E porque naõ cuideis me móve a dar-vos eſta noticia alguma devoçaõ particular, ou que eſta moveo

ao

ao Chronista sincéro, onde a-li, sabei que o nosso Fidelissimo Rey naõ só he neto, e taõ proximo deste admiravel Santo, mas tambem descendente de outros dezaseis Santos mais, como consta de hum Memorial, que se fez neste Reyno no anno de 1616. por industria do Veneravel D. Fr. Alexo de Menezes, dos Condes de Rodondo, Religioso Eremita de Santo Agostinho, Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, Vice-Rey da India, e de Portugal, Arcebispo de Braga, Senhor della, Primaz das Espanhas, Presidente do Supremo Conselho de Portugal em Madrid, onde morreo com fama de Santo; e o seu corpo inteiro incorrupto se conserva no Collegio de Nossa Senhora do Populo de Braga da mesma Religiaõ, para onde foi trasladado; e para signal da grande devoçaõ, e fé que nelle tinha o Rey de Castella, e todo o pôvo, quando remettêraõ o corpo para este Reyno, lhe cortáraõ a cabeça, para a todo o tempo que fosse canonizado terem a principal reliquia na Côrte de Espanha. Diz pois o titulo do Memorial, que imprimio o dito Mestre Purificaçaõ no anno de 1656. em Lisboa sinco mezes antes da morte do Serenissimo Rey D. Joaõ IV.: *Catalogo dos Santos canonizados, de que descendem por linha direita os Serenissimos Reys de Portugal, e os Duques de Bragança. Primeiro, S. Segismundo Martyr, Rey de Borgonha, ao primeiro de Mayo do anno de 520. Segundo, Santo Arnulfo, Duque de Mosselana, aos quinze de Julho do anno de 641. Terceiro, S. Pepino, Duque de Brabante, no anno de 647. Quarto, Santa Veiga, Duqueza de Brabante, filha do dito S. Pepino, no anno de 675. Quinto, S. Clodulfo, Duque de Mosselana, filho de Santo Arnulfo, no anno de 718. Sexto, S. Carlos Magno, aos 28. de Feve-*

Fevereiro do anno de 814. *Septimo, Santa Mathildes, mulher do Imperador Enrique I., aos* 14. *de Março do anno de* 969. *Oitavo, Santa Elena, mulher de Igor, Principe da Rusia, no anno de* 971. *Nono, Santo Oldo Martyr, Rey da Noruega, aos* 29. *de Julho do anno de* 1028. *Decimo, S. Ladislào, Rey de Ungria, aos* 27. *de Junho do anno de* 1095 *Undecimo, S. Malcolmo III. Rey de Escocia, no anno de* 1097. *Duodecimo, Santa Margarida, sua mulher, no anno de* 1104. *Decimo terceiro, S. Leopoldo, Marquez de Austria, aos* 15. *de Novembro do anno de* 1136. *Decimo quarto, S. Guilherme, Duque de Aquitania, Conde de Pictavia, Religioso Eremita de Santo Agostinho, aos* 10. *de Fevereiro do anno de* 1150. *Decimo quinto, S. Luiz Rey de França, aos* 24. *de Agosto do anno de* 1270. *Decimo sexto, S. Wenceslào, Rey de Bohemia, no anno de* 1305. *Decimo septimo, Santa Isabel, Rainha de Portugal, depois Freira da terceira Ordem de S. Francisco, aos* 4. *de Julho do anno de* 1336. Protesto, que este Cathalogo he o mesmo sem mais, nem menos palavra, o que se acha impresso na segunda parte da Chronica da Provincia de Portugal dos Eremitas de Santo Agostinho, a folhas cento e trinta e seis verso, com licenças do Santo Officio, Ordinario, e Paço. A ultima acçaõ, que nos occorre contar do memoravel Rey D. Joaõ IV., he a restituiçaõ da solemne Procissaõ do Senado de Lisboa ao Convento de N. Senhora da Graça, pela victoria de Aljubarrota, de que fallaremos na seguinte Conferencia.

FIM DA UNDECIMA PARTE

LISBOA:

Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. Ann. de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XII.

NO dia feguinte fe juntáraõ os Academicos, e continuou o Soldado a materia da reftauraçaõ do voto pela batalha de Aljubarrota, dizendo: Em todas as Cidades, e Villas defte Reyno fe fizeraõ Preces no tempo defta batalha, cuja victoria era o alicerfe da noffa fortuna: em Lisboa foi efpecial a devoçaõ, como fempre; e como neffe tempo a Imagem mais milagrofa era a da Senhora da Graça (de cuja invençaõ, prodigios, e caufa delles ceffarem, daremos noticia a feu tempo) a ella fe dirigîraõ os rogos de todas as Matronas Fidalgas, e Nobres da Côrte, cujos maridos eftavaõ no exercito. Vencida felizmente a batalha, attribuîraõ todos ao favor de N. Senhora da Graça a victoria, certamente milagrofa; porque ainda fujeitando o juizo á grande variedade, com que os Efcriptores Caftelhanos, e Portuguezes referem o numero defigual dos dous exercitos, por mais que os Caftelhanos diminuaõ o feu para accrefcentar o noffo, e difculpar a fua difgraça, dos feus mais eftimados manuefcriptos, e antigos impreffos, que eu vî, e donde fe informou o doutiffimo, e veridico Chronifta Fr. Antonio da Purificaçaõ, o noffo exercito naõ chegava a mil homens, como em feu lugar differmos, e o dos Caftelhanos,

lhanos, na opiniaõ que agora referimos, conſtava de trinta e ſeis mil, ſem contar os Navarros, e Francezes, que dizem eraõ muitos. Na preſença do Vice-Rey de Manilas, ou Ilhas Filippinas, ouvî queſtionar eſte ponto, e achei notavel prudencia livre de paixões nacionaes em hum Meſtre de Campo, que referindo as opiniões diverſas neſta materia, diſſe: *Eu creyo, que eraõ mais de quarenta mil os Eſpanhoes, e menos de cem os Portuguezes; e menos que foſſem, nos haviaõ de vencer, porque nunca empunhou Eſpanha a eſpada com menos juſtiça no juizo dos que ſem paixaõ leraõ as noſſas hiſtorias; e as ſuas.* Chegou a Lisboa a noticia da victoria, e o Senado da Camera ouvindo os clamores do pôvo fez voto de ir em Prociſſaõ deſde a Sé até o Convento de noſſa Senhora da Graça todos os annos no dia, em que ſe alcançou a victoria, que foi a quatorze de Agoſto, veſpera da meſma Senhora, e motivo eſpecial para ſe attribuir á ſua interceſſaõ; o meſmo voto fez o Cabido, e ſe obſervou ſempre com o mayor concurſo, porque o Rey, e o Arcebiſpo eraõ os primeiros que naõ faltavaõ a eſte acto: havia feira, e ficava o pôvo na Igreja toda a noite; em fim era a mayor ſolemnidade de Lisboa, e Villas, ainda diſtantes. Continuou eſta devoçaõ até o anno de mil quinhentos e oitenta e hum, no qual eſtando em Lisboa D. Filippe II., e ſabendo as feſtas, com que ſe ſolemnizava eſta victoria, e ſe referia o valor de huma forneira, que matára com huma pá do forno ſete Caſtelhanos, para evitar deſordens, e inimizades entre duas Nações, que viviaõ unidas, ordenou que ſe naõ fizeſſe mais tal ſolemnidade, que totalmente ceſſou deſde o ſobrediro anno até o de mil ſeiſcentos quarenta e hum na opiniaõ do referido Chroniſta; mas na de Manoel de

Faria

Faria e Sousa foi menos o tempo, porque diz entrára o Rey D. Filippe em Lisboa no mez de Abril de mil seiscentos e dezanove, para que jurasse o Reyno por successor a seu filho Filippe III. de Portugal, e ultimo; e eisaqui o motivo, por que naõ dou credito ao cómputo dos annos de author algum, como ja vos disse. Chegou o primeiro anno da redempçaõ deste Reyno, e ordenou o Rey D. Joaõ IV. se cumprisse o voto, assistindo elle á Procissaõ, e Missa cantada com o Arcebispo, Cabido, e Senado; nunca porém se rastaurou o concurso, e solemnidade antiga, e a meu vêr foi, porque se naõ restaurou a feira. Quero referir-vos o Regimento do Senado de Lisboa para esta funçaõ, feito naquelle tempo, e remettido ao Convento para directorio do Prégador; diz elle: *O Padre, que ha de prégar em N Senhora da Graça, bespora de N. Senhora de Agosto, verá muito bem a Caronica, e tome della os pontos mais necessarios, sc. as cousas principaes que acontecéraõ na batalha, e as diga. E o principal intento seja, dizer como o Cabido, e Cidade nesta Procissaõ, que faz cada anno, vay dar graças a nosso Senhor pola grande mercé, que fez a estes Reynos de Portugal no vencimento da batalha, sendo nós taõ poucos, e os Castelhanos em grandes partes muitos mais, porque passavaõ de trinta mil de cavallo a fóra os de pé, e os Portuguezes naõ eraõ mais de sinco, até seis mil de cavallo, e muito poucos de pé. O qual vencimento lhe deo nosso Senhor, porque primeiro fizeraõ juntas de bons varões, e assim por terem muita razaõ na causa. E nisto o Padre Prégador tem bem que dizer com verdade.* Saõ palavras formaes, que trás o Mestre Purificaçaõ na sua Chronica; esta a ultima acçaõ das innumeraveis, dignas de eterna memoria do nosso Rey D. Joaõ IV., que me lembrou

brou contar-vos; agora vos contarei as da Raînha D. Luiza, e de seus filhos D. Affonso, e D. Pedro, como a escreveo o Conde da Ericeira, honra da Naçaõ, pelas armas, e penna, e testimunha de vista. Inexplicavel he a perturbaçaõ, em que se vio este Reyno depois da morte do Senhor Rey D. Joaõ IV.; porque, naõ obstante a fidelidade, e amor dos póvos, que estavaõ promptos a dar a vida pela defeza, e liberdade, viaõ lhes ficava para Rey hum Principe, leso em toda a parte direita do corpo, e tambem no juizo, de sorte, que na idade de treze annos naõ dava esperanças de o melhorar o ensino, e menos os medicamentos; porque este deploravel defeito lhe resultou de huma febre maligna, que padeceo nos primeiros annos. A'vista deste horrivel presagio viaõ Castella com thesouros cheyos, e muitos exercitos desimpedidos, porque tinha cessado a guerra de Flandres, França, e Catalunha, e todas as forças, com que sustentára tres exercitos, agora nos buscavaõ unidas. Houve Conselheiros, que disseraõ á Raînha Regente naõ celebrasse o juramento do Rey D. Affonso seu filho, sem primeiro examinar melhor a capacidade, que tinha para o Trono, e successaõ do Reyno: porém ella julgando sería esta acçaõ causa de mayor discordia, o fez jurar no Terreiro do Paço a 15. de Dezembro de 1657., servindo lhe de Condestavel do Reyno neste acto seu irmaõ o Infante D. Pedro, para evitar as contendas entre o Duque do Cadaval, e o Conde de Odemira, que igualmente fundados no parentesco com a Casa Real, pertendiaõ o emprego nesta acçaõ. Começou o governo da Raînha, vencendo discordias a toda a luz insuperaveis entre os mayores Titulos, e Ministros do Reyno; de muitos instituio huma Junta chamada nocturna; porque de noite se fazia na Secretaría de

Estado

Eſtado para ſe reſolverem as materias mais importantes do Reyno, de cujas reſoluções dava parte á Raînha o Secretario de Eſtado, que determinava com ella o melhor que a Junta lhe conſultava para a conſervaçaõ do Reyno. O Conde de Soure, que tinha partido para Alemtejo por ordem do Rey defunto, pouco antes de expirar, pertendia moſtrar á Caſtella que naõ ſentia o valor Portuguez mais que a ſaudade de hum taõ grande Rey, e para iſſo intentou ganhar Villa-Nova de Barcarrota, lugar quatro legoas diſtante de Olivença, o que naõ conſeguio; porque naõ houve forças, que pudeſſem conduzir pelos grandes atoleiros a artilharia. O Rey de Caſtella, ſabendo que o noſſo fallecêra, fundou na ſua falta toda a ſua fortuna, fez marchar Cavallaria de Catalunha, aceitou as offertas, que os grandes lhe fizeraõ de conduzir muita á ſua cuſta á Fronteira, preparou o mais neceſſario para hum grande exercito, e publicou ſahia peſſoalmente a governallo; tudo inſpirações de D. Luiz de Haro, que ſuccedeo ao Conde Duque nos Titulos, e valimento. O Conde de Soure peſſoalmente, e os Generaes das outras Provincias por cartas pediaõ á Raînha tudo o neceſſario para reſiſtir ao formidàvel exercito de Caſtella, que dirigindo contra o Alemtejo a primeira furia a todas as mais fronteiras ameaçava ruîna; creſceo na Côrte a confuſaõ, movida pelas emulações dos Grandes oppoſtos ao Conde de Soure, a quem déraõ dous tiros de bacamarte huma noite ſem lhe fazerem a menor leſaõ vinte balas, que deſpedaçáraõ a carroça, porque a eſſe tempo ſe achava inclinado para entregar huma eſmola grande a hum eſcudeiro, que hia no eſtribo. Reſultou das muitas diſcordias nomear a Raînha General do exercito ao Conde de S. Lourenço, que partio logo para o Alemtejo; mas experimen-

rimentou a tardança dos soccorros necessarios aos mesmos tempos, em que ja sahia em Campanha o Duque de S.German. Avizos repetidos dos perigos futuros obrigáraõ a dar soccorros apressados, sendo o mayor muitos Titulos, que passáraõ ao exercito, Terços da Côrte, e das outras Provincias; mas tudo mal succedido; porque o Duque de S. German siteou Olivença, e o Conde de S. Lourenço querendo desalojar o exercito Castelhano, e soccorrer a Praça, o naõ pôde fazer por se dividirem os votos dos Cabos do exercito, e Titulos, intentando divertir o sitio com a interpreza do Forte de S. Christovaõ, que naõ teve effeito: e quando por ordem da Raînha marchou a soccorrer a todo o risco a Praça, naõ obstante os avizos desse intento, e ordens para quebrar a capitulaçaõ, se entregou. Notavel disgosto causou esta perda a todo o Reyno, em que devemos julgar naõ houve culpa, porque a queixa commua era da Raînha em tirar ao Conde de Soure o Governo do exercito, sendo certo, que só assim podiaõ evitar-se as desordens, e emulações da Côrte; a tardança dos soccorros difficultou a empreza, e este mesmo damno experimentarîa qualquer outro General daquella empreza; nem os Generaes, que os conduzîraõ, tinhaõ culpa; porque, naõ sendo o Reyno grande, naõ he taõ pequeno, que possaõ unir-se trópas de todas as Provincias com tanta brevidade: o General menos; porque, vendo-se com inferior exercito para romper as linhas, obrigado dos votos, procurou divertir o sitio com a interpreza do Forte ja dito, com o assalto de Badajoz mal succedido por falta de escadas, que chegassem ás muralhas, e ultimamente com a interpreza de Valença tambem mal succedida; em fim intentou soccorrella a todo o risco de honra, e vida, e só o Governador Manoel de Saldanha parece

parece teve a culpa, pelo que foi degradado para a India por toda a vida. Desejava a Raînha satisfazer-se desta perda, e recuperar o credito das nossas armas na opiniaõ de muitos perdido neste principio do seu governo; porém a desuniaõ dos Cabos do exercito fazia impossivel a felicidade de qualquer empreza; e o Duque de S. German, chegando-lhe as trópas de Catalunha, sitiou a Práça de Mouraõ, que, ainda depois de brecha aberta, e avançada, resistio; mas considerando a debilidade das muralhas, se rendeo, e esta verdadeira, e notoria disculpa livrou da prizaõ ao Governador da Praça Joaõ Ferreira. O Conde General vendo que tudo eraõ disgraças no seu governo, sem licença da Raînha, nem consentimento dos Cabos determinou cercar Mouraõ, quando ja para redemptor destas disgraças era chamado á Côrte Joanne Mendes de Vasconcellos, para succeder ao Conde. O pôvo o recebeo com vivas, e jubilos, e com elles o acompanhou até o Paço, onde a Raînha o recebeo com agrado excessivo, lamentando ao mesmo tempo a Provincia de Trás os Montes a sua falta. Foi muito debatido no Conselho de Guerra o modo de o introduzir no governo do exercito, estando o seu General empenhado em hum sitio, sendo o que melhor considerava o risco desta acçaõ o mesmo Joanne Mendes, offerecendo-se a servir de Soldado á ordem do Conde de S. Lourenço até se acabar o empenho, em que se tinha posto; porém a Raînha escolheo outro meyo tambem mal succedido, que foi escrever ao Conde, que o Rey seu filho, considerando as disgraças presentes, se declarava Capitaõ General do exercito, seu Tenente General Joanne Mendes, Mestres de Campo Generaes André de Albuquerque, e D. Sancho Manoel, e o Conde de S. Lourenço Conselheiro do Rey nas

deter-

determinações do governo de todo o exercito. O correyo, que levou estas cartas, chegou a Monçarás no mesmo dia, em que o Conde tinha mandado, que passasse a Cavallarîa o Guadiana, e tomasse póstos sobre Mouraõ para dar principio ao sitio, na fórma que escrevêra á Raînha por outro correyo na mesma manhãa. Tanto que recebeo a carta, que lhe tocava, sem admittir conselho, nem dar parte da sua resoluçaõ á Raînha, partio para Lisboa; André de Albuquerque chamou a Conselho, e votáraõ se retirasse o exercito a fortificar Geromenha; o que se executou. O Conselho de Guerra sentio esta deliberaçaõ da Raînha, especialmente pela refórma de Manoel de Mello; porém foraõ reprehendidos os Conselheiros, e ficáraõ estabelecidas as resoluções antecedentes; e Joanne Mendes, depois de reconhecer a Provincia, e fortificalla, como tambem o exercito com novas reclutas, sahio de Elvas a 22. de Outubro de 1657. com nove mil Infantes, dous mil e duzentos cavallos, dez peças de artilharîa, em que entravaõ quatro meyos canhões, e hum morteiro, todos os instrumentos de expugnaçaõ; mandou ao Sargento mór do Terço da Armada Joaõ de Amorim de Betancour, depois dos aproches continuados, e quatro dias de resistencia, governar a cabeça da trincheira a que se seguia, e elle sem ordem envestio, e ganhou a barbacãa, onde se fortificou com todo o Terço; e sendo reprehendido por avançar sem ordem para isso, e sem escadas, respondeo: *Sobre azeitonas quem quer bebe.* No dia seguinte se entregou a Praça, ficou governando-a o Mestre de Campo Francisco Pacheco Mascarenhas; e Joanne Mendes se recolheo a Elvas. Vinde logo.

FIM DA UNDECIMA PARTE.

LISBOA. Na Offic. de Ignac. Nogueir. Xisto. 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIII.

DEpois de jantar ſe juntáraõ no Forte; e proſeguio o Soldado a vida do Rey D. Affonſo VI. debaixo da tutéla da Raînha D. Luiza, dizendo: Nas outras Provincias do Reyno houve felicidades nos muitos encontros, e na defeza de Valença do Minho, que D. Vicente Gonzaga intentou ganhar ſem effeito: levantou porém o Forte de S. Luiz Gonzaga ſobre o Rio Minho, do qual recebia toda a Provincia grave damno, que intentáraõ os Generaes della, primeiro D. Alvaro, depois o Viſconde de Villa-nova, e o Conde de Caſtello-melhor. Na Côrte continuava a deſordem; porque o Rey moſtrava cada vez menos capacidade; e a muita eſtimaçaõ, que fazia de Antonio de Conte Vintemiglia, deſcendente de Italia, e tendeiro que fôra na Capella, vaticinavaõ a todos a mayor diſgraça. Em França intentou Fr. Domingos do Roſario o caſamento da Infante D. Catharina com o Rey Luiz XIV.: o ſoccorro de huma Armada para ſegurar a barra de Lisboa, e mil cavallos para o exercito, tudo á cuſta dos cabedaes de França; porém nenhuma deſtas pertençōes teve effeito. Em Roma tivemos igual fortuna; porque, chegando lá a noticia da morte do Rey D. Joaõ, governo da Raînha, e menoridade de D. Affonſo, conſideraraõ o Reyno

conquistado; no de Inglaterra confirmou Cromuel a paz antecedente; e em Ollanda nem boas esperanças havia, doendo-se a Républica da perda de Parnambuco, e de outras Praças do Brasil, que diremos a seu tempo com as de Africa, e Asia. Corria ja o anno de 1658., quando Joanne Mendes de Vasconcellos com quatorze mil Infantes, tres mil cavallos, vinte peças de artilherîa, dous morteiros, e tudo o mais necessario, foi sitiar Badajoz, situada na margem do Rio Guadiana, naquelle tempo mais facil de expugnar-se, do que hoje. Começárao as operaçóes, sitiando o Forte de S. Christovaõ, onde perdemos muita gente, e desistimos da empreza, como tambem da principal, que era Badajoz. Antes, e depois de levantar o cerco houve muitas escaramuças, que se podiaõ chamar batalhas, em que sempre alcançámos victoria, e os Cabos do exercito eterna fama. Igual a grangeáraõ segunda vez na batalha, e conquista do Forte de S. Miguel, felicidade ultima do governo de Joanne Mendes. Tanto que elle levantou o sitio de Badajoz, obrigado da epidemia, que deo no nosso exercito, e de outras muitas razóes urgentes para isso, sahio de Talavéra o exercito de Castella, governado por D. Luiz de Haro, successor do Conde Duque nos titulos, e valimento, e pôs sitio á Praça de Elvas, que governava o Mestre de Campo General, Conde de Villa-flor: occupáraõ o Mosteiro de S. Francisco, repartîraõ o exercito pelos quarteis, trabalháraõ em fechar as linhas, sahíraõ da Praça André de Albuquerque, Affonso Furtado, e Officiaes da Fazenda, para a prevençaõ do exercito, que havia de soccorrer a Praça, ficando nella a guarniçaõ competente. Fizeraõ os sitiados varias sahidas, todas com feliz successo; e a Raînha, para segurar melhor o futuro, elegeo o Conde de Cantanhede Governa-
dor

dor das Armas, para soccorrer Elvas, o qual passou a Extremoz para juntar, e dispôr o exercito; e com a primeira acçaõ digna de memoria, e verdadeiro parto do seu grande juizo, segurou a sua felicidade, e a do Reyno. Entrou em Extremoz a 22 de Novembro, onde gostoso o esperava o grande André de Albuquerque, a quem o Conde de Cantanhede com generosa modestia publicamente disse: *Que elle vinha a prevenir o exercito, e sentar praça de seu Soldado; porque igualmente reconhecia em si a falta de se naõ haver criado na guerra, e nelle as grandes experiencias, que havia adquirido nella.* Esta acçaõ, mais heroica, do que vencer todo o mundo, álem de merecer em todo elle o applauso, conciliou de sorte o animo de André de Albuquerque, que todo se empenhou na gloria do Conde. Governava ja neste tempo Elvas D. Sancho Manoel; trabalhavaõ os Castelhanos em cerrar as linhas, e impedir todos os soccorros, quando o Ceo começou tambem a peleijar contra os sitiados com fome, e péste, que chegou a tal extremo a miseria igual ao valor, constancia, e fidelidade, que morriaõ trezentos homens cada dia; os vivos perdêraõ de tal sorte o horror aos mortos, que dos cadaveres faziaõ assentos nas guardas para jogarem; e os Auxiliares, que naõ tinhaõ quarteis, e por isso dormiaõ nos alpendres das Igrejas, se cobriaõ com a roupa dos cadaveres, que alli esperavaõ a sepultura: faltou em fim terra para sepultallos, porque, naõ cabendo nas Igrejas, sendo impossivel enterrallos no fosso por ser de rocha, naõ havendo ja sepulturas nos terraplenos das muralhas, e naõ sendo conveniente sepultallos fóra dellas, para naõ saberem os Castelhanos a nossa miseria, foraõ muitos corpos de homens mortos pasto, e sustento dos animaes vivos; horroroso espectaculo para

ra todos os que o víraõ, e o eſtaõ lendo. Acodia D.Sancho Manoel, e os mais Cabos a eſtes infortunios, porém ſem fruto; porque a febre, e debilidade corrompia de ſorte os Soldados, que taõ hediondios eraõ os vivos, como os mortos; e eſte hediondo ar ſe diffundio de tal modo pela atmosfera vizinha á Praça, que ainda depois de ſoccorrida ella muitos do exercito ſe naõ atreviaõ a entrar dentro: os cavallos tambem padeciaõ, porém ſuppria-ſe a ſua falta com os muitos que ſe tomavaõ nas ſortidas; e foraõ tantos, que ſó á Companhia do Conde da Ericeira couberaõ noventa no tempo, que durou o ſitio. Naõ faltava paõ, mas ſubejava fome, porque naõ havia conduto; e ſe bem as peſſoas mais delicadas eraõ as primeiras que davaõ exemplo em tolerar eſta falta, e inventar do paõ iguarías, que a neceſſidade fazia ſaboroſas; o commum neſtes, e em todos era o faſtio, debilidade, e afflicçaõ, que accreſcentou o deſcuido, com que hum dia permittíraõ ſe apartaſſe o gado das muralhas mais do que devia; de que ſe aproveitáraõ os Caſtelhanos logo, deixando a Praça ſem eſte unico remedio. Igualmente peleijava o Ceo contra os ſitiadores, porque a chuva naõ ceſſava, e o frio era taõ exceſſivo, que os Caſtelhanos naõ achando abrigo, huns morriaõ, outros deſertavaõ; acçaõ nunca imitada dos Portuguezes. Cada dia chegavaõ a D.Luiz de Haro novas trópas, e creſciaõ na Praça as miſerias de ſorte, que valia huma gallinha ſete mil reis, e huma caixa de doce ſeis mil reis; e nos ultimos dias do ſitio nem por muito mayor preço ſe achava. Vacillavaõ entre tanto na Côrte os Conſelheiros; e ſendo para todos certo, que a perda de Elvas era a mais prejudicial para o Reyno todo, huns votavaõ que a Rainha foſſe peſſoalmente ao Alentejo animar com a ſua

pre-

presença as trópas, e accrescentallas com todos os Vassallos,que haviaõ de acompanhalla;outros mell or, diziaõ se enviasse ao Conde de Cantanhede toda a gente, que estava para se embarcar na Armada, toda a mais que pudésse juntar-se, dinheiro, e o mais necessario para sahir a campo o exercito: naõ remediou este voto o descuido, e menos as cartas contínuas do Conde, e de D.Sancho, até que o Marquez de Nisa fallou taõ claro, e com tal zélo em hum Conselho de guerra, quc acordou do letargo quem o tinha padecido: remetteo-se soccorro, sahio a campo o exercito; constava de oito mil Infantes, dos quaes dous mil e quinhentos eraõ pagos, e os mais Auxiliares, e Ordenanças; dous mil e quinhentos cavallos, quatrocentas eguas, duas mil cargas de munições, e mantimentos, sete peças de artilhería de campanha, e na rectaguarda duas mil cabeças de gado para soccorro da Praça. Com este taõ pequeno exercito sahio de Extremoz o Conde de Cantanhede Sabbado 11. de Janeiro de 1659., a peleijar com o exercito de Castella em todo o sentido formidavel, defendido de fossos, trincheiras, fortes, e mais obras regulares para defesa das linhas, governado pelo Valído de hum Rey poderoso, a quem todos desejavaõ lisongear, adquirindo-lhe o credito outras vezes perdido por alguns Generaes daquelle grande Reyno. Tanto que o exercito avistou a Praça, e foi visto della, em huma, e outra parte foi igual a alegria; e D.Sancho, para accrescentalla, sahio com todos os que pudéraõ montar, ornados de plumas, e com as melhores galas: carregáraõ furiosamente as sentinellas, e guardas do Quartel da Côrte, em que achou pouca resistencia, porque o cuidado dos Castelhanos tinha mayor empenho, acodindo todo exercito a formar-se na frente, que o nosso trazi[...] o
hio o Tenente General da Cavallaría Espan[...] [...]a. Sa-
[...]ola D.
Joaõ

Joaõ Pacheco a examinar o alojamento do nosso exercito; e vendo que ficava no quartel da Amoreira, sitio o melhor para soccorrer a Praça, lembrando-se que o mesmo nome tinha o nosso quartel quando sem effeito fomos soccorrer Olivença, disse a D.Luiz de Haro, que aquillo era Olivençada; porque o nosso exercito caminhava pelos mesmos passos, e pelos mesmos erros: que retirasse as trópas aos quarteis, e dormisse livre de cuidados: ambos elles tiveraõ taõ poucos, levados deste desprezo, que, devendo conservar o exercito formado na frente do nosso quartel, o naõ fizeraõ; com grande fortuna nossa: e D. Sancho, recolhendo-se á Praça, deo as ordens convenientes para o outro dia; e o General da Artilharîa Pedro Jaques de Magalhães nessa noite accommodou vinte peças de artilharîa das mais grossas no baluarte do Prìncipe, que era o sitio, que havia de buscar no dia seguinte o nosso exercito, e lhe havia de fazer frente o do inimigo, recebendo ao mesmo tempo pelas costas irremediavelmente as balas das vinte peças. Passáraõ todos a noite em diversos discursos. Amanheceo o feliz dia 14. de Janeiro, que até a si mesmo se fez feliz; porque sendo de seculos immemoriaes julgado por infausto, tomando a mayor parte neste agouro a familia dos Menezes, de que era cabeça o Conde de Cantanhede, conseguio elle mais outra victoria, desvanecendo esta superstiçaõ gentilica: sahio pela manhãa D. Joaõ Pacheco com a cavallarîa a observar o movimento do nosso exercito; e vendo, que nem pegava nas armas, nem tinha sahido do alojamento, o que tudo succedia por estar o dia escuro com huma grossa nevoa, veyo dizer a D.Luiz de Haro, que naquelle dia naõ poderia haver novidade: este foi o segundo, e peyor engano, do qual resultou mandar D.Luiz de Haro retirar da linha, opposta ao nosso

nosso exercito, a Infantaria, e Cavallaria, que toda a noite antecedente com as armas na mão a tinhaõ segurado: deixou so guarnecidos os Fortins. O Sol, que parece esperava este culpavel descuido, e crasso erro para nos fazer aquelle dia fausto, pelas oito horas da manhãa se descobrio clarissimo, convidando para a empreza o nosso exercito, o qual como tinha ficado em batalha, e com as ordens distribuidas na noite antecedente, só foi necessario para a marcha pegar nas armas, extender bandeiras, tocar as caixas, e trombetas; estas acordáraõ a D. Luiz de Haro, que no quartel da Côrte naõ esperava susto; montou acceleradamente a cavallo, e o mesmo fizeraõ os Generaes; e todos confusamente fizeraõ marchar os Terços, e Batalhões, que encontravaõ, e lhes foi possivel conduzir; e concorrêraõ a remediar o damno, que os ameaçava, pertendendo todos guarnecer a linha, que o nosso exercito vinha envestir, que era desde o Convento de S. Francisco até o Forte de nossa Senhora da Graça, pelo sitio dos Murtaes: porém como a circulaçaõ era taõ larga, quando o nosso exercito chegou ás linhas naõ tinhaõ os Castelhanos formado na sua opposiçaõ mais, que alguns Terços confusos, e alguns Batalhões embaraçados. D.Luiz de Haro subio ao Forte de nossa Senhora da Graça, que governava D. Joaõ de Zuniga, a observar a determinaçaõ do nosso exercito, dizendo em mal concertadas palavras, pelo sobresalto repentino: *Que acodissem todos ás linhas a defender a honra da Naçaõ, e o perigo das armas.* Todos os Generaes fizeraõ para isso as melhores diligencias, porém baldadas todas; porque os nossos, a pezar de toda a opposiçaõ dos Castelhanos, cegavaõ huns o fosso, outros abriaõ brecha, outros abatiaõ a terra; e em fim entráraõ as linhas, e obrigáraõ os inimigos a huma taõ

preci-

precipitada fuga, que huns se lançavaõ fóra das linhas, outros se despenhavaõ da serra temerosos do estrago, que nelles fazia a artilharîa da Praça, e a Cavallarîa de D. Joaõ da Sylva, que muito a tempo foi impedir a dos Castelhanos, que tendo passado a noite nos olivaes da parte de Campo-mayor, vinha baixando a serra de nossa Senhora da Graça em soccorro das linhas; neste conflicto se achava tambem a Cavallarîa da Praça. Em todos os lados era forte a batalha; e ja neste tempo D. Luiz de Haro, julgando-a perdida, se retirou para Badajoz: entretanto os nossos ganháraõ varios Fortes, custando muitas vidas aos defensores delles; hum foi o mais constante no fervor da peleija: e vendo o grande André de Albuquerque os Soldados voltarem as costas, rompeo o Batalhaõ até a vanguarda, exhortou a todos, levou-os até á estacada do Forte, e batendo com a bengala nas estacas delle, advertio aos Soldados como haviaõ de arrancallas; obedecêraõ elles, emendando o erro antecedente; porém neste tempo huma bala o ferio no peito, entrando por entre o extremo do braço direito, e principio das armas, de que logo cahio morto com universal sentimento do exercito, e de todo o Reyno: ao mesmo tempo foi ferido no alto da cabeça com outra bala o General Castelhano, Duque de S. German; e começou a diminuir-se com a sua falta a resistencia: e appellidámos em toda a parte a victoria. A' noite direi o que falta della.

FIM DA DECIMA TERCEIRA PARTE.

L I S B O A:

Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. Ann. de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIV.

ACabadas as devoções, se juntáraõ os Academicos, e continuou o Soldado as noticias da batalha das Linhas de Elvas. O Conde de Cantanhede (disse), que em todo o conflicto se tinha exposto a todos os perigos animando, e peleijando valorosamente diante de todos, deixou D. Joaõ da Sylva com as companhias da Praça, para darem calor ao assalto que aquella noite se deo ao Forte de N. Senhora da Graça, e com as mais trópas; e víveres entrou em Elvas triunfante a render as graças a Deos na Sé. D. Sancho Manoel, que com memoravel esforço tinha defendido a Praça, acompanhado dos que podiaõ tomar armas o veyo esperar ao Rio Ceto, onde tomou posse do posto de André de Albuquerque. Entre tanto rendêraõ os nossos alguns Fortins, que ainda se defendiaõ. Voltou o Conde de Cantanhede para o exercito, acampou-se no valle entre a Praça, e o Forte de N.Senhora da Graça, e de noite mandou investillo com mais valor, que prudencia; porque faltando ao tempo da acçaõ faxinas, e escadas, ficaraõ feridos os Mestres de Campo Miguel Carlos de Ta-

vora, e Joaõ Furtado de Mendonça, queimado tambem de huma panella de polvora, álem de muitos Soldados mortos: conhecido o impossivel, se retiráraõ, e chegáraõ pela meya noite ao exercito, onde o Conde agradeceo a todos o valor, com que tinhaõ obrado. Os Castelhanos, valendo-se do escuro da noite, fugîraõ para Badajoz taõ precipitadamente, que muitos morrêraõ affogados nos rios Caya, e Guadiana. Pela manhãa sahio D. Sancho Manoel, e toda a Cavallarîa; mandou avançar D. Joaõ da Sylva até Caya, recolheo duas peças de artilharîa, que só pudéraõ levar os Castelhanos até o rio, quantidade de munições, e finco carroças de D.Luiz de Haro. Espalharaõ-se os Soldados do nosso exercito pelos quarteis, que foraõ dos Castelhanos, nos quaes achâraõ hum grande despojo; porque as casas de madeira, em que D.Luiz de Haro assistia, as tendas dos Cabos, Officiaes, e pessoas particulares, todas estavaõ ornadas com alfayas de grande preço; e justificou o desacordo da retirada deixar D.Luiz de Haro na sua Secretarîa todos os papéis de que ella constava, e nelles manifestos todos os segredos, que tratava com o Rey, e o poder absoluto, com que dominava a Monarquia de Espanha. D. Sancho Manoel mandou recado a D. Joaõ de Zuniga, e a D.Nicoláo de Cordova, para que entregassem os dous Fortes, que governavaõ, pois viaõ atalhados com a fugida do exercito todos os caminhos para defendellos: rendeo-se D. Joaõ, porém D. Nicoláo persistio em que se naõ havia de entregar, senaõ ao Conde de S.Joaõ; o que se lhe concedeo, e logrou o Conde este bemmerecido applauso. Os Castelhanos tiveraõ huma das mayores perdas, que havia muitos seculos naõ experimentára na Espanha a sua Monarquia; porque no exercito entrá-

entráraõ trinta e ſeis mil homens; e no dia da batalha ſe acháraõ ſó quatorze mil Infantes, e tres mil e quinhentos cavallos; e no dia ſeguinte, paſſando-ſe moſtra em Badajoz, ſe acháraõ unicamente ſinco mil Infantes, e tres mil e trezentos cavallos, e deſtes morrêraõ brevemente muitos de enfermidades adquiridas pelo rigor do Inverno, e incommodidades do ſitio. Entre os mortos, e os priſioneiros ficaraõ grande numero de Offi iaes mayores, e inferiores vivos, e Reformados, e muitas peſſoas illuſtres; os priſioneiros foraõ mais de ſinco mil, além de ſeiſcentos feridos, e enfermos, que o Conde de Cantanhede piedoſamente mandou para Badajoz. Recolheraõ-ſe no trem da artilharîa do noſſo exercito dezaſete peças de varios calibres, tres morteiros, ſinco petardos, quinze mil armas, muitas bandeiras, grande quantidade de munições, e conduzîraõ-ſe para a Praça grande numero de mantimentos. Da noſſa parte a perda mais ſenſivel foi a do grande André de Albuquerque, Meſtre de Campo General, e General da Cavallarîa; Fernando da Sylveira, irmaõ do Conde de Sarzedas, Conſelheiro de Guerra, e Meſtre de Campo; Luiz de Souſa de Menezes, dous Capitães de cavallo, dez Capitães de Infantarîa, dous Ajudantes, dez Alferes, cento e ſetenta e ſete Soldados. Ficáraõ feridos os Meſtres de Campo o Conde de S. Joaõ, o Conde da Torre, Simaõ Correya da Sylva, Bartholomeo de Azevedo Coutinho, Antonio Galvaõ; o Tenente de Meſtre de Campo General Aſcenſo Alvares Barreto, Luiz Franciſco Baarém, quatro Sargentos Mayores, hum Ajudante de Tenente, vinte e tres Capitães de Infantarîa, oito Ajudantes, vinte e dous Alferes, trinta e dous Sargentos, e ſeiſcentos Soldados. Foi eſta victoria de relevantes conſequencias; porque animou

os póvos do Reyno, causou terror aos inimigos, e fez respeitado o valor Portuguez em todos os Reynos extranhos. Chegou a noticia della a Lisboa a tempo, que o Rey com a Nobreza assistiaõ ao Sermaõ do primeiro dia do desaggravo do Santissimo Sacramento em Santa Engracia; cantou-se o *Te Deum*, e acabou o Panegyrico com graças, e a festa com jubilos: o contrario succedia em toda Espanha ao mesmo tempo, por serem poucos a quem perdoou o sentimento de perderem na batalha parente, ou amigo morto, ou prizioneiro; os póvos clamavaõ contra o Rey, e contra D.Luiz de Haro, e a dôr, e paixaõ de todos lhes imputavaõ mais culpas do que tinhaõ. O Conde de Cantanhede entretanto desfez as linhas, e Fortins, desoccupou os Hospitaes, licenceou as Trópas, e passou a Lisboa a lograr o bemmerecido applauso da victoria; foi recebido do Rey com especial honra, porque aconselhado do grande juizo do Conde de Odemira, deo alguns passos para recebello. Em quanto os Castelhanos cercáraõ Elvas, e se cuidou nos meyos de soccorrella, como ja vos disse, naõ houve cousa digna de especial memoria, ou fortuna especial nas mais Provincias do Reyno, porque no partido da Beira naõ succedeo cousa memoravel. Entre Douro, e Minho se achava o Conde de Castello-melhor no quartel da Sylva; empenhou-se na conducçaõ de hum Comboy, carregáraõ os Castelhanos a nossa Cavallarîa, que o Conde intentou soccorrer com a Infantarîa; porém como nem sempre favorece a fortuna as acções da guerra, desbaratado se recolheo ao quartel antigo, donde, passadas poucas horas, se retirou para as serras de Coura; os Castelhanos tomáraõ Lapella, e sitiáraõ Monçaõ, que governava Lourenço de Amorim; foi logo soccorrido do Conde com taõ feliz successo, que

os

os Castelhanos levantáraõ os quarteis, e deixáraõ as linhas, empenhando no sitio de Salvaterra as forças: com valor incrivel, e destreza lhe metteo o Conde o soccorro de trezentos e sincoenta Infantes, que embarcáraõ no rio Minho; resistîraõ os sitiados a hum furioso assalto, e prepararaõ-se para evitar o mayor damno, que lhes ameaçava o assedio. Neste tempo morreo o Conde de Castello-melhor, General digno de eterna memoria entre os heroes da Naçaõ Portugueza; ficou governando o General da artilharîa Nuno da Cunha de Attaîde, o qual mudou o exercito para o quartel das Choças. Nomeou a Raînha o Visconde de Villa-nova Governador das Armas; este applicou anciosamente todas as diligencias para os soccorros de Monçaõ, a quem os Castelhanos mais que nunca apertavaõ com repetidos assaltos: mas naõ bastáraõ todas as destrezas Militares para evitarmos a perda desta Praça no anno de 1659. por estarem extinctos os defensores, e impedidos os soccorros: a mesma disgraça seguio logo Salvaterra; e estas duas perdas obrigáraõ a Raînha a formar exercito para defesa daquella importante Provincia. Neste mesmo tempo deo a Raînha casa ao Rey seu filho, signalando-lhe o quarto junto ao Forte, e nomeando Gentis-homens da Camera para servillo; mandou a França por Embaixador o Conde de Soure, cujo talento deixou eterna fama naquella Monarquia taõ destra, e politica. Pertendia a Raînha, que o Rey Christianissimo soccorresse este Reyno com quatro mil Infantes, formados em seis Regimentos, e mil cavallos pagos com o dinheiro de França, dous sujeitos de conhecida experiencia, e valor para Mestres de Campo Generaes, approvado o seu prestimo pelo Cardial Julio Massarini, primeiro Ministro daquella Corôa; e quando o naõ pudésse

conse-

conſeguir á cuſta de França, pediſſe licença para levantar o meſmo numero de Trópas por conta do noſſo Rey; para o que ſe lhe deo hum credito de cem mil cruzados. Outros mais eraõ os empenhos, ſendo o principal o caſamento da noſſa Infante D. Cathari-na com o Rey de França Luiz XIV., e entrar Portugal no Tratado da paz, que ſe preſumia podiaõ celebrar Eſpanha, e França. He inexplicavel o que trabalhou o Conde de Soure em qualquer deſtes negocios; porém ſó pôde conſeguir os dous Generaes, e ſeiſcentos homens á cuſta deſte Reyno. O primeiro que partio a ſervillo foi o Conde de Inſequim Irlandez, mas ſendo captivo no caminho pelos Argelinos, ſó nos deo diſgoſtos, e gaſtos; porque a Raînha o reſgatou á cuſta da Fazenda Real, pagou-lhe o ſoldo de mil cruzados cada mez, como ſe tiveſſe ſervido, e elle com poucos dias de aſſiſtencia no Alentejo, teve avizo da reſtituiçaõ do Rey de Inglaterra, para onde fez jornada a gozar dos bens da ſua caſa, de que eſtava privado, por ſer Realiſta. O ſegundo foi o Conde de Schomberg, Alemaõ, que entrou neſte Reyno com o Conde de Soure, e o ſoccorro ja dito, ſeus dous filhos o Marquez, e o Baraõ de Schomberg, e outros Gentis-homens Francezes, que vinhaõ ſervir voluntarios, a 11. de Novembro de 1660. O Rey de França caſou com a Infante de Eſpanha; naõ pôde conſeguir-ſe entrar Portugal no Tratado da aliança, que fizeraõ as duas Corôas, porque pertendiaõ ambas cedeſſe a Raînha, e ſeus filhos da regalîa; pelo que lhe offereciaõ o titulo de Vice-Reys perpetuos de Portugal com lucros, e ſoberanîas, offerta que o Conde de Soure em França deſprezou com politica, e em Lisboa o Conde de Cantanhede com fidalga cólera; porque ſendo elle, e o Conde de Odemira nomeados
pela

pela Raînha para conferirem com o Marquez de Choup, Embaixador de França, os negocios a que vinha; apenas elle fallou nesta materia, querendo o Conde de Odemira alargar artificiosamente o discurso para conhecer se o Embaixador trazia mais instrucçaõ occulta, o Conde de Cantanhede naõ podendo tolerar esta dilaçaõ, se levantou, dizendo: *Que se a Nobreza, e póvo soubessem o que continhaõ as proposições, que se tinhaõ lido, nenhum dos presentes estavaõ seguros naquelle lugar*; o que sabido pela Raînha, despedio o Embaixador, segurando-lhe o pouco cuidado, que lhe davaõ as armas de Castella; o que elle melhor acreditou, ja ouvindo as arrogancias Militares na sahida em Elvas, ja considerando o valor, e luzimento das nossas Trópas, regularidade, e defesa das armas. No mesmo tempo passou deste Reyno por França, para o serviço do Rey de Espanha, o Duque de Aveiro; desvarîo de que brevemente se arrependeo sem remedio; culpa, que seus successores com muitos trabalhos tem lamentado: mayor culpa foi a de D. Fernando Telles, porque sendo Embaixador em Ollanda, contra a fé pûblica, e particular, passou para o serviço do Rey de Castella. No sobredito anno governou o Alentejo o Conde de Attouguia, que fortificou excellentemente as Praças, e teve bons successos em differentes encontros, choques, e emboscadas; em hum delles veyo prisioneiro Joaõ Dias de Mattos, Portuguez infiel, causa do sitio de Olivença, e réo de innumeraveis delictos no sitio de Elvas, em grave prejuizo da Patria, o que tudo lhe tinha grangeado o valimento do Duque de S.German, o qual sabendo que o pôvo de Elvas clamava o enforcassem, e o Conde de Attouguia intentava dar á execuçaõ a sentença, que con-

tra

tra elle déra o Auditor geral, mandou a Elvas hum Volatim, offerecendo ao Conde varios partidos pela liberdade do prezo; e vendo lhe naõ respondêra, mandou outro com termos taõ arrogantes, que o Conde lhe respondeo com outros mais briosos: foi Joaõ Dias enforcado, e quebrando as primeiras cordas, cahio da forca vivo; tornáraõ a subillo á forca, e pagou com duas penas innumeraveis culpas. Com propriedade governou o Visconde de Villa-nova Entre Douro, e Minho; largou porém obrigado dos negocios da sua Casa, e succedeo-lhe o Conde do Prado. Na Provincia de Trás os Montes succedeo no governo o General, Conde de S. Joaõ, vulgarmente chamado o Heroe, General da Cavallarîa da mesma Provincia; porque o seu Governador, Conde de Misquitela, passou a Lisboa. Publicou o Conde de S. Joaõ, que hia soccorrer a Provincia da Beira, ameaçada das Trópas inimigas, e de repente com oito mil Infantes pagos, volantes, e auxiliares, trezentos cavallos, e duas peças de artilharîa atacou a Villa de Alcanices, grande povoaçaõ de Castella a Velha, seis legoas distante de Bragança, e Miranda; rendeo o Forte, e entrou a Villa á custa das vidas de muitos defensores della; recolheraõ-se os mais a hum Castello situado no extremo da Villa, em lugar taõ eminente, e escabroso, que o Conde naõ quiz perder gente em expugnallo, porque naõ levára instrumentos para isso. Quatro dias durou o saque da Villa, e Lugares vizinhos, aos quaes todos pôs fogo, e se recolheo para Chaves victorioso, com o exercito alegre, rico, e animado para mayores emprezas no futuro. A' manhãa vinde mais sedo.

FIM DA DECIMA QUARTA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignac. Nogueir. Xisto. 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XV.

NO mesmo anno de 1660. (continuou o Soldado no dia seguinte) o Tenente General da Cavallarîa Manoel Freire de Andrade, que governava o Partido de Ribacôa em ausencia do Conde da Feira com quatro mil Infantes pagos, e Auxiliares, quatro centos e sincoenta cavallos, quatro peças de artilherîa, tres petardos, e hum morteiro, rendeo valorosamente o Castello de Alvergaria, onde achou sinco peças, e quantidade de munições, que deixou com guarnição Portugueza, por ser importante o sitio, e forte por natureza. Ao mesmo tempo D.Sancho Manoel no Partido de Penamacôr derrotava com felicidade a Cavallarîa inimiga; o Conde de Schomberg visitava as Praças de Alemtejo, reconhecia os rios, estradas, eminencias, e passos difficultosos da Provincia; e Francisco de Mello, Embaixador em Inglaterra, conseguia firmar-se a paz entre o Rey Carlos II., e a Corôa Portugueza com a vantagem de podermos tirar daquelles Reynos doze mil Infantes, dous mil e quinhentos cavallos, e fretar vinte e quatro Náos de guerra com Officiaes Inglezes, escolhidos pelo Embaixador; e ao mesmo tempo o Conde de Miranda concluio a paz com Ollanda com artigos muito favoraveis, ficando as Praças do Bra-

fil defembaraçadas, e concorrendo o Rey de Inglaterra para eftas fortunas. Achava-fe a Monarquia de Efpanha com a paz de França defembaraçada para empregar contra efte Reyno todas as fuas forças; e para melhor fucceffo das emprezas nomeou o Rey por Capitaõ General do exercito contra Portugal feu filho D. Joaõ de Auftria, que fendo illegitimo moftrára fempre nos empregos de Capitaõ General dos Paizes baixos, Governador das armas maritimas, e Confelheiro de Eftado, quanto vivamente circulava nas fuas vêas o fangue dos illuftriffimos Afcendentes, valorofos Reys, e Imperadores. Tinha neffe tempo trinta e tres annos de idade; fabia todas as operaçőes Militares com fólidos fundamentos, conhecia os Soldados, eftimava os benemeritos, e merecia o Titulo de grande Capitaõ; todos os outros Generaes, que lhe obedeciaõ eraõ illuftriffimos, experimentados, e famofos; o exercito, que fe preparava, formidavel em numero, valor de Soldados veteranos, e grande provifaõ de muniçőes de Campanha, e boca, o que tudo nos affligia vendo a noffa defigualdade para lhe fazer oppofiçaõ. Na Primavera de 1661. fahio D. Joaõ, e mais Cabos do exercito com tres mil cavallos, e feifcentos Infantes a reconhecer a Praça de Campo-mayor; e temendo o Conde de Attouguia foffe efta a primeira empreza fez com D. Luiz da Cofta, e o Conde de Schomberg lhe introduziffem logo valorofamente foccorro de gente, ao qual feguîraõ muniçőes, e fe trabalhou em fortificalla. D. Joaõ conhecendo que a Praça pedia mayor exercito do que elle tinha para a fua Conquifta, depois de vêr tudo fem refpeitar os nevoeiros de balas fe recolheo para Badajoz. Determinou a Raînha mandar foccorro para o Alemtejo, e para o conduzir, e governar o exercito o Conde de Cantanhede, ja entaõ Marquez de Marialva; do que fentido o Con-

Conde de Attouguia, se originou perturbaçaõ grande, quando a menor podia causar-nos toda a ruîna; esta se pertendeo evitar nomeando o Infante D. Pedro, e o Marquez seu Tenente General; idéa occulta, com que o Marquez passou a Alda-gallega, mas descobrindo-se, e conhecendo-se melhor as consequencias della, lhe foi ordem, para que naõ uzasse das Cartas, em que ella hia, e obedecesse ao Conde de Attouguia; o que elle fez generosamente, conseguindo em se vencer mayores vitorias do que as tres memoraveis desta Campanha, que lhe adquiriraõ fama eterna. Era ja o mez de Junho, e D. Joaõ de Austria naõ via o florentissimo exercito, que seu Pay lhe havia promettido para a Conquista deste Reyno, talvez, porque D. Luiz de Haro, Valîdo, e primeiro Ministro, que fôra vencido nas Linhas de Elvas, lhe parecia duro gozasse D. Joaõ alguma fortuna, que fizesse mais viva a memoria da sua passada disgraça: pelo contrario os amigos de D. Joaõ lhe pediaõ naõ tardasse em mostrar o seu valor, e sciencia Militar, de que seu pay fazia o mayor conceito, e vendo a sua inacçaõ podia diminuillo. Neste aperto usou D. Joaõ de Austria da grandeza do seu juizo, e determinou buscar empreza taõ facil, que nem faltasse á obediencia de seu pay, nem arriscasse a reputaçaõ na difficuldade de a conseguir. Escolheo a Villa de Arronches, povoaçaõ de trezentos visinhos, situada sobre o Rio Caya, cercada de muralha antiga, quatro legoas distante de Elvas, e outras tantas de Portalegre, e de Campo-mayor, sitio capaz de embaraçar os Comboys, que pertendem entrar nas tres Praças vizinhas, e de penetrar a Provincia pela parte menos forte della. Compunha-se o exercito de dez mil Infantes, e sinco mil cavallos, com todas as prevençoẽs competentes. Sahio de Badajoz em dia de Santo Antonio, e com dous dias de marcha alojou

ſobre Arronches. Naõ achou Infantaría paga que guarneceſſe as muralhas, porque a debilidade dellas tirava eſta confiança; e ſendo pouco mais de cem os paizanos capazes de tomar armas, abrîraõ ſem reſiſtencia a D. Joaõ de Auſtria as portas da Villa: e como o ſeu intento era fortificalla, e guarnecella, tudo iſto fez com ſumma brevidade. O Conde de Attouguia deſpachou hum correyo á Raînha com eſta noticia, e paſſou a Eſtremoz deixando no governo de Elvas D. Luiz de Menezes, Meſtre de Campo, e depois Conde da Ericeira, com poder para obrar ſem dependencia o mais neceſſario, e diſpender todos os cabedaes na fórma que julgaſſe mais conveniente. Quaſi ao meſmo tempo chegou o Marquez de Marialva a Eſtremoz; e congraçando-ſe ambos com todas as demonſtrações de ſociedade, ſe juntou o exercito brevemente. Julgáraõ, que D. Joaõ de Auſtria intentaria Portalegre; pelo que o Conde de Attouguia lhe mandou guarniçaõ, e ordem, para que as fortificações ſe apreſſaſſem a todo o trabalho, e cuſto. No meſmo tempo dava exceſſivo cuidado no Conſelho de Eſtado, e Guerra eſta impenſada acçaõ de D. Joaõ de Auſtria; depois de conſiderados os perigos, e os remedios, ſeguindo-ſe o parecer dos Cabos do exercito; ſahio eſte de Eſtremoz a vinte e quatro de Julho governado pelo Conde de Attouguia de quem era Meſtre de Campo General o Conde de Schomberg, e governava as trópas de Lisboa, e Extremadura o Marquez de Marialva. Diſtribuio o Conde de Schomberg as ordens, com que devia marchar o exercito, e paſſou a Elvas, onde tinha a ſua caſa, a determinar importantes negocios della. Era a formatura nova, ſingular, e a melhor para evitar as deſordens, que antigamente padeciaõ os exercitos, ſendo accommettidos repentinamente; porém era a primeira vez que os Portuguezes viaõ eſta notavel diſciplina, e naõ ſó a deſ-

a desprezáraõ na marcha, mas disseraõ, que o Conde se retirára por naõ saber formar o exercito. Elle voltou dentro em breves horas, e era dotado de tal juizo, e prudencia, que desprezou com urbanidade a calumnia, sendo esta a primeira victoria de tantas, que se devêraõ á sua memoravel sciencia, valor, e industria. No dia seguinte se alojou o exercito na fonte dos Sapateiros; e chamando o Conde de Attouguia a Conselho fôraõ muitos, e diversos os pareceres; e quando elle intentava seguir os do Conde de Schombergt, D. Joaõ da Sylva, e D.Luiz de Menezes, lhe chegou a noticia de que D. Joaõ de Austria marchava para Albuquerque com demaziada diligencia; passou o nosso exercito para o alojamento de Barbacena com a gloria de que se retirasse D. Joaõ de Austria, quando elle o buscava nos seus quarteis. Estes achou desmantelados o General da Cavallaría, que foi reconhecer a marcha; e achando retirados os Castelhanos, sem perda, e com preza se retirou ao exercito, dando a noticia de que ficava governando Arronches o General da Artilharía *ad honorem* D. Ventura de Tarragona com sinco Terços de Infantaría, hum de Espanhóes, dous de Italianos, e dous de Alemães, cento e sincoenta cavallos, artilharía, munições, e mantimentos proporcionados, e com viva diligencia no augmento das fortificaçóes. Intentáraõ logo os Castelhanos interprender Veiros; mas achando no seu Capitaõ mór Domingos Côrtes Paim valorosa resistentia, se retiráraõ com perda. No dia seguinte o Conde de Attouguia, o de Schomberg, e Marquez de Marialva com tres mil cavallos, e mil mosqueteiros, ás ordens do Mestre de Campo D. Luiz de Menezes, reconhecêraõ Arronches, sem damno de innumeraveis balas; rodeáraõ a Praça, observáraõ as fortificaçóes, e concordáraõ em que convinha deixar aos Castelhanos

com,

continuar naquelle empenho taõ pouco proporcionado ao dispendio, que haviaõ feito naquella Campanha. Em Castella fôraõ diversos os juizos a respeito do que D. Joaõ de Austria obrára; porque huns o culpavaõ de que dissipára hum thesouro na formatura de exercito poderoso para conquistar huma Praça a mais ridicula da Provincia; outros apaixonados em que entrou hum Portuguez, diziaõ, que Arronches era igual a Elvas, e importantissima Conquista: o certo he que gastáraõ os Castelhanos muitos mil cruzados em a fortificarem, e muitos no exercito, e presidio, e depois a deixáraõ muito por seu gosto, e desmanteláraõ o que lhes tinha custado tanto dinheiro, conhecendo, que só lhes servia para gastos, e nunca de proveito. Em oito dias se aquarteláraõ os dous exercitos; o Conde de Schomberg armou á Cavallaría de Badajoz, e derrotou hum grande troço; governou a Provincia de Alemtejo na ausencia do Conde de Attouguia com notavel acerto, e só teve o disgosto de que D. Joaõ de Austria ganhasse Alconchel por culpa do seu Governador Gaspar do Rego, o qual tendo oitenta Soldados, munições para largo tempo, e mantimentos para vinte dias, se rendeo logo, baldando a diligencia, que por ordem do Conde de Schomberg faziaõ no mesmo tempo para soccorrello o Mestre de Campo Francisco Pacheco Mascarenhas, Governador de Mouraõ, e o Tenente General da Cavallaría Diniz de Mello de Castro. Perdeo Gaspar do Rego o credito muitas vezes adquirido, que he o mayor castigo; foi prezo em Elvas, e castigado, confórme o delicto, em tudo o mais, que naõ foi tirar-lhe a vida, que para nada serve sem honra. No mez de Julho, em que succedia isto no Alemtejo, sahio o Marquez de Vianna em Campanha na Provincia de Entre Douro e Minho com doze mil Infantes, oitocentos cavallos, e dez peças de artilharía,

lharîa; ſahio ao meſmo tempo a fazer-lhe oppoſiçaõ o noſſo General, Conde do Prado, com onze mil Infantes pagos, e Auxiliares, mil e quinhentos cavallos, e ſeis peças de artilharîa. Tomáraõ os exercitos diverſos alojamentos, buſcando cada hum os ſitios mais vantajoſos; e embaraçando-lhe o noſſo ſempre o poderem ſitiar a noſſa Praça de Valença do Minho, que era todo o empenho do General Caſtelhano. Viſinhos, e muito, ſe achavaõ os dous campos, quando o Conde de S. Joaõ, temendo ſe acabaſſe a Campanha ſem os Galegos lhe provarem a eſpada, derrotou em huma noite quatrocentos cavallos dos inimigos ſem mais diſgoſto, que ficar priſioneiro o Capitaõ Miguel Carlos de Tavora, ja heroe em idade mui tenra; porque avançando á trincheira, naõ pôde o cavallo ſaltar o foſſo, em que cahio, e donde foi conduzido para o Caſtello de Corunha, prizaõ eſtreita, em que eſteve até o tempo em que felizmente deo muita occupaçaõ á fama o ſeu nome. Eſta acçaõ fez taõ reſpeitado entre os Galegos o nome do Conde de S. Joaõ, que logo determináraõ retirar o exercito; e ainda depois da paz muitos annos, por eſta, e infinitas memoraveis proezas do Conde, coſtumavaõ os pays calar os filhos, dizendo-lhes, q̃ o Conde de S. Joaõ vinha a accommettellos; gloria, que, depois deſte heroe, ſó me lembra gozaſſem nos Dominios da noſſa Monarquia outros dous em Africa no Imperio do Monomotapa Anſelmo de Moraes, e na Aſia Antonio Cardim Froes; de ambos, que tratei, e conheci as prendas, vos darei a ſeu tempo largas noticias. Neſte tempo chegou ordem ao General Caſtelhano para aquartelar o exercito; fortuna, que elle pertendêra, e eſperava: o que ſabido pelo Conde do Prado, chamou a Conſelho, e reſolveo-ſe empregar o exercito na fabrica de hum Forte, que ſerviſſe de cobrir Valença, e ſegurar toda aquella Campanha; deo-

ſe-lhe

ſe-lhe principio em 23. de Agoſto; e a 3. de Setembro eſtava poſto em defeza com quatrocentos Infantes, e oito peças de artilharîa á ordem de Antonio Fernandes de Carvalho, Official de valor conhecido. Os Galegos largáraõ os quarteis com tal ſilencio em huma noite, que quando o Conde do Prado os quiz ſeguir ja ſe amparavaõ da artilharia do Forte de S. Luiz. Mandou o Conde deſmantelar os quarteis, e atacar o Forte de Belem com tal felicidade, que apenas ſe diſparáraõ poucas peſſas, fugiraõ vergonhoſamente cento e dezanove Soldados, que o defendiaõ; e ſeguidos promptamente pelo Conde de S. Joaõ, todos fôraõ mortos, e priſioneiros ſem eſcaparem mais que dous. O noſſo exercito marchou para Coura; e o Conde do Prado com hum troſſo de Cavallaria, e Infantaria paſſou por ordem da Rainha a ſocegar hum tumulto do Porto pela impoſiçaõ do tributo do papel ſellado, que o Conde ſocegou felizmente logo. Vinde ſedo ouvir couſas de goſto.

FIM

DA DECIMA QUINTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVI.

JUntaraõ-se sedo os Academicos a gozar o Sol, e á vista delle a mais innocente, e proveitosa conversaçaõ, em que o Soldado continuou as noticias da Campanha de 1661. na Provincia da Beira, dizendo: A 23 de Julho sahio a campo o Duque de Ossúna com seis mil Infantes, e seiscentos cavallos; encorporáraõ-se-lhe depois outras Trópas de lugares mais distantes, dez peças de artilharia, seis grossas, quatro de Campanha, dous morteiros, petardos, quantidade consideravel de munições, e mantimentos; governava o Partido de Ribacôa Joaõ de Mello Feyo, o qual vendo preparar este exercito a tempo, que elle carecia de tudo, avizou a Rainha, quando ja D. Sancho Manoel, temendo igual ruina, tambem avizava: tardou a resposta, e soccorro; instáraõ segunda vez expondo o perigo proximo; e resolveo a Rainha, que o Conde de Misquitela passasse a soccorrer a Beira com a sua presença, e todas as Trópas, que podesse tirar da Provincia de Trás os montes. O Duque de Ossúna tomou quarteis sobre o Forte de Val de la mula, que governava o Capitaõ de Infantaria Bernardo da Cunha com cem Sol-

dados auxiliares: mandou-lhe o Duque dizer, que se entregasse sob pena de experimentar o rigor da milicia contra os que se naõ rendem a hum exercito; naõ tendo capacidade para se defenderem: respondeo com valor, e intrepidez; resistio ao primeiro assalto, porém esquecido do valor, com que promettera defender-se, antes do segundo assalto, entregou o Fórte. Passou o Duque de Ossúna com o exercito ao Fortím de S. Pedro, que rendeo sem resistencia o Alferes reformado Antonio Ferreira, que o governava. Aquartelou-se o Duque junto a Val de la mula a tempo, que o Conde de Misquitella havia chegado á Cidade da Guarda com quatro mil e quatrocentos Infantes auxiliares, e duzentos e quarenta cavallos, e avizado de Joaõ de Mello, passou com a cavallaria á Praça de Almeida com tal felicidade, que evitou com isso o cerco daquella Praça, para onde se dirigia o exercito do Duque de Ossúna, que vendo a empreza frustrada mandou a artilharia para Galhegos, e quatrocentos Infantes, e cem cavallos a queimar alguns Lugares nossos abertos, e que suppunhaõ desamparados. Foi o primeiro Almofalla, mas foraõ rebatidos com muito sangue dos galegos. Passou o Duque á Cidade Rodrigo, deixando em Galhegos o exercito; o Conde de Misquitella principiou huma obra corôa em Castello Rodrigo, e passou á Cidade da Guarda para conservallo, e a gente, que trouxera de Tras os montes, pouco seguro sem a sua presença. Passou logo o Duque da Cidade Rodrigo para o exercito em Galhegos, atacou com elle o Castello de Alvergaria, que com poucas horas de combate entregou o Capitaõ Antonio de Andrade, depois de aberta huma brecha; e era taõ miseravel o estado, em que estava a Provincia da Beira, que, se o Duque usas-

se

se da fortuna, como a vio antes de chegarem os soccorros de Alemtejo, pudera conquistar-nos Praças de mayor importancia. O Conde de Misquitella com a noticia desta perda passou a Almeida com a gente de Trás os Montes a tempo, que o Duque queimava varios Lugares nossos abertos, sem achar resistencia mais que no de Souto, em que perdeo duzentos homens; e chegando-lhe neste tempo a noticia de que vinha perto Achim de Tamaricut, Governador da Cavallaria com todos os soccorros, que haviaõ passado ao Alemtejo, se retirou á Cidade Rodrigo, e licenciou o exercito. O que visto, e considerado pelos nossos Generaes, e Cabos de todos os Partidos, em que se achava ja D. Sancho Manoel, que do Alemtejo viera com o titulo de Conde de Villa-Flor, determináraõ recompensar o trabalho das nossas Trópas com os despojos das Villas. Juntaraõ-se no Sabugal os dous Governadores das Armas, e com dous mil Infantes, e setecentos e sessenta cavallos emprehendêraõ tomar as Villas de Campo, e Possuelo: vencêraõ a grande tempestade, que houve no segundo dia da marcha com a noticia de que Joaõ da Sylva com quatrocentos cavallos, que se haviaõ adiantado, naõ era sentido. Anoiteceo meya legoa antes das Villas, onde fizeraõ alto, e sentidos do Castello de Payo foi avizado o Duque de Ossúna, que logo juntou as forças das Praças vizinhas. Na madrugada seguinte entrámos as Villas sem resistencia, e achâraõ os Soldados nas casas dos paisanos despojo consideravel. Como era continua a chuva, cresceo a corrente do rio Arrego de sorte, que difficilmente passáraõ os nossos o porto. Neste tempo D. Joaõ Jacome Massacan, Commissario geral da Cavallaria Castelhana com quatorze batalhões, e seiscentos Infantes Alemães se presen-

tou aos nossos ao nascer do Sol, no dia seguinte, junto á serra da Gata, onde, depois de mudar de idéa muitas vezes para nos vencer, foi inteiramente derrotado, deixando prisioneiros nove Capitães de cavallo, dous Ajudantes, e o Tenente das Guardas do Duque de Ossúna, duzentos Soldados, e trezentos cavallos, degollada toda a Infantaría, de que se recolhêraõ as armas; e com a fortuna de nos custar esta memoravel acçaõ só as vidas de tres Soldados, e doze feridos. Na Còrte cresciaõ os disgostos, quando nas Fronteiras se gozavaõ successos taõ prosperos. Falleceo o Conde de Odemira, varaõ respeitado, e digno disso; o Rey o visitou duas vezes na doença, foi lançar-lhe agua benta depois de fallecido, e absteve-se de sahir do Paço em público, premio condigno do seu merecimento; porém como a presença deste varaõ illustre era o freyo de Antonio de Conte, e de seu irmaõ Joaõ de Conte, creceo de sorte o valimento destes, e a desordem, que a Raínha quiz recolher-se a hum Convento, para o que consultou varios Ministros. Tinha partido Francisco de Mello ja Conde da Ponte, Embaixador para Londres a tratar o casamento da Infante D. Catharina, e cuidava-se em dar casa ao Infante D. Pedro. A pezar das astuciosas diligencias do Baraõ de Buttavilla, Embaixador de Espanha em Inglaterra, venceo o Conde da Ponte as mayores difficuldades, e naõ só ajustou o casamento, mas outras conveniencias muito importantes, como foi o divertir o Rey de Graõ Bertanha a jornada, que os Ollandezes intentavaõ fazer á India; assistir-nos com dez Navios de guerra dos melhores, defender-nos de piratas os mares, e acodir-nos com todas as suas forças maritimas nas mayores necessidades; e por terra igualmente, álem de outras cousas assás ne-

cess-

cessarias para o nosso estabelecimento, e fortuna. Achava-se em Ollanda o Conde de Miranda, e com a intervençaõ do Rey de Inglaterra ajustou a paz com a Républica, que entre nós, e elles foi igualmente festejada. Elegeo a Raínha General do Alemtejo segunda vez o Marquez de Marialva, e satisfez ao Conde de Attouguia a falta deste posto, fazendo-o General da Armada; passou este a Lisboa a exercitar o posto, e o Conde de Scomberg entretanto tomou cem carretas carregadas de armas, fez conduzir os boys, e dar fogo ao mais. A 7. de Mayo de 1662. sahio D. Joaõ de Austria em Campanha com nove mil Infantes, sinco mil cavallos, dezaseis peças de artilharía, tres morteiros, oito petardos, todos os instrumentos de expugnaçaõ, e grande numero de munições, mantimentos, e bagagens, Capitaõ General D. Joaõ de Austria, Governador das Armas o Duque de S. German, Mestre de Campo General Luiz Poderico, General da Cavallaría D. Diogo Cavalhero, General da Artilharía D. Gaspar de la Cueva, e com o titulo de General da Artilharía *ad honorem* Nicoláo de Langres, que contra a fé promettida havia passado para o serviço do Rey de Castella, depois de ter servido de Ingenheiro com grandes vantagens muitos annos em Portugal, maldade, que nunca em toda a guerra imitou pessoa alguma da sua Naçaõ, porque todos os Francezes serviraõ nella com admiravel valor, e incorrupta fidelidade. Foi a primeira acçaõ deste exercito barbara, porque se empregou em fazer voar duas atalayas; fez alto na torre dos Sequeiras, que fica da parte de Campo-mayor, pouco distante dos Olivaes de Elvas: o Marquez de Marialva, que intempestivamente viera de Estremoz para Elvas, agora reconhecendo o perigo daquella Praça,

quasi

quasi sem defesa, animado de valor inimitavel, passou á vista do exercito Castelhano com o mayor possivel soccorro, e mayor perigo; entrou felizmente em Estremoz, a qual fortificou de sorte o Conde de Scomberg, que D. Joaõ de Austria se naõ atreveo a sitialla, quando de perto vio a notavel, e repentina defesa. Padeceo Villa Boim fogo com todas as quintas, e povoações da Campanha; rendeo-se o Castello, que governava hum Capitaõ Francez, a quem o Cura persuadia mayor defesa; jactancia, que depois confiadamente expôs a D. Joaõ de Austria, dizendo naõ julgava aquelle exercito capaz de expugnar o Castello de Villa Boim; discurso, e arrogancia propria do Cura de huma Aldêa, que só póde comprehender quem por seus peccados for ovelha sua. D. Joaõ de Austria, constando-lhe que o Marquez de Marialva entrára na Praça de Estremoz, ordenou a hum correyo, que desta Praça hia para Elvas, voltasse, e dissesse ao Marquez, que no dia seguinte o hia buscar. Com effeito a 12 de Mayo appareceo formado á vista de Estremoz o exercito, que os nossos esperavaõ com alvoroço; chamou a Conselho o General Castelhano, e todos reconhecendo a admiravel defesa da Praça, votáraõ se deixasse a empresa; marchou o exercito para os Arcos, e o Conde de Scomberg reconhecendo a marcha, carregou seis batalhões da rectaguarda, e delles derrotados trouxe trinta cavallos. Continuou D. Joaõ de Austria a marcha, que sempre se temeo fosse a sitiar Villa-Viçosa, mal fortificada; tomou Borba, sitiou Geromenha. O Marquez, depois de ouvir os pareceres de todos, e até o do Conde da Ericeira, ausente em Elvas, seguio o seu proprio, e com doze mil Infantes, quatro mil cavallos, e doze peças de artilharîa sahio em campanha, determinado

a soc-

a soccorrer Geromenha, rompendo as linhas, como ja tinha feito com incomparavel fortuna em Elvas: o mesmo se assentou em Conselho á vista dellas, contra o parecer dos melhores; porém mudando logo o Marquez o seu muitas vezes a respeito do modo, e sitio, por onde se devia peleijar, ultimamente cedeo ao parecer dos Cabos do exercito; e á vista dos Castelhanos sem discommodo, nem perda, se retirou a fortificar Villa-Viçosa, e entregou-se Geromenha depois de muitos dias de valorosa resistencia, capitulando com a mayor honra; era seu Governador Manoel Lobato, que a ninguem justamente concedia ventagem na valentia, e vêr que o naõ soccorriaõ lhe penalizou a alma. Retorçou D. Joaõ de Austria o exercito com multiplicadas levas, renovou as fortificações de Geromenha, marchou para Veiros, fez voar o Castello, passou a Monforte, que se lhe entregou, deixou a Villa com presidio, chegou ao Crato; e porque intentou resistir-lhe o Governador, naõ tendo defesa, o condemnou á morte, de que escapou por intercessaõ de varios Officiaes Castelhanos, a quem elle tratára benignamente quando na batalha das linhas de Elvas ficáraõ prisioneiros; e o Sargento mór, que naõ teve padrinhos, valorosamente acabou a vida arcabuzado. Do Crato desfez D. Joaõ de Austria a marcha por Alter Pedroso, mandou voar o Castello, e logo se lhe rendeo o Assumar; julgou que o mesmo fizesse Alegrete, a quem governava hum valoroso, e memoravel Cavalheiro Francez N. de la Costé; mandou-lhe D. Joaõ commetter partidos, e fazer ameaços, que elle generosamente lhe mandou dizer que S. Alteza era testimunha do valor, com que elle havia defendido outras Praças, e com graciosa confiança lhe mandou com o recado dous frascos de vinho da mesma Villa de Alegrete, que

he

he ſem dûvida o mais generoſo, e forte, que ſe tem viſto, e experimentado, dizendo, que viſſe S. Alteza como eraõ excellentes os vinhos daquella Praça, e que ſe haviaõ de defender até a ultima gotta delle. Pôde tanto com D. Joaõ de Auſtria a galantaría, que, ſem lhe fazer damno, continuou a marcha; entrou em Ouguella, a qual ſem reſiſtencia lhe entregou o Capitaõ Domingos de Attaíde Maſcarenhas; e como a Praça, aindaque pequena, era importante, apenas chegou ao noſſo exercito o Governador, hum Capitaõ de Infantarîa, e hum Ajudante foraõ enforcados por ordem do Marquez de Marialva. Eilaqui o que he o mundo, nunca mais caſa de doudos do que na guerra: ſe vos defendeis, vos enforca o General inimigo; e ſe vos entregais, vos enforca o voſſo. D. Joaõ, obrigado do calor do Sol, ſe retirou para Badajoz ſem a menor oppoſiçaõ; e o Marquez de Marialva ſupportando com grandeza de coraçaõ as diſgraças deſta Campanha, arrependido de naõ ſeguir o voto do Conde de Ericeira, que aconſelhava a diverſaõ do ſitio de Geromenha com o de Albuquerque, paſſou a Liſboa, deixando o exercito em máo eſtado, pela oppoſiçaõ dos Cabos principaes, de que ſe ſeguia a fugida dos Soldados de cavallo, e as infirmidades nos Infantes, intimamente occupados em deſordens, que vereis remediadas nas Conferencias ſeguintes.

FIM DA DECIMA SEXTA PARTE.

LISBOA:

Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto. Ann. de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVII.

EM ausencia do irmaõ Theologo disse o Soldado: Ja vos contei na Conferencia 12 o principio, e fundaçaõ deste Reyno por Tubal, e deixei a historia no governo dos tres Geriões, ou Lominios, aos quaes com generosa liberalidade entregou Osíris o Reyno. Estes começáraõ o governo com tal uniaõ, e conformidade, que della se originou dizer-se, que tivera Espanha hum Rey chamado Geriaõ com tres cabeças: durou porém muito pouco esta felicidade; porque, lembrados os Geriões que os Andaluzes, Aragonezes, e Valencianos tinhaõ chamado Osíris a Espanha, e sido causa delle matar seu pay, se mudáraõ para aquella parte com intento de os vexar, e vingarem-se. Ao mesmo tempo gozava Lusitania de paz, e riqueza, que toda consistia em gados nos fertilissimos Campos de entre Douro, e Minho, e Cabo de S. Vicente. Começáraõ os Lominios a vingança nas Provincias, que disse, usurpando gados, impondo tributos: e vendo, que os povos se affligiaõ, e eraõ capazes de chamar segunda vez Osíris, cessaraõ as vexações, em que por mensageiros confidentes offerecêraõ grandes riquezas a Tifon,

fon, irmaõ de Osíris, Governador de Egypto, para que mataſſe a ſeu irmaõ, o que elle fez com a mayor tyrannia: porém Hercules, filho do defunto Osíris, em batalha campal venceo, e matou o tio Fratricida, e para caſtigar os que tinhaõ movido Tifon áquella aleivozia, paſſou a Eſpanha por Africa, onde matou o gigante Antêo, o qual ſepultou em Tangere, cujos oſſos deſcobrio, e admirou o grande Capitaõ Portuguez Sertorio ſeculos depois. Os Geriões, vendo que chegava Hercules a vingar nelles a morte de ſeu pay, e que os póvos de Andaluzia, vexados por elles, ſe uniaõ a Hercules com os Valencianos, e Aragonezes, igualmente eſcandalizados fugîraõ com o melhor, que tinhaõ, para a noſſa Luſitania, confiando nos Portuguezes a defeſa. Hercules vendo que eſtes eraõ os melhores Soldados, que entaõ conhecia o mundo, e que os Geriões com elles ſe tinhaõ fortificado em hum lugar inacceſſivel, chamado depois *Saltus tercenorum*, deo na idéa melhor para conſeguir a victoria, que foi deſafiar os tres Geriões corpo a corpo cada hum por ſua vez, fiando das ſuas grandes forças o que naõ podia conſeguir com tantas alheyas. Aceitáraõ os Geriões o deſafio: ſahio a campo o primeiro, e logo cahio morto aos pés de Hercules; o meſmo ſuccedeo ao ſegundo, e terceiro: o que vendo os Portuguezes vieraõ ſobre Hercules magoados de lhe matar ſeus Principes, mas elle, que tinha prudencia igual ás forças, os deteve, moſtrando-lhes o favor, que delle acabavaõ de receber, livrando-os de tres Tyrannos, que lhes tinhaõ uſurpado a liberdade; e lembrando-lhes as antigas obrigações, que deviaõ a ſeu pay Osíris, de quem tinhaõ recebido os deoſes, e ceremonias neceſſarias para ſe ſalvarem, e a aleivozia, com que os

os Lominios lhe tinhaõ remunerado tudo isto, a vida, que lhes perdoou, e o Reyno, que lhes deo. De sorte os aplacou esta prática, que, deixadas as armas, passáraõ a celebrar festas no Cabo de S. Vicente, onde, depois de muitos dias de sacrificios gentilicos com grande solemnidade, levantou Hercules hum templo sumptuoso, que foi muitos seculos frequentado com ritos do Egypto. Tal amor lhe tomáraõ os Portuguezes por este bem, que julgavaõ lhes fazia, que lhe pedíraõ para Rey de toda Espanha seu filho Híspalo, o que elle lhes concedeo; e deixando-o em Portugal acclamado, e bemquisto, passou a Italia para se vingar dos Lestriogóes, que tinhaõ concorrido com os Lominios para a morte de Osíris seu pay. Chamou-se este Hercules tambem *Ouro Libico*, de quem trataõ os Poetas, e de quem se contaõ as mayores fábulas. Começou Híspalo o governo com applauso de todos, favorecendo especialmente aos Portuguezes, ja por lhes conhecer lealdade, e valor especial, como seu pay Hercules lhe tinha encarecido, ja por serem os mais religiosos, e veneradores do diabolico templo, que seu pay lhes deixou acabado: poucos annos gozou do Imperio de Espanha; porque a morte o privou delle na flor da idade. Succedéo-lhe no Reyno seu filho Hispâno, que foi o mais amado, por ser o mais supersticioso; ensinou mil invençóes, e ritos aos Portuguezes, para adorarem o Sol, a quem chamavaõ Deos Apollo; hum delles era naõ o vêr pôr no Occidente, por julgarem que se affogava nas aguas aquella Divindade; só o Rey o via pôr, e o Sacerdote, e logo se postravaõ por terra em signal de sentimento; e recolhendo-se ao templo, esperávaõ a manhãa: sahia entaõ só o Rey, e Sacerdote ao mesmo

 mo

mo ſitio a eſperar no Oriente o nacimento ; e tanto que o viaõ , com ſumma alegria vinhaõ dar a noticia ao pôvo , que a celebrava com feſtas , e ſacrificios. Trinta e dous annos reinou Hiſpâno , o qual naõ teve filhos , e deixou a todas as Provincias do ſeu domînio o nome de Heſpanha , que até eſſe tempo ſe chamavaõ Iberia , em memoria do ſeu ſegundo Monarca Ibéro , filho de Tubal. Hercules , carregado de annos , e triunfos , vendo que ſeu neto naõ tinha ſucceſſor , paſſou a Eſpanha , onde foi recebido com o mayor applauſo , eſpecialmente dos Portuguezes , que lhe merecêraõ ſempre amor , e eſtimaçaõ. Governou o velho eſta Corôa com admiravel paz , e juſtiça , amado de todos , por eſpaço de vinte e nove annos ; e vendo ſe lhe chegava a morte , nomeou por ſeu ſucceſſor na Monarquia de toda Eſpanha a Héſpero , Capitaõ ſeu , e muito valoroſo. Deixou aos Portuguezes eternas ſaudades , e em ſignal do affecto eſpecial , que lhes tinha , quiz ſer ſepultado entre elles ; enterraraõ-o com notaveis ritos , e prantos no templo , que elle tinha edificado no Promontorio Sacro , onde annos antes tinha mandado levantar hum Mauſoléo rico , e ſumptuoſo , adornado de columnas de prata com letras Egypcíacas , que continhaõ hum Catalogo das ſuas façanhas , conjuros contra as ondas do mar , para nunca ſe atreverem a deſtruir aquelle grande edificio , cujos aliceſes eraõ na praya. Muitos annos depois foraõ os ſeus oſſos trasladados para outro templo , que lhe edificáraõ em Cadis ; porém ſempre foi neſte venerado por Deos , deſde que o ſepultáraõ , até que os Monarcas de Eſpanha de todo extinguíraõ a idolatria. Celebrado o enterro de Hercules , tomou poſſe da Monarquia Hſpéero , o qual a governou com total ap-

plauſo ,

plauſo; no ſeu tempo julgaõ muitos foraõ a primeira vez deſcobertas as Ilhas de Cabo-verde, Principe, S. Thomé, e as Antilhas, que delle ſe chamáraõ Heſpéridas. Moſtrou pouco amor aos Portuguezes, e menos devoçaõ ao templo, e culto do Deos Hercules, que o edificára, e lhe déra a Corôa: mas depréſſa pagou a ingratidaõ, porque os Portuguezes, e Andaluzes ſe uníraõ com ſeu irmaõ Atlante Italo, o qual naõ ſatisfeito com a grande parte de Italia, que Hercules lhe déra, caminhou a Eſpanha, dizendo lhe pertencia, por ſer mais velho que ſeu irmaõ Héſpero; como ſe a mercê de Hercules foſſe herança: mas em fim junto com os deſcontentes de Portugal, e Andaluzia, tirou ao irmaõ o Reyno, e Corôa. Héſpero vendo-ſe perdido, paſſou a Italia, onde brevemente acabou a vida, tendo reinado ſó dez annos em Eſpanha. Começou Atlante o ſeu governo, fazendo eſpeciaes favores aos Portuguezes, e Andaluzes, ja pelo que lhes dizia, ja pelo muito que os receava deſcontentes; em Portugal lhe nacêraõ de Leucaria varios filhos: primeiro huma filha, a quem chamou Roma; ſegundo Sicoro, que foi o ſeu ſucceſſor no Reyno; terceiro Mergete, Governador dos Aborigenes; quarto Electra, mulher de Camblobaſco, máy de Dárdano, Rey de Troya; quinto Maya, que foi venerada por deoſa. Paſſados dez annos de governo pacifico, paſſou á Italia, deixando a ſeu filho Sicoro o governo deſta Monarquia; a cauſa deſta auſencia foi a noticia de que ſeu irmaõ Héſpero, a quem elle tirára a Corôa, lhe hia conquiſtando muita parte da ſua antiga em Italia: levou comſigo hum numeroſo exercito de Portuguezes, e Andaluzes, cujo valor, e fidelidade eraõ toda a ſua eſperança: e Héſpero, que igualmente conhecia eſtas

gen-

gentes, naõ obſtante o ter conſigo o melhor da Hetruria, tratou varios concertos de paz com o irmaõ, que pouco tempo ſe obſerváraõ; porque a morte de Héſpero deixou a ſeu irmaõ livre deſte cuidado. Ficou Atlante Italo com aquella notavel Provincia, que delle tomou o nome de Italia, e Sicoro ſeu filho com Eſpanha. Repartio pouco depois Italo as ſuas terras, e Vaſſallos; e deo a ſua filha Roma os Portuguezes, que lá tinha, deſde que os levou á guerra contra ſeu irmaõ; eſtes amavaõ com extremo a Princeza Roma por ter nacido entre elles, e o pay os amava, ja por eſte motivo, ja porque ſó delles podia eſperar que a filha reinaſſe bem defendida. Fez Italo para ſi huma povoaçaõ no monte Aventíno, e outra para ſua filha Roma com os Portuguezes no monte Palatino, da qual ſenhoreavaõ todos os Aborigenes, antigos poſſuidores daquella Comarca. A eſta nova Cidade deo a Princeza o ſeu nome, e ſe chamou Roma, que depois foi cabeça, e ſenhora de todo o mundo, e hoje o he da noſſa Fé pura com a Cadeira de S. Pedro, Sé Apoſtolica, e habitaçaõ do Vigario de Chriſto, de ſorte, que os Portuguezes, e naõ Romulo (como muitos fingíraõ, ou ſonháraõ) foraõ os primeiros Romanos, ou fundadores, habitadores, e defenſores de Roma, e delles deſcendêraõ todos os mais Romanos, que depois aſſombráraõ, e domináraõ o mundo, como vos contarei a ſeu tempo Sicoro governou em paz toda a Eſpanha, viſitou todas as Provincias della, deo nome ao célebre rio de Catalunha Sicoris, que hoje ſe chama Segre; e depois de ſincoenta e ſinco annos de governo morreo em Aragaõ. Levantáraõ logo os Portuguezes por Monarca ſeu filho Sicâno, que tinha nacido, e vivia entre elles;
era

era Principe animoſo, e proporcionado para as neceſſidades daquelle ſeculo; porque os Portuguezes, fundadores de Roma, habitavaõ junto ao rio Tibre, e dahi perſeguiaõ os Aborigenes, de que ja fallámos; e depois de os vencerem em muitas batalhas, e lhes deſpojarem de tudo muitas vezes, e das terras; como a fortuna he inconſtante para todos, chegáraõ huma vez os Aborigens ao ultimo da deſeſperaçaõ, e cercáraõ os Portuguezes, e novos Romanos de ſorte, que lhes foi neceſſario pedirem ſoccorro a Eſpanha, donde ſahio Sicâno a defender os Vaſſallos de ſua tia Roma, que ainda era viva; e levando comſigo hum exercito de Portuguezes, em cujo valor ſó affiançava todas as victorias, embarcou no Guadiana, a quem dizem que déra o nome neſte embarque; aportou em Italia, onde deo aos Aborigenes tal caſtigo, que muitos annos ſe naõ atrevêraõ a vêr as muralhas de Roma, e menos a ter com os Romanos guerra, ſoffrendo a intoleravel, que elles lhes faziaõ cada dia. Depois de conſeguida a victoria, e gaſtados em feſtas, e ſacrificios gentilicos muitos dias com a tia Roma, veyo o noſſo Rey Sicâno ſobre Sicilia a deſaggravar outros Eſpanhóes, que nella tinha deixado ſeu avô Atlante Italo, quando repartio os Vaſſallos, e o Reyno depois da morte de ſeu irmaõ Héſpero. Eſtes viviaõ aſſaz vexados dos Leſtrigões, e Ciclópes, antigos moradores daquella Ilha, gente barbara, ſalvagem, gigantes na eſtatura, ferozes no aſpecto, brutos nos coſtumes. Eſtes venceo o noſſo Rey em differentes batalhas, e deixou a Ilha povoada de Portuguezes, de cujo valor ſó fiava a defeſa, e de cuja lealdade tinha o mais raro penhor de obediencia. Confeſſem todos os Italianos, que ſaõ deſcendentes noſſos, e que devêraõ aos noſſos antepaſ-

ſados

fados naõ viverem hoje como os ſeus neſtes tempos. Entrou Sicâno em Eſpanha, recebido com vivas, e acclamações dos póvos, repartindo por todos os deſpojos, e inſignias das victorias; e depois de reinar trinta e hum annos, morreo em Portugal, onde foi ſepultado na Comarca de Viſeo. Succedeo-lhe no Reyno de toda Eſpanha ſeu filho Siceleo, o qual, depois de paſſar muitas vezes á Italia, onde ſempre foi vencedor, aos quarenta, e quatro annos de ſeu reinado morreo. Foi logo obedecido de toda eſta grande Monarquia ſeu filho Luſo, que na lingua Eſpanhola antiga quer dizer *Largo.* Foi taõ amante dos Portuguezes, que delle ſe chamáraõ Luſos, e o Reyno de Portugal Luſitania, nomes, que naõ ſó tomáraõ os meſmos Portuguezes em agradecimento do affecto, com que o ſeu Rey os tratava, mas todos os mais póvos de Eſpanha lho puzéraõ por inveja, chamandolhe Luſos, e Luſitania, iſto he, os amados de Luſo, e a ſua habitaçaõ continua. Foi muito devoto do templo de Hercules, e nelle quiz ſer acclamado, acçaõ, que baſtava para captivar os corações Portuguezes, que os tinhaõ naquelle templo, e ſeus ritos; e depois de governar em paz trinta e tres annos, morreo em Portugal, onde foi ſepultado no Promontorio Sacro. Succedeo-lhe ſeu filho Sic-Ulo, do qual vos darei noticias logo.

FIM DA DECIMA SETIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVIII.

FOi Sic-Ulo (disse o Soldado) reconhecido Rey de Espanha no templo de Hercules, no Cabo de S. Vicente, com notaveis acclamações dos Portuguezes, entre os quaes nacêra, e se criára: mostrou elle toda a vida o agradecimento, amando os Portuguezes como Luso; de Italia o chamáraõ os que habitavaõ a nova Roma perseguidos, roubados, e afflictos pelos Aborigenes, e os de Sicilia pelos Ciclópes, e Listrigões; com gente Portugueza soccorreo a todos em huma grande Armada, em que pessoalmente foi, e castigou os inimigos de ambos, deixando-os incapazes de fazer hostilidades nos seculos futuros. Dizem que morrèra em Sicilia de doença, quando se havia melhor gozar das victorias de Italia; o certo he que os Portuguezes sentíraõ com tal excesso a sua falta, que assentáraõ naõ ter mais Rey nesta Provincia; e as outras da Espanha seguîraõ o seu voto, vivendo todos em paz, e socego, occupados em apascentar gados quasi o tempo de cem annos: no fim quasi dos quaes appareceo em Espanha Bacco com numeroso exercito. Naõ he este o famoso na Italia, nem o inventor da

Agricultura, mas outro igual na ſuperſtiçaõ. Caminhou pela marinha até o rio Guadiana, fazendo-lhe os Portuguezes grave damno na rectaguarda; porém elle aſtuto, conhecendo que eſta gente ſó com favores, e politicas podia ſer vencida, fingio tal culto aos deoſes com danças, e pelos ſeus lhes proteſtou hum tal deſintereſſe, que os Portuguezes lhe offerecêraõ vaſſallagem com o partido de que ſe naõ chamaſſe Rey, porque deſde a morte de Luſo naõ podiaõ enxugar as lagrimas; elle mais que nunca ſagaz, e mentiroſo, valendo-ſe das ſaudades, que elles tinhaõ de Luſo, os conquiſtou, dizendo: *Eu naõ vim das minhas terras com outro fim ás voſſas com tantas feſtas, e danças, que vós nunca viſtes, ſenaõ para vos livrar das grandes ſaudades, que tendes do voſſo Rey Luſo, cuja alma mandáraõ os deoſes ſe metteſſe no corpo de meu filho Lyſias, que quer dizer Luſo na voſſa lingua; e vede ſe tem com elle a melhor ſimilhança, naõ obſtante ſer o corpo differente, de ſorte, que ſe o amais, como dizeis, alli o tendes outra vez, que eu naõ quero couſa alguma de vós.* Naõ he crivel, nem explicavel o goſto com que os Portuguezes lhe déraõ credito; e dando parte da ſua fortuna aos outros póvos, todos igualmente enganados acclamáraõ Lyſias por ſeu Monarca, crendo ſer a alma de Luſo em outro corpo; e em memoria deſta tranſmigraçaõ chamáraõ muito tempo a eſta Provincia Luſitania. Poucos annos reinou o fingido Luſo, e verdadeiro Lyſias; porém com governo taõ benigno, e ſuave, que fez com elle mais crivel o embuſte; de ſorte que, morto elle, e faltando aos Portuguezes a eſperança, e noticia de que paſſaſſe para outro corpo a ſua alma, renovando-ſe a ſaudade antiga, e pena com a ſua falta, renováraõ

tam-

tambem a teima de naõ quererem admittir outro Rey, para naõ terem na sua falta igual dor. Bacco tanto que deixou o filho, senhor do melhor de Espanha, se retirou para Italia, e os outros póvos da Monarquia Valencianos, e Andaluzes tinhaõ acclamado por seu Rey ao mesmo tempo a Palatuo. Contra este sahio em Campanha Licinio companheiro do defunto Lysias, e seu Valído, escolhido pelos Portuguezes só para Capitaõ, e Governador na guerra, o qual lhe deo armas nunca vistas em Espanha, invençaõ sua, forjadas por elle com tal arte, e destreza, que servia de terror aos inimigos mais a fama de cousa nunca vista, que talvez fosse bem ridicula, mas, naquelle seculo miseravel, a mais primorosa, de sorte, que os Portuguezes crêraõ, que o seu Capitaõ era filho do Deos Vulcano. Com este exercito, bem exercitado no manejo das novas armas, sahio Licinio a buscar Palatuo nas suas terras; encontráraõ-se no monte Moncayo, foi a batalha horrivel, porque os Capitães, e exercitos eraõ iguaes no valor; porém vencêraõ os Portuguezes, fugio o Rey com os poucos, que pudéraõ fazer o mesmo. Ficou Licinio senhor de quasi toda Espanha, edificou muitas Praças, e Fortalezas, em que deixou presidio Portuguez; durou-lhe pouco a felicidade, porque deo a morte a varios Soldados Portuguezes com pouca causa, de que se seguio o odio de todos, e Palatuo aproveitando-se da occasiaõ lhes mandou Embaixadores offerecendo-se para vingallos, responderaõ-lhe agradecidos; publicou elle que os Portuguezes o queriaõ seguir, e naõ ficou Andaluz, nem Aragonez, que os naõ quizesse imitar; com notavel exercito vinha marchando para Portugal, quando Hercules Thebâno, e outros Argonautas, impellidos de huma tempestade,

 sur-

gîraõ em Efpanha junto a Guadalquivir, vifitou Palatuo a Hercules, mandou-lhe os melhores víveres, e refrefcos, e contou-lhe a injuftiça, com que o tyranno Licinio lhe ufurpára a Corôa: Hercules, que lhe eftava obrigado, e feus companheiros todos, promettêraõ que naõ embarcariaõ fem o deixar vingado, e eftabelecido no feu Reyno. Juntos pois todos em hum fó corpo, levando Hercules, e Palatuo a vangarda, marcháraõ contra Licinio, que fabendo tudo ifto, tambem os bufcava com numerofo exercito. No monte Cauno, ou Moncayo foi o encontro, onde Licinio, e o feu exercito foi vencido, e desbaratado, fugindo com tal medo, e préffa, que fó parou em Italia. Setenta annos tyrannizou efta Provincia, a qual vendo-fe agora defaffombrada, tornou ao modo antigo de Republica, fervindo-lhe de guia, e Leys alguns verfos, que do tempo de Tubal fe confervavaõ ainda. Hercules, em acçaõ de graças pela victoria, fez que fe renovaffem na Lufitania os jógos Olympicos nas ribeiras do Guadiana. Mais de fetenta annos fe confervaraõ affim os Portuguezes, até que entre elles fe levantou hum Rey natural chamado Górgoris; era Paftor, como todos os mais, e obfervando em tócas das arvores o mel, que nellas fabricavaõ as abelhas, teve induftria para o aproveitar, e dando-o a comer aos mais Portuguezes, foi tal a admiraçaõ, e appreço em todos, que o acclamáraõ por feu Rey; o que pouco depois fizeraõ tambem os Valencianos obrigados do noffo exemplo, e da fuave doçura do mel de Górgoris, a quem por iffo chamáraõ Mellicula. Com mel fe comprava nefte tempo huma Corôa de gente taõ valorofa, e deftemida, áqual dominou Górgoris com paz, e boa aceitaçaõ, até que lhe perturbou o focego a difgraça de vêr pejada de
hum

hum amante a filha mais querida. Tanto que ella pario, mandou lançar no mato o innocente neto, para que as féras o comeſſem logo; mas ellas mais humanas, que o tyranno Górgoris, o alimentáraõ com o ſeu leite: o que ſabendo o avô, o mandou lançar na corrente do Téjo: uſou com elle humanidade o rio lançando-o na praya, junto a Santarem, onde huma cerva o ſuſtentou com o ſeu leite até mayor idade, tomando o lugar delle o nome; porque ſe chamou Abidis, e o lugar deſde entaõ até o preſente *Eſcálabis*, que he o meſmo que *Eſca Abidis*. Herdou elle da mãy a ligeireza, com que corria, e ſaltava por aquelles montes com paſmo dos caçadores, que o encontravaõ; e ſuppondo ſer féra, conheciaõ ſer homem na realidade. Conſtou a Górgoris eſte notavel caſo, e ſem lhe vir ao penſamento, que foſſe ſeu neto, mandou que lhe armaſſem laços, nos quaes veyo á ſua preſença ſeguro; mas logo por notorios ſignaes veyo a conhecer, que era ſeu neto. Converteo-ſe o antigo odio em amor exceſſivo, buſcáraõ-ſe Meſtres para domeſticallo, e ſahio das lições com o mais doce, e attractivo genio, alvo dos corações, e elogios do pôvo Luſitano, a quem liſongeou, edificando a Cidade de Aſtigi, que depois ſe chamou Ezija, e Auſturica, e hoje ſe chama Aſtorga. Neſte tempo ſuccedeo o incendio de Troya, que, ſegundo o cómputo de muitos, foi no anno de dous mil oitocentos e ſetenta e hum da creaçaõ do mundo. Reparo (diſſe o Ermitaõ) que vós ha muito tempo, que em varias Conferencias nem dizeis os annos, em que ſuccedêraõ as couſas, nem explicaſtes muitas vezes o valor dos dinheiros antigos. Tendes muita razaõ (diſſe o Soldado) para fazeres eſſe repáro, que eu eſpero ha muito tempo. Tudo iſſo deixei em ſilencio, por

naõ

naõ gaſtar o tempo ſem utilidade ; porque até hoje ſe naõ ajuſtáraõ , nem creyo ſe ajuſtaráõ nunca, os authores até o fim do mundo no contar dos annos ; de ſorte , que huns dizem que o diluvio foi no anno de 1657 , outros lhe daõ mais , e outros muito menos annos ; huns dizem que a Ley Natural durou ſó dous mil annos , como ſegue com elles o grande Vieira no Sermaõ do Juizo ; outros dizem que durou dous mil quinhentos e quarenta e ſinco ; outros mais , e menos annos ; o meſmo dizem da Ley Eſcripta, e o meſmo em fim de todos os annos da hiſtoria ; de ſorte que, ſendo a do Cardial Ceſar Baronio a mais apurada , e neceſſaria á Igreja de Deos , ſahio hum doutiſſimo Clauſtral contra elle com huma criſe , em que lhe emenda todos os annos , e depois de ambos quebrarem as cabeças com eſtas contas , ha modernos , que ambas julgaõ falſas ; em fim, para exemplo, e próva de tudo , baſta o que trás qualquer folhinha de algibeira , onde vereis que o anno preſente de 1759 , dizem que he o de 1763. O meſmo, que ſuccede nos annos, obſervei nas moédas antigas de toda Eſpanha , e depois nas dos varios Reynos , em que foi dividida ; porque os livros melhores de ſommas modernos lhes daõ hum valor , e cada hum dos authores outro ; de ſorte , que neſtas duas couſas nunca havemos de ſaber a verdade; e gaſtar nellas o tempo he a occupaçaõ mais inutil : pelo que nunca vos aſſeverei por verdadeiro anno algum , nem valor de moéda , nem o farei nunca. Tornando pois á materia da Conferencia , dizem que neſte tempo foi o incendio de Troya , para o qual concorreo Eneas , e outros inimigos da Patria ; e reduzida ella a cinzas , cada hum buſcou nova Regiaõ em que habitar. Ulyſſes , Grego de Naçaõ , e

o prin-

o principal incendiario de Troya, com poucas embarcações entrou no Téjo; e parecendo-lhe admiravel o sitio para habitação, e commercio, sahio a terra, e fundou Lisboa, que sempre se chamou desde então Ulysséa, ou *Ulyssipo* na lingua Latina, se bem ha poucos annos lhe chamaõ os mesmos *Lixbona*. Edificou o novo fundador Ulysses logo hum sumptuoso templo á deosa Minerva; o que sabendo Górgoris, veyo sobre elle irado com exercito; mas informado das utilidades, que podia receber dos novos hospedes naquelle porto, e venerando o templo, e nova divindade, cessou toda a ira Portugueza. Deo Górgoris sua filha, mãy de Abidis, por mulher a Ulysses, e celebrárao com novos, e supersticiosos jógos, e sacrificios as pazes. Os Gregos, abusando da nossa sinceridade, roubavaõ as nossas embarcações, que encontravaõ fóra das barras, de sorte que os Portuguezes tomáraõ as armas, e vieraõ sobre Lisboa; e Ulysses conhecendo os patrocinava a justiça, deixou a Cidade, e embarcou-se para Itaca, deixando alguns poucos Gregos na povoaçaõ, e assistencia do templo de Minerva. Ao mesmo tempo, em que Ulysses sahia de Lisboa pelo Téjo, entrava outro Grego, chamado Diomédes, pelo rio Minhos. Apenas desembarcáraõ fundou huma Cidade chamada Tide em memoria de seu filho Tideo; e os seus companheiros edificáraõ outra, por nome Tide menor, na entrada de Galliza: a primeira, e mayor consumio o tempo; a segunda ainda hoje existe fertil, e abundante, cabeça de Bispado, e se chama Tuy, corrupto o primeiro nome Tide. Destes Gregos, e dos Galos, que depois foraõ povoadores desta Provincia, se veyo ella a chamar Grecia, depois Gallecia, e hoje Galliza. Os outros Gregos povoáraõ

voáraõ hum monte, onde ha poucos annos se descobriaõ ainda vestigios de huma Fortaleza daquelle tempo, arruinada no do Rey D. Joaõ I.; chamouse Graya, depois Gaya, como hoje se chama outra mais abaixo, sobre o mesmo rio Douro; foi a primeira, de que fallámos, sempre notavel, e hoje he a segunda Cidade, e porto de commercio, que tem o Reyno. Ao principio lhe chamáraõ Porto Grayo, que quer dizer Porto Grego, hoje só Porto; e de ambos os nomes antigos chamáraõ Porto Galo, e hoje Portugal a todo este Reyno. O mais logo.

FIM

DA DECIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XIX.

SEtenta e ſete annos (diſſe o Soldado) reinou Górgoris, e por ſua morte acclamáraõ os Portuguezes ſeu neto Abidis, aos quaes elle agradeceo toda a vida os beneficios, que na ſua infancia recebêra; até aos montes ſe moſtrou agradecido, lembrando-ſe de que fôraõ o ſeu primeiro Palacio, fundando no mayor alto do monte, que habitára como féra, a notavel Villa de Santarem, á qual chamava Paraiſo de deleites o noſſo veneratel Rey primeiro D. Affonſo Enriques: do fundador tomou a povoaçaõ o primeiro nome, que ainda hoje conſerva entre os Latinos, chamando-ſe *Eſcalabis*, cuja interpretaçaõ ja vos diſſemos era o meſmo, que *Comida de Abidis*. Eſta foi a ſua Côrte trinta e ſinco annos, que reinou felizmente, taõ cuidadoſo da politica, como da agricultura, que deixou na mayor perfeiçaõ com a ſua induſtria, e fadiga, e com a ſua morte a mais terna ſaudade a toda a Eſpanha. Parece, que ás infelicidades de Eſpanha andavaõ annexas á vida deſte Monarca, porque á ſua falta ſe ſeguio outra de chuva taõ horroroſa, que vinte e ſeis mezes naõ viraõ os moradores cahir agua

das nuvens. Despovoou-se o Reyno do Algarve, e a Provincia do Alemtejo inteiramente, porque nestas terras fazia o Sol mayor impressaõ: huns foraõ habitar na Serra da Estrella, outros, e naõ poucos, fugiraõ para Italia; e como a secca era universal em toda Espanha, toda ella ficou quasi totalmente despovoada; seguiraõ-se ventos horriveis, que levavaõ pedras, edificios, e arvores; a terra abrio notaveis bocas; em fim choveo, remedearaõ-se os damnos, recolheraõ-se os Espanhoes ao seu Paiz, trazendo comsigo os que vieraõ de Italia o Poeta Homero, que sabendo havia Gregos nestas Provincias quiz visitallos; e chegando ás margens do Guadiana lhe chamou Campos Elysios. Neste tempo entráraõ em Portugal muitos Francezes, aos quaes nesse tempo chamavaõ Celtas; huns ajudáraõ a povoar o Algarve, outros o Alemtejo, outros se misturáraõ com os Gregos de Entre Douro, e Minho; estes se chamáraõ Ceporos, que em Grego quer dizer Agricultores, ou Jardineiros; e os que povoáraõ junto á boca do rio Lima se chamáraõ Cilenos. Huns, e outros edificáraõ povoações novas, reedificáraõ as que estavaõ perdidas, illustráraõ estas Provincias com templos, e edificios, e defenderaõ-as com as armas valorosos, como se vio na batalha, que déraõ aos Feníces, que entráraõ neste Reyno até o Cabo de S. Vicente, onde descobríraõ os ossos de Hércules entre as ruínas do seu antigo templo, e os leváraõ para Cadis, onde os collocáraõ em outro novo. Retirados os Feníces a Cadis, começáraõ a molestar os Andaluzes; tomáraõ estes as armas, porém foraõ vencidos: pedíraõ soccorro aos Gregos, e a huns Celtas, que, sahindo das primeiras povoações, habitavaõ na Ibéria, e se chamavaõ Celtibéros, mas tambem ficáraõ

derro-

derrotados: valeraõ-se em fim dos Celtas Portuguezes, dos quaes sahíraõ logo a soccorrellos sessenta mil homens taõ esforçados, que vencêraõ, e matáraõ os Feníces quasi todos; hum grande troço delles se quiz defender em huma Praça, que hoje he Medina Sidonia, mas, escalada a Fortaleza pelos Celtas, perdêraõ a vida; foraõ os despojos notaveis, especialmente os thesouros, que tiráraõ do templo de Hercules, cousa que tanto sentíraõ os Andaluzes, que estiveraõ em termos de brigar com os Portuguezes; mas temendo-os, se separaraõ delles. Os Celtas crescêraõ de sorte, que ja naõ cabiaõ nas suas terras; e naõ querendo molestar os Turdetanos, que habitavaõ a marinha desde Setubal até ao Guadiana, passáraõ o Téjo com todos os seus gados, e alfayas, julgando que os Turdulos antigos, que moravaõ na Beira, que entaõ era desde Cascaes até o Douro, os admittiriaõ por vizinhos: succedeo o contrario; porque os Turdulos, que pouco differiaõ de brutos sylvestres, sem Capitaõ, e sem ordem os investíraõ, e se perdêraõ. Os Celtas victoriosos fizeraõ taes insultos, que os vencidos chamáraõ a seu favor os de Lisboa, que lhes ficavaõ mais perto, e concederaõ-lhes a eleiçaõ de General para os governar. Uniraõ-se os dous exercitos, cujas armas eraõ páos tostados, mas taõ rijos, que pareciaõ ferros; outros usavaõ de fundas tecidas de lãa, e hum surráõ de pelle de lobo com pedras; cada Soldado levava tres fundas, huma na maõ, outra cingida ao corpo, e outra na cabeça, e taõ destros neste exercicio, que naõ perdiaõ tiro, porque desde meninos lhes punhaõ os pays o paõ nas pontas das arvores pendurado, e para o comerem o haviaõ de derrubar com huma pedra a tiro de funda. Os arnezes eraõ pelles de animaes humas so-

bre outras; em fim medonho exercito para os Celtas, que naõ estavaõ costumados a vêr similhantes fardas, e armas. Foi a batalha mais horrivel de que havia memoria, porque huns presumidos de victoriosos, e outros colericos offendidos, de sorte se mostráraõ pertinazes, que, se bem vencêraõ os Turdulos, ficáraõ igualmente feridos como os Celtas, de que se seguio fazerem pazes, e dividirem a Provincia da Beira entre ambos; ficáraõ os Celtas com toda a terra desde a Comarca da Covilhãa até a raya de Castella; e os Turdulos com a parte Occidental, e Costa maritima, servindo de muro, e marco desta divisáõ entre huns, e outros a Serra da Estrella. Ja os Turdulos se davaõ por seguros, e pacificos, quando veyo sobre elles outro peyor exercito dos Sarrios, que na lingua Castelhana quer dizer Campestre; eraõ huns Portuguezes salvagens, que habitavaõ nas brenhas, e covas dos matos como brutos, sem ley, nem Capitaõ, tendo por alimento bolotas, e mais fructos sylvestres, e o leite de algumas cábras, de cujas pelles se vestiaõ. Estes brutos pois entráraõ como féras nos campos, e povoaçóes dos Turdulos, onde fizeraõ notaveis estragos; mas sahindo contra elles unidos, os fizeraõ tomar outro caminho. Passáraõ o Téjo, esperando ficar em Santarem, onde os Celtas, depois de matarem muitos, affugentáraõ os mais; perseguidos de todos, caminháraõ pela margem do rio, e descobríraõ a praya, que jaz entre a boca do Téjo, e a Villa de Setubal; e como aqui naõ acháraõ resistencia, fizeraõ assento com grave prejuizo de todos os vizinhos, e Extrangeitos, porque matavaõ, e comiaõ todos os homens, e mulheres, que lá hiaõ, ou elles podiaõ colher; daqui naceo chamar-se barbarico ao Promontorio,

que

que vemos neste sitio, a que hoje chamamos Cabo de Espichel. Em quanto padecia o nosso Portugal estas disgraças, ameaçavaõ a toda Espanha outras. O Rey de Babylonia Nabucodonosor, depois de conquistar á força de armas a Cidade de Jerusalem, vendo-se victorioso, lembrou-se da resistencia, que os Portuguezes lhe tinhaõ feito em Tyro, e quiz agora vingar-se delles, vindo por mar, e terra sobre Cadis. Os Feníces temendo a ruîna conduzíraõ de Portugal, e Andaluzia a melhor gente, de sorte que Nabuco, vendo a resistencia da Praça, levantou vergonhosamente o cerco, deixando em todo o Reyno de Toledo, especialmente na Villa de Luzena, muitos Judêos, inuteis para a guerra: e estes foraõ os primeiros que entráraõ na Espanha. Alegres festejáraõ os Feníces a ausencia de Nabuco, quando se víraõ com outro peyor inimigo em casa, porque os Portuguezes julgando que só a fama do seu valor tinha affugentado os Babylonios, ja se naõ davaõ por satisfeitos com os soldos, que os Feníces lhes tinhaõ promettido quando os chamáraõ para a defesa de Cadis: foraõ taes as exorbitancias, que pedíraõ, que foi necessario aos Feníces tomar as armas, e castigallos; porém elles, aindaque vencidos, ficáraõ taõ furiosos, que unidos com alguns naturaes descontentes, déraõ sobre os Feníces, e naõ perdoáraõ a vida a pessoa alguma, ficando senhores de toda a terra firme de Andaluzia, e os pobres Feníces, como presos, na Ilha: chamáraõ os novos povoadores a esta Provincia Turdetania; e os Feníces vendo a sua tyrannia, pedíraõ soccorro aos Cartaginezes, de quem descendiaõ, e estes com huma luzida Armada, a quem governava Mezerbal, Capitaõ valoroso, surgíraõ na Bahia de Cadis. Houve varios encontros,

em

em que os Portuguezes conhecêraõ o grande valor dos Africanos, e para melhor resistirem, elegêraõ por seu Capitaõ a hum de estatura agitantada, chamado Baucio Capeto: este considerando o valor, e alvoroço, com que os Africanos se tinhaõ alojado em terra, valendo-se do silencio da noite, deo sobre elles de sorte, que, naõ obstante acodir o valoroso Mezerbal com o melhor do exercito, e fazer que a victoria custasse cara a Baucio, em fim perdeo a batalha, e o campo, fugindo á desfilada em hum notavel cavallo. Baucio victorioso seguio os vencidos, multiplicou despojos, e levantou trofeos nos altares dos seus idolos. Mezerbal, conhecendo o valor dos Portuguezes, com huma paz fingida se introduzio com elles de sorte, que lhe fiáraõ algumas Fortalezas principaes, onde logo se começou a mostrar superior. Conhecendo os Portuguezes o erro da entrega, e a falsidade do hospede (esta foi a base do Senhorío Africano em Espanha, e o principio do seu domînio), disputavaõ todos sentidos fortemente a tempo, que hum extranho caso acabou de mostrar ao mundo a nossa barbaridade naquelles seculos. Arrojou o mar huma Balea de notavel grandeza na praya de Setubal: corrêraõ os Portuguezes a ver o monstro, porém com tal medo, julgando que era hum deos do mar, que nenhum se atrevia a chegar-lhe: abria a Baléa a boca, porque lhe faltava o elemento, em que conserva a vida; e elles julgávaõ, que fallava, e pedia sacrificios, que aplacassem a sua ira: offereceraõ-se logo homens, e mulheres para isto, e elles escolhendo de todos hum moço, e huma donzella, os degolláraõ, e fôraõ pôr os corpos na praya perto da Balea: as ondas leváraõ os corpos dahi a pouco tempo, e elles assentáraõ que o deos

ma-

marinho tinha aceito o sacrificio: creceo a maré, nadou a Balea, sahio ao mar largo, julgáraõ, que ja aquelle deos hia satisfeito; e para que outra vez os naõ viesse ameaçar com castigo, instituîraõ este sacrificio cada anno com algumas ceremonias de novo, sendo huma dellas, que o moço, e donzella, q̃ haviaõ de ser degollados no sacrificio, e entregues ás ondas, hum anno antes viviaõ como casados, e melhor, porque naõ tinhaõ outro officio mais, que gozarem-se deshonestamente, e os póvos todos concorriaõ para o seu sustento, e regalo, porque assim do modo possivel todos entrávaõ, com as esmólas feitas ás victimas, no merecimento dellas no sacrificio, sendo o mais pio, e mais digno de premio do deos marinho o que mais, e melhor dava para o sustento, e regalo dos dous amancebados, que engordavaõ até chegar o dia do sacrificio, e jornada para o Inferno. Ainda depois da vinda de Christo Senhor nosso ao mundo durou esta superstiçaõ diabolica em Portugal. No mesmo tempo se resolvêraõ os Turdulos, que habitavaõ as regiões ja referidas, a buscar outras mais dilatadas, porque naõ cabiaõ nas suas: quinze mil passáraõ aos Campos de Celorico, e Trancoso; paráraõ cançados de romper matos, e resistir a féras, e a homens sylvestres mais ferozes, os quaes habitavaõ nestas partes taõ alheyos do commercio humano, que, havendo aldeas, que só distavaõ humas de outras legoa, ou duas legoas, huns naõ entendiaõ a lingua dos outros. Em fim os Turdulos sempre mal hospedados, naõ podendo tolerar vizinhos taõ brutos, a quem naõ vencia a força, industria, nem suavidade, mudáraõ de sitio; vieraõ para as margens do rio Coa; depois o passáraõ, e fizeraõ assento nas terras, que hoje saõ Almeida, e Castello Rodri-

go,

go, Comarca de entre os dous rios Coa, e Agueda, até onde entraõ no Douro; aqui houve huma povoaçaõ chamada Lancia, e Lancienſes os ſeus moradores; outra com o meſmo nome havia mais no interior deſte Reyno, e os moradores deſta de riba de Coa ſe chamavaõ Opidanos, devendo chamar-ſe ſó Lancienſes; e os mais habitadores da meſma ribeira ſe chamavaõ Tranſcudanos. Aquelles rudes, e barbaros inventores do ſacrificio do moço, e donzella, vendo que os Turdulos tinhaõ ſahido das ſuas terras, paſſáraõ o Tejo para occupallas; reſiſtîraõ armados os que eſtavaõ nellas, ſendo a batalha onde hoje he a Villa de Thomar; mas offendidos das armas ruſticas ſe retiráraõ, dando lugar a que os novos hoſpedes cobriſſem os campos, e muito mais quando vîraõ que naõ entravaõ nas povoações, porque os mancebos naõ tinhaõ caſa, nem cabana, e os caſados uſavaõ de huma de pelles de cabras firmada em quatro páos, que taõ facilmente ſe faziaõ fixos na terra, como ſe tiravaõ para continuar a jornada: depois de pouca detença neſte Paiz, foraõ guiando os ſeus gados pela terra dentro, até que paſſáraõ o Mondego, e paráraõ nas vizinhanças da Cidade de Viſeo. Eſtes meſmos, q̃ naõ tinhaõ caſas, nem terras certas, povoáraõ depois toda a Beira, extendendo-ſe até o Douro por valles, e campos fertiliſſimos, eſpecialmente nas margens do rio Tavora. A meſma fortuna por outro eſtilo tiveraõ depois os Gregos moradores de Galiza da outra parte do Minho com os poſſuidores da regiaõ de entre eſte rio, e o Douro; foi o motivo de huma cruel batalha entre gentes politicas, e deſtras, a diſputa do paſſo: ficáraõ os Galegos vencidos, mas os Portuguezes igualmente maltratados. Vinde logo ouvir couſas de mayor goſto.

FIM DA DECIMA NONA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto, 1759. *Com as licenç. neceſſar.*

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XX.

PAra cousas de mayor gosto (disse o Filosofo) nos convidou ha pouco o senhor Soldado: porém eu confesso, que naõ posso fazer conceito do muito que elle nos conta dos principios da Monarquia Portugueza, sem que elle nos explique de huma vez como ella era toda, os sitios dos seus differentes habitadores, e os nomes delles para melhor percebermos as acçóes de todos, as batalhas, e mudanças nos Dominios. Tendes razaõ (disse o Soldado) e será a Conferencia de mayor gosto, porque naõ só de Portugal, mas de toda Espanha vos daremos a mais breve, gostosa, e verdadeira noticia do que foi antigamente. Espanha he a ultima Provincia da Europa, que, fechando os seus limites, fica sendo a corôa das suas grandezas, e delicias, e aindaque menor do que outras, mayor na producçaõ das cousas necessarias para a vida humana, e no saudavel do clima: Africa padece calor intoleravel, sendo taõ vizinha de Espanha; França ventos insupportaveis; e a nossa feliz, e sempre invejada Espanha entre Africa, e França em fórma quasi quadrada, taõ cingida de mar, que se podia chamar Peninsula,

goza do calor de huma, e ventos da outra com tal moderaçaõ, que toda he delicia, e só o naõ admira a quem nunca sahio fóra della. Concorre para esta delicia, e fertilidade o muito, que o mar a cerca, como ja disse; porque, tendo de circumferencia na opiniaõ de muitos seiscentas e quarenta legoas, só as oitenta, que confinaõ com os montes pyreneos, ficaõ izentas da jurisdicçaõ das aguas. Os Romanos a dividîraõ em duas citerior, e ulterior, como se dissessem, dáquem, e dálem; a primeira era a que lhe ficava mais vizinha, e a segunda a mais remota. Depois a dividîraõ em tres, que eraõ Tarraconense, Lusitania, e Bética. A Tarraconense da parte do Oriente tinha seu principio nas faldas dos montes pyreneos, do Setemtriaõ desde o mar cantabrico até o Promontorio de *Finis terræ*, do Occidente com o Oceâno atlantico, até onde desagua o rio Douro, e do Meyo dia com a Lusitania, e mar mediterraneo; assim ficava incluindo esta Provincia os Reynos, e terras de Murcia, Valença, Aragaõ, Navarra, Catalunha, Castella velha, Galliza, Entre Douro, e Minho, Trás os montes, Asturias, e Biscaya. A Betica pelo Setemtriaõ tinha o rio Guadiana, pelo Occidente o mar entre o dito rio, e o estreito de Gibraltar; pelo Meyo dia a marinha do Balearico, que he entre o mesmo estreito de Gibraltar, e o Cabo de Gata; e do Oriente desde o Cabo de Gata até as margens da Guadiana. Nesta Provincia se incluiaõ os Reynos, e terras de Sevilha, Córdova, Granada, e Extremadura, começando da Cidade de Badajoz. A Lusitania era desde onde o rio Douro entra no mar até Simancas da parte do Setemtriaõ; do Occidente tinha as prayas do mar atlantico até o Cabo de S. Vicente; pelo Meyo dia tinha o mesmo mar desde o dito Cabo de S. Vicente ate a boca do Guadiana,

diana, entre Castro-marim, e Aya-monte. Saõ pois os limites da Lusitania o mar atlantico, os rios Douro, e Guadiana, entre os quaes quasi em igual distancia corre o Tejo. Pertenciaõ-lhe nesse tempo as Cidades, que hoje saõ do Rey Catholico, e eraõ Cidade Rodrigo, Salamanca, Avila, Segovia, Truguilho, Ledesma, Bejar Alva de Tormes, Segura, Albuquerque, Oropesa, Calatráva, Alcantara, Talavéra de la Reyna, Medina del Campo, Medelhin, Guadalupe, Villar Pedroso, Puente del Arçobispo, Penharanda, e outras povoações menos dignas de se nomearem, sendo a Metropole de todas a primeira. Naquelle espaço de terra, que ha desde o rio Guadiana até ao Cabo de S. Vicente, chamado sempre Promontorio Sacro, ultima ponta da terra em todo o mundo, viveraõ os Turdetanos, naõ os de Andaluzía, mas sim outros, e tiveraõ povoações grandes, que fôraõ o Porto de Hannibal, que hoje he Villa-nova de Portimaõ mais a diante pelo rio assima; e no anno de 1755. com o terremoto descobrio o mar os edificios antiquissimos da povoaçaõ junto á barra ja entupida, que foi o dito Porto de Hannibal, Mirtilis, que hoje he Mertola, povoaçaõ celebre nas margens do Guadiana formada em sucalcos com os telhados no parallelo das ruas superiores, de sórte, que, sendo Juiz de fóra desta Villa Manoel Joseph de Sousa Leote, Cavalheiro nobilissimo de Tangere, teve o trabalho de pacificar o litigio, que resultou da incivilidade indigna de alguns moradores, que encaminháraõ hum burro da rua para o telhado de huns noivos, sem mais trabalho, que dirigillo; e como o telhado era de caniços, apenas calcou o telhado, com elle cahio sobre os noivos; caso a que dei credito, porque o mesmo Cavalheiro mo contou, e nenhum dos que o conhe-

ceo negará foi homem de honra, e verdade incomparavel: Balſa, que he hoje Tavíra, Oſſobona, que hoje he Eſtoy, neſſe tempo Cidade, primeira Cathedral do Algarve, hoje horrivel povoaçaõ, cujos moradores ſaõ quaſi todos almocreves, ſituada em penhaſcos; das ſuas ruinas reſultou a grandeza, e delicia da Cidade de Faro, huma das mais apraziveis da Europa, naõ obſtante o noſſo deſcuido: Cetobriga, que hoje he Setubal; Salacia, que he Alcacere do ſal, Pax Julia, que he a antiga Cidade de Béja, quaſi tudo no Reyno do Algarve. Seguiaõ-ſe logo os Celtas na Provincia de Alemtejo, famoſos em armas, e edificios; do Sul confinavaõ com os Turdetanos, do Norte com o Téjo, que os dividia dos Turdulos antigos; do Poente com os Barbaros; do Levante com os Vetões. As ſuas Cidades mais illuſtres eraõ Evora, Elvas, Meidobriga, hoje ruinas de Aramenha nas faldas da ſerra da Eſtrella. Os Barbaros chamados Sarrios viviaõ deſde a Serra da Arrabida até Lisboa, de que reſultou chamar-ſe a tudo iſto Promontorio barbarico. Do Oriente eraõ ſeus vizinhos os Celtas, do Poente tinhaõ o Oceâno, do Norte o Téjo, do Sul os Turdetanos, gente ſem povoações, ſem politica, ruſticos, e ſalvagens. Paſſado o Téjo, começava a Comarca dos Turdulos antigos até o Douro. Eſtes fôraõ os primogenitos dos Andaluzes, e Turdetanos do Algarve; eraõ politicos, tinhaõ Leys eſcriptas em verſos; e povoações inſignes: Ulyſſipo, que he Liſboa, Eſcalabis, que he Santarem, Eburubricio, que he Alfaceiraõ, Colipo, que he Leyria, Conimbriga, cujas ruinas formáraõ Condeixa, Euminio, que he Micinhate, Talabriga, que he Aveiro, Laconimurgi Lamego, Vaca, que ſe entende ſer hoje Viſeo. Da parte do Levante habitavaõ os Erminios, do Norte

eraõ

eraõ Fronteiros ao Douro, do Sul ao Téjo, e do Poente ao Oceâno. Os Pesures viviaõ da outra parte da Serra da Estrella, junto da Comarca de Castello-branco, e pela Extremadura até o Téjo, e Riba de Coa. Do Poente confinavaõ com a dita Serra, do Oriente com os Vetões, que viviaõ na Extremadura, e comprehendiaõ em si os Trascudanos. Os Interamnenses, Bracaros, Grayos, ou Gravios habitavaõ toda a Provincia de entre Douro e Minho; as suas povoações mais célebres eraõ Brachara Augusta, Portus Gracus, Forum Limicorum, Nebis, Britonium, e Cinania, que hoje saõ Braga, Porto, Ponte de Lima, Neiva. Dos dous ultimos só ficáraõ os nomes, do primeiro a tradiçaõ do sitio, em que foi, do segundo algumas ruinas, que mostraõ a grandeza que teve. Os Berões déraõ nome á Beira, onde habitaraõ vizinhos dos Celtibéros, que entráraõ na Lusitania no tempo do Imperador Tiberio, gente desluzida, pobre, e quasi barbara. Differentes Nações em differentes tempos invadiraõ toda a Espanha. Os Tocenses povoaraõ muitas Cidades, os Feníces outras, e levaraõ incomparavel ouro; os Rodes edificáraõ a Villa de Roses em Catalunha, os Cartaginezes a domináraõ toda muitos annos até que os expulsáraõ os Romanos, que á força de armas, e perdas a subjugáraõ; desta gloria, e delicia os despojáraõ os Vandalos, os Godos, os Alões, os Selingos, e os Suevos, que com varias barbaridades, e tyrannias a deixáraõ profanada. Ultimamente os Mouros seculos a domináraõ toda, excepto o Promontorio de Asturias, que foi a arca em que se salváraõ as suas reliquias. Estes extinguiraõ a sua Nobreza toda, as grandezas, e memorias honorificas. Todas estas Nações fizeraõ sempre especial estimaçaõ da Lusitania; os Romanos, que entre

todos

todos fôraõ os mais politicos, e preſumidos de conhecer, e eſtimar couſas grandes, fôraõ os noſſos mais apaixonados, aos quaes devemos ſingulares honras: fundáraõ em toda Eſpanha quatorze Chancellarîas, ou Senados; e ſendo a Luſitania taõ pequena, lhe dêraõ tres: em Merida eſtava o primeiro, aonde acodiaõ, e eraõ ſentenceados os pleitos de Alcantara, Coria, Caceres, Truguilho, Avila, e Placencia; em Béja o ſegundo para os do Reyno do Algarve, e Alemtejo; em Santarem o terceito, onde ſe julgavaõ as couſas de todos os que habitavaõ deſde Lisboa até o Douro, fim da Luſitania, e os da Extremadura, Beira, Trás os montes, Soria, Miranda, Salamanca, Cidade Rodrigo: depois em lugar de Merida, que naõ ſe incluia no Eſtado de Portugal, ſuccedeo Braga, aonde acodiaõ os do Porto, e toda a Comarca até o Minho; e paſſado eſte rio, chegava a ſua juriſdicçaõ até Galvia, e rematava na Corunha. Davaõ os Romanos ás Provincias do Imperio varios titulos em ſignal da eſtimaçaõ, que faziaõ dellas, e em remuneraçaõ das acções heroicas dos ſeus habitadores; ás Cidades chamavaõ Municipios, e Colonias, aos moradores Cidadões Romanos. Eraõ os Muncipios lugares, a que o Senado Romano deo privilegio de pedirem dentro, e fóra de Roma os Magiſtrados, e Officios pûblicos da paz, e da guerra. A huns chamavaõ do antigo Lacio, por ſerem os Latinos os primeiros, que tiveraõ eſtas honras; outros modernos, que podiaõ votar, e ſer eleitores dentro em Roma, como ſe foſſem naturaes della, e a eſtes chamavaõ Municipios de direito Italico, porque primeiro ſe concedeo á Provincia de Italia. Huns eraõ livres, outros pagavaõ tributos; dos melhores, que eraõ Cidadões Romanos, permaneceo hum ſó na Eſ-

panha,

panha , e era nosso, chamado por isso Municipio Lusitano : gozou a Cidade de Lisboa todas as preeminencias, e honras Romanas izenta de todos os tributos : de Lacio foraõ as Cidades de Evora , Mertola , e Alcacere do Sal, tambem sem tributos; e com elles tivemos trinta e seis Municipios. Colonias Romanas eraõ humas communidades de homens , e mulheres , que Roma tirava de si , e mandava povoar terras distantes, repartindo-lhes as terras, para que cada hum fosse entre todos colono , ou cultor de cousa propria. Levavaõ Triumviratos , e Governadores , tudo aõ uso de Roma , e com taes privilegios, que cada Colonia Romana ficava sendo huma nova Roma. Tambem concediaõ os mesmos privilegios a outras Cidades , cujos moradores naõ tinhaõ sahido de Roma. Os Municipios tinhaõ mayores privilegios , que as Colonias , porém as Colonias eraõ mais nobres do que os Municipios. Sinco Colonias teve a nossa Lusitania, Merida , Medellim , Norva Cesarea , que foi junto a Alcantara , Béja , e Santarem. Foi a Lusitania o terror de Roma , de sorte que os Romanos desesperados de a poderem sujeitar com as armas , a rendiaõ com honras. Esta a descripçaõ de Manoel de Faria e Sousa , que pouco differe , no que respeita á de toda Espanha , do que trás Afferden , e referio na Conferencia quarta o nosso Ermitaõ ; lá achareis os Reynos que tem a Espanha toda , a largura , e cumprimento de Portugal, e as Provincias, que tem: agora em particular vos digo o melhor. Tantas fôraõ neste Reyno as linguas , quantas as Nações differentes, que naquella Conferencia de 20 de Abril de 1758 , e nesta dissemos dominavaõ , e assistiaõ em diversas partes deste Reyno; porque, perdida com a introducçaõ dos Extrangeiros a lingua Hebraica, que nos en-

ſinou Tubal, e querem muitos hoje na Aſia, que ſeja a Armenia, depois das continuas guerras, e alternadas fortunas dos Romanos, e noſſas, ficamos com a lingua Latina, que tanto ſe nos fez natural, como a experiencia o moſtrou; porque, ſendo dominada eſta grande Provincia de Eſpanha de tantas Nações, como na quarta, e neſta Conferencia ouviſtes, naõ obſtante iſſo, quando, paſſados ſeculos, começou a governar-nos o Conde D. Enrique, toda a noſſa lingua era a Latina corrupta, e adulterada; deſte entaõ ſe vio nella mudança, porque como era Francez, a mulher Caſtelhana, os principaes Vaſſallos deſtas duas Nações, ficou ſendo a noſſa lingua outra, e nova compoſta de tres, Latina, Franceza, e Eſpanhola, com algumas palavras Arabicas poucas, e ſonoras; hoje ſaõ ja infinitas as Latinas com excellente proporçaõ, e ha mais de dous ſeculos eraõ ja tantas, e taõ puras como ſe vê nos verſos ſeguintes Latinos, e Portuguezes feitos a Santa Urſula, e ſuas companheiras.

Canto tuas palmas, glorioſos canto triumphos,
Urſula: divinos, Martyr concede favores:
Subjecta, Sacra Nympha, feros animoſa tyrannos.
Tu Phenix vivendo ardes, vivendo triumphas:
Tam Santas Nymphas colo, adoro, canto, celebro:
Per vos innumeros de Chriſto ſpero favores.

Logo vos darei conta do que hoje he Portugal tanto menos do que foi.

FIM DA VIGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXI.

COntinuou o Soldado a materia da Conferencia passada, dando noticias da Extremadura. He (disse elle) esta Provincia similhante a huma faixa, porque he muito estreita, e comprida; desde a boca do Mondego até ao Téjo tem trinta e tres legoas de comprimento, e de largo dezaseis onde mais; do Occaso tem o mar Oceâno, do Nórte, e Oriente a Beira, do Sul a Provincia do Alemtejo. Tem povoações, e pastos fertilissimos, muita gente nobilissima, luzida toda a outra, e ainda a pobre. A principal Cidade he Lisboa, bastante para fazer nobres muitos Reynos, ainda depois do horrivel estrago, que padeceo no terremoto de 1755; Leiria cabeça de Bispado, a notavel Villa de Santarem, as de Alanquer, Abrantes, Thomar, Aljubarrota, Azambuja, Ega, Soure, Esgueira, e Cascaes, ultimo lugar de todo o mundo. Os seus edificios mais notaveis hoje, e sempre he o Convento de Thomar, cabeça da Ordem de Christo, de cuja grandeza vos informará o nosso Ermitaõ a seu tempo; o da Batalha, e o de Belem. O Alemtejo, ou entre Téjo, e Guadiana desde a Villa de Sines no Campo

de Ourique até a Cidade de Elvas quasi em quadro tem trinta e tres em cada angulo, povoada de gente rica, e abundante, seus campos igualmente dilatados, que fertilissimos. Seus rios Guadiana em partes grande, em todas delicioso; o Xarrama, que entra no Zadaõ, e este no Minho, o Divor, e o Teva, que por darem mais aguas ao Téjo perdem o nome. A principal Cidade he Evora, que teve muitos seculos obras sumptuosas dos Romanos, e o throno dos Reys, agora ruinas dos que entaõ gozou: nesta Cidade fundou o Cardial Rey huma Universidade. Nella, álem de lhe faltarem as cadeiras de Leys, e Canones, taõ necessarias para evitar o discommodo dos Estudantes desta Provincia, e do Reyno do Algarve (que entaõ se allagou, para fundalla), os Doutores della só em Theologia, sendo muitos, e excellentes, naõ tem a que aspirar mais que á sciencia, e ao Titulo até o dia presente. Elvas Cidade cabeça de Bispado, Portalegre o mesmo; Villas a mais notavel, Villa-Viçosa Côrte da Serenissima Casa de Bragança, cuja notavel Tapada, hoje mayor do que eu a conheci, e perfeita, julgo ser (exceptuada a Real de Mafra) a mayor, e melhor da Europa. Nella se veyo a conhecer, que a dilatada vida dos veados naõ procedia de comerem cobras, como julgáraõ muitos, mas sim de comerem todos os annos os seus chavelhos; apenas lhe cahem, he de advertir que nos poucos dias, que tardaõ em lhes nacerem os novos com mais hum esgalho, se escondem de sorte, que ninguem se jactou ja mais de os vêr sem a armaçaõ: sendo certissimo, que todos os annos lhe cahe, e torna logo a nacer; e com tanta brevidade os comem, que nunca foi possivel colher armaçaõ de veado naturalmente cahida, sendo quasi innumeraveis os animaes

desta

desta especie naquelle sitio ; que sempre foi cercado de muro , e hoje de hum taõ sólido , e alto , que he impraticavel sahirem delle : Almeirim , Salvaterra , Villas com bosques reaes melhores , que o de Sintra; Almada , Palmela , Setubal , Montemór , Arrayolos , Alcacere do Sal , e Moura saõ as principaes. Sobeja para Nobreza a esta Provincia ter fundado nella Christo Senhor nosso este Reyno quando appareceo no Campo de Ourique ao Rey D. Affonso , e ter sido em todos os seculos depois da fundaçaõ da Monarquia o theatro do valor Portuguez nas batalhas mais dignas de memoria , e ser a unica Provincia , que póde sustentar os exercitos de ambas as Nações. As suas fábricas notaveis saõ a Igreja de S. Francisco de Evora , e os arcos da Amoreira em Elvas. O Algarve tem vinte e sete legoas de comprimento , e oito de largura, he Provincia montuosa , agreste em partes , e pobre ; porque a nossa pouca, ou nenhuma industria nem sabe estimar os dons da natureza , nem emendar-lhe os erros , ou achaques , que ella padece com o tempo. Produz as melhores uvas, e algum dia, mas naõ hoje , eraõ os seus vinhos os mais preciosos, como testificaõ authores verdadeiros naturaes de Provincias, onde sempre houve os que hoje conhecemos por melhores. Figos dulcissimos de muitas especies, e tantos , que saõ delicioso alimento de toda a Europa, o mesmo as uvas passadas , e amendoas. He o unico Paiz onde nos matos sem cultura alguma produz arvores as mais vistosas , e frutos para homens , e animaes a natureza , que saõ as farrobas. Nenhuma outra Provincia he taõ abundante de peixe , de que se aproveitaõ os Catalães todo o anno , e os naturaes carecem muitas vezes. Sem cultura produzem os matos palmas , de que se fazem as mais

galantes, e preciosas obras, e o mesmo das Pitas; em fim, seria o Paraiso de Portugal, e o mayor emporio de commercio delle, se fossem mais activos, e mais próvidos os seus habitantes; porque he a unica Provincia, e Reyno independente, e para todas as outras summamente abundante; porém faz os Extrangeiros, e vizinhos ricos para ser pobre. Naõ falta quem attribua isto á maldicçaõ de hum Bispo, a quem maltrataraõ; outros á suberba, ou condiçaõ altiva dos naturaes, gente bellicosa, e para navegaçóes, e descobrimentos apta; porém a altivez naõ excede a commûa da Naçaõ Portugueza colerica, e melancolica em quasi todas as terras fóra de Lisboa, e mais nas que estaõ em menos gráos ao Norte, como esta: a maldicçaõ foi só para Silves, onde he ainda visivel, depois de levantada; e o certo he que procede de naõ haver quem por força, ou com industria lhes tire a perguiça, que lhes sobeja, e naõ se impedir aos Extrangeiros, e estabelecer nos Nacionaes os contratos mayores das suas prayas, de que resultaõ muitos, e muitos milhóes, que vaõ para terras extranhas; de sorte, que todas as pessoas, que tem visto o mundo com entendimento claro, e livre de paixóes geniaes, vendo estes dous Reynos, assenta que, se mudassem toda a gente da Provincia de entre Douro, e Minho para o Reyno do Algarve, e toda a do Algarve para a Provincia de entre Douro, e Minho, ambas igualmente pequenas, e as mais povoadas; a de entre Douro, e Minho em dous annos seria hum mato; e o Algarve em hum anno seria paraiso, em poucos o mayor emporio de commercio, em muitos o Reyno mais rico, e delicioso do mundo, em que o Reyno de Portugal ficaria mais que nunca utilizado. As Cidades, e Villas principaes saõ Fáro, onde hoje he a

Cathe-

Cathedral, que se mudou de Sylves, depois da maldicçaõ, e effeitos della, Tavira, Sylves, e Lagos, Villas Castro-marim, para onde mandaõ os degradados, os, que nunca a viraõ, porque se a vissem, só mandariaõ para ella Principes melancolicos para se alegrarem, e convalescerem, porque he a mais deliciosa e agradavel Villa, e Praça de Armas, que tem o Dominio Portuguez; Loulé, que ainda conserva obras dos Romanos a pezar dos terremotos, e tempo; Alvor, Sagres, Villa nova de Portimaõ, que foi o posto de Hannibal. A Beira he a mayor Provincia do Reyno, tem mais de trinta legoas por cada parte em fórma quadrangular, mettendo algumas pontas no Alemtejo, e na Extremadura desde a Cidade de Aveiro até á da Guarda: muitos males refere Manoel de Faria e Sousa desta Provincia, que naõ duvido os houvesse no seu tempo; o que vemos hoje he muita gente polida, e muito rica, muito commercio, que admitte o Paiz, que he fertilissimo, os rusticos limados, e astutos; e em fim, nada que invejar ás outras Provincias, e todas as sinco dependentes della; porque para isso subeja ser sua a Cidade de Coimbra meyo do Reyno de Portugal, e a unica que em ambos os Reynos he capaz de sustentar tantos mil Estudantes com summa abundancia, sem carestia, nem prejuizo dos moradores da Cidade, nem da Provincia toda; tem quatro Bispados, que saõ Coimbra cujo Bispo he Conde de Arganil desde o anno de 1481, em que o Rey D. Affonso V. deo esse titulo a D. Joaõ Galvaõ, para elle, e todos os mais Bispos seus successores; Lamego, Viseo, Guarda, Aveiro; Villas principaes Idanha, que foi Cidade nobilissima, Ovar, Buarcos, Castello-Rodrigo, Pinhel, Covilhãa, Trancoso, Montemór o velho. Foi Coimbra Côrte dos nossos pri-

meiros Reys, em cujos Palacios fundáraõ a Univer-
ſidade, que muitos ſem paixaõ, depois de verem as
mais da Europa, julgaõ a de Coimbra ſuperior a to-
das. Os rios ſaõ Lomba, Arda, Paiva, Tavora, Tou-
rões, Coa, que todos entraõ no Douro, o Zézere,
o Ponſul, o Aravil, e o Elia, que entraõ no Téjo;
o Mondego, e o Vouga, que levando aguas alheyas
fazem no Oceâno differente entrada. A Provincia
de entre Douro, e Minho, aſſim chamada por eſtar
entre eſtes dous rios, naõ tem mais que deſoito legoas
em qualquer dos quatro lados. Suſtenta innumeravel
gente, e povôa o mundo com a que naõ ſuſtenta;
podemos chamar-lhe os Chinas da Europa pela ſum-
ma aſtucia, e lida com que ſe aproveitaõ de todos os
bens da natureza, e ſabem imitalla; goza a mais ex-
cellente temperie, de que reſulta nas mulheres, que
igualmente trabalhaõ, como os homens, e mais do
que elles, a todo o rigor dos tempos, gozarem nos
roſtos as melhores cores, que as Damas da Côrte per-
tendem conſeguir com pinturas. A ſua muita induſtria
fez que hum Paiz montuoſo ſeja o jardim mais ame-
no, e continuado, em que álem de naõ perderem hum
ſó palmo de terra, que a força de aguas conduzidas
com incrivel trabalho fizeraõ fertiliſſima, ao meſ-
mo tempo, para mayor conveniencia, fizeraõ que
trabalhaſſem as plantas, e os carvalhos ſuſtentaſſem
as cepas, e uvas; he eſta a unica parte taõ pequena do
mundo, onde nunca entrou a perguiça, porque nel-
la naõ ſó os racionaes, e brutos, porém os inſenſi-
veis trabalhaõ mais em hum mez, que em todo o
mundo em hum anno, e a ſer mortal a natureza ja
teria expirado fatigada; por iſſo até os pobres ſaõ ri-
cos; porque naõ ha pobres perguiçoſos, antes ſim
taõ amantes do ſeu augmento, e da patria todos,
que

que a deixaõ para extrahirem as riquezas da America, com que tanto tem crescido esta Provincia, se bem julgaõ os que melhor o consideraõ, que mayores beneficios tem recebido a America, e toda a Monarquia Portugueza dos filhos desta Provincia, do que elles tem recebido de toda a America; porque nunca se descobriria o ouro em tanta abundancia, e pedras preciosas, nem lá saberiaõ mudar rios, descobrir aguas, e fazer minas, se a incançavel industria dos innumeraveis filhos desta Provincia o naõ fizessem, ideassem, e ensinassem com a voz, e com o exemplo. Nella habitáraõ os nossos Reys, e ella foi o berço, e solar de toda a Nobreza naõ só deste Reyno, mas de quasi todos os da Europa; ainda hoje existem casas antiquissimas, em que triumfou dos tempos, e disgraças a Nobreza, se naõ com tanta fortuna como a dos Mouros, com pouca menos na conservaçaõ das baronias; de outras apenas ha cinzas, e alguns edificios, que fazem saudosas as memorias das suas proezas, estas se perdêraõ por naõ deixarem as casas ricas; outras de pobrissimas passáraõ a ricas, porque os primeiros souberaõ deixallas. A Cidade principal he Braga, cujo Arcebispo he Senhor da Cidade, e Primaz de Espanha, a pezar das opposições de Toledo; Porto, cujo Bispo foi Senhor da Cidade, e hoje rico com o equivalente, que lhe déraõ pelo dominio. Tem tres Collegiadas insignes, que podiaõ ser Bispados, a de Guimares, Barcelos, e Cedofeita; mais de cento e trinta Mosteiros, e Abbadias de copiosas rendas; tem mais de duzentas pontes nobilissimas, e innumeraveis das outras. Tem mais de vinte e sinco mil fontes, de que resulta a sua incrivel fertilidade; tem seis pórtos de mar, começando do Norte, que he desde o Minho ao Douro, e saõ Caminha, Vianna,

Espo-

Esposende; Villa de Conde, Leça; e Porto. Estas sinco Villas, e as de Guimarães, e Barcellos, Monçaõ, Ponte de Lima, e Amarante saõ notaveis. Os rios saõ o Taveira, que entra no Lima, e desagua em Vianna, o Coura no Oceáno, o Homem, que entra no Cavado, o Prado, que por entre Faõ, e Esposende entra no mar, o Pé, o Fafe, Visela, Landim, que fazem caudaloso o Ave, que entra no Oceâno entre as Villas de Conde, e Asurara; o Gisães, que, acompanhando o Leça, o faz Porto; o Támaga, o Sousa, o Ferreira, que entraõ no mar com o Douro. Em todos elles ha os melhores peixes, naõ só para todos os moradores com summa abundancia, mas para os Monarcas com especial delicia; dos lados fechaõ esta Provincia os dous rios, do Occidente o Oceâno, do Oriente altissimas montanhas, chaves deste Paraiso terrestre; que se houve campos Elisios, estes eraõ; e se os naõ houve, estes o saõ. Trás os Montes he a menos conhecida, e estimada, sendo para a Naçaõ Portugueza talvez a mais gloriosa no tempo, em que das outras apenas havia especial noticia. Está situada entre os mesmos rios Douro, e Minho, servindo-lhe de divisaõ as altissimas serras, onde finaliza a outra Provincia: confina do Norte com Galliza, do Oriente com o Reyno de Leaõ. Tem menos rios, o Tuello, ou Tello, que entra no Tuage, ou Tage, o Pinhaõ, o Sabor, e o Çarcedo, que todos perdem os nomes no Douro, terra aspera, montuosa, mas rica, e abundante de tudo o necessario para a vida humana. O mais diremos na seguinte Conferencia.

FIM DA VIGESIMA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXII.

ALguns apaixonados (diſſe o Soldado), ou pouco noticioſos julgáraõ de mim o meſmo a reſpeito da Provincia de Trás os Montes, de que trato, quando aliàs dizendo muito, ſempre direi pouco. Della procedem illuſtriſſimos heróes, nella ſe obráraõ façanhas incriveis; ella foi ſempre o terror dos Mouros, o refugio dos Catholicos, e o vigor dos exercitos; he independente, como outras, porém mais de que todas, porque os ſeus habitadores regeitaõ o alinho, que tem corrompido as outras mais que o tempo. Nella houve excellentes fábricas de ſedas, e ainda hoje muitas; vinhos, trigos, centeyos muitos, e extraordinarios na valentia dos ſuccos, de que procede ſerem robuſtiſſimos, e animoſos os que ſe alimentaõ com elles, para o que muito concorre o frio. Teve a principal Nobreza na reſtauraçaõ de Eſpanha, e de ſangue Real foraõ ſempre regadas as ſuas Fronteiras; he a Provincia, que deve aos Caſtelhanos eſpeciaes memorias, e a que foi, e ſó póde ſer para nós Cidade de refugio, como o foi de toda Eſpanha o Promontorio das Aſturias. Tem vinte e ſeis legoas de comprimento, dezaſete de largo; a Cidade principal he Bragança, cabeça do mais inſigne Ducado de Eſpanha; Miranda, cabeça do Biſpado, as melhores Villas Chaves, Villa-Real, Murcia, Monforte, Villa-Flor, Anciães,

Freixo, Vimioso, Mogadouro, e Penarroyas. Tem muitas Freguezias, e todas pingues, conserva se nella, como em deposito o nosso idioma antigo. O grande dominio, que nella tinha certo homem justiçado, fazia ser esta Provincia quasi incognita, e escrava; agora se verá o que he por especialissimo beneficio da Justiça Divina, e da melhor humana. Ja que com tanta miudeza me obrigastes a contar-vos em summa o que he o nosso Reyno, he justo vos diga o que nelle saõ Côrtes, e o modo de as celebrar, os lugares, que nellas tem as Cidades, e Villas do Reyno, e tudo o mais que elle tem, digno de o saberem os naturaes, e extranhos. Côrtes he hum ajuntamento dos tres Estados do Reyno, Ecclesiastico, Nobreza, e Pôvo; do primeiro todos os Bispos, e Prelados das Religiões, do segundo os Titulos, do terceiro os Procuradores das principaes Villas, e das Cidades todas. Convocaõ-se para jurar os Principes, herdeiros do Reyno, e para qualquer outro grave negocio. Para ellas se arma custosamente a mayor sala do Palacio, e no topo della se levanta hum estrado, ou theatro com sinco degráos; no inferior, que occupa os dous angulos da sala, bancos junto ás paredes, e no meyo della trinta e seis bancos; junto delles em pé esperaõ o Rey todos os que os haõ de occupar. Se o acto he de juramento, entraõ na sala primeiro, que tudo, os timbales, e clarins, e logo os Porteiros com maças de prata; se saõ Côrtes para outro fim, naõ vaõ timbales, nem clarins, e começa o acompanhamento do Rey pelos Porteiros, a quem seguem os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes com as cotas, em que estaõ bordadas as armas das Cidades, e Villas; segue-se o Alferes mór com a bandeira Real enrolada, logo o Condestavel do Reyno com o estoque levantado; immediato a este o Rey com opa rossagante de Brocado, Scetro de ouro na maõ, levando-lhe a cauda o Camereiro mór, atrás delle os Grandes, Titulos, e Senho-

nhores; chegando o Rey á Cadeira, ſe ſenta, e cada hum occupa o lugar, que lhe compete, como melhor podeis vêr neſta figura.

2
5 1 6
10 7 3 8
9 4
11 12 13 14 15
16 17 18
19
20
25 27 26 26 27 21
30 29 28 28 31 32
36 35 34 33 33 37 38 39
43 42 41 40 40 44 45 46
50 49 48 47 47 51 52 53 22
22 56 55 54 54 57 58
61 60 59 62 63
66 65 67 64
70 79 71 72 68
75 74 73 73 76
80 79 78 78 81 77 23
23 85 84 83 83 86 82
90 89 88 88 91 87
95 95 93 93 96 92
100 99 98 101 102 97
106 105 104 104 107 103
111 110 109 108
112 113
116 117 24
24 114 119
115 118

 O nu-

O numero 1 significa a Cadeira Real,onde está sentado o Rey com Corôa na cabeça, ou sem ella, se quer; mas sempre com o Scetro na maõ em quanto dura o acto. 2 O Camereiro mór em pé detrás do Rey. 3 O Sello Real sobre huma almofada. 4 O Escrivaõ da Puridade, a cujo cargo pertence o dito Sello. 5 O Guarda mór da pessoa do Rey em pé. 6 O Mordomo-mór em pé. 7 O Condestavel do Reyno em pé com o estoque levantado. 8 O Meirinho mór em pé com a vara na maõ. 9 Na ponta do segundo estrado o Bispo, que faz a prática, e propôem a materia das Côrtes; e acabada ella, vai para o lugar dos Prelados. 10 Os Duques sentados em cadeiras rasas com almofadas de veludo em sima. 11 O Regedor das Justiças. 12 O Chancellér mór do Reyno. 13 Os Védores da Fazenda. 14 Os Desembargadores do Paço. 15 O Chancellér mór da Relaçaõ. 16 Os Desembargadores dos Aggravos. 17 Os Corregedores da Côrte. 18 Os Ouvidores do Crime da Casa da Supplicaçaõ. 19 Os Desembargadores extravagantes da mesma Casa. 20 Os Marquezes em cadeiras rasas com almofadas de veludo preto. 21 Os Condes. 22 De hum, e outro lado as pessoas do Conselho. 23 De huma, e outra parte os Senhores de terras, a que chamamos Donatarios. 24 De hum, e outro lado os Alcaides móres das Cidades, e Villas. 25 Os Bispos, e Prelados. 26 Os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes. 27 De huma, e outra parte os Porteiros em pé com as maças de prata. Nos bancos, que se seguem pelos mais numeros, se sentaõ os Procuradores de todo o Reyno, de cada Cidade, ou Villa dous das primeiras familias. 28 Os de Lisboa, que sempre he hum dos mais illustres Cavalheiros della, e hum Letrado, que responde á prática do Bispo, e proposições delle. 29 Os de Evora. 30 Os do Porto. 31 Os de Coimbra. 32 Os da Villa de Santarem. 33 Braga. 34 Viseo. 35 Guarda. 36 Tavíra. 37 Lamego. 38 Sylves. 39 Elvas.

vas. 40 Béja 41 Leiria. 42 Fáro. 43 Aveiro 44 Lagos. 45 Guimarães. 46 Estremoz. 47 Olivença. 48 Montemór o Novo. 49 Thomar. 50 Bragança. 51 Portalegre. 52 Covilhãa. 53 Setubal. 54 Miranda. 55 Villa-Real. 56 Vianna de Lima. 57 Ponte de Lima. 58 Moura. 59 Montemór o Velho. 60 Alanquer. 61 Torres-Novas. 62 Sintra. 63 Obbidos. 64 Alcacere do Sal. 65 Almada. 66 Torres-Vedras. 67 Niza. 68 Castello-branco. 69 Serpa. 70 Mouraõ. 71 Villa de Conde. 72 Trancoso. 73 Pinhel. 74 Arronches. 75 Aviz. 76 Abrantes. 77 Loulé. 78 Valença. 79 Freixo da espada á cinta. 80 Alter do chaõ. 81 Monçaõ. 82 Alegrete. 83 Penamacor. 84 Castello de Vide. 85 Castello Rodrigo. 86 Marvaõ. 87 Sertãa. 88 Monforte. 89 Fronteira. 90 Crato. 91 Veiros. 92 Campo-mayor. 93 Castro-marim. 94 Torre de Moncorvo. 95 Caminha. 96 Palmella. 97. Cabeço de Vide. 98 Monsanto. 99 Coruche. 100 Barcellos. 101 Graváõ. 102 Panoyas. 103 Ourem. 104 Albufeira. 105 Ourique, 106 Arrayolos. 107 Borba. 108 Portel. 109 Villa-Viçosa. 110 Monçarás. 111 Attouguia. 112 Penela. 113 Santiago de Cacém. 114 Villa-nova de Cerveira. 115 Vienna de Evora. 116 Porto de Mós. 117 Pombal. 118 Alvito. 119 Mértola. A cada Cidade, e Villa destas, e a cada Titulo, Senhor de terras, Conselheiro, ou Alcaide mór chama o Rey a Côrtes por carta sua; e os que estaõ impedidos nomeaõ Procuradores, que assistaõ em seu nome. Basta de noticias do que he, e foi o nosso Reyno: continuemos o que nelle tem succedido. Descançados viviaõ os Lusitanos no anno de 480, antes da vinda de Christo, occupados em novos sacrificios, e danças, chamadas Gymnopodias, que era a festa principal ao Deos Marte, quando entre os vizinhos creceo o desejo de dominar-nos, e entre elles produzio a natureza monstros para consumillos. Nos bosques de Santarem, onde sahio o Rey Abidis taõ affavel, sahíraõ neste anno Ursos fero-

cissimos,

cissimos,que fazendo o mayor estrago nas vidas dos moradores desta Provincia, foi necessario fazer-lhe guerra. Ao principio alguns mancebos mais atrevidos procurárao alcançar nome,matando os Ursos; porém como as armas daquelles tempos naõ offendiaõ mais que de perto,todos os que emprehendêraõ a façanha perdêraõ nella a vida.Consultáraõ os Sacerdotes de Hercules,q̃ sempre entre elles foraõ os mais estimaveis,e resolvêraõ,que os Ursos eraõ Deoses dos bosques, e queriaõ lhes fizessem sacrificios de homens, e mulheres para os desaggravarem ; e como ao Deos Marinho em Setubal sacrificavaõ cada anno hum moço, e huma moça, como ja dissemos em outra Conferencia, agora a cada Urso sacrificavaõ hum viuvo, e huma viuva ; e para saberem quantos eraõ os ditos Deoses, fizeraõ huma notavel dança de 24 horas em seu louvor ; e como no discurso della cahíraõ em terra 18 por debilitados, ou tontos de andar em roda tanto tempo com as mãos dadas,que era o seu costume, julgáraõ que eraõ 18 os Deoses, e que os sacrificados haviaõ de ser 18 pares. Conduzíraõ os miseraveis pelo Téjo em canôas,que eraõ as suas embarcações unicas; porém elles, como eraõ os mesmos, que remavaõ, e se conduziaõ,sem mais companhia,que quatro Sacerdotes, o amor da vida lhes abrio os olhos, sahíraõ á praya, matáraõ os Sacerdotes , inventores do novo sacrificio , lançáraõ fogo aos matos ; e como naõ tinhaõ armas algumas , com que resistir aos Ursos , nem podiaõ tornar para alguma povoaçaõ , porque todas eraõ interessadas no sacrificio,com troncos de arvores fizeraõ hum cerco, que tapáraõ com tójos, e outros arbustos,que tinhaõ bicos; os Ursos tanto que de huma parte sentíraõ o fogo, que lhes diminuia o terreno, e da outra conhecêraõ gente cercada, investíraõ famintos a rustica povoaçaõ nova; porém ou fosse de noite, ou porque a fome, a raiva , e o desejo de carne humana , a que estavaõ costumados , os cegaſ-

cegasse,embaraçaraõ-se nos bicos dos tójos,e mais arbustos, que os miseraveis, naõ por industria,mas por necessidade, tinhaõ por muralha. Tem os Ursos muito-cabello, e álem de comprido,embaraçado, e immundo; e concebem tal medo da morte, cada vez que nos cabellos se-lhes embaraçaõ espinhos, que este he o remedio para os prender; esperaõ-os os caçadores sobre as arvores, lançaõ-lhes tójos, ou cousa similhante sobre o corpo; pára o Urso, sentindo prizoẽs no cabello; desce o caçador, lança-lhe a corrente á cintura, segura melhor os espinhos, e conduz o bruto para casa, onde dando-lhe de comer vinte dias, ou menos, e tirando lhe no fim delles os espinhos (que em todo este tempo o tem consternado em taes sustos, que apenas se móve o necessario para comer quando a muita fome o obriga, sem se atrever a roçar-se pelas paredes, nem fazer outra diligencia), fica em tal obrigaçaõ,e taõ domestico,que o serve,e acompanha paciente. Os Ursos pois vendo-se entre espinhos, paráraõ, gemendo todos; e como os que estavaõ no cerco tinhaõ tanta fé nos Deoses, como tiveraõ no sacrificio; com troncos de arvores lhes despedaçáraõ as cabeças, e os corpos; aos gemidos destes, que morriaõ, acodíraõ outros, e quasi todos os que estavaõ distantes, e cahindo nos espinhos, ficáraõ mortos; entretanto os moradores vizinhos viaõ o incendio, ouviaõ alaridos, e prostrados em terra entre lagrimas e sustos pediaõ misericordia aos novos Deoses, que por estes motivos julgavaõ ainda irados. Creceo o conceito vendo os de Lisboa,e Alemtejo, que nem os Sacerdotes vinhaõ, nem as canôas; e foi tal o horror,que se communicou a todos,que desampararáraõ as povoações os mais vizinhos dos ditos bosques, e passáraõ huns ao Minho, outros á Beira, muitos ao Algarve, onde lhes valeo, para serem bem recebidos,o medo, q̃ introduzíraõ em todos os póvos do poder destes novos Deoses brutos; e aindaq̃ nesse tempo havia Ursos igual-

mente

mente perſeguidores de muitos póvos,os quaes todos os conheciaõ por irracionaes damninhos, e os matavaõ em laços; com tudo eſtes cheyos de medo, taes couſas, e taes mentiras contáraõ deſtes de Santarem, e da reſpoſta dos Sacerdotes,e mais que temos dito,que todos, até os Gregos, ſendo os mais limados, foraõ dos primeiros que mandáraõ rezes para ſe lançarem nos ditos matos;e requerêraõ ,que ninguem foſſe curioſamente velar para ſaber o que os Deoſes faziaõ de noite (tentaçaõ a mayor daquella Gentilidade), antes ſim puzeſſem marcos tres mil paſſos ao longe,e dalli os adoraſſem de dia,e de noite, e deſpediſſem os animaes, que lhes offereciaõ. Alem diſto avizáraõ os ſeus naturaes, e em pouco tempo foi conſtante em o Gentiliſmo de todo o mundo o Deos Paõ, Faunos, Nynfas, e milhões de fábulas, que tiveraõ principio deſte caſo; hum Grego porém de melhor juizo, Sacerdote entre elles no Porto, julgando que eſte novo embuſte ſería irmaõ gémio dos que elle enſinava; fingio que o Deos Mercurio lhe tinha apparecido,e lhe ordenára foſſe por Embaixador ſeu aos novos Deoſes tratar hum negocio de ſummo proveito para todo o mundo; promptamente lhe déraõ credito, e cada hum lhe offereceo o melhor que tinha para o preſente, e para o caminho, e com tal medo,que até Lisboa ſó quizeraõ acompanhallo; de ſorte, que faltando quem por terra, e mar quizeſſe conduzillo, e o ſeu muito fato, rezes, e mais traſtes do preſente, lhe foi neceſſario eſperar chegaſſe o tempo, em que no anno ſeguinte ſe lhe mandáraõ os 18 homens, e 18 mulheres, os quaes com elle caminháraõ para o ſacrificio levando tudo.

FIM DA VIGESIMA SEGUNDA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto. 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIII.

PElo que tendes contado (disse o Ermitaõ) podemos entender que o nosso Reyno teve principio na gente mais pia na Ley Natural; na mais bruta, e supersticiosa no tempo da Ley Escripta; na menos douta, e polída nos principios da Ley da Graça; depois na mais fiel misturada com a Mahometana; e hoje se acha com a melhor da Igreja Catholica Romana. Naõ posso dizer que he verdadeiro, ou falso o vosso conceito (disse o Filosofo), e o melhor voto he o que os extranhos de nós ja tem escripto. O P. Joaõ Zahn fez hum Cathalogo dos genios, acções commûas, virtudes, vicios, e applicações das principaes, e mais conhecidas Nações da Europa: e aindaque se enganou como todos os homens em muitas cousas, certamente em quasi todas acerta, e os Espanhóes, sem que nós entramos naõ só os Portuguezes destes seis ultimos seculos, mas tambem os antigos no que respeita ás inclinações, e genios; porque esses sempre foraõ os mesmos, por serem os mesmos sempre os astros do nosso clima, quasi os mesmos alimentos, e effluvios que impregnaõ a atmosfera, com que respiramos, de que resultaõ as inclinações, só na fidelidade nos errou o nome. Para satisfazer á vossa curiosidade, vos direi o que elle escreveo, que para elogîo lhe subeja a estimaçaõ, que mere-

mereceo ao ſapientiſſimo Feyjó. O Alemaõ (diz o Zahn) no corpo he robuſto, no animo Urſo, no veſtido mono, nos coſtumes ſizudo, na meſa ebrio, na formoſura eſtatua, na converſaçaõ uyva, nos ſegredos eſquecediſſo, na ſciencia Juriſta, na fidelidade fiel, nos conſelhos tardo, na religiaõ ſuperſticioſo; a ſua magnificencia he nas fortificações, no matrimonio he ſenhor, a mulher he alfaya da caſa, o criado he companheiro, a ſua enfermidade he gota, na morte he deſembaraçado. O Eſpanhol (notai agora) no corpo he horrendo, no animo Elefante, no veſtido modéſto, nos coſtumes grave, na meſa faſtidioſo, na formoſura demonio, na converſaçaõ falla, nos ſegredos he mudo, na ſciencia Theologo, na fidelidade enganador (aqui ſe enganou totalmente o P. Joaõ Zahn), nos conſelhos acautelado, na religiaõ conſtante, magnanimo nas armas, no matrimonio tyranno, a mulher he eſcrava, o criado ſujeito, as enfermidades todas (nunca fallou mais verdade), na morte he generoſo. O Italiano no corpo he debil, no animo rapoſa, no veſtido triſte, nos coſtumes facil, na meſa ſobrio (iſto he, come ſó o neceſſario, e util), na formoſura homem, na converſaçaõ delirante, nos ſegredos taciturno, na ſciencia arquitecto, na fidelidade ſuſpeitoſo, nos conſelhos ſubtil, na Religiaõ religioſo, magnifico nos Templos, no matrimonio he carcereiro, a mulher he priſioneira, o criado obſequioſo, a enfermidade péſte, na morte deſeſperado. O Francez no corpo he agil, no animo aguia, nos veſtidos Protheo (quer dizer, que veſte cada dia de hum feitio), nos coſtumes oſtentador, na meſa delicado, na formoſura he mulher, na converſaçaõ canta, nos ſegredos fallador, na ſciencia alguma couſa de tudo, na fidelidade ligeiro, nos conſelhos precipitado, na Religiaõ zeloſo, magnifico em Palacios,

no matrimonio he companheiro, a mulher he senhora, o criado he criado, a sua enfermidade Gallico, na morte violento. O Inglez no corpo he delicado, no animo Leaõ, no vestido suberbo, nos costumes suave, na mesa gulloso (advertî que gulloso naõ significa aquelle que he amigo de doces, como erradamente o entendem ainda pessoas bem limadas, nem o que gosta de manjares saborosos, ou o que detem muito o comer na boca, para lhe tomar o gosto, porque o nome destes he appetitoso; mas guloso vem de gula, e só significa o homem, que come, ou bebe mais do que he justo, e necessario), na formosura Anjo (*Bene Angli vocantur, quia Angeli videntur*, disse delles S. Gregorio Papa, com razaõ lhe chamaõ Anglos, porque parecem Anjos), na conversaçaõ chora, nos segredos infiel, na sciencia Filosofo, na fidelidade perfido, nos conselhos imprudente, na religiaõ mudavel, magnifico em Armadas, no matrimonio he vassallo, a mulher he raînha, o criado he escravo, a sua enfermidade Lupo, na morte he presumido. O Alemaõ (disse o Soldado) nega o ser mono, e superfticioso; o Espanhol o ser feyo como demonio, e o ser enganador; o Italiano o ser facil, e suspeitoso; o Francez o ser mulher, e ligeiro; e o Inglez ser infiel, e perfido: e vós vivais mil annos por nos communicares hum cathalogo taõ divertido, que eu continúo agora o meu assumpto. Apenas o Sacerdote Grego sahio de Lisboa, e perdêraõ todos de vista a nova Fróta, que hia a ser victima, como se elle adivinhasse o que tinha succedido aos quatro Sacerdotes, que conduzíraõ para o sacrificio os primeiros, chamou para terra as canóas destes segundos, e antes de especular o conceito, que elles faziaõ destes Deoses novos, lhes disse que eraõ verdadeiramente brutos, e Ursos como os das outras Provincias, e que deviaõ

tomar as muitas armas], que levavaõ de offerta, e com elles tirar-lhe a vida. Facilmente o crêraõ os viuvos, e todos os homens, e mulheres tomáraõ as armas taõ agradecidos ao Sacerdote Grego, como os primeiros fôraõ escandalizados de todos os de Hercules, e especialmente dos quatro conductores. Os viuvos do primeiro anno depois da morte dos Ursos, ficáraõ temendo os homens vizinhos, que podiaõ conhecellos; e como ignoravaõ as cautellas, e superstições, que novamente inventáraõ para naõ chegarem áquelles matos, só reparavaõ nas muitas rezes, que entravaõ nelles sem pastor; e receando cada dia algum tropel, aproveitaraõ-se das cabras, que ignoravaõ serem offertas, para comerem, e das suas pelles, e das dos Ursos para se fazerem medonhos, misturando as pelles de huns com outros com as cabeças dos ditos animaes em sima das suas levantadas com páos, de sórte, que, se algum curioso os chegou a vêr muito de longe, foi taõ horroroso o conceito, que fez da supposta divindade, e taes as grandezas de estatura, pontas, vozes, e ligeiresa, que disse, que naõ tem numero as fábulas, que desta imaginaçaõ offendida do medo tiveraõ principio, e nas pennas dos Poetas, e Sacerdotes Romanos augmento. Neste estado se achavaõ aquelles homens brutos bem nutridos com as rezes dos sacrificios de toda Espanha, França, Italia, quando chegou o dia do segundo sacrificio, que elles nem sabiaõ quando era, nem quando seria, supposta a falta dos quatro Sacerdotes, a quem tiráraõ a vida, e vîraõ sahir á praya hum exercito formado, que só pelo pequeno numero mostrava ser a gente, que vinha para o sacrificio segundo. Conhecêraõ alguns de hum, e outro sexo, e mudou-se em ambos os pequenos exercitos o terror em gostos; huns deixáraõ as armas, outros as pelles; depois de saudados foraõ para

para a povoaçaõ mais de brutos, que de racionaes, e todos agradecêraõ ao Sacerdote Grego este gesto. Elle, que vio o seu conceito verificado no que lhe contáraõ tinha succedido, fez que lhe promettessem obediencia, e fiassem do seu ingenho conseguir-lhes vida descançada; desceo ao rio só em huma canôa, foi recebido com adoraçóes em Lisboa de todos os póvos da Europa muitos mezes, e a todos fez avizo que os Deoses novos dos bosques estavaõ irados, e queriaõ se lhes edificasse hum Templo de extraordinaria grandeza com duas casas, huma para se pôrem as offertas, outra para habitarem os Sacerdotes, e darem as respostas; e que em lugar dos viuvos, e viuvas queriaõ se lhes offerecesse para esposa do Deos Paõ a donzella mais formosa, e conduzida por elle, e cada dia trinta e seis cabeças de gado, sobpena de sahirem dos bosques, e destruirem tudo. Juntaraõ-se todas as donzellas da Espanha a hum solemne sacrificio, que o Grego fez no primeiro marco conduzidas por seus pays com a esperança de casarem com hum Deos suas filhas. Ficáraõ assolados os póvos vizinhos com as hospedagens, aindaque de taõ pouco custo naquelle tempo; o Grego Sacerdote fez que todas viessem pôr as mãos, e os peitos sobre a victima, que estava no altar: e passadas horas desta lasciva experiencia, escolheo para esposa do Deos Paõ, e na verdade para sua manceba, huma donzella natural de Lisboa, e o pay della, que era dos que tinhaõ mais cabras naquelle tempo, lançou logo os alicerses ao novo edificio, que dizem foi no lugar, onde hoje he o Convento de Odivellas. Com festas, danças, offertas, e votos foi conduzida por terra a nova Deosa, pedindo-lhe cada hum o que necessitava lhe alcançasse ella do Deos seu esposo nesta, e na outra vida. Chegados ao lugar, donde naõ era licito passar, foi adorada; e tocando o Grego hum chavelho, ou buzio, que era signal dado, apparecêraõ

ao

ao pôr do Sol em hum alto os Deoſes uivando, veſtidos como ja diſſemos; e logo deſcendo hum mais horrendo, lhe entregou o Grego a donzella poſtrado; e as viuvas, ſuppoſtas divindades, uiváraõ novamente. Deſte barbaro caſo das noſſas gentes querem os Italianos reſultaſſe o que diz Virgilio do fingido caſamento de Eneas com Dido na cova, quando ſahíraõ á caça: *Summoque ullulârunt vertice Nymphæ.* Depois de muitas adorações, e vivas, ſe recolhêraõ com os gados os Deoſes, e ſatisfeitos todos os Eſpanhóes, a quem o medo fez viver em paz, repreſentando-ſe-lhes a todos, que apenas a quebraſſem ſahiriaõ dos boſques eſtes Deoſes da Luſitania a caſtigallos. Tres annos, ou mais, durou eſte engano, até que ou enfadados da ruim habitaçaõ dos boſques, ou porque ja eſtavaõ ſufficientemente inſtruidos para mayores enganos, veyo ſegunda vez por Embaixador o Grego a dizer que os Deoſes ſe determinavaõ a viver nos povoados, divididos para fazerem bem a todos; que a Deoſa Minerva, que era a donzella, que elle levou, e ja era máy de filhos, eſcolhia Lisboa para habitar; e as mais Deoſas terras diſtantes, onde eſtariaõ ſempre occultas nos templos ſem ſerem viſtas, nem communicadas, ſenaõ dos Sacerdotes, que vieſſem com ellas, os quaes lhes fallavaõ com os roſtos cobertos, e aſſim haviaõ de fallar a todos. Os póvos, que ja eſtavaõ fatigados de crear gados para tantos Deoſes juntos, eſtimaraõ muito ouvir que ſe dividiaõ, e muito mais quando o Grego lhes prometteo que as Deoſas ſó ficavaõ, e os Deoſes haviaõ paſſar pelo Téjo abaixo em dia prefixo; porque hiaõ fazer vida marital com as Deoſas marinhas. Tudo ſe creo: e no dia ſignalado de huma, e outra parte do Téjo com ſacrificios, e danças feſtejáraõ a jornada dos Deoſes, que na verdade fóraõ as pelles velhas dos Urſos, que cheyas de feno ſecco lançáraõ no Téjo os embuſteiros induſtriados do Grego. Determinou eſte as

terras

terras para onde havia de ir, ou tinha determinado ir (como elle dizia), cada Deosa viuva com o seu Sacerdote, e o tempo em q̃ os moradores das ditas terras haviaõ de vir esperallos em certos sitios, tendo-lhes antes preparadas casas chamadas templos: sahiraõ em diversos mezes ao som de cornetas, que ja dissemos, huma Deosa com seu Sacerdote com os rostos cobertos ambos com pelles de cabras, e buracos no lugar immediato aos olhos: huns fôraõ para a Andaluzia, outros para Galliza, poucos ficáraõ nas terras vizinhas por temerem os conhecessem algum dia; em fim todos se espalháraõ como Deoses, e Sacerdotes, os que tinhaõ hido para o sacrificio viuvos, e viuvas miseraveis. O Grego chamado Sagrino com a manceba esteve muito tempo em Lisboa no célebre templo, que nella edificáraõ os Gregos companheiros de Ulysses, e no de Odivellas, habitaçaõ mais do genio da Deosa, porque temia ser a mais conhecida; porém como ás vezes viviaõ separados, teve o Grego ciumes dos devotos, e queimou o templo de Odivellas, que tinha custado tantas fadigas a seu sogro, de que indignado elle, e muitos, que suspeitáraõ fôra elle o author do insulto, lhe foi necessario passar a Cadis com a Deosa, e dahi a Italia, onde depondo a divindade, porque naõ acháraõ sitio para o embuste, indo daquella sórte, ha tradiçaõ fundára com outros a Cidade de Corneta, outros que huma Villa junto ao rio ja extincta, e perto do lugar onde Santo Agostinho intentou comprehender o Mysterio da Santissima Trindade, e foi reprehendido pelo Anjo, que, em figura de menino, disse intentava mudar para huma pequena cova o mar todo. Os outros companheiros do embuste o conserváraõ melhor do que o Mestre, porque o ensináraõ a seus filhos fingindo huns, e outros que suas mulheres eraõ as mesmas Deosas, que se tinhaõ separado dos Deoses Ursos, que fôraõ viver com as marinhas divindades; para o que tinhaõ

nhaõ nos templos Sacerdotiſſas donzellas, que depois caſavaõ com os filhos enterrando ás eſcondidas as mãys, e avós defuntas, dizendo que a Sacerdotiſſa, que fallava, fôra admittida a companheira da Deoſa antiga, a qual naõ morria; e para mayor confirmaçaõ nunca ſahiaõ deſcobertos os roſtos ſenaõ nas noites de Lua nova, em que com grande acompanhamento dos póvos, e dos Sacerdotes, que todos julgavaõ ſerem ſervos ſeus, e naõ maridos, iaõ banhar-ſe nuas nos rios, diz ndo, que debaixo das aguas as vinhaõ recrear os Deoſes antigos Urſos ſeus maridos, que no domínio dos mares, e conſorcio das Deoſas marinhas paſſavaõ os trinta dias occupados; e como todos ficavaõ de longe poſtrados no chaõ, e era crime de morte, ainda naquella diſtancia, e obſcuridaõ, o olhar para onde as Deoſas ſe deſpiaõ, e banhavaõ, ellas fingiaõ diverſas vozes, que diziaõ os Sacerdotes ao pôvo ſer dos maridos Deoſes: o pôvo em gritos fazia muitas petições, ellas em voz mulheril fingiaõ interceder, e depois nas vozes dos Deoſes pediaõ tudo quanto tinhaõ os póvos em ſacrificio para lhes concederem as mercês, comminando tempeſtades, inundações, e todos os damnos, ſe faltaſſem as offertas, de que ſe ſeguia viverem ricos, e fartos como os embuſteiros de Babylonia no tempo do profeta Daniel, e todos os dos Romanos, que álem dos ſeus innumeraveis embuſteiros, crêraõ os noſſos quando entráraõ na Eſpanha, e leváraõ eſtas noſſas ſuperſtições a Roma. Temos hiſtoria de mayor goſto, e dilatada.

FIM DA VIGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIV.

NAÕ ſó paſſáraõ a Roma (diſſe o Soldado) as ſuperſtições da noſſa Eſpanha, que tiveraõ principio as mais famoſas nos Urſos, e ſeus cruentos ſacrificios, como ja diſſemos; mas foraõ os templos, e idolos dos Eſpanhóes, e com eſpecialidade dos Luſitanos, venerados das outras Nações com romarías, e votos muito antes dos Romanos, no tempo delles, e depois ſeculos, como conſta de muitas pedras, que ſe tem deſcoberto com varias inſcripções antiquiſſimas, das quaes algumas ſe conſervaõ hoje na parede exterior do Convento de Santo Agoſtinho de Villa-Viçoſa; outras em Matacães, Freguezia antiga, que foi Moſteiro, e o mais antigo de toda a Europa; e hum notavel livro manuſcripto de quaſi todas as que ſe deſcobríraõ em tempos muito antigos, e perecêraõ, tinha entre os ſeus eſpeciaes Luiz de Couto Felix, Portuguez raro em ler, e deſcobrir antiguidades, onde lí tudo o que agora vos diſſe. Neſte tempo os Portuguezes, e Gallegos ſahíraõ a campo com dous exercitos, que naõ ſó conſtavaõ de muitos mil homens, mas tambem de muitas, e valoroſas mulheres. As Portuguezas peleijáraõ de ſorte, que ficou ficaman-

do (diz o Faria) esta victoria Empreza das mulheres. Resultou daqui vivermos socegados como victoriosos, e os Gallegos tímidos como vencidos. Fundamos lugares, e torres; porém, passado tempo, vírão os vizinhos que lhes tiravamos as terras necessarias para casas, e gados, e tomárão as armas para offender-nos, e nós deixando accesos muitos fógos, procuramos vivenda em outros campos. Tiverão por injuria os nossos inimigos este estratagema, e com furor nos seguírão a marcha; e nós aceitando a batalha os derrotamos em tal fórma, que resultou da victoria o ajuste de que escolhessemos o Paiz mais do nosso agrado, para nelle habitarmos com socego; agradou aos Portuguezes o sitio, onde acabavão de conseguir a victoria, e fundárão nella a Cidade de Iria, que hoje he, e se chama Padrão. No mesmo tempo com Amilcar, e Himilcão, em huma Fróta de trezentos mil homens, forão oito mil Portuguezes soccorrer Cartago quando pertendia o Senhorîo de Sicilia contra Gelão, que dominava parte della, e todos morrêrão na empreza. Melhor fortuna foi a de sete mil e quatrocentos Portuguezes, que debaixo das bandeiras de Cartago, mandados pelo Capitão Safo, álem de innumeraveis victorias, conquistárão Tangere, e deixando nome eterno em Africa, ricos, e gloriosos se recolhêrão á Patria; o Capitão menos amante desta, que de Cartago, deixou-lhes dous irmãos seus Hanão, e Himilcão para os governar, e foi acabar a vida onde a fizera gloriosa; em pouco estimavão os dous irmãos o domînio de Espanha, sem dominarem a gente Portugueza, neste tempo sem Rey, nem obediencia a Superior algum; veyo com effeito visitallos; e elles com as armas lhe mostrárão que nada menos querião do que sujeição; respondeo-lhes Hanão com suavidade, mostrando, que quando desembarcára nas margens do Guadiana pizára a terra

ra com tal veneraçaõ, como ſe foſſe o Ceo; que deſeja va ver o Templo de Hercules, o enterro de Tubal: fez muitos ſacrificios ás divindades do mar, de que já vos démos noticia; levantou dous montes grandes de terra em ſignal da viſita, e deixou a empreza. Seu irmaõ Himilcaõ veyo parar ao Cabo de Eſpichel, onde intentou lhe déſſem os moradores refreſco, e hoſpedagem; porém elles, que naõ acreditavaõ as devoções de Hercules, como os do Minho, e Guadiana, degolláraõ quaſi todos os hoſpedes no primeiro dia; e os que ficáraõ vivos com Himilcaõ fugíraõ para Lisboa, onde foraõ benignamente recebidos, e com novos Pilotos da Coſta navegáraõ até o Promontorio da Lua (que he Caſcaes, ultimo lugar de Eſpanha): deſcobríraõ as Berlengas, ilhas neſſe tempo povoadas de peſcadores, hoje ſó huma bem pouco habitada, e bem pequena com preſidio, e na peſcaría com o melhor contrato. Os moradores das Berlengas vendo embarcações deſconhecidas fugíraõ para os montes, deixando as ſuas na praya deſamparadas; elle porém affavel communicou os Turdulos, que viviaõ naquella Coſta, enſinou-lhes varias letras, que, depois achadas no ſeculo de quinhentos, nenhuma foi conhecida: alli ſoube a barbaridade dos que habitavaõ os ſertões, e montanhas deſte Reyno; entrou no Mondego, ſahio em Buarcos, foi vendo a Coſta até o Vouga, onde huma tempeſtade o obrigou a ſer hoſpede dos Gregos, que habitavaõ junto do rio. De todos foi bem hoſpedado, mas naõ do mar, que na retirada lhe quebrou todas as embarcações no Porto de Gaya; ſalvou-ſe a gente, alguma o acompanhou para Africa com o favor de ſeu irmaõ Giſcaõ, que governava os Andaluzes; outros ficáraõ entre os naturaes; e os mais generoſos, rompendo os matos, fundáraõ a Cidade de Braga, onde ella hoje exiſte, chamando-lhe Braga em memoria de hum rio deſte

nome muito eſtimavel na ſua patria. A Himilcaõ ſuccedeo no domînio de toda Eſpanha ſeu primo Hannibal; eſte ſabendo que os ſeus naturaes tinhaõ fundado Braga, e que os Portuguezes, que viviaõ em os pórtos de mar, eraõ benignos, viſitou os que ſeu primo lhe tinha gavado; e junto á Villa de Alvor edificou huma Cidade notavel, que ja vos diſſe cobrio o mar em hum terremoto, e ſe edificou outra em ſeu lugar mais dentro do rio, que ſe chama Villa-Nova de Portimaõ, a antiga ſe chamou Porto de Hannibal, e o terremoto de 1755 a deſcobrio, como ja vos contei. Daqui foi conquiſtando com meiguices os corações dos Portuguezes, creſcendo em poder, forças, e Praças, de ſorte que em pouco tempo foi ſenhor das mais importantes da Eſpanha, do melhor da Luſitania, e de toda a Coſta deſde o Guadiana até o Cabo de S. Vicente. Entre tanto ſe origináraõ peſſimas diſcordias entre os Andaluzes, e Portuguezes. Andavaõ os Turdetanos na Andaluzia proſperos; intentáraõ apaſcentar os gados nos campos dos antigos Vandalos, que acodíraõ a defendellos com as armas, as quaes depois de varios encontros os obrigáraõ a fugir, e deixar deſpojo muito conſideravel. Afflictos os Turdetanos com a perda de honra, e fazenda, convocáraõ os confinantes, e por meyo delles vinte e tres mil Portuguezes, naõ ſe deſcuidavaõ os Andaluzes, que com mimos grandes conſeguírao os vieſſe ſoccorrer peſſoalmente Hannibal com todo o exercito Africano, que eſtava em Cadis: durou a batalha hum dia inteiro, a noite os ſeparou, e de todo pela manhãa o horror, com que víraõ oitenta mil mortos no campo, ſendo Hannibal hum delles. Ficáraõ deſde entaõ as forças dos Luſitanos taõ diminuidas, que os Barbaros da marinha ſe atrevêraõ a tomar armas contra elles; os Celtas recolhendo ás ſerras interiores os gados, ſahíraõ a defender-ſe; ficaraõ em huma bata-

batalha vencidos: mas vendo que os Turdetanos de Andaluzia se mudavaõ para a Lusitania, cobráraõ animo, e unidos com elles desbaratáraõ em campanha os Barbaros, cujo modo de peleijar era com assaltos, e retiradas repentinas; mas taõ bravos, que até os dentes lhes serviaõ de armas, abraçando se com os inimigos para mordellos; isto succedia em Portugal quando os Cartaginezes occupados nas guerras de Sicilia, e vencedores entre os Gregos de Athenas, renováraõ com os de Agrigento as discordias passadas; alistáraõ para a nova guerra gente de Espanha, e tres mil Lusitanos entre ella, os quaes destruíraõ inteiramente os Agrigentinos, e a Cidade, passáraõ a desafiar Dionisio tyranno, Rey de Sicilia, e ajudados de outros tres mil Portuguezes Celtas o vencêraõ, e desbaratáraõ com tanto valor, que ficáraõ captivos trinta mil Sicilianos; mas seguio-se logo huma tal péste, que todos os Portuguezes la foraõ sepultados. Ao mesmo tempo na Espanha se víraõ horrendos castigos de Deos; porque as tormentas eraõ continuas, e tal a seccura, quenaõ só morriaõ os homens, mas as féras, das quaes muitas, deixando as brenhas, entravaõ nas povoações, como se fossem animaes domesticos, publicando assim o muito que estavaõ necessitados. De Cartago veyo para Governador de Andaluzia Hanaõ II.; desembarcou no Porto de Hannibal, juntou sete mil Portuguezes para castigar os Andaluzes, que lhe negavaõ a obediencia naõ sem causa; e naõ ha noticia do que obrou nesta empreza. Os Celtas do Alemtejo vendo muito cheya a sua Provincia com os Turdetanos, que habitavaõ entre elles, assentáraõ em buscar outras terras; para isso celebráraõ sacrificios nos altares dos seus idolos, jurando corresponderem-se sempre com tanto amor, como se fossem hum pôvo só. Estavaõ na força desta solemnidade nas prayas de Alcacere do
sal,

ſal, quando viraõ entrar pelo rio quatro embarcações com baſtante gente do Peloponezo, que fatigada de continuas guerras vinhaõ buſcar hum canto do mundo, onde viveſſem com deſcanço; iſto diſſeraõ aos Turdetanos, que em demonſtraçaõ do muito que lhes era agradavel a ſua companhia, continuáraõ com elles os ſacrificios; e paſſados poucos dias, juutos, e confórmes paſſáraõ o Téjo com licença dos Gregos de Lisboa, e ſeus contôrnos; agradaraõ-ſe das ribeiras do rio Munda, hoje Mondego, e deixáraõ nellas gente capaz de fundar huma povoaçaõ. Ficáraõ para eſta empreza os Turdetanos Andaluzes, chamados Collimbrios, ou Collumbros, os quaes no ultimo mais eminente daquelle campo edificáraõ a Cidade a que chamáraõ Collimbria, eſta he hoje Condeixa a velha, cujas ruinas notaveis, e antigos muros cheyos de inſcripções Romanas moſtraõ qual foi a ſua grandeza. Outros querem que a fundaſſem os Carthaginezes, outros que Hercules Lybico, o que naõ creyo. Seguiraõ os Gregos, e Portuguezes o caminho, e fundáraõ Eminio junto ao rio Vouga, que hoje he a Villa de Agueda entre Aveiro, e Coimbra, em outro tempo Cidade populoſa, que no tempo dos Godos, e Romanos teve Igreja Cathedral das mais illuſtres de Eſpanha. Fundáraõ tambem Talabrica, que hoje he Aveiro, e Lavra, de quem ha varias tradições, e memorias, mas falta a do ſitio, em que a fundáraõ; o ſeu nome ſe conſerva em huma Aldeya junto á praya, diſtante duas legoas da Cidade do Porto; fundáraõ Lamego a quem chamáraõ Lameca, e Laconia, e outras muitas Cidades de que ſe perdêraõ as noticias. Quando entráraõ pela Provincia de entre Douro, e Minho os novos fundadores ja hiaõ diſcordes: foraõ mal recebidos dos Africanos de Braga, os quaes tomáraõ as armas mais para ſe defenderem deſtes vagabundos, do que para offendellos; porém conhecendo

nhecendo logo o ſeu fim ſincéro, os deixárað paſſar livres: chegárað ás margens do rio Beliað, ou Lima, e quando unidos haviað fundar a ultima povoaçað mais notavel, foi tal a diſcordia entre elles, que tomando as armas divididos em dous corpos ſe matárað quaſi todos huns aos outros, e daqui teve principio chamarem Leteo ao rio Lima; porque quando o quizerað paſſar eſtas duas Nações eſquecidas da patria, ſe eſquecêrað do juramento feito em Alcacere do Sal com tantos ſacrificios, e ſe degollárað quaſi todos. Os poucos, que ficárað, depondo as armas, ſe miſturárað com moradores mais vizinhos do ſitio da batalha, os quaes paſmados de verem a ſua loucura, lhes dérað algumas terras, em que pudeſſem trabalhar. Em paz viviað os Portuguezes, e Africanos do Algarve, ſendo o Porto de Hannibal a Metropole das ſuas habitações, quando Boodes, Capitað Carthaginez, e ſucceſſor de Hanað no governo de Eſpanha, entrou na Luſitania ſollicitando os animos dos moradores com dadivas, e caricias, com as quaes os reduzio á ſua devoçað: fizerað-ſe os ajuſtes com ſolemnidade, matando alguns animaes diante do idolo de Hercules, com quem ſempre a gente de Portugal, e de Cartago teve eſpecialiſſima devoçað, eſta porque fôrað ſeus Vaſſallos, a outra por deſcender de Tyro, e Sidonia, onde Hercules em hum célebre idolo foi ſempre adorado por eſpecial Advogado, e Protector daquella Provincia. Em virtude da paz eſtabelecida, e com diſſimulaçað vilhaca perſuadio Boodes aos Portuguezes era neceſſario fundarem huma nova Praça, e de commum conſentimento deo principio á Cidade de Lacobriga, que hoje ſe chama Lagos. Acabada a fundaçað, recolheo-ſe a Cartago, e ſuccedeo-lhe Maharbal no governo; eſte foi tað amante dos Portuguezes, e elles tað amantes delle pela brandura, e ſuavidade, com que governava, que o fizerað ſe-

nhor de quaſi todo o Algarve, e de muita parte da Luſitania com tanta ſujeiçaõ, e obediencia, que apenas deixavaõ de ſer Colonia de Cartago. Chegou ao porto de Hannibal huma embarcaçaõ de Chypre bem provída de Gregos inimigos modernos dos Cartaginezes; tomáraõ os Portuguezes o navio ſem lhes valer aos pobres hoſpedes abraçarem-ſe com os idolos de Venus, e Cupido, que traziaõ comſigo. Maharbal, bem acompanhado, e ſó com o fim de vêr os Portuguezes todos, viſitou as povoações delles até Elvas, povoaçaõ notavel, onde com notaveis induſtrias conſeguio, que os moradores o recebeſſem, e trataſſem com grande amor, e ſubmiſſaõ. Ao tempo, em que viſitava os lugares vizinhos, adoeceo perigoſamente; conſultou os Sacerdotes dos idolos, que tinhaõ por verdadeiros profetas, e adivinhadores; e todos por ſuggeſtaõ do diabo reſpondêraõ, que a enfermdade era caſtigo do Deos Cupido, por haver offendido os Gregos de Chypre, de quem era venerado; e que para deſaggravo diſſo, e do deſacato commettido contra a ſua imagem, devia edificar hum templo. Vinde lógo, que he divertido o caſo.

FIM

DA VIGESIMA QUARTA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXV.

OUvio Maherbal (disse o Soldado) a resposta dos Sacerdotes; e obediente deo aos Gregos liberdade: começou a obra do templo com tanto fervor dos Portuguezes, que em pouco tempo se vio collocada no altar a imagem do Deos offendido; era de prata, tinha os olhos vendados, hum coraçaõ na boca, e azas nos pés; edificaraõ-o junto a hum lugar chamado hoje Terena. Maherbal recuperou saude perfeita, tanto que se deo principio á fábrica. Toda a Lusitania, Espanha, e toda a Europa veneráraõ este idolo com o nome de Endovelico, como consta de varias pedras, de que ja vos dei noticias, que fez trasladar de Terena para Villa Viçosa o Duque V. de Bragança D. Theodosio; e agora para satisfazer á vossa curiosidade vos direi o que se póde ler em todas, que hoje se achaõ na parede da Igreja de Santo Agostinho da dita Villa. O primeiro diz: *Endovelico Sacrum Marcus Julius Proculus libens votum solvit*; quer dizer: *Offerta consagrada a Endovelico; Marco Julio Procul veyo de boa vontade cumprir seu voto.* O segundo diz: *Endovelico Sacrum Antonia L. Manliola E. V. signum argenteum*; quer dizer: *Offerta de huma memoria de*

prata, que Antonia Lucia Manliola consagrou a Endovelico por voto, que lhe fez. O terceiro he: *Endbelico Tusca Olia Tauri F. pro Quinto Statorio Tauro V. A. L. S.*; e vem a ser: *Tusca Olia, filha de Tauro, veyo de boa vontade cumprir o voto, que fez a Endovelico, por Quinto Statorio Tauro.* Segue-se outro, que diz: *Q. Sevius Q. F. Pap. Firmanus votum Deo Endovelico S. L. M.*; cuja interpretaçaõ he: *Quinto Sevio Firmano, filho de Quinto Papinio, de boa vontade cumprio o voto, que fez ao Deos Endovelico.* Segue-se outro nesta fórma: *Deo Sancto Endovelico M. V. M. animo libens votum solvit*; isto he: *Marco Verano Maximo de boa vontade cumprio o voto, que fez ao Santo Deos Endovelico.* Logo se vê outro que tem: *Endovelico sacrum ex Religione jussu numinis. Pomponia Marcela A. L. P.*; que no nosso idioma he: *Offerta devotamente consagrada a Endovelico por mandado divino. Pomponia Marcela a poz aqui de boa vontade.* Logo se vê outro que diz: *D. Endovelico sacrum D. relictitium ex vi numin. Arrius Radiolus A. L. F.*; em Portuguez: *Dom consagrado ao Deos Endovelico, para ficar aqui por inspiraçaõ divina. Arrio Radiolo o fez de boa vontade.* Outro se vê quasi extincto, e só apparecem letras, que dizem: *Endovelico Critonia Maxuma ex voto*; que parece dizer: *Critonia Maxuma ofereceo a Endovelico por voto, que lhe fez.* Outro inteiro diz: *Deo Endovelico S. Junia Flaminia voto suscepit. Elvia Ideas mater filiæ suæ votum susceptum animo libens posuit*; que he: *Offerta consagrada ao Deos Endovelico. Junia Flaminia fez este voto: sua mãy Elvia Ideas o poz aqui de boa vontade, cumprindo o voto de sua filha.* Segue-se outro de hum Cavalheiro Romano: *Deo Endovelico præstantissimi, & præsentissimi numinis Sextus Croccesies Craterus Honorenus Eques Romanus. Ex voto*; quer dizer: *Sexto Crocceio*

ceio Cratero Henoreno, Cavalleiro Romano, por voto, que fez, trouxe esta offerta ao Deos Endovelico de excellentissima, e presentissima divindade. Estaõ mais outros muito apagados; o primeiro diz: *Endovelio Sancto hic Aurelius . . . vir . . . nobis*; isto he: *Dom consagrado ao Santo Endovelio: aqui lho poz Aurelio, varaõ nobre.* Outro, em que só lemos: *Endovelio Albia Januaria.* Outro: *Deo Endovelico sacrum Biandus. Casjj aeru final servus A.L.V.S.* Outro: *Corintio . . . tabrionis Dive in via aurici. A. L.V. S.* O primeiro diz que Albia Januaria offerecêra a Endovelio este voto: o segundo, que era voto de Biando; porém o mais naõ se póde construir: e o terceiro nada, que naõ seja adivinhar. Seguem-se quatro; o primeiro: *Lelius Sylvanus Proserpinæ votum San.L.P.*; isto he: *Celio Silvano de boa vontade cumprio o voto, que fez a Proserpina.* O segundo diz: *Proserpinæ Sanctæ Civelius . . ex voto fecit A.L.P.*; quer dizer: *Que Civelio de boa vontade poz este voto a Proserpina santa.* O ultimo Latino diz: *D. M. S. Pultarius an. XXIII. H.S.E.S.L.J.V.S. Semne, & Semne Marti posuerunt*; em Portuguez: *Offerta consagrada a Marte. Pultario de vinte e tres annos, que aqui jaz, Eslio Semne, e outro Semne a puzeraõ a Marte.* Destes tres ultimos letreiros inferem muitos, que ou no mesmo templo de Cupido foi venerado Marte, Deos da guerra, e Proserpina, mulher do Deos Plutaõ, Deosa do Inferno, ou perto do primeiro templo erigíraõ dous mais a estas divindades; o que he mais facil de crer, supposto o embuste dos Deoses Ursos, que ja vos contámos. Com estes letreiros veyo de Terena outro de hum Judêo, que naõ he voto, mas epitafio: foi escripto em lingua Hebraica, e com letras Hebraicas; porém reduzidas ás letras Latinas, e commũas, diz em Hebraico: *Habraham bar Selomo gavaaser quida . .*;

terahem hai Habra há asedec vehu iahmol verahem vei ahos ghal himadi Habraham gasenad 203 behedad hedemnefes, verahamau ierahem alau, Melec. Memar Casidin berahamau in . . . ih . . . debremar; no nosso vulgar quer dizer: *Habrahaõ, filho de Salamaõ, que Deos tem, e de quem aqui se falla . . . haja misericordia sobre Habrahaõ, como justo que he, e lhe perdoe, e apiade, e compadeça delle, para que esteja com elle o dito Habrahaõ, que Deos tem, no anno de duzentos e tres, que estará em gloria sua alma. E sua misericordia será sobre elle, e se dirá Casidin, e responderaõ todos . . . Amen. Casidin* quer dizer *Orações*, e antes do *Amen* faltaõ duas palavras, que se naõ podem ler, os 203 annos saõ da Era de Cesar; porque Judêo naõ havia de usar da era de Christo. Estes saõ os letreiros memoraveis que se conservaõ em Villaviçosa, fielmente trasladados pelo insigne Chronista Fr. Antonio da Purificaçaõ; noto porém que Manoel de Faria diz se acha alli mais outro, que se naõ acha entre tantos, que temos contado; e he todo de letras grandes, e voto de hum Romano pela saude da sua Dama; porque diz: *C. NOVATUS JULIUS ENDOVELICO PRO SALUTE VIVENIÆ VENUSTÆ MANILIÆ SUÆ VOTUM SOLVIT*; quer dizer: *Cayo Novato Julio cumprio o voto feito a Endovelico pela saude da sua Dama Viviana Venusta Manilia.* Talvez que esta pedra se perdesse nas muitas mudanças, que tiveraõ todas, quando se fez a Igreja nova, e o Coro; e como ja saõ poucos os homens, que saibaõ fazer o devido apreço das antiguidades, hoje estará em alguma officina sepultada, e ja o estaria quando o Mestre Purificaçaõ foi ler, e trasladar os mais que ouvistes. Com o novo templo de Cupido, e milagre, que fingem elle fez a Mahrebal, dando-lhe logo saude, tudo obra do demonio, a quem cega adorava

nos

nos idolos a nossa gente, melhorárao de fortuna os Gregos de Chypre de tal sorte, que de escravos passárao a senhores: até esse tempo viviaõ em durissimo captiveiro, porque Maherbal, e os Portuguezes os obrigárao violentamente a separarem-se das mulheres, e a trabalhar nas obras públicas de Serventes, exceptuando só desta injuria as Sacerdotissas da Deosa Venus; porém agora convertido o odio em amor, e veneraçaõ, só cuidavaõ os Portuguezes em edificar templos aos Deoses, que elles tinhaõ, em ouvir, e obedecer aos Sacerdotes, que elles lhes punhaõ, e admirar os seus novos sacrificios. No templo de Endovelio se offereciaõ cordeiros brancos, presentava o devoto o animal ao Sacerdote; e este se despia até ficar nú, vestía depois huma roupa branca como huma alva, e de tal modo aberta, que lhe ficavaõ nús, e patentes a espadoa, e braço esquerdo; abria elle o cordeiro com o direito, e com o esquerdo lhe tirava o coraçaõ, e o lançava no fogo, dando a entender nisto, que devia ter o coraçaõ despido de todas as cousas do mundo quem sacrificava ao Deos Cupido. Em fim os sacrificios do Gentilismo Portuguez foraõ tantos, e taõ célebres, que Pedro Alladio escreveo hum curioso livro dos sacrificios dos Lusitanos. Alem da veneraçaõ, que era o mais, e os lucros dos sacrificios, que era tudo, foi tal a devoçaõ dos Portuguezes com os Gregos de Chypre por estes embustes, que lhes déraõ as melhores terras, ja cultivadas, nos sitios mais frutiferos. Junto á Villa de Cacém edificárao elles a nobilissima Cidade de Mirobriga, célebre pelas excellentes obras de metal fundido, em que eraõ os melhores artifices os taes Gregos, e por isso lhe chamavaõ Mirones; e como a todas as fortalezas chamavaõ entaõ os Espanhóes Briga, deste nome, e de Miro, e Miroes, ou Mirones se compôs o nome da Cidade, que tambem foi cé-

lebre

lebre pelo culto; que os Lusitanos ahi davaõ ao Deos Vulcano, Deos Fundidor, e dos Fundidores em hum notavel templo. A estatua de Vulcano se achou nas suas ruínas, e dellas se infere a grandeza daquella Cidade. Maherbal, acabado o templo, e feitos estes, e outros beneficios aos Gregos, foi para Cartago; e como nesse tempo tremia todo o mundo da fortuna, e armas de Alexandre Magno, todos os póvos de Espanha lhe mandavaõ Embaixadores, que elle recebeo em Babylonia, sendo o mais luzido, e estimado seu o da Lusitania; porque em todo o mundo soava a fama do seu valor, fidelidade, e Religiaõ Portugueza. Quando Alexandre tomou a Cidade de Tyro, taõ notavel, e nomeada nas historias, os Soldados do exercito vencedor, Sidonios de naçaõ, e parentes dos Tyros, salváraõ quinze mil delles, que vindo a Cartago, foraõ hospedados como parentes, e pedíraõ aos Lusitanos quizessem admitillos por companheiros; consentíraõ os Portuguezes sempre compassivos, e deraõ-lhes licença para fundar huma Cidade, onde tivessem Magistrados, e uzassem livremente dos seus raros ingenhos em muitos officios. Ainda a Cidade naõ estava começada, ja entre os Portuguezes havia escandalosa discordia, pertendendo cada hum o governo della: em fim pacificaraõ-se, e edificou-se huma das mais preciosas habitações deste Reyno, chamada entaõ Mirtiri, que queria dizer nova Tyro, ou talvez Tyro de Fundidores, e artifices notaveis; elles o foraõ certamente, como depois se vio nas muitas, e primorosas estatuas, columnas, frizos, e outras obras; que se acháraõ nas suas ruínas, sobre as quaes se fundou, e existe a Villa de Mertola, de que ja vos démos graciosa noticia. Aquelles Gregos, que escapáraõ da horrivel batalha do rio Lima, que vos contei ha pouco, crecêraõ entre os Celtas, e Turdetanos tanto, que lhes

lhes foi necessario mandar os filhos a povoar outras terras; muitos, passando ás Asturias, augmentáraõ o numero dos povoadores daquellas montanhas, outros nas ribeiras do rio Ezla fizeraõ povoações novas. Neste tempo os Cartaginezes intentáraõ expulsar de Sicilia Pyrrho, Rey dos Epyrotas, que se tinha apoderado della; leváraõ a esta expediçaõ dous mil Portuguezes na Armada, e estes lhes conseguíraõ sobre as aguas taõ completa victoria, que os Escriptores a celébraõ; e o socego, em que viveo depois disso Cartago, até que os Romanos o vencêraõ, mostra o respeito, que em todos infundio o valor Lusitano. Continuou Cartago as suas expedições, e mandou a Espanha Visitador Amilcar Barcino, sujeito cheyo de valor, suavidade, e devoçaõ para a guerra, para a paz, e para os Deoses. Occupava-se em romarías, e sacrificios contínuos, affavel, e benigno aos Portuguezes todos. Visitou o templo de Endovelico, a quem offereceo riquissimos dons; entre elles foi hum arco, aljava, e setas de ouro purissimo; que permanecêraõ no corpo do idolo, até que Julio Cesar entrou neste Reyno, e os seus Soldados, sendo aliàs Gentios, e adorando a Endovelico por Deos do Amor, e filho de Venus, lhe furtáraõ estas notaveis alfayas, e todas as mais preciosidades, que eraõ infinitas. De Terena passou Amilcar a Lisboa a visitar com igual devoçaõ, e liberalidade o templo de Minerva, fundaçaõ de Ulysses, e para mais obrigar a gente Lusitana, casou com a mais formosa, e nobre donzella de Lisboa; alegre, e festejado se recolhia depois a Cartago, quando a Portugueza lhe deo a luz o primeiro filho na ilha Triquadra, que hoje se chama Coalheira, confins da Lusitania, perto do porto dos Cartaginezes; chamou-se o filho Hannibal, que depois foi gloria nossa de todos invejada. Agradou tanto em Cartago a idéa de Amilcar, e

o seu

o ſeu caſamento com Portugueza, que o mandáraõ ſegunda vez a Eſpanha; trouxe a mulher, e ſinco filhos, que della tinha, chamados Hannibal, Aſdrubal, Magaõ, Anaõ, e huma menina. Depois de ſocegar varias diſcordias de Andaluzia, paſſou á Luſitania, e com hum numeroſo exercito de Portuguezes ſujeitou á obediencia de Cartago todas as terras maritimas entre o Freto Herculeo, e os montes Pyreneos. Quando havia de celebrar com os ſeus amados Portuguezes eſtes glorioſos triunfos, ſuccedeo que os Vetões, pôvo da Luſitania entre os rios Douro, e Coa, ſenhores das Cidades Salamanca, Cidade Rodrigo, Lapara, e outros lugares até o Téjo, vendo que a gente mais florída da Luſitania eſtava auſente com Amilcar na guerra, quizeraõ vingar-ſe dos aggravos antigos, que tinhaõ recebido dos Celtas do Alemtejo, e de ſeus amigos os Turdetanos. Juntáraõ exercito, entráraõ nas terras dos ſobreditos, e reduzíraõ tudo a cinzas com ferro, e fogo; chegou a noticia ao exercito de Amilcar, compoſto de Celtas Portuguezes, alteraraõ-ſe os animos de todos, e Amilcar mais que elles. Logo ouvireis eſta notavel guerra.

F I M

DA VIGESIMA QUINTA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVI.

MArchou Amilcar Barcino com o exercito Portuguez a castigar os Vetões; porém estes chamando para soccorro os Focenses, que lhes fizeraõ o avizo, esperaraõ a batalha deste modo. Todos os carros seus, e dos Focenses preparados cada hum com dous Reys, e carregados extraordinariamente de lenha secca eraõ a vanguarda, e a primeira linha, e detraz dos carros estavaõ elles unidos com as armas nas mãos. Admirou-se Amilcar vendo esta novidade, e mandou investir a tudo fortemente; porém os Vetões nesse mesmo tempo déraõ fogo aos carros, espantaraõ-se os boys, corrêraõ com furia, e rompêraõ o exercito de Amilcar de sórte que, perdida a fórma, vencêraõ os Vetões a batalha, em que Amilcar Barcino perdeo valorosamente a vida com universal sentimento da Naçaõ Portugueza, e de Cartago, que nelle affiançava especial fortuna. Asdrubal (naõ o filho, mas genro de Amilcar), Capitaõ valoroso recolheo as reliquias do exercito, e unidos com seu cunhado Hannibal, filho mais velho do defunto Amilcar, deo sobre os Focenses, authores da discordia, mas foi rechaçado por elles ajudados dos Vetões em remuneraçaõ dos soccorros, e avi-

zos, e carros. Affentárao os dous cunhados erao necessarios ardiz, e máquinas militares com muitos mil homens; formárao estacadas com ruas, e dentro covas muito altas, e largas, cobertas com páos delgados, e hervas, dentro lenha secca, e palha; deixárao emboscadas em differentes partes, e sahírao a desafiar os Focenses, e Vetões, os quaes vendo-os retirar no fervor do conflicto com todos os sinaes de medo, os seguirao gritando. Entrárao na estacada, que os inimigos julgárao ser o alojamento do exercito, que fugia vencido; corriao os Portuguezes sem ordem pelas veredas, que tinhao deixado firmes, e os Focenses, e Vetões os seguiao formados, e unidos; e assim os primeiros, e melhores Cabos, e esquadrões cahírao nas covas, conhecêrao os outros a ruína, e diabolica invençao nossa, e quizerao retirar-se para fóra da tal rua de estacas; mas apenas virárao as costas, achárao diante de si toda a flor da gente Portugueza, que sahindo das emboscadas, entrárao na tal rua em silencio. Travou-se a peleija horrivel, porque os Focenses, e Vetões nao podiao recuar, sobpena de cahirem nas covas, onde ja estavao ardendo os mais excellentes, e numerosos esquadrões seus, sobre os quaes, apenas cahidos, lançárao fogo os Portuguezes, que fingírao a retirada, o qual ateando-se na palha, e logo na lenha, fez que, em quanto huns acabárao entre chammas a vida, os outros, por nao morrerem queimados, morressem á espada. Foi tao completa a victoria, que nem hum só Vetao, nem Focense ficou com vida; vierao a pagar com o ardil de fogo o outro de fogo, com que nos desbaratárao o primeiro exercito, e matárao ao nosso amado Amilcar Barcino. Seu filho Hannibal nesta batalha mostrou valor tao raro, que os Portuguezes, seus patricios amantes alleviárao com esta consolaçao as saudades do pay. Souba Asdrubal que os Vetões desesperar

perados com a perda de pays, parentes, e amigos perseguiaõ os Celtas de Alemtejo, que nos carros de fogo tinhaõ perdido os melhores Soldados; e deixando seu cunhado Hannibal governando a Andaluzia, passou a castigar os Vetões segunda vez, e o conseguio tanto á satisfaçaõ dos offendidos Celtas, e com tal perda dos Vetões, que estes desesperados elegèraõ por seu Capitaõ hum Portuguez chamado Tago, o qual os unío, e animou de tal modo, que Asdrubal se vio apertado, e afflicto; mas em fim usando da sua muita industria, fingio outra similhante retirada com tal formatura, que, quando voltou as caras outra vez para os inimigos, lhe ficou a Cavallaría dos Vetões no centro do exercito, e este por quatro angulos igualmente pelejando; as vanguardas com a Infantaría Vetona, que chegava em soccorro da Cavallaría, que se adiantou á desfilada, e as quatro linhas do centro degollando a Cavallaría, que no centro desta praça estava preza. Naõ cuidem os Generaes modernos, que elles inventáraõ cousa alguma nos exercicios militares, que ignorassem os antigos; advirtaõ o que diz o Espirito Santo por Salamaõ, que *nenhuma cousa neste mundo he nova, porque ja o foi nos tempos passados; o que agora vemos, he o que entaõ houve; e o que agora se usa, daqui a seculos será cousa nova.* Tago, vendo-se desbaratado, pedio paz, que Asdrubal lhe concedeo; porém como era Africano, usou do seu natural genio, e contra a fé pûblica, e palavra dada, prendeo Tago, que tal naõ previa, e com inauditas crueldades o matou. Grande foi o fervor, que infundio esta victoria nos poucos, que salváraõ as vidas, e nos outros póvos das Provincias Lusitanas, de sorte, que Asdrubal temído, e respeitado, ficou governando Espanha; e Hannibal, seu cunhado, e nosso patricio gerado em Lisboa, passou a Cartago, onde se

criára. Naõ podiaõ soffrer os Romanos, homens os mais ambiciosos, que gozassem os Cartaginezes nestas Provincias taes prosperidades; e succedendo neste tempo unirem-se os Francezes de Marselha, confederados seus, com os Saguntinos, começáraõ a idear o modo para conquistar-nos. Reparo (disse o Ermitaõ) que chamais ambiciosos aos Romanos, que só honras buscáraõ com incriveis trabalhos; esse he o nome proprio de quem appetece honras desordenadamente; e estimo o repáro para vos instruir (disse o Filosofo) no modo, com que deveis fallar: ambicioso he o que appetece honras com desordem; avarento he o que desordenadamente appetece riquezas, e estas saõ as definiçóes destes dous vicios, que trazem todos os Authores Theologicos. Soou em Cartago este pensamento dos Romanos, e mandáraõ Hannibal, nosso patricio, para Espanha, onde tinha fallecido seu cunhado Asdrubal de morte violenta, que a punhaladas lhe deo hum criado a tempo, que elle coroado de flores assistia a hum sacrificio; castigo de Deos pela falsidade, e tyrannia, com que matou o Capitaõ Portuguez Tago. Chegou Hannibal a Espanha, juntou a gente, que lhe foi possivel para sua honra, e defeza, exercitou-a para a guerra, visitou os parentes em Lisboa, e os Africanos em diversas Provincias, sendo agradavel a todos. Constou-lhe que os Celtas Portuguezes de Alemtejo tinhaõ levantado hum Rey novo valorosissimo, chamado Viriato; e prudente Hannibal o buscou para amigo; prometteo Viriato ajudallo, e foi a primeira prenda da amizade o dar-lhe muita gente, com a qual passou a Andaluzia: casou alli com Hemilce, Senhora illustre, conciliou os Andaluzes com este casamento, como seu pay Amilcar os Portuguezes, com o primeiro, e ajudado dos novos parentes poderosos, marchou a quebrar hum concerto, que havia annos fizera

zera ſeu cunhado Aſdrubal com os Romanos. Conquiſtou primeiro os Vaceos, e outros póvos, cercou os Vetóes para ſe vingar da morte, que déraõ a ſeu pay na célebre batalha dos carros da lenha: elles vendo-ſe na ultima miſeria, pedíraõ as vidas, obrigados a ſáhir da Cidade com hum ſó veſtido, e ſem armas algumas. Concedeo-lhe tudo Hannibal, e elles induſtrioſos ordenáraõ que as mulheres levaſſem as armas eſcondidas debaixo das ſayas; apenas ſahíraõ começáraõ ellas a parir armas, e elles a uſar dellas com tal fortuna, e deſtreza, valendo-ſe dos deſcuidos da Cavallaría, e Infantaría de Hannibal, que, a naõ acodir elle em peſſoa com todo o valor, e induſtria, e ſer o exercito numeroſo, e bem exercitado, que ás primeiras vozes de Hannibal ſe formou quaſi todo, certamente ſería derrotado: venceo porém Hannibal, e o mais he que ſe venceo a ſi (ſempre os filhos de Lisboa tiveraõ eſta prenda, a que os invejoſos chamaõ inconſtancia), porque ſendo innumeraveis os degollados, Hannibal ſó deſejava fugiſſem todos; e aos que lhe fizeraõ eſſe goſto, naõ conſentio que os perſeguiſſe hum unico Soldado, eſtimando o valor dos vencidos, louvando a façanha, e induſtria de todos, e confeſſando a ſua pouca cautella em naõ ter o exercito formado em batalha, quando elles ſem armas ſahiaõ de huma taõ grande Praça. Toda a ſciencia he filha da experiencia, depois que os documentos de Adaõ ſe perdêraõ na memoria humana. Deſta naceo a cautella, até hoje uſada, de eſperar a ſahida dos rendidos, como ſe ſahiſſem a pelejar ufanos. Temído, e reſpeitado com eſtas victorias, publicou Hannibal a guerra contra as bandeiras Romanas, em todo o mundo conquiſtadoras ja, ou temídas. Com 150000 homens cercou a Cidade de Sagunto, e com 20000 cavallos ao meſmo tempo lhe deſtruio os arrabaldes, póvos vizinhos, e prohibio as ſahi-

das

das aõs ſitiados ja para defeza, ja para implorarem ſoccorros. No fim de oito mezes ſe rendeo Sagunto, e ficou declarada a guerra entre Roma, e Cartago. Preparou Hannibal hum numeroſo exercito, para o qual concorreo com grandes levas de Celtas, e Turdulos Viriato, que peſſoalmente foi governar depois com outro mayor exercito. Amilcal, irmaõ de Hannibal, deſde Sagunto, onde eſtava, ſollicitou para Soldados os mais robuſtos de entre Douro, e Minho, offerecendo-lhes grandes premios. Balaro, Capitaõ Portuguez, nobre, e deſtimído, governava a Cavallaría, que levantou neſte Reyno; em fim, deixou a ſeu irmaõ o governo das couſas de Eſpanha com doze mil Africanos, e duas mil e quinhentas lanças; mandou para Cartago mil Infantes Eſpanhóes, e mil e duzentos Cavallos, e elle vencendo os paſſos mais aſperos, e impenetraveis, em que gaſtou ſinco mezes, e lhe morrêraõ trinta e ſeis mil homens, ſahio aos Campos da Lombardia, onde o veyo encontrar o Conſul Cornelio Scipiaõ, pay de Scipiaõ Africano: deo-ſe a primeira batalha no anno da creaçaõ do mundo 3836, na melhor opiniaõ; foi o Conſul Romano vencido por Hannibal, o exercito deſbaratado, e elle ferido na cabeça ſe retirou para Placencia, onde ſe juntou com Tito Sempronio; e juntando aos novos ſoccorros as reliquias do exercito vencido, buſcáraõ Hannibal, e os Portuguezes junto ao rio Trebra, onde ſegunda vez foi a ſuberba Romana vencida, e vergonhoſamente obrigada a deixar armas, vidas, e bandeiras no campo. Paſmou Italia, aſſombrou-ſe Roma coſtumada a vencer, e a ſer temída, mandáraõ vir Soldados veteranos de todas as Provincias, porque eſte damno ameaçava a todas; entre tanto Hannibal com os Portuguezes paſſava o monte Apenino, onde com o rigor do tempo ficou cego de hum olho. Ja o eſperavaõ os dous Conſules Neyo Servilio, e

Cayo

Cayo Flaminio: deo-ſe a batalha, foraõ vencidos os Romanos, e Magaõ valoroſo, irmaõ de Hannibal, com huma lançada matou o Conſul Apio; o meſmo ſuccedeo a Mamerio, que juntava valeroſamente as reliquias do exercito vencido. O Rey Viriato ao meſmo tempo deſbaratou como rayo ſeis mil Romanos; perdeo o exercito de Cartago, e Portugal dous mil homens, e o de Roma trinta mil. Sahio della Quinto Fabio contra Hannibal, e naõ ſe atreveo a peleijar, ſe bem deo cuidado a prudencia, e aſtucia, com que apparecia, e ſe retirava, acçaõ menos coſtumada entaõ do que agora; em ſeu lugar governáraõ logo o exercito Romano Lucio Emilio Paulo, e Cayo Terencio Varráõ, o primeiro conſiderado, o ſegundo teimoſo de ſorte, que ſó pelo ſeu voto ſe deo a batalha; de preſſa conheceo que errára, porque em breves minutos vio mortos, fugidos, e deſbaratados os eſquadrões Romanos de Soldados tantas vezes ufanos, e victorioſos. Notou Viriato, que o Conſul Servilio, homem valoroſo, dava ao combate, e aos vencidos calor novo; rompeo a cavallo os eſquadrões Romanos, que o Conſul animava, e na rectaguarda de todos lhe tirou a vida, acçaõ taõ formidavel para os que ficáraõ com ella, que nenhum mais lhe vio a cara; porém o Conſul Emilio vendo perdida a honra da patria, e mortos os Conſules, e Generaes taõ reſpeitados no mundo, para morrer vingado, e com gloria de Romano, rompeo deſeſperado os eſquadrões Portuguezes, e matou o noſſo Rey Viriato. Foi tal o furor no exercito, vendo o Rey morto, que naõ perdoáraõ a vida a algum Romano, taõ irados, e cegos os Portuguezes, que ſegunda vez feriaõ os mortos, como ſe foſſem vivos; porque lhes faltavaõ ja Romanos vivos para degollar. Deo-ſe a batalha a 20 de Agoſto, morrêraõ nella ſincoenta mil Romanos; de Portugal, e Cartago taõ poucos, que, por naõ envergonhar os Romanos, calaõ o nume-

numero os Authores todos, fallando desde entaõ com tal respeito nos Portuguezes, que, se naõ tivessemos outros brazões melhores, e tantos, bastavaõ estes. Victorioso, e triunfante se gozava Hannibal do melhor da Lombardia, em quanto Roma para vingança mandou Neyo Scipiaõ a Espanha. Este, que ja fôra vencido da Naçaõ Portugueza, e Africana na primeira batalha, começou com grandes cautélas, e industrias a empreza; porém Asdrubal, irmaõ de Hannibal, e poderoso Governador dos Africanos na Lusitania, em todos os encontros, que teve com elle, ficou vencedor; e unido com o Rey Mandonio obrigáraõ a Neyo mostrasse publicamente o medo; mas em fim, mudando-se a fortuua, foi Asdrubal derrotado pelos Romanos no caminho de Italia; refugiou-se a Cartagena, dahi a Portugal, onde juntou exercito, e com elle tres vezes venceo o Romano; restaurou o credito, e ficou rico, vingou-se do passado, matando a Cornelio Scipiaõ, irmaõ de Neyo, e pouco depois a Neyo, que dava calor ao irmaõ contra Asdrubal. Estas victorias foraõ causa de que seguissem a voz de Cartago muitos presidios Andaluzes, e Catalães, nos quaes deixou Asdrubal milicias Portuguezas, e Africanas, pertendendo assim conservar o Senhorío, e ter defeza certa na fidelidade Lusitana. Naõ só padecemoa entaõ o mal da guerra, mas huma horrivel péste, procesdida de huma densa nevoa, que naõ permittio muito mezes fosse visto o Sol; e faltando á terra o calor, e insfluxo deste benefico planeta, seguio-se a fome para completar o castigo, de sorte, que pereceo a mayor parte do Reyno. Muito resta, e divertido.

FIM DA VIGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVII.

AO mesmo tempo, em que este Reyno padecia tantos castigos do Ceo, experimentou a Europa toda outro; foi hum tremor de terra espantoso no dia, em que Hannibal em Trasimeno deo a batalha; naõ o sentíraõ os dous exercitos, porém com tal excesso os penhascos, e edificios, que ainda hoje existem ruínas espantosas; neste Reyno ha muitas, e a que nos fica mais vizinha, segundo as notas de Luiz de Couto á Historia Romana, he o rochedo do Furadoiro, junto aos moinhos no caminho de Torres-Vedras para Runa, que sendo antes hum só, e cousa monstruosa, presidio de huma insigne povoaçaõ antiga, hoje se vê partido em dous com estrada Real pelo meyo, e dizem se dividio com este universal terremoto, e que mudando a terra vizinha totalmente o modo, em que estava, submergira a fortificaçaõ, que lhe cahio em sima, e a Cidade, ou Villa com os moradores della. Assim fluctuava em adversidades nossa Patria, quando entrou nella por ordem do Senado Romano Claudio Nero, e logo Publio Cornelio Scipiaõ filho do outro Cornelio, que cá morreo, e sobrinho de Neyo. Com meiguices, promessas, e com devoções aos nossos

idolos fôraõ conquistando lugares, e corações dos moradores, a tempo que Asdrubal conduzia muitos Portuguezes para restaurar Cartagena, a quem tinhaõ subjugado os exercitos de Roma: chegou a tempo, que de Cartago veyo Massinissa com numeroso exercito, muitos Cavalleiros Numidas, e muitos Elefantes armados em guerra, costume, que hoje só conservaõ, e podem sustentar os dilatados, e fertilissimos Imperios de Asia. O modo de os armar antigamente se ignora, porém hoje, e ha muitos seculos se usa atar-lhe na tromba huma corrente de ferro grossissima, ou huma partazana disforme toda de ferro, para elle mover para hum, e outro lado no conflicto; e sobre o corpo lhe pôem huma fortaleza de madeira cheya de homens disparando armas offensivas, algum dia setas, dardos, e pedras, hoje granadas, balas ardentes, e das outras; he certo que, se estes animaes fossem taõ prudentes, como nos persuadíraõ os que só pintados os conhecêraõ, naõ obstante a artilharia, e mosquetaria, que hoje se usa na campanha, creyo sempre venceria a batalha quem tivesse Elefantes para levar á guerra; porque as suas forças excedem tanto o encarecimento, que, se os cobrissem todos de bronze da grossura de tres dedos, e mais, sempre ficavaõ capazes de levar a tal fortaleza de madeira cheya de gente, e armas, e brigar naõ só hum dia, mas vinte continuados com as noites; porém estes animaes tem huma imprudencia, que muitos ignoraõ, a mais perniciosa para o exercito, que os sustenta, e leva para sua defesa; e vem a ser, que em se vendo offendidos os céga a colera de tal modo, que tanto offendem o seu exercito, como o contrario, todos para elles saõ inimigos, de sorte, que ja na Asia os levaõ á guerra por estado, e carreto das bagagens do exercito para destruirem as arvores, e casas dos pôvos, que intentaõ destruir, e ja os naõ obri-

gaõ

gaő a peleijar nas vanguardas dos exercitos; nem investir as muralhas dos sitiados; porque infinitas disgraças lhes ensinaraő a tirallos destas occupações; porque basta dizer-lhe, e fazer-lhe injurias, ou lançar-lhe com siringas agua vermelha para elles julgarem que he sangue seu, que estaő derramando, e vingarem-se logo de quem os conduzio á guerra para se verem feridos, como cuidaő, em se vendo molhados com cousa encarnada. Bem o experimentou Asdrubal, e Massinissa, porque Scipiaő rompeo os Elefantes Numidas, e Lusitanos de sorte, que o nosso Capitaő passou a Italia, onde ja Hannibal, seu irmaő, experimentava a fortuna menos prospera; ficou governando Espanha o segundo Asdrubal, filho de Gisgon, o qual recolheo a gente Cartagineza, e com algumas Companhias de Portuguezes alcançou algumas victorias de pouca consideraçaő em Andaluzia, até que chegou Marco Sileno, Romano, instruido por Scipiaő, que o destruio, e entre os Andaluzes ficáraő espalhados os poucos, que escapáraő vivos. Magaő, ou Magon (irmaő de Hannibal, e do primeiro Asdrubal, roto, e morto pelos Consules Claudio Nero, e Livio Salinador) intentou vingar esta, e as mais injurias, que padecia a gente Africana; embarcou-se em huma Armada em Cadis, deo sobre Genoa, e com total destruiçaő da Cidade lhe fez pagar a amizade, que tinha em Roma. Victorioso, e rico entrou em Cartago, onde foi tristemente recebido, porque todos affiançavaő na paz o augmento do Imperio Africano: tanto assim, que ordenáraő a Hannibal sahisse de Italia com o exercito, fazendo primeiro algum concerto honroso com o Senado Romano. Communicou a Scipiaő na Cidade de Sama, ou Zama, e todos julgáraő resultasse deste encontro a paz taő desejada; porém o remate da prática destes dous Capitães famosos

 foi

foi tomarem logo as armas ambos, e moſtrarem ao mundo o que eraõ em deſtreza, e valor; mas nada diſſo valeo ao noſſo Patricio Hannibal, foi vencido, e mortos quarenta mil homens no campo: tres mil delles Luſitanos, onze Elefantes, trinta e tres bandeiras. Pouco lhe durou a vida depois deſta perda, porque conſtando-lhe que o Rey de Bitinia o queria entregar a Scipiaõ para triunfar com elle em Roma, ſe matou com veneno. Acabou-ſe o Imperio Cartaginez em Eſpanha, que dominára mais de trezentos annos com grande fortuna; começou o governo dos Romanos, que teve principio no anno duzentos antes da vinda de Chriſto Senhor noſſo; dividíraõ a Eſpanha em duas Provincias, como ja diſſemos, a ulterior incluida entre o Rio Ebro, e os Pyreneos, a citerior entre o meſmo Rio, e prayas do Oceano; foraõ os primeiros Pretores neſta Paulo Manlio, na ulterior Apio Claudio Nero, ambos bem ſuccedidos, porque ambos affaveis, e beneficos, como conſta de muitas inſcripções de ambos; veyo depois o Conſul Marco Porcio Cataõ Cenſorino, igualmente aſtuto, e prudentiſſimo; ſuccedeo-lhe Nazica, que o naõ ſoube imitar, ou a fortuna o naõ quiz favorecer. Os Celtibéros amotináraõ contra os Romanos quaſi toda a Luſitania, e depois de matarem muitos, e roubarem os preſidios mais ricos, ſe recolhiaõ carregados de deſpojos, quando o dito Scipiaõ Nazica veyo a caſtigallos, largáraõ as cargas, tomáraõ as armas, e tres vezes vencêraõ os Romanos, até que deſeſperado Scipiaõ fez voto aos Deoſes do Capitolio de Roma de varios jogos; alentou com o patrocinio deſtas divindades os Soldados, e venceo os Celtibéros, captivou 250 de cavallo, 134 bandeiras, porém morrêraõ oito mil Romanos para ganhallas. No anno ſeguinte foi Pretor Marco Fulvio, que algumas victorias alcançou dos Ve-
tões

tões Portuguezes, a quem faltavaõ Capitães experimentados, ſubejando valor nos Soldados. Eſtava ja Pretor Lucio Emilio Paulo, a quem os Portuguezes derrotáraõ de tal modo, que naõ ficou hum ſó Romano para levar ao Senado avizo; fugio o Pretor, e reſtaurou o credito, porque na ſeguinte peleija nos matou vinte mil homens. Depreſſa nos moſtramos com as armas nas mãos a Cayo Catinio, e fomos vencidos; porém logo unidos, e freneticos juntos os Luſitanos, e Celtibéros junto a Madrid, e Toledo, em duas batalhas vencemos o Pretor Cayo Calfurnio Piſáõ, e a ſeu companheiro Lucio Quincio Criſpino; morreraõ ſinco mil Romanos, os quaes aproveitando-ſe do deſcuido, que tivemos em lhes naõ ſeguir os paſſos, recobrados com extraordinarias levas vieraõ buſcar-nos nas margens do Téjo, onde com morte de trinta mil Portuguezes fomos vencidos, ſe bem muitos mais foraõ os mortos Romanos; motivo, porque os ſeus Authores calaõ o numero. Seguiraõ-ſe varios Pretores ſem couſa digna de memoria, até que veyo Tiberio Sempronio Graco, que, depois de varios encontros com os Luſitanos, os venceo com perda de trinta mil. Veyo para eſta Pretoria Marco Manlio, e os Bracarenſes, que na ultima guerra com ſeu anteceſſor ficaraõ vencidos, agora elegendo por General hum Cidadaõ ſeu, chamado Apimano ſagás, e valoroſo, caminharaõ por varias terras dominadas dos Romanos, cujos moradores afflictos ſe lhes aggregaraõ com notaveis deſpojos. Manlio ſabendo o perigo, a que eſtava expoſto o dominio, e pundonor Romano, ſahio de Andaluzia, buſcou o noſſo exercito, e o Capitaõ Bracarenſe, julgando que os Soldados carregados de alfayas ricas era impoſſivel, que manejaſſem bem as armas; mandou fazer hum monte de todo o fato, ouro, e prata, que levava o exercito, e á viſta de todo

elle

elle alhe lançou o fogo; elles vendo, que Manlio era a causa de perderem toda a sua riqueza, envestiraõ com tal furor o exercito Romano, que em poucas horas o deixaraõ em miseravel estado, e coberto de cadaveres o campo; a esta se seguíraõ outras victorias menos memoraveis, até que Calturnio quiz experimentar as espadas Portuguezas com tal infelicidade, que seis mil Romanos, e Terencio Varrò Questor do exercito, ficáraõ mortos no campo. Victoriosos os Bracarenses, e aliados, foraõ queimando tudo desde o Guadiana até o Estreito de Gibraltar, sem dar perdaõ a morador, ou edificio, que pertencesse ao pôvo Romano; subíraõ pela Andaluzia taõ felices, que os Vetões Portuguezes da Extremadura juráraõ perder as vidas por defender as bandeiras do General Bracarense Africano; ganháraõ Cidades, e Presidios Romanos, em que deixáraõ novas guarnições; só lhes resistíraõ os Blastofenices, cercáraõ a Cidade; e Apimano querendo dar exemplo ao exercito no escalar os muros, foi o primeiro que subio para montallos; porém os defensores, que ja se julgavaõ perdidos, querendo vender caras as vidas, matáraõ Apimano ás lançadas; e o exercito vendo-se sem Capitaõ, perdeo logo o costume de vencer, cada hum buscou a sua patria, e cessou por algum tempo a guerra. Elegêraõ os Bracarenses, e aliados em lugar de Apimano outro Portuguez valoroso, chamado Cesaráõ, este prevendo o despique dos Romanos, compôs o novo exercito, entrou nas terras, que obedeciaõ a Roma, e foi tal o damno, e o roubo, que a toda a pressa os vexados pedíraõ ao Consul Quinto Fulvio Nobilior viesse soccorrellos, e domar os póvos de Celtiberia, e os Numantinos, de quem os Romanos sempre tiveraõ receyos bem fundados; acompanhou-o nesta expediçaõ Lucio Mummio, Pretor da Espanha ulterior, certos que a gente

Por-

Portugueza, que os ſeguia offerecida, e voluntaria, lhes havia de conſeguir victoria completa. Quinze mil Romanos trazia Mumio, e ſabendo que Ceſaráõ abrazava toda a Andaluzia, ſe resolveo a buſcallo quando elle eſtiveſſe mais divertido com os deſpojos daquelles póvos ricos; alcançou os Portuguezes carregados, paſſando o rio Guadiana; conheceo Ceſaráõ o perigo pelas coſtas, deteve a Mumio com varias eſcaramuças de cavallos, e com outros fez paſſar o rio com todo o precioſo; e depois de poſto em ſeguro, vieraõ os conductores unir-ſe com o exercito naõ longe de Villa-Viçoſa; conheceo o Pretor a induſtria, mas aceitou a batalha; ella foi taõ fórte, e horroroſa, que ſabemos tornáraõ a ſervir de armas os dentes aos Luſitanos, porque naõ lhes ſoffrendo a raiva o peleijar diſtantes huns dos outros, ſe abraçavaõ com os Romanos, e, largando as eſpadas nos correões, com os dentes os faziaõ em pedaços; mas em fim eſte furor cauſou deſordem, e quando haviaõ de vencer começáraõ os noſſos a fugir, ſem que Ceſaráõ os podeſſe deter, até que traſpaſſado da pena ſe pôs diante dos eſquadrões fugitivos com a lança, jurando, que havia de tirar a vida a todo o que déſſe mais hum paſſo ſem honra. Foi venturoſa a raiva, porque os deteve o medo, ou a vergonha, voltáraõ caras unidos a tempo, que os Romanos ſem fórma, ſeguros da victoria, matavaõ huns fatigados, e deſpiaõ outros, déraõ ſobre elles furioſos, e matáraõ ſinco mil Romanos, retirou-ſe Mumio para o ſeu arrayal, e Ceſaráõ, depois de recuperar o ſeu, proſeguio a victoria inveſtindo o de Mumio com tal arte, e conſtancia, que morrêraõ outros ſinco mil Romanos na defeſa. Entrou Ceſaráõ triumfante em Luſitania, e Mumio ſe refugiou em hum alto monte com ſeis mil Soldados; daqui ſahio a buſcar os Portuguezes, que, ſe bem perderaõ no combate muitos

Solda-

Soldados valorosos; obrigaraõ a fugir para o alto do monte os inimigos. Afflicto o Pretor com tantas, e taes disgraças, fez voto pûblico á Deosa do Inferno Proserpina de lhe levantar hum templo naquelle sitio, se derrotasse o exercito Lusitano; aceitou o voto o Demonio, e de sorte dispôs o Pretor por seu influxo o exercito, que achou Cesaráõ com os seus descuidado; peleijaraõ com tudo muito tempo, e com pertinacia, e valor até morrer no campo o General Cesaráõ; o que sabido no exercito, perdêraõ o alento, cada hum procurou salvar a vida, e muitos a perderaõ no caminho para salvalla. Cumprio o Pretor o voto, fundou o templo, chamando-lhe Proserpina Reparadora. Boas conjecturas, e algumas inscripções em pedras, que vos referi na Conferencia 25 desta 2 parte, persuadem que este templo foi junto a Villa-Viçosa, e que elle purificado he a Igreja de Santiago, que ainda existe, ou que este se erigio sobre as ruinas delle, outros imaginaõ o que entaõ vos disse, e naõ he possivel descobrir a verdade. Sabemos porém, que foi o templo célebre, e os Portuguezes sempre taõ devotos, que, sendo elle fundado em memoria da sua infelicidade, o frequentaraõ com romarías, de sórte, que hum sacrificio seu, que logo vos contarei, foi memoravel sempre.

FIM
DA VIGESIMA SETIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de M DCC.LIX.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVIII.

EM quanto Mumio edificava o templo, elegêraõ os Portuguezes por ſeu Capitaõ hum natural de Lisboa, chamado Cancheno; conduzio o exercito offendido ſobre a Cidade de Cuniſturgi, junto á Villa de Niebla, de que naõ ha veſtigios; tinha preſidio Romano, que foi degollado com poucos dias de cerco. Ufano o General Portuguez foi marchando até Gibraltar, ſem achar reſiſtencia em povoaçaõ alguma; eſta felicidade excitou no exercito huma tal ſuberba, que ja lhe parecia todo o mundo pouco para huma breve conquiſta; e como ninguem o deſtruio, deſtruiraõ-ſe elles, dividindo o exercito em dous, hum para reſiſtir, e abater os Romanos em Eſpanha, outro para ir fundar hum novo Imperio em Africa (que melhor o podiaõ idear meninos da eſcola), para o que diſperſos nos matos vizinhos cortavaõ arvores para fazerem barcos. Os que ficavaõ para ſe opporem ás trópas Romanas chegaraõ á Cidade de Orcelis, que hoje dizem ſer Origuela, puzeraõ-lhe huns cerco, outros paſſaraõ ao roubo dos campos vizinhos, e ricos; conſtou a Mumio a deſordem, e matou quinze mil Portuguezes, que occupados em conduzir os furtos naõ poderaõ to-

mar as armas para defendellos ; alguns poucos , que eſcaparaõ, déraõ conta a Cancheno , que com o reſto do exercito , que fazia o ſitio , ſe retirou para a Luſitania, roubando muitos lugares no caminho. Neſte tempo concorriaõ os Portuguezes com romarias , e votos á Deoſa Proſerpina com tal devoçaõ por ſer Romaria nova, que os deſcendentes daquelles antigos embuſteiros , Sacerdotes das Deoſas viuvas dos Deoſes , que de Urſos paſſaraõ a Deoſes marinhos , vendo lhes faltavaõ as eſmolas por eſte motivo, e por cauſa das guerras , fingíraõ que os taes Deoſes eſtavaõ indignados, e que novamente ſahindo do mar vinhaõ povoar os boſques com ſuas mulheres, e haviaõ de deſtruir as povoações. Os Romanos , aindaque brutalmente credulos , e ſó niſſo brutos , como admira todo o mundo , vendo as loucuras, que ſempre uſaraõ em materias de Religiaõ, ao principio zombaraõ do vaticinio; mas vendo logo que dos boſques ſahiaõ animaes ferozes ou por arte diabolica , ou artificio natural dos Sacerdotes , que habitavaõ perto delles com as Deoſas tapadas , e na realidade mulheres proprias, ou mancebas, naõ ſó determinaraõ novos ſacrificios para aplacar os antigos Deos Pan , Faunos , Satyros , e Nynfas , mas eſcreveraõ a Roma , e a toda Italia os Pretores de Eſpanha , noticiando a profecia , e complemento della , para que lá naõ ceſſaſſem de concorrer para os templos , e Sacerdotes parentes deſtes ou no ſangue , ou nos embuſtes, com que lá tinhaõ paſſado com Hannibal na primeira guerra , e fizeſſem novos ſacrificios aos meſmos Deoſes , para que os de Italia aplacaſſem a ira deſtes , que os perſeguiaõ na Eſpanha , e provavelmente impediriaõ a conquiſta ; porque , perdoando a vida aos Eſpanhóes , a tiravaõ aos Romanos naõ ſó na antiga figura de Urſos , mas tambem nas de Lobos , Leões , e Tigres. Certa donzella namorada de

hum

hum Celta Portuguez de Alemtejo, valoroso, e rico, vendo-se desprezada prometteo á Deosa Proserpina (onde quer que era venerada naquella Provincia) sacrificar-lhe o melhor, que tinha, se por algum modo se visse desaggravada desta natural injuria: succedeo pois, (creyo que muito por acaso, ou porque fez esta obra o Demonio) que vindo tarde das suas terras o moço chamado Sizido, o matou outro, com quem andava em odio, e para se naõ suspeitar, que elle fôra o homicida, com os dentes, ou com algum instrumento lhe fez muitas feridas, que pareciaõ obra dos dentes, ou garras de muitas féras; achou-se o morto, julgaraõ que os Deoses o tinhaõ despedaçado; foi a donzella cumprir o voto ao templo de Proserpina, e perguntando-lhe o que promettera, disse, que o melhor que possuia, e offereceo huma taça de prata, era formosa; o Sacerdote lascivo, como todos os do Gentilismo, disse, que necessitava consultar a Deosa naquella noite para vêr se estava satisfeita da offerta, porque lhe parecia naõ ser a melhor cousa. Veyo com os parentes amigos, e muitos devotos Romeiros no outro dia, e o Sacerdote de Naçaõ Romano, sagaz, e preverso, disse publicamente que as palavras do voto eraõ claras; o melhor, que tinha eraõ seus pays, e tres irmãos, o seu corpo, e todos os seus bens, e que tudo isto havia de offerecer, advertindo que só ella havia ficar viva, e os mais seriaõ degollados para servirem a Proserpina nos campos Elisios. Sem mais resistencia todos muito conformes, e devotos entregaraõ os pescoços, e a donzella foi recolhida para o interior do templo para servir a Proserpina de Sacerdotissa, e ao Sacerdote de manceba; porém como o Demonio descobre tudo o que faz, constou aos Sacerdotes dos Deoses Sylvestres o voto, e o motivo; e quando o Sacerdote Romano com poucos dias de noivo foi vêr,

ou fabricar as fazendas pertencentes ao templo por doação, e offerta da nova Sacerdotiſſa, tres Urſos o deſpedaçaraõ no caminho; ſoube-ſe a diſgraça, e a Sacerdotiſſa noiva, como ja eſtava vingada, e contra ſua vontade aceitara o marido, e officio, e déra o que tinha para o templo, ſahio delle logo pedindo os ſeus bens; e como ſe ignorava quem fôra o matador do moço, por quem ella fez os votos, acodiraõ á preſſa todos os embuſteiros; os antigos dos Urſos diziaõ, que os Deoſes Sylveſtres, e naõ a Deoſa Proſerpina, tinhaõ vingado a moça, e que eſtes mataraõ o Sacerdote, porque a obrigou a deixar a Proſerpina os ſeus bens, e ſacrificar-ſe com ſeus pays, e parentes, ſendo tudo iſto devido aos Deoſes Sylveſtres; a moça dizia o contrario, e proteſtava que violentamente a tinhaõ obrigado a tudo, o que fez, porque certamente era devedora á Deoſa Proſerpina, e ſó da melhor alfaya. Tal foi a contenda, que hum Celta, que deſejava caſar com a Sacerdotiſſa, apoſtata para gozar a fazenda, e para a livrar dos Sacerdotes dos Deoſes Sylveſtres, chegou ao extremo de aſſeverar falſamente, que elle, e naõ as féras, matara o moço, para cuja vingança ſe valera de Proſerpina a Sacerdotiſſa. Aqui foi onde moſtrou a devoçaõ, piedade, e religiaõ Gentilica, com paſmo dos Romanos, a Naçaõ Portugueza: juntaraõ-ſe os mais velhos a ſentencear a duvida; ordenaraõ, que a fazenda foſſe da Deoſa Proſerpina, e que a moça, e o mancebo, que jurava ter feito o delicto para caſar com ella, foſſem degollados em ſacrificio; e proteſtando os Sacerdotes dos Deoſes Sylveſtres, que os haviaõ de deſpedaçar em caſtigo deſta ſentença contra elles, reſponderaõ, que a vida melhor era a do outro mundo, onde Proſerpina tinha domînio, e lhes daria os campos Eliſios em premio, e aſſim pouco temiaõ, que os Deoſes Sylveſtres os mataſſem. Degollaraõ

gollaraõ os dous á porta do templo; julga-ſe que os Sacerdotes dos Deoſes dos boſques (certamente feiticeiros inſignes) procuraraõ que os Demonios ou conduziſſem as féras para o caſtigo dos Juizes, ou em figura dellas os caſtigaſſem; porém elles, que no culto de Proſerpina achavaõ culto novo, mayor, e mais proporcionado, naõ ſó deſprezaraõ os ſeus conjuros, mas ou mataraõ as féras todas, que havia poucos mezes offendiaõ aos homens, como nos boſques de Santarem muito antes, ou as affugentaraõ para taõ longe, que rara vez depois fizeraõ damno á gente, e por modo taõ natural, que ſe perſuadiraõ ſerem brutos, e naõ Deoſes. Seguioſe faltar a devoçaõ áquellas Divindades ao meſmo tempo, que a de Proſerpina, e Endovelico tinhaõ grande augmento, de ſórte, que os Sacerdotes dos boſques ſe fizeraõ paſtores, e faltando-lhes as mulheres, ſe ajuntaraõ com os animaes, dos quaes naſceraõ monſtrós, que depois foraõ adorados do Gentiliſmo de todo o mundo com os nomes de Pan, Faunos, Satyros, e Nynfas, e eſtes meſmos muitas vezes viſtos nos rios, onde hiaõ beber, e banhar-ſe; déraõ principio á brutal credulidade de Neptuno, Trytões, Nereidas, e mais Deoſes, e Deoſas marinhas, ſendo principal cauſa diſto a ſuperſtiçaõ de Eſpanha, a qual deo todos os augmentos com novos embuſtes á de Roma. Tempo dava para iſto o ſocego, que experimentavaõ as Provincias de Eſpanha de ſórte, que os Romanos admirados do culto, que davamos aos ſeus templos, e idolos, para nos conquiſtarem os corações, levantaraõ muitos novos, de que trataõ varios Authores, mas naõ ſe achaõ veſtigios; mandaraõ vir tres Arquiflamines para eſtas Provincias, os quaes trouxeraõ comſigo muitos Flamines, e outros Sacerdotes; mas quando julgaraõ nos tinhaõ ſujeitos com piedades, como os de Lisboa fôraõ criados ſó com

os

os sacrificios, que lhes ensinou Ulysses, temendo se diminuisse a continuaçaõ delles, e do célebre templo de que vos demos noticia, sahiraõ com todos os da Extremadura, e abrazaraõ as terras de Castella: sahio o Pretor Mumio com pressa a cohibillos, e achando-os divertidos, e espalhados, como quem taõ sedo naõ esperava Romanos, os degollou todos. Com todas estas victorias de Espanha entrou Mumio em Roma, e veyo Marco Atilio succeder-lhe na Pretoria de Lusitania. Ao principio julgou, que os Sacerdotes, e sacrificios nos aplacassem os animos, e divertissem dos preparos, que faziamos para novas guerras; porém vendo que a nossa muita devoçaõ naõ tinha força para nos tirar da memoria a perda passada, sahio brevemente em campanha: muitos mezes se passaraõ em choques, e encontros fortuitos, desolaçőes de lugares abertos, sendo iguaes as fortunas, e os damnos, até que foi a ultima, e mayor victoria Romana. Os vencedores sitiaraõ a Cidade de Ostrace, degollaraõ todos os defensores, queimaraõ os edificios, e destrüiraõ de sórte os muros, que nem memoria ficou do sitio, onde existio, mas resultou da sua ruîna o bem da paz entre os Portuguezes, e Romanos com algumas toleraveis condiçőes para todos. Novidade rara foi esta, e para o ser basta o que a festejou Roma, e as fortunas que se lhe seguiraõ della, porque rendidos os Portuguezes, se renderaõ todos, movidos do exemplo de vêr sujeita huma Naçaõ feroz, e brioza. Logrou pouco o Pretor esta felicidade, porque os Vetőes, tanto que o viraõ ausente, baralharaõ as cousas de sórte, que os vizinhos de Ostrace fôraõ provocados a quebrar as pazes, e publicar a guerra, primeiro com a razaõ, depois com as armas. Naõ podia Atilio reprimillos, porque era Inverno, e porque veyo nesse tempo a substituillo Servio Galba taõ justamente temeroso das

armas

armas Lusitanas, que assentou com infamia de Roma, que só por traiçaõ podia humilhallas. Em quanto isto se passava com metade dos póvos, que se dividiraõ do exercito de Canchenos, os outros, que estavaõ em Gibraltar com o pensamento de irem fundar em Africa hum Imperio novo, e preparando embarcações para isso, roubaraõ quanto lhes foi possivel, e chegaraõ a conquistar a Cidade de Tangere, mas descontentes á vista do pouco, que achavaõ, ou para emprego das armas, ou da cubiça, tornaraõ a passar as aguas para Espanha com esse pouco, que adquiriráõ na guerra. Achava-se nesse tempo o Consul Luculo com exercito entre os Turdetanos desde o Guadiana até Sevilha, em que elles habitavaõ toda a costa; unío as milicias, e sahio ao encontro aos Portuguezes, que voltaraõ de Africa ferozes roubando as Villas, e Cidades; matou alguns, e os outros, mais para salvarem o que tinhaõ adquirido, que para evitar a morte, e diminuir o susto, fugiraõ para hum monte alto. Veyo pessoalmente o Consul buscallos, e vendo, que o sitio era inexpugnavel por natureza, cercou com o exercito as faldas do monte, e os Portuguezes afflictos com fome, e sede, desceraõ unidos, e taõ raivosos, que romperaõ os esquadrões Romanos; porém como no combate perderaõ muitos, e os que restaraõ vivos buscaraõ sem detença os povoados mais seguros, jactou-se o Consul de que vencera, signal de que no conceito de Roma era a mayor façanha vencer qualquer pequena parte de gente Portugueza, porque celebraraõ nos seus Annaes o vencerem taõ pouca. Na Primavera buscaraõ os Portuguezes Galba taõ furiosos, destruindo quanto pertencia aos Romanos, que lhe foi necessario sahir a campo antes de ter o exercito junto. Buscou todos os meyos para os colher descuidados, certo de que Portuguezes cuidadozos dificil-

ficilmente podem ſer vencidos; porém como nas perdas paſſadas tinhaõ aprendido á ſua cuſta, que os deſcuidos lhes cuſtavaõ a vida, o eſperaraõ com vigilancia: foi terrivel a batalha; mas em fim a fortuna era parcial da Romana; fugiraõ os Portuguezes; e os Romanos ſem ſe lembrarem de que eraõ homens, mas ſó de que eraõ vencedores, ſeguiraõ os vencidos com taõ pouca ordem, e taõ exceſſiva crueldade, que elles vendo lhes era mais ſuave morrer com honra peleijando, do que tyrannamente ſem ella fugindo, viraraõ as caras com valor taõ raro, que de taõ numeroſo exercito vencedor ſó eſcaparaõ alguns de cavallo com o Pretor, que afflicto, e envergonhado aſſentou comſigo vencer com infame traiçaõ, indigna da Nobreza Romana, a gente mais leal, e verdadeira. Na Conferencia ſeguinte vos contarei eſta indigna façanha.

FIM

DA VIGESIMA OITAVA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIX.

PArece-me (disse o Soldado) que naõ póde o homem obrar cousa mais infame, e horrorosa do que huma traiçaõ, e aleivozia; os Romanos, interessados nesta, foraõ os que sempre a julgaraõ abominavel. Sahio Galba com vinte mil homens a tempo, que os Portuguezes cultivavaõ as terras livres de sustos: passou o exercito o Guadiana junto a Ayamonte; e caminhando por entre os Turdetanos do Algarve, abrazou tudo. Elles attonitos com o repentino assalto, pediraõ pazes logo; reccebeo-os o traidor Galba com semblante benigno; offereceo-lhes hum socego eterno, e ditozo na obediencia do Imperio Romano; e para os capacitar melhor para o seu danado intento, lhes offereceo muitas terras para cultivarem, ordenando que, para a repartiçaõ dellas, dentro em alguns dias prefixos se juntassem em tres sitios differentes todos, divididos em tres partes, para elle sem confusaõ lhes distribuir melhor o muito, que promettia em premio da sua obediencia. O desejo de mayores augmentos, taõ natural nos homens todos, fez que se juntassem em grande numero em tres valles, que dividiaõ em pouca distancia montes. Veyo Galba no dia signalado; e com

palavras ternas, e promessas avultadas os persuadio a que, antes de receberem as dadivas Romanas, em signal de obediencia lhe entregassem as armas todas. Persuadiraõ-se da sua eloquencia, ou da cubiça os innocentes Portuguezes, entregaraõ as armas, e ficaraõ esperando as promessas, cuja falsidade experimentaraõ á custa das vidas brevemente; porque o infame Galba, apenas os vio desarmados, dividio o seu exercito em tres, e mandou degollar os miseraveis nos valles, em que estavaõ divididos. Morreraõ nove mil, escaparaõ muito poucos, e entre elles hum chamado Viriato, que depois foi cruel açoute de Roma, de sorte, que mayor serviço faria Galba á sua Républica, se matasse só este, do que lhe fez na infame acçaõ de matar nove mil. Em Roma estranharaõ todos a traiçaõ de Galba; e chegando-lhe esta noticia, que subejava para castigo naquelle tempo em taõ honrado pôvo, começou elle a temer outro igualmente formidavel, vendo que os Portuguezes, sentidos da aleivozia, forjavaõ hum rayo para castigar Roma, porque Roma naõ castigava Galba. Elegeraõ por Capitaõ a Viriato: alguns querem que fosse de baixo nacimento, e pastor de ovelhas no seu principio: sabemos, que as obras o fizeraõ heróe nobilissimo, e o certo he que homem vil nunca obrou cousas grandes, nem o que certamente foi grande obrou vilezas, por isso os Imperadores da China casaõ suas irmans, e filhas com os homens de que ellas fazem gosto, e eleiçaõ, seja o nacimento vil, ou baixo; para o que lhe mostraõ hum exercito delles cada hum por sua vez, estando ellas em lugar em que os podem vêr, sem serem vistas, e da mesma sorte a Imperatriz, e concubinas saõ filhas de qualquer vil carniceiro, porque só procuraõ nellas a formosura; e o bom temperamento, e dizem que assim he necessario, para que haja corações nobres no Imperio, que só

se

ſe podem gerar; communicando-ſe ao pôvo o ſangue do Imperador, filho do Sol; o máo he, que nem os moços querem caſar com as Infantes, nem os pays vís, e pobres querem dar as filhas para concubinas, e Imperatrizes; eſtes porque lhas naõ vejaõ, e apalpem as parteiras, que vaõ eſcolher, e naõ tendo os requiſitos as podem rejeitar; os outros, porque ſaõ tantas, e taõ penoſas as adorações, que haõ de fazer á Infante ſua mulher todos os dias (ſó os diſpenſaõ de algumas depois dellas eſtarem pejadas), que antes querem morrer de fome trabalhando, que ſer marido da Infante com tal martyrio. Fugio Viriato, como diſſe, quando o exercito de Galba matava os Portuguezes nos valles; e paſſadas horas, com alguns mais animoſos foi aos meſmos valles por outros caminhos para conduzir alguns que pudeſſem ainda ter cura; porém vendo ſó em cada valle hum lago de ſangue, e nelle homens, mulheres, e meninos degollados ſem algum remedio; cheyo de compaixaõ, e furor fez que os ſeus companheiros metteſſem as mãos nas feridas de algumas donzellas, e juraſſem por ſuas almas vingar aquelle ſangue innocente, em quanto tiveſſem vida para tomar armas. Feito iſto, começou Viriato a excitar os Portuguezes á vingança, viſitou-os em todas as povoações, contando a traiçaõ de Galba. Tinhaõ os Portuguezes grande conceito de Viriato pelo talento, e valor, que tinha moſtrado em differentes occaſiões, quando Servio Galba entrou em Portugal, e foi hum dos que admittio a venenoſa paz do Pretor, julgando prudente conſelho obedecer com deſcanço antes, que peleijar afflicto. Em poucos dias juntou hum tal exercito, que ſubio ás terras de Carpentania, aſſolou tudo, e com taõ pouca reſiſtencia, que ſe recolheo a Portugal com notaveis deſpojos. Antes que deſcançaſſe o exercito,

to, fez que todo elle renovaſſe o juramento nas entranhas de hum dos captivos Romanos, que trouxe, e nas de hum cavallo. Matou ambos em ſacrificio ao Deos Marte, abrirão-lhe os corpos eſtando elles vivos, e nas palpitações das entranhas de ambos obſervavaõ o agouro de nova guerra; acharaõ que havia de ſer feliz, porque as entranhas ſe moviaõ daquelle modo, que elles, enſinados pelo Demonio, julgavaõ ſer feliz annuncio do que deſejavaõ ſaber. Feito iſto, começaraõ os Soldados o juramento, paſſavaõ por diante do idolo, e cada hum mettia primeiro a maõ nas entranhas do captivo Romano, que ainda palpitavaõ, e depois faziaõ o meſmo nas do cavallo meyo vivo, proteſtando naõ parar até naõ fazer o meſmo ao exercito Romano. Começava o anno de cento e quarenta e oito antes do nacimento de Chriſto Senhor noſſo, quando, para reprimir eſtes apparatos guerreiros de Viriato, entrou na Luſitania o Pretor Marco Vetilio, homem valoroſo. Ja Viriato hia ſahindo de Portugal com dez mil homens, mais como companheiro de cada hum, do que como Capitaõ de todos. Entraraõ nas terras de Andaluzia roubando com mais furor, que ordem: e Viriato conhecendo o perigo a nenhum reprehendeo, temendo faltaſſem á uniaõ, porque ſem mais titulo, que o de companheiro, tinha ſahido a campo: juntou porém com boa ordem os poucos, que ſe naõ ſeparavaõ delle, e com eſtes fez oppoſiçaõ ao Pretor, que notando a deſordem do noſſo exercito, o inveſtio com dez mil Romanos, matou muitos Portuguezes dos que andavaõ eſpalhados nos roubos; e Viriato apenas conſeguio o retirar-ſe airoſo, e entrar em huma Cidade com os que pôde juntar para ſe defender. Com eſtes ſahia fóra repetidas vezes matando muitos Romanos em todos os combates, até que o Pretor conhecendo o damno mudou de eſtilo, cercou

ceu a Cidade, e obrigou os sitiados a que pedissem pazes; soube isto Viriato, e respirando fogo, fez tal pratica aos Portuguezes, lembrando-lhes os aggravos, que tinhaõ recebido dos Romanos, e os juramentos feitos aos Deoses, que todos mudaraõ de parecer, e dando a Viriato o titulo de Capitaõ General da Lusitania, e defensor da liberdade da Patria, prometteraõ novamente o mesmo, que nas entranhas do cavallo, e do captivo Romano tinhaõ jurado. No dia seguinte sahio Viriato com mil Soldados de cavallo, e com elles formados deo a entender ao exercito Romano, que o intentava combater; o Pretor, temendo o mesmo, formou o exercito; porém Viriato, que só intentava suspender-lhe os movimentos, e attenções com esta novidade, em quanto a sua Infantaria se punha em salvo, com diversas operações o teve suspenso, até que lhe constou que na Cidade naõ estava ja Portuguez algum. Investio entaõ Viriato os Romanos mais que nunca raivosos, conhecendo que a Infantaria Lusitana lhes escapara toda. Foi a batalha horrivel, porém o valor, e forças de Viriato juntas com a destreza detiveraõ sem perda o exercito Romano todo o dia; acabado elle, cessou a peleija, e Viriato, sem estrondo, seguro caminhou até á Cidade de Tribola, onde por ordem sua o esperava a Infantaría Portugueza. Amanheceo o dia seguinte, e vio-se o Pretor envergonhado, conhecendo que Viriato se retirara de noite; juntou grande numero de Andaluzes, e buscou a nossa gente quando ja o nosso Capitaõ General com singular destreza o vinha encontrar em hum valle, cujas entradas eraõ taõ estreitas, que apenas cabiaõ dous homens emparelhados por ellas; embuscou os Portuguezes nas serras, e montes, donde se descobria o valle, com tanto silencio, que o naõ percebêraõ os exploradores do exercito Romano. Chegou este ao valle,
que

que julgou segurõ, e livre de perigo; quizeraõ os Portuguezes investillo, porém Viriato prudente, e ardiloso os deteve, até que os Romanos para descançarem tiraraõ as armas, e os freyos aos cavallos para comerem o excellente feno do valle; apenas vio isto Viriato fez signal para accommetterem os Portuguezes, sahiraõ dos montes como Leões ferozes, e quando os Romanos quizeraõ tomar as armas, perdêraõ as vidas; Marco Vetilio quiz salvar a sua, porém ficou captivo de hum Soldado Portuguez, o qual vendo-o taõ gordo, e velho, naõ sabendo que era o Pretor, lhe tirou a vida com huma estocada para se descartar de alfaya taõ ruim. Morreraõ quatro mil Romanos; e o Questor, juntando os que escaparaõ com alguns Andaluzes, fez o numero de onze mil, com que novamente presentou batalha ao General Portuguez com tal desventura, que lhe ficaraõ dez mil Soldados mortos no sitio della, entre elles muitos Romanos, que serviaõ voluntarios, e alguns Sabinos, de sórte que ja Viriato matou quatorze mil Romanos em vingança dos nove mil Portuguezes, que matou o traidor Galba. Victorioso pisava Viriato as bandeiras Romanas, e despojos das suas milicias; no anno seguinte subio pelo Téjo até Toledo, e arrabaldes de Madrid, reduzindo a cinzas em toda a Carpentania o que seguia a parcialidade de Roma, sem achar a menor resistencia, porque para vencer lhe sobejava a fama. Neste exercicio o achou Cayo Plaucio, Capitaõ Romano, que vinha proseguir a guerra neste Reyno, e querendo provar a fortuna no principio com dez mil Infantes, mil e trezentas lanças, e alguns voluntarios nobres, investio a Viriato, que se achava com o exercito disperso, muita parte occupado em queimar povoações, que obedeciaõ ao Senado Romano. Juntou os poucos, que tinha comsigo, deo ordens, para que os espalhados se puzessem em salvo, e elle

com

com tal destreza foi detendo o exercito, que quando intentou peleijar se vio só. Conheceo Plaucio, que perdia a occasiaõ, e mandou á desfilada quatro mil cavallos para o entreterem em quanto elle com todo o exercito chegava. Alcançaraõ elles a Viriato taõ longe da vista, que elle mandou fazer alto, e investindo furiosamente os quatro mil Cavalleiros Romanos os deixou degollados no campo, antes que chegasse Plaucio com o exercito. Chegou a ser testimunha só do estrago, porque Viriato vencedor sem perda, nem perigo ja tinha passado o Téjo com o exercito todo; e com elle formado na outra margem do rio insultava a Plaucio, que na margem fronteira estava envergonhado, e attonito. Caminhou Viriato para Evora, juntando novos Soldados para esta Campanha, e no sitio chamado Pomares, lugar forte, e abundante, perto dos muros da Cidade, fez sacrificios á Deosa Venus no templo, que havia na ultima parte deste monte; renovaraõ os juramenros, e esperaraõ intrepidos aos Romanos. Veyo Plaucio com numeroso exercito, o qual logo no principio da batalha mostrou as costas ao nosso; acodio o Pretor a todas as partes, exhortando-os a restaurar a honra, e conseguio, que virassem todos para nova peleija; mas de préssa conheceo a razaõ, por que tinhaõ feito a primeira retirada; porque Viriato, como Leaõ, na frente do nosso exercito, fazia tal estrago nos Romanos, que todos ficaraõ no campo degollados; apenas salvou a vida o valoroso Plaucio, que sendo vencido mereceo neste dia esse titulo. Ficaraõ taõ abatidas as armas Romanas, que justamente temeo o Senado passasse Viriato a Italia a proseguir victorias, assim como o fez o nosso patricio Hannibal depois de muitas. No sitio desta memoravel batalha permanece huma pedra com letreiro em Latim, todo em letras grandes com alguns breves; e he o seguinte: *L. SILO.*

SILO. SABINUS. BELLO. CONTRA. VIRIATUM. IN. EBOR. PROV. LUZIT. AGRO. MULTITUDINE. TELOR. COFOSSUS. AD. G. PLAUT. PRÆT. DELATUS. HUMERIS MILIT. H. SEP. E. PEC. MEAM. F. I. IN. QUO. NEMIN. VELIM. MECUM. NEC. SERV. NEC. LIB. INSERI. SI. SECUS. FIET. VELIM. OSSA. QUORUMQUE. SEPULCR. MEO. ERVI. SI. PATRIA. LIBERA. ERIT.; quer dizer no noſſo idioma: *Eu Lucio Sabino, que no campo de Evora na Luſitania, na guerra de Viriato fui com muitas lançadas ferido, e trazido nos hombros dos Soldados ao Pretor Plaucio, mandei fazer eſte enterro, no qual naõ ſerá ſepultada outra peſſoa nem livre, nem eſcrava; e ſe fizerem o contrario, os oſſos, de qualquer que ſeja, ſe tirem fóra, ſe a patria eſtiver em ſua liberdade.* Moſtra eſta inſcripçaõ, que o morto era peſſoa de eſpecial nobreza, e que morreo na deſconfiança de que Roma naõ levantaria mais cabeça depois deſta memoravel victoria da gente Luſitana. Naõ ſocegava Viriato, nem Roma; eſte buſcava por toda a Eſpanha gentes para eſtabelecer a liberdade da patria; o Senado Romano mandou Pretor para Eſpanha Claudio Unimano, Capitaõ excellente, fiando delle, e de hum notavel exercito toda a fortuna Romana. Encontrou-ſe com Viriato no Campo de Ourique, ſitio ſempre feliciſſimo para a Naçaõ Portugueza. Foi a batalha das mayores, que vio a Eſpanha, e perdeo Roma. De todo o exercito numeroſiſſimo, e veterano de Claudio naõ eſcapou hum ſó, que naõ ficaſſe morto, ou priſioneiro. Entrou Viriato na Luſitania, levantando arcos triunfaes nos montes, pondo-lhe bandeiras Romanas vencidas, e diſtribuindo a todos riquezas. Reſtaõ as noticias mais curioſas.

FIM DA VIGESIMA NONA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto. 1759. *Com todas as licenç. neceſſar.*

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXX.

NO Campo de Ourique muitos feculos depois fe achou huma pedra (diffe o Ermitaõ), cam pa de fepultura do Romano Cayo Minucio, na qual em breves palavras fe leo efte notavel triunfo das armas Portuguezas, e affrontas das Romanas naquelle fitio. Pois junto a Vifeo (diffe o Soldado) fe defcobrio ha menos tempo outra campa do fepulchro de Lucio Emilio, tambem Romano, que alli morreo ás mãos de Viriato na batalha, em que venceo ao Pretor da Efpanha ulterior Cayo Negidio. Foi efte chamado por Claudio Unimano, vencido em Ourique, entrou por Ribacoa, e toda a Beira com feroz tyrannia; e Viriato com fumma prudencia, aindaque com dor exceffiva dos males, que padeciaõ aquelles, donde elle tinha a origem, o foi bufcar junto a Vifeo: o Pretor, receando a fortuna de Viriato, fe fortificou com taes, e taõ grandes muros de terra em hum campo defcoberto, que ainda hoje ha fignaes deffes reparos: pôs-lhe logo Viriato hum taõ vigilante cerco, que o Pretor afflicto com fome, e fede fahio ao campo, onde perdeo todo o exercito, e em efcapar com vida elle fó naõ fez pouco. Tudo fe lê na fepultura de Lu-

cio Emilio. Alguns dos vencidos, que hiaõ fugindo juntos com alguns Cavalleiros, juntaraõ mil homens, que se occuparaõ em roubar algumas povoações pequenas, a tempo que trezentos Soldados Portuguezes passavaõ carregados com despojos Romanos: os mil vendo-os poucos, e carregados, julgaraõ que podiaõ vencellos; mas os Portuguezes largando no chaõ os sacos, e trouxas, tomaraõ as armas, degollaraõ mais de quatrocentos Romanos, e ajuntando o fato destes ao mais que traziaõ, tomaraõ as cargas ás costas, e fôraõ para suas casas. Hum montanhez só caminhava por hum valle com o mesmo pezo, seguiraõ-o muitos Cavalleiros Romanos, talvez por divertimento para o verem correr; porém elle vendo que hum se chegava perto, largou a roupa no chaõ, atirou-lhe com o dardo ao cavallo, de que cahio morto, e com a espada degollou o Cavalleiro, fugiraõ os mais, e elle muito descançado despio o Romano, tirou do cavallo o dardo, tomou ás costas o saco, que ja hia mais cheyo, e foi para a sua aldêa muito socegado. Até aqui os rusticos, agora as mulheres. Roubavaõ os Romanos algumas aldêas, dellas levaraõ quinhentas pessoas a mayor parte mulheres, e fazendo pouco caso da sua fraqueza natural, só lhes ataraõ as mãos atrás das costas: ja caminhavaõ fóra da Lusitania; e cresceo a desesperaçaõ com as saudades da Patria: huma noite, que os Romanos dormiaõ a somno solto com os dentes fôraõ desatando as prisões de algumas, estas soltas desataraõ as de todas com as mãos, e logo as dos maridos, irmãos, e parentes, que eraõ de outra sórte: soltos todos tomaraõ as armas dos Romanos, e fôraõ as mulheres as primeiras, e mais ferozes, que naõ cessaraõ em degollallos; acordaraõ muitos com o somno tontos, e cuidando que era Viriato, que estava sobre elles, mataraõ-se huns a outros, julgando cada

da hum, que tinha diante de si hum Portuguez irado, até que as mulheres os degollaraõ todos com tal valor, e destreza, que os poucos homens seus companheiros em premio os acompanharaõ vestidos com todas as armas brancas dos Romanos, e elles com os despojos dos mortos, e fugitivos, armas de muitos, e cavallos. Assim entraraõ as Portuguezas armadas nas suas aldêas, quando Roma lendo estas façanhas, recorria aos Deoses em deprecaçoẽs contínuas, para restaurar o credito perdido na Espanha citerior. Naõ devo callar a valerosa acçaõ de huma formosa mulher Portugueza, chamada Ormia, casada com Sizenaõ, homem lavrador rico; foi captiva vindo de huma romaría por huma Esquadra Romana desbaratada, o Capitaõ primeiro com affagos, e depois com violencia usou della, que furiosa dissimulou a affronta, e fingindo gostava ja do seu leito, nelle o degollou huma noite com a sua espada: entrou em casa do marido com a cabeça do Romano na maõ, e para lhe tirar toda a suspeita de que consentira (o que só para elle podia ser deshonra) á sua vista se matou a si mesma: se vos naõ lembra Judith, e Lucrecia, ambas vos lembrarei algum dia. Veyo para Espanha novo Pretor Cayo Lelio, homem valoroso. Nenhuma victoria sua contaõ os Auctores, que ganhasse a Viriato. Alguns julgaõ, que foi taõ prudente, que nunca teve encontro com elle: isto creyo, porque, se o tivesse, seria vencido. Porém Roma, que só queria restaurar o credito, e naõ conservar taõ pouco, mandou, passados dous annos, a Fabio Emiliano com exercito consular de dezoito mil homens. Viriato para se dar sedo a conhecer ao novo contendor, entrou nas terras de Andaluzia, e destruio com mayor rigor, que nunca, tudo o que seguia a voz Romana. Entre outras conquistas rendeo duas Cidades, em que havia presidio Romano; e em lugar delle

 o dei-

o deixou Portuguez. Fabio querendo ter os Deoſes propicios para o terrivel combate, que eſperava ter com Viriato, foi a Cadis adorar os oſſos de Hercules no ſeu templo, e offerecer-lhe ſacrificios de grande cuſto, deixando ordem no exercito, para que ſe naõ moveſſe, nem peleijaſſe, em quanto elle naõ vieſſe. No dia ſeguinte chegou Viriato á viſta do exercito Romano, a tempo que ſe recolhiaõ muitos com lenha, e farragens com ſufficiente eſcolta de Cavallaria; derrotou Viriato huma couſa, e outra, ſahiraõ dos quarteis muitos de lanças, e os noſſos viraraõ as coſtas; mas chegando Viriato o fez voltar com tal furia, que ficaraõ quaſi todos os Romanos no campo ſem vida. Chegou Fabio da ſua romaria raivoſo de que o exercito tiveſſe peleijado com Viriato: paſſados dias, depois da meya noite pôs em marcha as Legiões contra o Capitaõ Portuguez, que ſe achava dahi meya legoa; mas vigilante ſentio o exercito Romano, acordou os Soldados, que naõ eſperavaõ naquella hora empenhos, e como inveſtiaõ confuſos, uſou Viriato de prudencia para conſervallos vivos, retirou-ſe com elles para hum ſitio fórte, e eminente, e o Conſul contentando-ſe em ſer o primeiro, que obrigou Viriato a retirar-ſe, vendo que era perigoſo, e difficil buſcallo, fez caminho para as Cidades, que elle havia pouco tempo tinha conquiſtado. Neſte tempo os de entre Douro, e Minho ſe armaraõ contra os Gallegos, e o Conſul Lucio Hoſtilio Mancino, companheiro de Fabio, receando, que tomaſſem armas os Vaceos, e Celtibéros, e juntos o puſeſſem em aperto, buſcou-os primeiro, e achando-os deſcuidados, degollou trinta mil, e pôs em vergonhoſa fugida o reſtante do exercito, de ſórte, que ficaraõ as Nações ja ditas ſeguras, os Gallegos deſaſſombrados, e os Romanos ſeguros. A Fabio Emiliano ſuccedeo na Pretoria de Eſpanha Popi-

lio

ſio, a quem Viriato offereceo pazes; porque ſe achava ſem gente. Grande credito deo iſto a Popilio, aindaque algumas condições lho tiravaõ. Entretanto o Capitaõ Portuguez fazia Soldados na Luſitania, e pedia aos Numantinos fizeſſem ao meſmo tempo guerra aos Romanos. Sahio em campanha pelas terras de Riba Coa com tal furor, ou deſeſperaçaõ, que naõ baſtava abrirem-lhe os moradores, e Romanos as portas das Cidades para eſcaparem de caſtigos atrozes. Popilio, a quem a paz antes pedida tinha feito ſuberbo, veyo buſcar Viriato campo a campo, e ficou roto, desbaratado com perda do melhor, e mais luzido do exercito. Acabou Popilio, veyo quinto Pompeyo, a tempo que Viriato andava no interior de Caſtella, mas ſabendo que vinha Pretor novo contra a Luſitania, foi ſahir-lhe ao encontro junto a Evora, deo-ſe a batalha, e cançada a fortuna virou coſtas á gente Portugueza, deixando no campo bandeira, opiniaõ, e gente, retirou-ſe Viriato para o monte de Venus, afteo-lhes o diſcredito, animou-os com as lembranças dos triunfos paſſados, dividio em tres eſquadrões os Portuguezes todos, o primeiro governava Dictaleaõ, e era de Ticios, o ſegundo de Vacees por Minuro, e o terceiro de Bellos por Aulaces; foraõ todos em ſeguimento dos Romanos victorioſos, e em breves horas, mudada a fortuna, perdêraõ os vencedores a batalha, deixando vinte e ſete bandeiras, e quatro mil Romanos ſem vida no ſitio della. Encerrou-ſe o Pretor nos ſeus quarteis, e Viriato triunfando entrou pelas terras de Andaluzia, como coſtumava, chegou á Cidade de Utica, que tinha preſidio Romano, e tal, que, offerecendo-lhe Viriato que ſe rendeſſem a partido, reſpondêraõ com arrogancia, e ſuberba rara; elle fingindo ter medo da reſpoſta, mandou retirar o exercito com tal preſſa, que parecia fugida de ſórte, que perſuadidos os

Uti-

Uticenses sahiraõ com a Cavallaria ligeira a picar-lhe a rectaguarda, que Viriato rebateo sem deter-se, persuadindo-os com todas as acções, que emprehendia cousa mayor ao longe. Pela meya noite, quando os de Utica o suppunhaõ muitas legoas distante, fez elle marchar o exercito, e atravessando huns valles perto da Cidade, deixou emboscada a Infantaría, e elle seguindo o caminho de Utica, formou-se defronte dos muros em hum sitio, no qual entre elle, e a Cidade havia taes lagôas, e atoleiros, que só elle com a experiencia muito antiga delles sabia onde tinhaõ veredas seguras. Os Uticenses vendo pela manhãa aquella pouca Cavallaría só, julgaraõ ser parte do exercito de Viriato, que no tempo da fugida tinhaõ perdido o rumo, e sahiraõ fóra alegres para os recolherem captivos ao presidio, isto era o que desejava Viriato; fingio que intentava fugir pelos atoleiros, e lagôas, e com effeito se metteo por ellas sem perder os caminhos, que sabia naõ tinhaõ perigo; porém os Uticenses, que os ignoravaõ, apenas os começavaõ a seguir sem mais consideraçaõ, que o lucro da presa, que lhes fugia, cahiraõ huns no lodo, outros na agua immunda, e Viriato tanto que os vio embaraçados, voltou sobre elles a Cavallaría pelos lugares sólidos, e ás lançadas os matou a todos. Pasmaraõ os de Utica vendo sobre si a espada de Viriato, admittiraõ guarniçaõ Portugueza, lançaraõ fóra captiva a Romana, e o Capitaõ Portuguez triunfante caminhou até o Estreito de Gibraltar desolando toda a marinha, e terras dos Bastetanos, sem que Pompeyo se atrevesse a impedir-lhe o passo. Veyo de Roma proseguir esta guerra o Consul Quinto Fabio Maximo Serviliano com vinte mil homens, flor da milicia Romana, e para segurar a victoria melhor, juntou a este exercito os soccorros Africanos do Rey Micipsa, que constava de dez Elefantes

com

com caftellos em fima cheyos de homens armados, e trezentos Númidas de cavallo. Com todo efte apparato bufcou ao noffo Capitaõ deftemido, que fe achava em Utica, onde fahio muitas vezes a envergonhallos em differentes choques, até que, faltando-lhe os mantimentos, marchou para Lufitania a fervir de amparo aos Lavradores no tempo da colheita. Trabalhavaõ todos com a fouce, e com a efpada na cinta; mas alguns que acabaraõ o trabalho mais de préffa, ou que ja naõ queriaõ effe modo de vida, entráraõ por Andaluzia governados por dous Capitáes Portuguezes valorofos Curio, e Apuleyo. Tal foi o eftrago, que fez efte pequeno exercito, que o Conful fez marchar o feu todo, para impedir-lhe o paffo, deixando em lugar diftante as bagagens para ir mais ligeiro. Os Lufitanos déftros, como difcipulos de Viriato, tomáraõ differente caminho, e quando o Conful cuidou que os achava para degollallos, eftavaõ elles degollando os poucos Romanos, que guardavaõ as bagagens, e roubando-as; mas cegos da cubiça na retirada, podendo contentar-fe com o que cada hum tinha, inveftiraõ outra récua, que trazia mais alimentos, e fato para o exercito Romano, a tempo que efte avizado do engano vinha defpicar-fe; e como fe dilataraõ muito os Portuguezes na fegunda preza, deo fobre elles o Conful com tal força, que recuperou parte da preza com morte do Capitaõ Curio, e de baftantes Portuguezes. Daqui paffou o Conful a bufcar Viriato, que eftava aufente, e fiado niffo fe foi detendo em conquiftar alguns lugares, que eftavaõ por elle; ganhou finco, nos quaes havia dez mil homens de prefidio, que fe rendêraõ obrigados da fome, e pafmados de verem os Elefantes carregados com os Caftellos de madeira, coufa para elles horrorofa, porque até entaõ pouco vifta, e experimentada na guerra de Lufitania. Cuftou efta Conquifta as vidas de

innu-

innumeraveis Romanos, de que fentido o Conful quebrou a palavra dada aos fitiados, degollou quinhentos Portuguezes, e os mais entregou á ira, e furor dos Soldados Romanos. Soube ifto Viriato, e aindaque fe achava com pequeno exercito, com elle bufcou o Conful logo. Era neceffario nova idéa para a batalha, porque fe atégora fe peleijava com homens, nefta havia de fer com elles, e com os Elefantes; e como os cavallos Efpanhóes naó eftavaó coftumados a vêr aquelles notaveis monftros, juftamente temeo Viriato fe efpantaffem, e tudo perigaffe na defordem; para evitalla, formou a Infantaría em hum corpo quadrado, e diante della, baftante efpaço, formou a Cavallaría em dous batalhóes, taó feparados hum do outro, que por entre ambos ficavaó os Infantes bem defcobertos, com ordem, que fe naó moveffem até verem fe os cavallos fugiaó dos Elefantes. Enveftio pois Viriato com os feus de cavallo os Cavalleiros com tal impeto, que voltáraó coftas; acodíraó a efta defordem os cavallos Numidas, e os Elefantes, e fuccedeo o que Viriato imaginou, porque os noffos cavallos, vendo-os, perdêraó a obediencia aos freyos; e Viriato vendo-os defordenados, mandou que os deixaffem fugir á redea folta. Feito ifto, e logo, fez Viriato, que a Infantaría fe retiraffe tambem a paffo lento como eftava; o Conful julgou que Viriato fugia, mandou feguillo contra toda a prudencia; porque os Romanos fe defordenaraó no alcance, e os Elefantes ficáraó quafi no mefmo fitio; porque o feu paffo, ainda fem carga alguma, he taó vagarofo, por terem as pernas exceffivamente curtas a refpeito do corpo, que a fua carreira he como o paffo mais lento de outro bruto. O mais direi logo.

FIM DA TRIGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xifto. 1759.
Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXI.

EM quanto os Romanos (disse o Soldado) se desordenavaõ em seguir Viriato, formava elle a sua Cavallaría no fim da carreira, que tinhaõ dado com medo dos Elefantes; e quando acabava de formalla; chegou unida em quadro a Infantaría toda de sórte, que para se pôr o exercito Portuguez em batalha com a melhor ordem, que hoje se usa, só foi necessario voltar a Infantaría as caras á rectaguarda, porque achou a Cavallaría ja nesta fórma em dous batalhões separados, e ella, occupando o meyo delles, ficou com os lados cobertos; assim investiraõ novamente os Romanos, matáraõ os de cavallo quasi todos, que com os Infantes mortos fizeraõ o numero de seis mil; fugio o Consul com os Elefantes, que entaõ escapáraõ aos Portuguezes, porque ignoravaõ a facilidade, com que na retirada vagarosa saõ faceis de matar estes brutos, cuja grandeza os impossibilita para virarem a buscar quem os offende, porque as pernas sendo muito, e muito curtas para o passo, peyores saõ para o movimento em circulo, de sorte, que naõ podendo sustentar só nos pés aquella cidade de carne para virarem com ligeireza todo o corpo com as mãos no ar, como os outros animaes,

taõ lentos, ou mais, saõ os passos para os lados, como os direitos, de sorte, que hum homem velho sem apressar o passo, mata por detrás o Elefante mais corpulento com estoque, lança, ou dardo; os pequenos saõ mais perigosos, porque saõ mais ligeiros, mas os grandes, que só servem para a guerra, tem os descontos, que vos tenho referido. Poucos dias depois desta grande perda, sahio o Consul outra vez em campanha contra hum Capitaõ de salteadores Portuguez, chamado Corocota, que, além de roubar a todos os Romanos, lhes tirava as vidas: retirou-se elle com quinhentos Soldados para hum lugar fórte; mas vencido da fome se rendeo, salvas as vidas, e as armas, com juramento de as naõ empregar mais contra as Romanas; porém o Consul vilhaco, traidor, indigno do nome Romano, mandou cortar as mãos direitas a todos, violando a fé, e palavra. Na Primavera sahio Viriato em campanha contra o Consul, que cercava a cidade de Erissana, impresa de consequencia para os Romanos pelos muitos Portuguezes, que tinha dentro, e munições, de que era o mayor deposito; porém Viriato com industria, e valor á vista do exercito entrou na cidade, animou a todos, sahio de repente com tal furor sobre o exercito Romano, que, depois de matar quantos se atrevêraõ a resistir, obrigou o Consul a retirar-se com o resto sem ordem para hum sitio levantado, onde o cercou Viriato; e elle obrigado da fome pedio pazes humildemente, contentando-se que Viriato fosse amigo do pôvo Romano, e que ficassem os Portuguezes senhores livres de todas estas Provincias. Assignaraõ-se as condições com alegria de ambos os exercitos, e caminhou para Andaluzia Serviliano envergonhado, e para Lusitania Viriato satisfeito, alegre todo o pôvo. Hum dos que approváraõ estas pazes foi Quinto Servilio Cepio, ou Scipiaõ, irmaõ do Consul, o qual vendo

do depois os Portuguezes em descanço, logrando o melhor da Espanha, com discredito de Roma, accusou publicamente a seu irmaõ, e com esta infidelidade alcançou que o Senado o fizesse Consul, e lhe désse hum copioso exercito para restaurar na Lusitania o credito Romano. Tanto soube dissimular o veneno, que o naõ percebeo Viriato; e os Portuguezes fiados na paz só cuidavaõ nos campos, e seus fructos. Tudo perturbou a noticia de que o novo Consul tinha conquistada por escalla a cidade de Arsa, pouco distante de Sevilha. Achava-se Viriato em Valença, veyo encontrar Scipiaõ com tal furor, que sem lhe dar batalha o fez temer: caminhou para a Lusitania, salvou pelas montanhas a Infantaria, e zombou de Scipiaõ, que pertendeo impedir-lhe a entrada, o qual tendo noticia do levantamento dos Vetões, occupou o exercito em reprimir-lhe o orgulho, em quanto Viriato pelo interior de Espanha degollava quanto pertencia a Roma com taõ excessiva tyrannia, quanta era a infidelidade Romana. O mesmo fazia Quinto Servilio Scipiaõ na Lusitania, de sorte, que mortes Romanas se recompensavaõ com as Portuguezas, e estas com as Romanas, sem darem batalhas, nem contarem victorias. Viriato, que naõ tinha por gloria o que tirava a Roma, senaõ o que accrescentava á Patria, resolveo mandar ao Consul Embaixadores, que lhe lembrassem a paz, fé, e palavra Romana promettida, e jurada sobpena de extinguir os Romanos em Espanha; conheceo o Consul traidor infame, que as palavras da embaixada eraõ filhas daquelle animo Portuguez invencivel; e notando, que os Embaixadores eraõ Extrangeiros, Dictaleaõ Minuro, e Aulaces, julgou que podia corromper-lhes a fidelidade; offereceo-lhe honras, e riquezas da parte do Senado Romano, se matassem Viriato; o que elles fizeraõ huma noite, quando elle na sua

 bar-

barraca dormia o pouco tempo, que era costumado sem mais cama do que a terra. Sahírão logo a dar a noticia, e vírão no Consul semblante totalmente diverso; premio certo de todo o traidor; porque o mesmo, que o manda, he o que melhor conhece a sua vileza. Amanheceo; e vendo os Portuguezes que seu Capitaõ dormia, sendo o que mais, que todos, vigiava, entráraõ na barraca, e vendo-o morto, conhecêraõ a traiçaõ, e logo degolláraõ quantos Romanos captivos havia no exercito. Celebráraõ as suas exequias com a mayor pompa, que até entaõ se tinha visto em similhantes actos, levantáraõ no meyo de hum campo huma torre da madeira, em sima puzeraõ o corpo com todas as armas, de que usava, com todas as bandeiras, e insignias militares; subio assima hum Sacerdote, e depois de chamar em altas vozes a alma do defunto muitas vezes, degollou alguns captivos, e salpicou as armas com o sangue delles; desceo, e lançaraõ fogo áquella maquina, que ardendo furiosamente, deixou reduzido a cinza em breve tempo o cadaver daquelle heróe esclarecido, defensor deste Reyno, assombro de Roma, e hum dos mayores, que em todo o mundo occupáraõ a fama. Em quanto ardia andavaõ os Soldados junto da fogueira cantando em som triste as façanhas do defunto Viriato, a quem Lucio Floro chama Romulo Espanhol. Era de corpo grande, robusto, cabello crespo, aspecto sempre terrivel, modésto, prudente, liberal, desinteressado, vigilante; tudo, o que adquirio, deo; tudo, o que lhe offerecêraõ, distribuio; tratou-se sempre como qualquer Soldado infimo; e sendo tal, assim acabou, porque lhe faltou o ser desconfiado. Morreo no anno cento e vinte e oito antes do Nacimento do nosso Redemptor. Dividio-se logo o exercito; e aindaque muitos quizeraõ vingar a morte de Viriato, depréssa conhecêraõ a sua falta, e fôraõ

raõ obrigados a pedir paz com algumas toleraveis condições, huma das quaes foi, que lhes dariaõ terras para habitarem, estas foraõ as que ficaõ ao Meyo dia, junto ao rio Guadalquvir, que entaõ se chamava Turia, onde os Portuguezes fundáraõ a cidade de Valença. Entrou por Lusitania Decio Juno Bruto, que ja era Pretor havia hum anno; pôs em todas as cidades presidio Romano, sem achar quem se oppuzesse a isso, excepto Eborubricio, que hoje he Alfizeiraõ; sahíraõ os moradores ao campo, e o Consul se vio taõ apertado, que fez voto a Neptuno, Deos do mar, que tinha á vista, de lhe levantar naquelle sitio hum templo, se lhe concedesse victoria no conflicto: o diabo o ajudou de tal modo, que os Portuguezes fugíraõ vencidos; elle cumprio o voto, de que existem ruinas, e algumas inscripções em pedras, e no lugar do templo a Igreja de S. Giaõ, como tambem huma torre, que muitos annos servio de farol. No anno seguinte foi o Pretor conquistar a Provincia de entre Douro, e Minho com indigna crueldade; porém os homens, e mulheres, subindo aos montes, desciaõ repentinamente sobre os Romanos com taõ bom successo, que elle se vio quasi desbaratado, e lhe foi preciso degollar algumas Portuguezas, que pôde colhêr, para atemorizar as outras, que o punhaõ em consternaçaõ; e porque nada disto os cohibia, lançou fogo ás terras, e os miseraveis pedíraõ paz, que elle lhes concedeo affavel, como quem tanto necessitava della. Passou a pôr cerco á cidade de Labrica, que pedio paz; mas vendo retirar o exercito, sahíraõ a buscar mantimentos com morte de muitos Romanos vizinhos, e começáraõ a levantar os muros; veyo sobre elles o Pretor logo, e obrigou-os a sahir da cidade sem armas; juntos em hum campo todos, os mandou cercar pelo exercito de sorte, que todos julgáraõ seriaõ degol-

degollados; porém Bruto com notavel capricho entrou no cerco, e depois de olhar para todos com olhos sevéros, e irados, disse que se contentava com aquelle castigo, e que fossem livremente para a cidade; este beneficio os deixou sujeitos, mas nunca pôde conseguir o Pretor, que debaixo das suas bandeiras peleijassem contra os seus naturaes. Passou o exercito á cidade de Braga, que foi outra nova Cartago para Roma: estavaõ escandalizados os Bracarenses dos roubos, que fizeraõ os Romanos nos campos vizinhos, e em huma recua de animaes, que vinhaõ para Braga com mantimentos: sahiraõ fóra da cidade duas leguas a pedir-lhe conta destas hostilidades; foi a batalha horrivel, e tanto, ou mais, e melhor peleijáraõ nella as mulheres de Braga, do que os maridos: fugîraõ em fim vergonhosamente os Romanos ardendo em raiva de que mulheres os vencessem; mas depréssa o descuido dos Bracarenses lhes deo caminho para se vingarem, porque ufanos com a victoria, e cançados della se entregaraõ ao somno, e no melhor delle veyo o Pretor com todo o exercito, que pôde juntar, e com tal furor, que muitos ficaraõ no campo mortos, e os mais entraraõ em Braga feridos. O Pretor, seguindo a victoria, chegou á cidade, que naõ pôde expugnar por ter muros altos, e fórtes. Sahîraõ logo a peleijar os Bracarenses, deixando as mulheres guardando as muralhas; mas ellas vendo que os maridos eraõ vencidos, e degollados pelos Romanos, descêraõ das ameyas, tomaraõ espadas, sahîraõ ao campo, e fizeraõ no exercito do Pretor hum tal estrago, que a Cavallarîa Romana, ainda dentro da sua estacada, duas leguas ao longe se naõ dava por segura das mulheres de Braga. Mudou o Consul de estilo, e occupou em roubos o exercito até chegar ao rio Lima, taõ nomeado por disgraças, sendo taõ pequeno. Ja disse a causa, porque se chamava

mava Lethes , e os Romanos superſticioſos tal credito déraõ ao nome do rio, que nenhum queria paſſallo, nem levemente tocar as ſuas aguas, temendo o eſquecer-ſe das couſas Romanas, e perder as ſaudades da Patria. O Conſul prudente, e valoroſo deſprezou o agouro, tirou das mãos do Alferes o pendaõ, e paſſou o rio, e para conhecerem que naõ padecia o menor eſquecimento, poſto na outra margem diſſe ao exercito quantas memorias Romanas podéraõ lembrar-lhe. Foi proveitoſa a induſtria, porque os Soldados vendo falſo o agouro paſſaraõ o rio. Sahiraõ os Montanhezes a impedir-lhe o paſſo, que depréſſa ficou deſimpedido com morte de muitos; o meſmo ſuccedeo aos Gallegos, dos quaes, álem dos mortos, fôraõ ſeis mil captivos, de ſorte, que ſó Braga ficou triunfante devendo ás mulheres eſſa honra; e todos os mais captivos dos Romanos com ignominia, porque ja lhes abriaõ as portas das povoações ſem a menor reſiſtencia. Só a cidade de Cinania, (de que apenas ha veſtigios em hum lugar alto junto ao rio Ave legua, e meya diſtante de Guimarães) ſe atreveo a defender-ſe do Pretor, e elle coſtumado a vencer ſem peleijar, lhe offereceo pazes, mercês, e favores, mas elles reſpondêraõ, que para reſiſtirem aos tyrannos da Patria lhes deixaraõ ſeus pays as eſpadas, e que ſó por ferro, e naõ por ouro, haviaõ de vender a liberdade. Manoel de Faría diz ſe ignora o que reſpondeo o Conſul, porém achou Fr. Bernardo de Brito, e notou nos manuſcriptos, que tinha para dar ao prelo, que o Conſul lhes puzera cerco, e elles ſahindo ſóra antes de experimentarem o damno, o obrigaraõ a fugir com taõ pequena parte do exercito, que álem dos mortos ficaraõ no campo todos os bens, que tinha roubado. Juntou como lhe foi poſſivel novo exercito, e emprehendeo a conquiſta da Beira, em que foi mal ſuccedido, porque

os

os seus moradores, barbaros indomaveis, depois de lhe disputarem as estradas, veredas, e montes, em campo raso o vencêraõ, e derrotaraõ; e se bem ha quem diga, que elle fez o mesmo, depois que segunda vez unio o exercito desbaratado, e diminuto, as pedras com inscripções desse tempo, que se acharaõ no sitio, onde hoje está a Igreja de S. Joaõ Baptista, junto á villa de Vide, parece dizem o contrario. Elle passou o Téjo, e tres annos assistio na cidade de Moro, onde hoje he o castello de Almorol, nella acabou o governo com a fama de conquistador da Lusitania, de sorte, que o Senado com applauso commum lhe concedeo triunfo dos Portuguezes, e Gallegos. Em quanto elle triunfava, como temos dito, da Lusitania, ardia em guerras civís Roma, a qual, naõ podendo mandar exercitos para subsistirem as conquistas, enviou Governadores, que as conservassem com affagos, e promessas; mas debalde, porque das nossas terras sahio hum exercito dividido em tres partes, que reduzio a cinzas todos os presidios, e parciaes Romanos; veyo oppôr-se-lhe o Proconsul Cayo Mario com a melhor Soldadesca de Italia; e elles perdidos no primeiro encontro, juntaraõ em hum os tres exercitos, e desbarataraõ os Romanos. Para cousas de mayor gosto vos espero todos.

FIM

DA TRIGESIMA PRIMEIA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXII.

DEsde este anno, que he cento e vinte, até oitenta, antes do Nacimento de Christo, nada achamos digno de especial mençaõ mais, que huma victoria Portugueza taõ completa, que naõ ficou vivo hum só Romano para levar a noticia desta perda, que dizem recuperou Junio Sileno; e os Portuguezes, restaurando o credito, foraõ vencidos na Espanha ulterior pelo Proconsul Lucio Cornelio Dolabela, a quem succedeo Publio Licinio Crasso com igual fortuna; até que os Portuguezes, sabendo que Roma padecia incendios de discordias, excitáraõ os mesmos nas Espanhas contra os Romanos, de sorte, que em Portugal, e Castella foi raro o individuo desta Naçaõ, que escapou com vida, sem exceptuar idade, ou sexo o furor da vingança. Assim obravaõ sem Capitaõ, nem ordem, mas sim em quadrilhas em fórma de motim, quando entrou na Espanha Sertorio, trazido da fortuna para substituir Viriato. Era Sabino de Naçaõ, gente illustre entre todas as de Italia, douto, valoroso, e sagás; militou na guerra de Numancia com tal nome, que se fez conhecido na Espanha toda; viveo em Africa, onde descobrio na cidade de Tangere o cadaver do

Gigante Anteo, e outras antiguidades estimaveis; mas quando só nestas proveitosas noticias occupava o tempo, lhe chegáraõ Embaixadores de Portugal, pedindo-lhe com instancia quizesse encarregar-se do seu governo, porque só delle fiavaõ a liberdade, e vingança. Foi causa desta embaixada a tyrannia de Cayo Anio, que o Senado Romano mandou contra o mesmo Sertorio; e elle, antes de passar a Africa para castigallo, maltratava os Portuguezes, como se fossem já seus Soldados, de sorte que os Embaixadores para ambos foraõ proveitosos, e em tudo bem succedidos; porque Sertorio estimou summamente ter os Portuguezes á sua obediencia, para se defender de Cayo Anio, que mandava contra elle o Senado; e os Portuguezes estimáraõ que elle aceitasse o governo para os livrar do jugo do Imperio Romano; os Embaixadores felices, porque Sertorio veyo logo com elles. Entrou em Portugal ganhando vontades com dadivas, e affabilidade; fez Praça de armas a cidade de Evora, e depois de lhe jurarem os Portuguezes homenagem, visitou a Provincia toda com setecentos cavallos, e quatro mil Infantes. Começáraõ a temello os vizinhos de sorte, que muitos lugares de Andaluzia se lhe offerecêraõ espontaneamente; hum delles foi a cidade de Osca (naõ a que hoje tem este nome no Reyno de Aragaõ, mas outra, e Praça excellente), na qual Sertorio com rara politica fundou a primeira Universidade, que teve a Naçaõ Portugueza. Dizia que, sendo os Portuguezes superiores aos Romanos nas armas, naõ era justo que fossem inferiores nas letras; isto fez que todos mandassem para Osca seus filhos; e Sertorio com a sua liberalidade chamou insignes Mestres de varias Nações para ensinar-lhes Dialectica, Filosofia, e Astronomia. Entregaraõ-lhe os Portuguezes os filhos, como estudantes, e elle os tinha em Osca como penhores, e refens

ſens de ſeus pays. Uſou mais de outra politica, filha legitima da Naçaõ Italiana: hum Portuguez, chamado Eſpano, lhe offereceo huma cerva viva, a qual com o bom trato, e affabilidade de Sertorio ſe fez taõ domeſtica, que o acompanhava ainda entre os eſtrondos da guerra; e Sertorio conhecendo que a ſua manſidaõ era proporcionada para enganar a ſinceridade Portugueza, publicou que a Deoſa Diana lhe mandára a cerva para lhe dizer os ſucceſſos da guerra; para iſſo mandava os Capitães Portuguezes a varias expedições, em que ficavaõ vencedores, e tanto que recebia o avizo do ſeu bom ſucceſſo, ordenava a hum criado confidente, que ornaſſe a cerva com corôas de flores, e a ſoltaſſe a tempo, que elle eſtava fazendo exercicio ao exercito; a cerva, que eſtava ſuſpirando por Sertorio todo o tempo, que a detinha em caſa o criado, apenas a ſoltava corria ligeira a buſcar ſeu dono, fingia elle admiraçaõ do caſo, parava o exercicio, recebia a cerva com veneraçaõ, e chegava-lhe os ouvidos á boca, como que eſcutava recado, que ella lhe trazia, e logo muito alegre, e affavel dava a todo o Exercito a feliz noticia da victoria, que o ſeu Capitaõ auſente alcançára dos Romanos tal dia, e em tal hora, e todas as mais circumſtancias, que elle ſó ſabia, de ſorte, que os Portuguezes firmemente criaõ que tudo lhe contara a cerva ao ouvido em ſegredo, e que a Deoſa Diana lhe mandára pela cerva coroada de flores pelas mãos das Nynfas o avizo; e naõ ſó obedeciaõ ja a Sertorio, como Capitaõ inſigne, mas como divindade. Muitas medalhas de Sertorio exiſtem, nas quaes de huma parte ſe vê a ſua figura, e da outra a cerva. Com iſto ganhou os corações dos Portuguezes ſincéros de tal modo, que ainda hoje he amado, e toda a obra ſua merece eſpecial affecto, e ſaudade á Naçaõ Portugueza, como ſe vio no ſentimento univer-

Ii 2 ſal,

ſal, quando ſe demolíraõ os muros excellentes de Evora, que elle edificou. Sahio a primeira vez a campo com oito mil homens, ſinco mil delles Portuguezes, e o reſto de Italia, e Africa, e com eſtes ſuſtentou guerra nove annos continuos contra quatro Generaes Romanos, que, álem de ſerem os mais famoſos, que tinha a República, trouxeraõ contra Sertorio ſete mil cavallos, e cento e vinte e dous mil Infantes, álem dos muitos ſoccorros, com que a Eſpanha muitas vezes augmentou eſte numero. O certo he que os Portuguezes ſempre vencêraõ em quanto bons Generaes os dirigíraõ. A primeira empreza foi avaſſallar toda a Carpentania, onde achou pouca, ou nenhuma reſiſtencia; a ſegunda foi huma batalha naval no Eſtreito de Gibraltar, onde Cota, Capitaõ Romano, com huma grande Armada lhe impedia os ſoccorros de Africa. Peleijaraõ os Portuguezes com tal valentia, que lançaraõ no fundo muitos navios, trouxeraõ outros, e degollaraõ todos os Romanos. Victorioſo ſubio Sertorio pelo rio Guadalquivir, e pouco diſtante de Sevilha achou outro Capitaõ Romano, chamado Didio com outro exercito bem deſcuidado, de ſorte, que Sertorio ao romper da Alva o degollou quaſi todo. Mandou Herculeyo, Capitaõ excellente do noſſo exercito, contra Lucio Domicio, que por ordem do Conſul Quinto Metello Pio andava abrazando tudo deſde a Andaluzia até os montes Pyreneos; caminhou Herculeyo com tal preſſa, e preſentou com tal valor batalha, que Lucio receou aceitalla ſem lhe chegarem os ſoccorros de Metello; mas os Portuguezes, que naõ admittem vagares, obrigaraõ a Lucio com as lanças, e eſpadas, de ſorte, que nellas deixaraõ os Romanos as vidas, e na de Herculeyo perdeo Lucio a ſua. Foi eſta perda taõ grande, que Manilio Proconſul daquella parte de França, a que chamaõ Narboneza, paſſou os Pyreneos

neos com hum numerofiſſimo exercito de Romanos , e Francezes, deſejando reparar as reliquias do exercito de Lucio ; o que naõ conſeguio , porque Herculeyo lhe ſahio ao caminho nos campos de Lerida , onde oſtentaraõ valentia Luſitanos , e Francezes: porém como a fortuna na primeira victoria dá eſpiritos dobrados aos vencedores , e atemoriza aos que naõ fôraõ vencidos , venceo Herculeyo com os Portuguezes a pezar das Legiões Romanas, e do notavel esforço da Cavallaría Franceza, de que apenas ficaraõ reliquias. Entretanto Sertorio perſeguia de tal ſorte a Metello , que eſte deſatinado com os damnos recebidos , determinou pelejar , e cercou a cidade de Lagos no Reyno do Algarve: começaraõ os moradores a padecer, ſede e Sertorio com liberalidades obrigou dous mil Soldados Portuguezes a que rompendo valeroſamente o exercito Romano metteſſem na Praça dous mil odres de agua , em quanto elle juntava exercito competente para a vingança. Soccorridos , e refrigerados ſuſtentaraõ o cerco , que Metello levantou apenas ſoube que ſe preparava Sertorio , como tambem porque chegou o exercito ao Legado Marco Aquilio á desfilada ſem armas , e traſpaſſado de medo , porque Sertorio lhe tomou os mantimentos do exercito, matando huma Legiaõ Romana,com que os guardava. Entrou Metello por Andaluzia , e Sertorio atrás delle com apreſſada marcha; alojou-ſe Metello junto a Oſca, onde eſtudavaõ os meninos Portuguezes; porém antes de lhe pôr o cerco , que intentava , conheceo que eſta era a Praça mais bem defendida , e que Sertorio chegava para caſtigar-lhe a ouſadia. Ja os Soldados Romanos murmuravaõ de Metello , e elle temendo mais a morte , que a opiniaõ de fraco , paſſou a Cartagena com o exercito afflicto , e deſconſolado ; o que viſto por Sertorio, veyo paſſar em Evora o Inverno , no qual lhe chegaraõ Em-

baixa-

baixadores de Mitridates, Rey do Ponto, que lhe pedia paz, e amizade, obrigado da fama das victorias Portuguezas, depois que elle governava as armas; promettia que unidos ſacodiriaõ o jugo Romano, para o que offerecia navios, pedia Soldados Portuguezes, e offerecia a Sertorio o ſenhorío de Aſia, tirado da boca de Roma com a lânça. Eſta era a embaixada, que Sertorio recebeo com fauſto, e mageſtade, cercado do Magiſtrado de Evora, e dos Portuguezes mais inſignes, e veneraveis, de ſorte que os Embaixadores, a quem naõ cauſou admiraçaõ em outro tempo Roma, agora paſmaraõ vendo a Côrte Portugueza. Sertorio, fideliſſimo á ſua Patria, ſó prometteo mandar-lhe Portuguezes, e com effeito fôraõ voluntarios poucos, mas luzidos. Roma, que neſte tempo temia a eſpada de Sertorio, como pouco antes a de Viriato, mandou contra elle a Eſpanha o grande Pompeyo, por ſer o General mais famoſo. Com elle ſe unio Metello, e com Sertorio Perpena, que governava trinta quadrilhas de Soldados velhos, que tinhaõ chegado de Sardenha. Encontraraõ-ſe os dous campos, e os Portuguezes pediaõ a Sertorio, que peleijaſſe; e elle como General taõ valoroſo, como prudente, naõ queria dar batalha taõ depréſſa; mas em fim tal foi a cólera Portugueza, que forçado lhe permittio a inveſtida mais para os enſinar caſtigados, que para caſtigar os Romanos. Aſſim foi, porque morrêraõ muitos dos noſſos, e fugíraõ muitos; e Sertorio vendo era chegado o tempo, em que com a experiencia, e doutrina podia criar Generaes prudentes da Naçaõ Portugueza, juntando todos em hum campo, mandou vir dous cavallos, hum muito magro, e outro muito gordo; chamou logo hum Portuguez velho, e outro moço, e alentado; ordenou que o moço tiraſſe as ſedas da cauda ao cavallo magro, e elle colerico pegou em todas juntas; mas,
ainda-

aindaque puxou com forças agigantadas; naõ tirou huma unica seda; mandou logo que o velho tirasse as sedas da cauda ao cavallo gordo, e elle, como experimentado, tirou huma, logo outra, e assim tirou todas. A' vista desta experiencia fez Sertorio ao exercito huma prática, dizendo, que assim era a gente Romana, e assim a prudente guerra; vencendo pouco cada dia, podiaõ vencer os Romanos todos sem perda; e querendo vencellos de huma só vez todos, em lugar de os vencer, ficariaõ vencidos, ainda quando ficassem vencedores. Marchou Sertorio com o nosso exercito a cercar Lautona, ou Liria, quatro legoas distante de Valença, na margem do rio Xuçar; e quando apenas começava o sitio, veyo sobre elle Pompeyo unido com Metello. Dez mil Romanos morrêraõ logo em huma emboscada, que tinha preparado o nosso General; intentou Pompeyo ganhar hum monte entre os dous exercitos, unico meyo para metter na Praça o soccorro; porém Sertorio, que lhe adivinhava o pensamento, muito antes tinha o monte occupado; Pompeyo, vendo o melhor perdido, resolveo-se a expôr o exercito, cercando a Sertorio, e julgou taõ feliz o successo deste empenho, que mandou dizer aos Lautonenses déssem graças aos Deoses pela sua liberdade, e fossem vêr das ameyas, como elle cercava o seu cercador de sorte, que entre o seu exercito Romano, e a Praça naõ havia de ficar Portuguez com vida. Tudo isto vio, e ouvio Sertorio rindo, porque tinha deixado seis mil Portuguezes em huma emboscada para atalharem qualquer operaçaõ nova; e olhando para o nosso exercito com alegria disse: *Deixai, que eu mostrarei a este rapaz, discipulo de Sila, quanto mais importa a hum General ter os olhos nas costas do que no rosto.* Assim foi; porque quando Pompeyo formava o exercito para cercar Sertorio, achou pelas

las costas de repente os seis mil Portuguezes, que sahîraõ da emboscada com tal vigor, que Pompeyo com perda de muitos, e bons Soldados fugio para os seus quarteis, e delles esteve vendo como Sertorio, e os Portuguezes entraraõ a cidade á escala, e com fogo a reduziraõ a cinza, sem se atrever Pompeyo a soccorrella, achando-se com trinta mil Infantes, e mil cavallos: mas confessemos que tambem foi prudencia, porque o nosso exercito constava quasi de setenta mil homens, e a mayor parte delles Portuguezes. Contarei logo as façanhas de todos.

FIM

DA TRIGESIMA SEGUNDA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIII.

NA Primavera feguinte fahio Pompeyo dos Quarteis de Inverno, e entrando na Andaluzia furiofo intentou ganhar as Cidades, em que Sertorio tinha guarniçaõ de Portuguezes; mas antes de confeguir empreza alguma, vio a Sertorio fobre a rectaguarda. Nas margens do rio Xucar fe aviftaraõ os dous Generaes infignes, receando expôr o exercito, e fama na fortuna de huma batalha qualquer delles: mas em fim a inveja, e prudencia os tirou defta dûvida. Pompeyo, para que Metello naõ tiveffe parte na victoria, quiz peleijar antes que elle chegaffe; e Sertorio, para que naõ crefceffe o exercito de Pompeyo com o de Metello, quiz peleijar logo. Formados os exercitos, ficou Sertorio com os Portuguezes, que fóraõ fempre a fua guarda, defronte de Afranio, Capitaõ Romano excellente; e defronte de Pompeyo ficou Marco Perpena. Inveftiraõ-fe furiofamente os exercitos; Sertorio com os Portuguezes derrotou Afranio ao mefmo tempo, em que Pompeyo hia vencendo Perpena, e os Italianos; acodio Sertorio peffoalmente ao damno, e baftou a fua voz, e prefença para reftaurallo de forte, que Pompeyo ficou prezo, e captivo;

mas a avareza dos Italianos, Soldados de Perpena, gerou tal questaõ a respeito de quem havia de levar o cavallo, e os arreyos de Pompeyo, que elle, naõ obstante estar maltratado da lançada, que lhe deo hum Portuguez, com que o obrigou a cahir do cavallo, vendo que os Soldados naõ cuidavaõ em o prender a elle, mas sim em questionar o que disse, fugio para o seu exercito com rara felicidade. Em quanto Sertorio vencia Pompeyo neste lado, perdiaõ os Portuguezes a victoria, que tinhaõ começado a ganhar no outro, e ja Afranio se julgava victorioso; mas, acodindo logo Sertorio ao seu primeiro posto, desbaratou inteiramente Afranio, e passou toda a sua gente a cutélo. Em fim aqui ficava degollado todo o grande, e luzido exercito de Pompeyo, se a prudencia admiravel de Sertorio naõ considerasse que chegava Metello com soccorro; motivo, por que naõ consentio que os nossos seguissem o exercito vencido, dizendo: *Eu mandaria para Roma este rapaz bem açoitado, se esta velha mo naõ tirasse das mãos.* Nesta batalha se perdeo a cerva, e o nosso General toda a sua costumada alegria; mas, passados dias, huns lavradores lhe deraõ noticias della, e elle continuando o embuste com singular astucia, lhes ordenou que guardassem inviolavel segredo, e a tivessem preza, e em certo dia, e hora a soltassem; na mesma hora, e dia juntou os principaes do exercito, e disse-lhes que ja tinha esperanças da cerva, porque em sonhos lhe promettêra a Deosa Diana que sedo lha havia de mandar com avizos para continuar a guerra. Apenas elle disse estas palavras appareceo a cerva saudoza, e correndo ligeira, parou de joelhos, como ellas costumaõ, entre os joelhos de Sertorio, lambendo-lhe as mãos. Pasmáraõ os Capitães, e Soldados á vista do prodigio; communicou-se a noticia delle a todo o exercito, e todos

com

com singular esforço acompanháraõ Sertorio contra Metello, que junto a Valencia desollava os lugares abertos com tyrannia; pôs-lhe cerco o nosso General com hum grande prado, obrigando-o a peleijar, ou morrer de fome; e constando-lhe ao mesmo tempo que o Capitaõ Memio sahíra com muitos cavallos a conduzir mantimentos para o exercito, deixou Marco Perpena as ordens necessarias, e elle foi tomar os carros, e mais cargas dos inimigos com morte de quasi todos. Neste tempo investio Metello o nosso campo, e foi valorosamente rebatido de sorte, que elle cégo da cólera entrou pelos nossos esquadrões peleijando como mancebo: aqui o feriraõ com hum dardo, e perdeo o cavallo; mas acodindo-lhe a flor do exercito resoluto a morrer para o salvar, começáraõ os nossos a perder campo sem os poder animar o valor de Sertorio; e Metello entretanto, posto ja a cavallo, unio de sorte o exercito, que o nosso General prudentissimo, antes de perder gente, se retirou airoso para huma cidade fundada em hum monte alto, ao qual pôs cerco Metello, julgando que naõ teria mantimentos para o exercito; mas Sertorio, que antes de sahir á Campanha acautelava com remedios toda a desgraça, tinha nesta cidade muito, e de sobejo todo o preciso para o exercito fatigado; e quando lhe pareceo que bastava de socego, zombou de Metello, e entrou na Lusitania com todo o exercito sem o menor perigo. Foi recebido dos Portuguezes com tal affecto, e gosto, que em acçaõ de graças pela sua vinda visitavaõ os templos, e offereciaõ votos. De huma inscripçaõ consta que Julia Donace, illustre Portugueza, offereceo a Jupiter nesta occasiaõ hum sceptro, e huma corôa de prata no seu templo da Villa do Torraõ, em cujo lugar se vê hoje a Igreja dos Santos Martyres Justo, e Pastor. No anno seguinte sa-

hio Sertorio com huma Fróta a roubar no Mediterraneo todos os pórtos, que seguiaõ o partido Romano. Tomou innumeraveis embarcações, e em breves dias se víraõ perdidos Pompeyo, e Metello; porque álem disto o Capitaõ Herculeyo detrotou seis bandeiras de Cavallaría Romana, e huma Legiaõ de Infantaría, com que Probo Emiliano defendia os mantimentos necessarios para o exercito Romano; e depois em segundo choque matou a Probo, e entrou na Lusitania com onze bandeiras, ricos despojos, e tantos captivos, que foi esta huma das melhores façanhas Portuguezas, tal, que Pompeyo, e Metello deixaraõ a guerra: o primeiro se recolheo a Navarra, e o segundo escreveo a Roma, em outro sitio igualmente seguro, o discredito, que padecia na Espanha o Imperio Romano. Soou na Italia assim tanto a fama de Sertorio, que se lhe offerecêraõ muitos póvos com fervorosa obediencia, julgando que qualquer dia o veriaõ triunfante sobre Roma. Vieraõ porém novos soccorros, tornáraõ os Generaes ao antigo jogo; Herculeyo, que passeava pela Celtibería ganhando Praças, e conduzindo gados para Sertorio, encontrou Metello, separado de Pompeyo, naõ longe de Sevilha; obrigou-o a fugir para hum monte, e pondo-lhe cerco o desafiava para o campo; naõ quiz o velho astuto aceitar o desafio, e veyo, passados dias, buscallo, quando ja o naõ queria o nosso exercito; de sorte, que ficou vencedor, e dos nossos morrêraõ vinte mil; esta foi a primeira vez, que a gente Portugueza perdeo totalmente a victoria, a qual estimou tanto Roma, e Metello, que mandou fazer huma imagem da Deosa Victoria com tal artificio, que quando elle entrava nas cidades triunfando, a Deosa se inclinava, e lhe punha huma corôa na cabeça. Sahio Sertorio a recuperar o credito, que Herculeyo tinha perdido; mas naõ poden-

podendo alcançar o vencedor, que buſcava Catalunha com marcha apreſſada, matou algumas Eſquadras de Cavallaría Romana, que Metello mandava a Pompeyo com a noticia. Com grande exercito entrou no Reyno de Murcia; e Metello, vindo com Pompeyo, lhe ſahíraõ ao encontro, formados os exercitos, ſahíraõ dous Soldados a ſingular deſafio, o Romano lançou em terra o noſſo ja ſem alento, e indo a tirar-lhe o elmo para lhe cortar a cabeça, conheceo que era ſeu irmaõ, e foi taõ forte a dôr, que ſe matou a ſi meſmo ſobre o defunto. Laſtimou a todos a diſgraça, e naõ peleijaraõ neſſe dia. No ſeguinte ſe inveſtiraõ fortemente; no mayor do conflicto chegou a Sertorio hum Soldado coberto de pó, e ſangue, dizendo, que tinha morrido o Governador da Cavallaría; tirou-lhe Sertorio a vida com a lança para naõ deſanimar aos outros com a noticia; mas naõ baſtaraõ eſtas, e todas as diligencias do noſſo General para vencer; ſeis mil Portuguezes ficáraõ no campo, em que tornamos a perder a reputaçaõ, ſe bem a vendemos por taõ alto preço, que cuſtou oito mil vidas ao exercito Romano. Sentio na alma eſta infelicidade o valoroſo Sertorio, e muito mais vêr que logo ſe entregára Valença aos Romanos, e que outras Praças importantes ſeguiaõ eſte máo exemplo; huma dellas foi Guadalaxara, cujos moradores foraõ taõ infames, que, vendo ſobre ſi a Sertorio irado, fugíraõ para hum ſitio inexpugnavel, todo minado de covas, e nas bocas dellas irritavaõ ao General, que os cercava, com zombarías; mas elle obſervando que fazia hum vento fortiſſimo, ordenou que os Soldados inceſſantemente levantaſſem a muita arêa, que havia no monte, para que, dando-lhe o vento, a levaſſe pelas bocas das covas dentro; e foi taõ feliz o invento, que os cercados naõ podendo ſubſiſtir nas covas com a muita arêa, que os cegava,

gaya, e as entúpia, pedíraõ misericordia, que elle lhes concedeo como costumava. Daqui foi soccorrer a cidade de Palencia, que Pompeyo cercava com rara porfia; mas vio-se necessitado a deixar o cerco para medir a espada com Sertorio; peleijamos com mais valor, que ordem; de que resultou entrar Sertorio pelos esquadrões Romanos tanto, que esteve quasi prezo, e perdeo o cavallo; acodiraõ-lhe os Portuguezes com lealdade rara, e para o livrarem perdêraõ muitos a vida; montou em outro cavallo, unio os Portuguezes dispersos, e travou-se nova peleija com tal furor, que Pompeyo deixou semeado de Romanos mortos o campo, nelle as barracas, mantimentos, trabucos, e maquinas militares de expugnaçaõ naquelle tempo, e toda a noite caminhou apressado. Ao mesmo tempo cercava Metello Calahorra; foi sobre elle o nosso General, e vio o Romano o destroço de seis mil Soldados mortos, sem elle lhes poder acodir com remedio algum militar. Entrou Sertorio na cidade, louvando os moradores, e premiando os que obraraõ façanhas na defeza. Quando lhe chegou a noticia de que Metello, e Pompeyo unidos cercavaõ Osca, onde estavaõ os meninos Portuguezes, caminhou logo a soccorrellos, e aquartelou o exercito junto aos muros com tal descuido dos Cabos, que Metello o obrigou a entrar pelas portas da cidade com pouca fortuna, porque lhe ficáraõ no campo armas, e cavallos. Esta infelicidade bastou para se conjurarem contra a sua vida os Romanos, que andavaõ no exercito Portuguez por Soldados pagos, sendo cabeça da conjuraçaõ Marco Perpena, Romano, e Capitaõ nosso mil vezes obrigadissimo a Sertorio, e ao pôvo Lusitano. Este infame, cégo com a ambiçaõ das honras, que Metello, e Pompeyo da parte do Senado promettiaõ a quem matasse Sertorio, foi

o executor deste insulto horrendo. Conheceo Sertorio a conjuraçaõ quando ja era quasi pûblica, porque muitos Espanhóes, que alli tinhaõ filhos, passaraõ para o exercito dos Romanos, e Sertorio para castigallos mandou que lhe degollassem os filhos; justiça, que servio só de irritar mais os animos. Isto conheceo o excellente General, e achando os Portuguezes da sua guarda, dos quaes só se fiou em toda a vida, lhes disse o que suspeitava: ardeo em cólera a sempre incorrupta lealdade Portugueza, e logo foraõ degollar dez cumplices; mas como Sertorio nunca suspeitou que Perpena lhe havia de ser falso, ficou o principal traidor vivo, sendo o primeiro que approvava o presente castigo. Seguro estava com a guarda Portugueza Sertorio; porém dando-lhe Perpena huma tarde certa noticia feliz para a Campanha, o convidou para festejalla em huma esplendida cêa; aceitou Sertorio o convite, e foi a elle de noite sem armas brancas, nem Portuguezes de guarda; no mais alegre da cêa com vinte e huma punhaladas lhe tirou Marco Perpena a vida. Digaõ os Ramos, de quem naõ ha cinzas, que domináraõ aos Portuguezes; mas sabe, e ha de saber o mundo sempre, que o conseguíraõ com traições infames. Dividio-se logo Perpena com os Italianos armados; e os Portuguezes sempre leaes, e intrepidos celebraraõ á vista dos conjurados as exequias de Sertorio com mayor pompa, que as de Viriato, porque recolhêraõ as cinzas em hum caixaõ precioso, e com elle aos hombros, sem temor dos Romanos, entraraõ em Lusitania, e as sepultaraõ na cidade de Evora no melhor sepulcro, que foi possivel idear o seu leal affecto. Passados muitos seculos, se abríraõ naquella cidade os alicerses para a Igreja de S. Luiz, e foi achado o tumulo com a inscripçaõ seguinte: *SERT. LVSIT. DVX. IN. EXTREM.*

TREM. ORB. PLAGA. D. IMMORT. VOVET. ANIM. BVSTO. CORPVS. QVI. TIBI. TETHI. SALO. SERVATUS. QVO. LOCO. CIRCA. EBOR. RO. COS. COP. Q. IPS. CECIDERAT. OLIM. H. EREX. S. CIRCVNVENTAM. DOLO. VMB. ELISIVM. DIRIGE. DIVA. D. S. T. T. L. AVLICUS. P.; diz em Portuguez: *Sertorio, Capitaõ dos Lusitanos, nesta ultima parte do mundo offerece sua alma aos Deoses immortaes, e o corpo á terra. Este he aquelle, que por ti (ó Deosa Tetis) foi livre do mar, e aqui, onde nos tempos passados desbaratou hum Consul Romano, se lhe fez o sepulcro. Deosa Diana encaminha para os campos Elisios a alma, que á traiçaõ foi destruida. Seja-te a terra leve. Aulico pôs esta memoria.* Esta deprecaçaõ a Diana he em allusaõ aos favores, que entendiaõ recebia desta Deosa por meyo da cerva, a qual acompanhou o cadaver de Sertorio até á sepultura; naõ aceitou mais sustento de maõ alheya, nem o buscou, nem agua, até que junto ao sepulcro acabou a vida; acçaõ, de que todos fizeraõ conceito mysterioso, sendo natural, e commũa a cães, gatos, e a todos os animaes, que se fazem domesticos, e experimentaõ nos homens beneficios. Menos agradecidos fôraõ os Portuguezes ha huns seculos, que, arruinando memorias dos antigos, destruíraõ em Evora os Palacios de Sertorio; como se houvesse cousa mais preciosa, que a conservaçaõ de huma antiguidade. Estas buscaõ com disvelos os Sabios; estas desprezaõ os que ignoraõ o seu preço. Só venéra politicamente as cinzas de hum pay da patria o que he capaz de offerecer pelo seu Rey a vida.

FIM DA TRIGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIV.

NO anno sessenta e nove antes do Nacimento de Christo Senhor nosso, e de tres mil novecentos e oitenta e hum, na opiniaõ do Author das Flores da historia, morreo Sertorio, e ficou exposto ao furor dos Romanos o nosso Reyno. O Magistrado de Evora, cabeça entaõ de toda a Lusitania, assentou que se naõ innovasse cousa alguma sem vir o traidor Perpena, em cujo domînio estava todo o exercito, aindaque lhe faltava o melhor, porque os Portuguezes o deixáraõ, como ja tenho dito. Pompeyo, que até esse tempo lisongeava com promessas a Marco Perpena, para que elle matasse Sertorio, agora abominando-o com odio público (premio certo de todo o traidor, e ingrato) o obrigou a que sahisse do campo, onde facilmente foi vencido: fugio, e occultou-se em humas brenhas; porém como clamava justiça o sangue de Sertorio por vinte e huma bocas, foi preso por alguns Soldados vencedores, e preso o conduzíraõ á presença de Pompeyo. Infame, e vergonhosamente chorou este traidor, postrado aos pés de seu inimigo, o qual sem o querer ouvir, como elle lhe pedia, lhe mandou publicamente cortar a cabeça; pe-

queno castigo para quem tantos merecia pela mais horrenda culpa. Entrou Africano, Capitaõ notavel de Pompeyo, na Lusitania, que achou despovoada, porque os habitadores deixaraõ as casas opprimidos do medo, e se recolhêraõ aos bosques. Deo isto cuidado a Pompeyo, e foi cercar Osma, onde achou Portuguezes taõ leaes a Sertorio depois de morto, que depois de se defenderem valorosamente do mais vigoroso sitio, vendo que era impossivel a sua conservaçaõ, se matáraõ todos a si mesmos; acçaõ, que fez pasmar Roma, e estimar dobrado a lealdade Portugueza. Mayor façanha obráraõ os Portuguezes de Calahorra: cercou-os Pompeyo, e desesperado de os vencer; foi para Roma, e deixou Africano continuando o sitio; fez elle tudo o que podia excogitar o valor, e arte, e elles persistíraõ na lealdade a Sertorio morto de tal sorte, que vendo os consumia a fome, comêraõ suas mulheres, e filhos depois de comerem todos os animaes immundos, corrupções, e estercos; em fim os que ficavaõ vivos comiaõ os cadaveres dos que morriaõ de fome, e sede, até que de sede, e fome morrèraõ os ultimos; e Afranio entrou na cidade, quando nella se naõ achava hum unico vivente; achou as rûas, praças, e casas cheyas de ossos, e cadaveres horrorosissimos, e pasmou conhecendo que, depois de todos mortos, e corruptos, ainda os teve cercados, e foraõ temidos dos Romanos. Governava Espanha Afranio, a quem succederaõ muitos Pretores, Legados, e Capitães no tempo de dez annos. O primeiro foi Publio Pisaõ, que em huma batalha matou sinco mil Lusitanos; seguio-se Neyo Pisaõ, Quinto Calidio, que nos desbaratou varias Trópas, e logo Tuberaõ, que trouxe a Julio Cesar por seu Questor. Cessou a guerra, mas naõ as disgraças, porque nove annos depois da morte de Sertorio houve hum taõ horrivel terremoto na Espanha

nha toda, que padeceraõ total ruina povoações inteiras, edificios, e montes, o mar sahio furioso dos seus limites, e ficou possuindo grandes campos em muitas partes ao mesmo tempo, em que em outras deixava campos livres, que elle occupava antes; houve prodigios, e agoiros. No Cabo de S. Vicente huma egua concebeo de hum touro, e pario hum monstro com cabeça, peitos, e mãos de boy, o mais de cavallo, e os pés divididos em sinco partes como homem. Felís descanço promettia a Espanha a falta de guerra, e o descuido de Roma, quando os Portuguezes capitaneados pelos moradores da Serra da estrella, chamados entaõ Herminios, entraraõ pelas terras de Castella roubando, e assolando tudo. Para reprimillos, e castigallos mandou Roma o mayor heróe Julio Cesar, o qual juntando hum numeroso exercito deo aos Portuguezes o mayor, e bem merecido castigo, porque sem perdoar a sexo, nem idade, sem respeitar lagrimas, rogos, obediencias, rendimentos, entregas de praças, e offerecimentos de fazendas; a todos horrorosamente tirava as vidas, assentando que só esta tyrannia podia sujeitar para sempre a cólera Portugueza. Tudo eraõ prantos, e lastimas neste Reyno; os poucos, que escapavaõ da morte, hiaõ quasi nús acompanhar as féras nos matos, onde tambem acabavaõ miseravelmente, huns despedaçados, e comidos dos brutos, outros de fome, e sede desesperados. Só os Herminios davaõ a Cesar cuidados, porque lhe constava era inexpugnavel a serra; mandou-lhes Embaixadores, mas de balde, porque elles lhes tiraraõ as armas Romanas, e deraõ-lhe as suas com o recado: *Que naõ cuidasse Cesar eraõ os Herminios de taõ vil animo, que se rendessem á sua nobreza, usando elle taõ pouca com a gente Lusitana, que entregando-se-lhe como amigos, elle os matára como tyranno. Que se elles entravaõ pelas terras dos Andaluzes, tambem elle*

 entra-

entrava pelas dos Portuguezes, e tanto direito tinha elle para os conquistar, como elles para dominarem o mundo todo; de sorte, que nos damnos estavaõ iguaes. Que devia deixallos gozar dos seus campos com socego e que naõ esperasse ganhar-lhes a serra, que amavaõ como patria, porque as armas lhe mostrariaõ o impossivel, a que aspirava. Caminhou Cesar com o exercito, chegou á serra, e conheceo o impossivel, mas como nada o foi para o seu grande coraçaõ, buscou Portuguezes escandalizados dos Herminios, e soube delles que em hum tal sitio da serra estava huma povoaçaõ com todos os velhos, e meninos dos Herminios; venceo-os com dadivas, para que guiassem de noite hum Batalháõ de Soldados Romanos, que os degollassem a todos, e elle para divertir os defensores fingio que intentava subir com o exercito a serra; ja eraõ passadas duas noites, e hum dia, que o Batalháõ de Cesar caminhava, subindo com pés, e mãos, e as espadas na boca, quando Cesar ordenou que o exercito fingisse a investida: aqui foi o horror dos Romanos, porque de todos os penhascos sahiaõ homens armados como formigueiros, e era tal a chuva de pedras, dardos, e outras armas, que os Soldados bem cobertos com os escudos perdiaõ as vidas, até que se retiraraõ sem fórma, e os Herminios festejando a victoria diziaõ mil injurias aos Romanos. Com isto divertiaõ a noite, quando o Batalháõ de Cesar degollou todos os velhos, meninos, e enfermos, que estavaõ dormindo na povoaçaõ segura, e desamparada, porque todos julgavaõ que Cesar intentava pela outra parte a subida. Naceo o dia, conheceraõ o engano, e desampararaõ o sitio para se vingarem dos Romanos, que lhes mataraõ os pays, e filhos; com effeito os mataraõ todos, sendo as mulheres as que degollaraõ mais Soldados; e Cesar vendo logrado o seu intento, em quanto elles se occupavaõ em matar-lhe

tar-lhe

tar-lhe hum Batalhaõ, ſubio elle a ſerra pela outra parte com todo o exercito ſem oppoſiçaõ alguma; vieraõ os Herminios para os ſeus penhaſcos, e acharaõ o melhor delles cheyo de Romanos. Aqui lhes faltou o juizo, e hum bom General; porque, ſe perſiſtiſſem na defeſa unidos em outros penhaſcos, q̃ ainda tinhaõ mais altos, os Romanos em termo de quatro dias haviaõ de deſcer a ſerra deſpedaçados, porque era impoſſivel conduzirem mantimentos ao ſitio, em que eſtavaõ, e aque ſubîraõ como gatos, ou lebres, e naõ como homens; mas de ſorte ficaraõ aſſombrados vendo os dous impoſſiveis, que vencêraõ os Romanos, que pediraõ ao Ceſar pazes, que elle lhes concedeo com grande benevolencia, e agrado, como quem conhecia o perigo, em que eſtava com todo o exercito; mandou-os deſcer para os campos, e levou em refens da ſua obediencia duzentas mulheres com ſeus filhos. Voou por todo o mundo a fama deſta inſigne victoria de Ceſar, paſmou Eſpanha com a noticia de que deixara os Herminios vencidos, ſubjugados, e viuvos; e os Luſitanos mais vizinhos deixando os ſeus notaveis campos, paſſaraõ o Douro para habitar em outros mais retirados, onde os naõ alcançaſſem as armas do vencedor. Foraõ tantos os que tomaraõ eſte parecer, que ficou deſpovoada a Provincia; e o Ceſar conhecendo que o caſtigo deſte medo era o freyo ultimo para a ſujeiçaõ do Reyno, marchou atrás delles apreſſado. Caminhavaõ elles formados com o exercito; ja tinhaõ paſſado para a outra margem do rio em taboas, em odres cheyos de vento, boys, vacas, e eguas, todas as mulheres, velhos enfermos, meninos, traſtes de lavoira, e roupas, quando viraõ ſobre ſi as armas Romanas. Muito tempo durou a batalha, e eſteve duvidoſa a victoria, até que Ceſar afflicto vendo-ſe quaſi perdido entrou ſó pelos noſſos Eſquadrões peleijando com tal

valor

valor, e risco; que os Romanos para lhe livrarem a vida perdêraõ as suas, conseguindo assim o ficar elle vivo, e vencedor. Nenhuma acçaõ de Cesar por mais tyranna escandalizou tanto a Naçaõ Portugueza como foi o roubo, que os seus Soldados fizeraõ no templo de Endovelico, tirando-lhe naõ só as preciosas alfayas, que estavaõ nas paredes; mas o arco, aljava, e setas de ouro, que Amilcar, pay do grande Hannibal, lhe tinha offerecido, e o Deos tinha no braço; sendo muito mayor o escandalo, e furto da imagem de prata da Deosa Venus. Tudo remedeou Cesar, mandando restituir a imagem, e desaggravando os Deoses com muitos sacrificios antes da campanha dos Herminios, os quaes tanto que lhes constou que elle se retirava glorioso, sem fazerem caso das duzentas mulheres, e filhos, que elle lhes tinha levado em refens, déraõ sobre as povoações, onde se alojava a Soldadesca Romana, e degollaraõ toda; e convocando os póvos vizinhos para a liberdade, juntaraõ hum exercito de innumeravel gente, que dividiraõ em duas partes, huma para conduzir suas mulheres, meninos, velhos, enfermos, alfayas, e gados para as prayas do Oceano, e outra para decidir com as armas a liberdade da patria com o Cesar. Chegaraõ em breves dias a hum campo, onde o acharaõ ja preparado: dilatou-se a peleija algum tempo, porque parece foi igual o medo; porém Julio Cesar, que ou nunca o teve, ou soube fingir, que o naõ tinha sempre, mandou investir; e aindaque mil vezes se vio perdido, chegando a noite o viraõ vencedor; e os Herminios valendo-se do escuro della por caminhos exquisitos fôraõ unir-se com os outros, e juntos todos, em quatro dias de jornada chegaraõ á Peninsula de Peniche, quando ja Cesar lhes vinha no alcance. Vio que nas vazantes podiaõ os Romanos investillos, e na primeira baixamar mandou hum Capi-

taõ

taõ com muitos Soldados valorosos; sahiraõ a defender-lhe o passo os Herminios, reforçou-se o combate, e acodiraõ todos, e assim se dilataraõ tanto tempo, e com tal descuido, que a maré cresceo; e ja huns, e outros, principalmente os Romanos, peleijavaõ com agua pela cintura. O Cesar gritava animando-os, porém a agua cresceo de tal modo, que o Capitaõ Romano, e todos os seus Soldados, vendo-se com agua pela barba, sahiraõ na Peninsula, onde os Herminios os passaraõ á espada; hum só, chamado Sceva, escapou com vida ferido em mil partes; nadando veyo parar na outra margem, onde estava o Cesar, que o premeou logo por esta façanha, naõ obstante a colera, e pena de vêr acabar a vida a flor da milicia Romana. Difficil pareceo a Julio Cesar o castigo desta ousadia, se naõ viessem de Cadis, e outros pórtos de mar navios com Soldados velhos, que podessem intentar a conquista da Peninsula por varias partes, quando elle pelo váo os tornasse a investir; chegaraõ os Navios a tempo, que os Herminios ja padeciaõ grande fome, e temendo dous golpes ao mesmo tempo, se entregaraõ ao Cesar sem outro partido mais, do que elle quizesse, ou piedoso, ou justiceiro; elle, que ou só queria triunfar da Naçaõ mais bellicosa, ou por naõ perder a gloria de se vencer a si, que he a mayor façanha, os recebeo com a mayor clemencia, deo-lhes todos os mantimentos necessarios, e naõ consentio que se lhes fizesse o menor damno. Ficaraõ os Herminios confusos, obrigados, e arrependidos; o Cesar visitou o Reyno todo, e só vivas, e acclamações por este beneficio achou em todas as povoações delle. Neste tempo lhe naceo o célebre cavallo, que só consentia que Cesar o montasse, e tinha os cascos das mãos divididos em sinco partes como homem. Sahio deste Reyno Julio Cesar com differente opiniaõ do que entrou; quando veyo o

julga-

julgavaõ tyranno; agora todos saudosos lhe chamavaõ affavel, e benevolo. Entrou em Roma contentissimo, e com grande applauso; deixou em Espanha Tuberaõ no officio de Propretor, o qual governou em paz a Lusitania até que chegou o Proconsul Publio Cincinato, mais prudente, que valoroso, porque no seu tempo começaraõ os Portuguezes a querer mais castigos, perturbando-se huns aos outros para recuperarem a liberdade contra os Romanos: mas o que resultou deste levantamento, até vir o Pretor Publio Lentulo Spinter, o naõ contaõ os Escriptores, talvez porque foi pouco mais de nada o que obraraõ, ou porque para obrar alguma cousa se naõ uniraõ. Neste tempo sahio de Espanha hum notavel exercito a soccorrer os Francezes afflictos com as guerras de Julio Cesar; presentou-lhes batalha o seu Legado Publio Crasso, e aindaque esteve quasi vencido, como a fortuna parece que amava tudo o que era de Cesar, venceo o Legado a batalha com morte de quarenta mil Espanhóes, dos quaes eraõ Portuguezes a mayor parte. Quando isto sucedia em França, chegou a Portugal Quinto Cecilio, Dentado, Pretor novo, o qual intentando mandar para Roma muito trigo em anno esteril, tomaraõ os Portuguezes as armas para defenderem o sustento, e em batalha campal, junto a Evora, vencêraõ, e derrotaraõ o Pretor; fugio elle para o monte de Venus, que hoje chamaõ Pomares, onde lhe pediraõ pazes. Attribuio elle a milagre da Deosa o que era simplicidade nossa; concedeo a paz, naõ fallou mais em trigo, e fez notaveis sacrificios em agradecimento. O melhor logo.

FIM DA TRIGESIMA QUARTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXV.

A Quinto Cecilio Dentato se seguiraõ dous Proconsules, Quinto Cecilio Metello Neto, e Tuberaõ, prudentes, ou medrosos com tal excesso, que as inquietações dos Vaceos, e Vetões Lusitanos déraõ cuidado a Roma, e mandou o Senado a Pompeyo para remedear o damno; mas em quanto elle naõ chegava vieraõ tres Legados, hum delles foi Petreyo, a quem por distribuiçaõ coube Portugal, e o empenho de quebrar a liga, que tinhaõ feito os Vaceos, e Vetões, que roubavaõ todo o Reyno. Offereceraõ-se-lhe para isso os póvos da Beira, por estarem escandalizados mais, que todos, com os quaes, e muitos Soldados Romanos pôde vencellos, e obrigallos a pedirem pazes. Sahio depois o mesmo exercito em favor, e auxilio dos Beirões contra hum grande numero de gente da Provincia de Entre Douro, e Minho, que passavaõ o rio Douro, para habitarem da outra parte. Morreo na batalha a flor do exercito de Petreyo, mas sempre os venceo, e lhes impedio o passo, obrigando-os a desistir do intento. Começava o anno quarenta e sete antes do Nacimento do Redemptor, quando Julio Cesar, depois de ter lançado fóra de Roma a Pompeyo, e a todos os seus parciaes,

partio a fazer-lhe o mesmo nas mais terras do Imperio, e começou a nossa Monarquia a padecer nova guerra, e a mayor para o seu brio; porque ao mesmo tempo, em que Pompeyo vinha socegalla, lhe foi necessario sublevalla toda para resistir ao valor, e fortuna de Cesar, que em Narbona de França levantava hum exercito formidavel para entrar na Espanha. Os Legados de Pompeyo juntaraõ outro formidavel exercito: Petreyo em Portugal juntou setecentos de cavallo, e oito mil Infantes, que juntos a outros tantos Romanos formavaõ hum luzido corpo. Afranio juntou os Aragonezes, e Biscainhos de sorte, que se achavaõ os Legados com quasi sessenta mil homens a mayor parte Espanhola, a melhor Portugueza. Resolvêraõ que a Praça de armas fosse Lerida no Principado de Catalunha, cingida do Poente, e Levante com os rios Segre, e Cinca, e puzeraõ guardas nos montes Pyreneos para impedirem a Cesar a entrada em Espanha. Apenas tinhaõ disposto a campanha, chegou Cesar; teve com os Portuguezes hum signalado encontro, em que ficaraõ victoriosos os Legados de Pompeyo; porém investindo-os Cesar novamente fôraõ captivos, e desbaratados, porém taõ felices, que o vencedor, vencendo-se a si, os tratou como irmãos, e só os obrigou a sahirem de Espanha; o que elles fizeraõ logo, e fôraõ levar ao nosso Pompeyo a noticia deste infortunio, o qual se achava nas terras de Levante alistando gente. Julgou Cesar a Espanha socegada com esta victoria, e passou a Roma deixando no governo de Portugal, e Andaluzia com o titulo de Propretor Quinto Cassio Longino, homem cruel inimigo de Espanhóes, e notavel ladraõ. Taes fôraõ as tyrannias, e extorções para nos tirar todo o dinheiro, e alfayas, que os Portuguezes tomaraõ as armas, e elle julgando que em Mirobriga estavaõ as mayores riquezas,

ou

os cabeças principaes do motim, lhe pôs cerco; apertou-os de tal modo, que elles se resolvêraõ a comprar as vidas, e liberdade por dinheiro; mas elle lhe levantou o preço tanto, que ficava em dúvida qual era mais impossivel, se a defesa, ou a paga. Deo-lhes onze dias para se resolverem, e nelles se descuidou tanto das guardas, que elles no silencio da noite fugîraõ todos, levando o seu fato. Reparou o Propretor pela manhãa em que se naõ ouvia fallar nas muralhas; mandou subir parte do exercito, e achou só os edificios: mas a sede Italiana de dinheiro lhe inspirou logo o remedio. Reconheceo os vestigios, fez marchar os Romanos desempedidos; e como os que fugîraõ hiaõ carregados, depréssa os alcançaraõ, vencêraõ, e roubaraõ todos, e o mesmo fizeraõ aos mais lugares vizinhos; acçaõ infame, de que ainda existem memorias em muitas pedras. Os Herminios vendo-se roubados convertêraõ a cólera contra os seus reinicolas, e juntos em grande numero caminharaõ a desalojar os que viviaõ nos fertilissimos campos junto ao rio Téjo. Os Camponezes temerosos destes Barbaros, supplicaraõ aos de Lisboa lhes dessem soccorro; desta a melhor Soldadesca naquelle tempo, que bastou sahirem a campo para acabarem os Herminios de todo; disputaraõ-lhe a passagem do rio com tal vigor, que elles vendo morrer a flor do seu exercito, mudaraõ o parecer, e fôraõ cercar Lisboa; mas os naturaes della, que acabavaõ de os vencer, constando-lhes o cerco da sua patria, e o descuido, com que o faziaõ, huma noite os mataraõ quasi todos. Alguns poucos, que escaparaõ fugindo fundaraõ depois Marvaõ, e Geromenha. Os homens principaes de quasi toda a Espanha, vendo novas desordens cada dia, pedíraõ a Pompeyo lhes mandasse seus dous filhos Cneyo, e Sexto para governallos; o primeiro foi acclamado General em Cartagena, o segundo

em Cordova : Cneyo ſahio com exercito logo a conquiſtar praças, e viſitar outras, deixando cabeças confidentes em todas; Sexto fez o meſmo, porém mais vagaroſo. Tudo obſervavaõ Quinto Pedio, e Quinto Fabio Maximo, Legados de Ceſar, que logo pela poſta o avizaraõ do perigo, em que eſtavaõ as ſuas couſas na Eſpanha. Julio Ceſar, experimentado na guerra de Eſpanha, veyo a toda á préſſa, mas ſendo tanta, achou ja os ſeus Legados rotos, e vencidos pelos Pompeyanos. Julgou Quinto Pedio, que tardaria o Ceſar, e que Cneyo ſe faria ſenhor deſta Monarquia: ſahio a cortar-lhe os deſignios; mas vendo muito deſigual nas forças o ſeu exercito, aſſentou com Fabio buſcaſſem gentes para accreſcentallo; andavaõ neſſa diligencia com préſſa, quando Cneyo Pompeyo os colheo junto a Capara, peleijaraõ ſó alguns batalhões de Cavallaría, e recolheo-ſe fugindo a de Cneyo, de ſorte, que Pedio, e Fabio contentes, e orgulhoſos na manhãa ſeguinte com dobrada Cavallaría renovaraõ a peleija; mas Cneyo querendo moſtrar aos Legados a gente valoroſa, que o defendia, mandou ſahir os Cavalleiros Portuguezes, e Andaluzes, que obrigaraõ os dous exercitos a huma horrenda batalha, e déraõ a Cneyo Pompeyo huma ſingular victoria. Ja Ceſar ſe achava junto a Cordova, onde eſtava governando as armas Sexto Pompeyo, irmaõ de Cneyo; eſte buſcou o Ceſar com todo o exercito, e chegando á cidade de Ulia, que hoje ſe chama Monte-mór, lhe pôs cerco, que durou pouco, e ſem fructo; porque o Ceſar a ſoccorreo logo, e ſeu irmaõ Sexto em Cordova, cercado por Ceſar, pedia todo o auxilio: chegou Cneyo com préſſa, e achou que ja os cercados tinhaõ promettido entregar-ſe, mas esforçados com a ſua preſença quebraraõ a palavra: houve entre os dous exercitos notaveis encontros, nos quaes obraraõ quinhentos Cavalleiros

leiros Portuguezes façanhas taõ ſingulares, que o Ceſar levantou o ſitio, e foi combater a cidade de Ategua, hoje chamada Téba a velha, onde os dous irmãos tinhaõ o melhor trem para as campanhas; correo Cneyo a ſoccorrellos, mas vendo creſcer muito o exercito de Ceſar com novos ſoccorros, ſe retirou para Cordova com o credito taõ abatido, que hum Rey chamado Indo, parcial de Ceſar, teve ouſadia para o ſeguir, mas elle mudando o caminho, mandou Filo, e os Portuguezes por outro, os quaes mataraõ o Rey Indo, e os que o acompanhavaõ. Continuou Ceſar o cerco com dobrado aperto, e os Romanos, que eſtavaõ na Praça, murmuravaõ de Cneyo chamando-lhe fraco, e louvavaõ a Ceſar no meſmo tempo: alguns paſſaraõ para o campo inimigo, e ja ſe temia na Praça levantamento. Souberaõ os Portuguezes iſto, mataraõ todos os Romanos, que eſtavaõ dentro, e á viſta de Ceſar os lançaraõ das muralhas feitos em pedaços, cortaraõ as cabeças ás mulheres, e filhos dos fugidos, e lançando-as ao ar por brinco as eſpetavaõ nas pontas das lanças: mas todo eſte valor barbaro veyo a parar em ſe renderem a Ceſar, paſſados alguns dias. Victorioſo proſeguio a empreza, e chegando á cidade de Munda, quatro leguas diſtante de Malaga; achou Gneyo para lhe dar batalha, eſcolheo eſte duzentos Cavalleiros Portuguezes para guardas da ſua peſſoa, e no conflicto acompanhado delles obrou taes proezas, que Ceſar deſeſperado ja de conſeguir a victoria dizia aos Capitães do ſeu exercito: *Eya, eya, ja que naõ tendes vergonha, deixai-me hoje nas mãos deſtes dous rapazes.* Carregaraõ-o elles taõ fortemente, rompendo os Eſquadrões Ceſáreos, que a naõ lhes valer a guarda de Portuguezes, Cneyo ficava captivo, e ainda cuſtou ſincoenta vidas o livrallo; mas em fim venceo Ceſar, ficaraõ no campo mortos trinta mil Sol-

Soldados de Cneyo, e Sexto, dos quaes fete mil eraõ Portuguezes; e os Soldados de Cefar victoriofos, lembrando-lhes o eftrago, que os Portuguezes lhes fizeraõ antes de ferem mortos, e vencidos, cortaraõ as cabeças aos fete mil, que eftavaõ no campo defpedaçados, e feparando do exercito fete mil Cavalleiros Romanos, a cada hum delles puzeraõ huma cabeça de hum Portuguez na ponta da lança, e affim marcharaõ em triunfo diante do exercito defde o fitio da batalha até o alojamento. Cneyo ferido, e desbaratado fugio entregue a cento e fincoenta Portuguezes, confiando fó delles com juftiffima razaõ a vida; com elles chegou a Algezira, onde depois de muitos trabalhos fe embarcou na fua companhia em huma Galéra, e com outras embarcações, navegou pelo Mediterraneo. Foi logo atrás delle o Capitaõ Didio com a Armada de Cefar, e o miferavel vendo-fe perdido navegou outra vez para o noffo Portugal, onde ao mefmo tempo o efperavaõ trópas de vencedor; defembarcou cercado dos feus queridos, e leaes Portuguezes, e nos hombros delles foi caminhando, porque ainda trazia feridas mal curadas, e eftava coxo de huma lançada no joelho: fahio em feu alcance muita gente da Armada de Cefar, e dando noticia ás trópas, que o efperavaõ em terra, o fôraõ perfeguindo de tal modo, que os Portuguezes o efconderaõ em huma cova, e fôraõ defefperados fazer cara aos Cefáreos; mas como eftes eraõ tantos, e elles taõ poucos, fôraõ a mayor parte degollados, e os outros prefos; mandaraõ os Capitães atormentallos, paraque diffeffem onde eftava efcondido Cneyo Pompeyo, feu General. Aqui admirou Roma o que era a lealdade Portugueza, e a infidelidade Italiana. Naõ houve hum fó Portuguez, a quem promeffas de riquezas, e honras, nem tormentos obrigaffe a dizer onde eftva occulto o General; mas houve hum Roma-

no,

nó, criado do mesmo Cneyo, que o revelou; premearaõ os Capitães esta vileza, e fôraõ taõ infames, que degollaraõ os captivos Portuguezes em castigo da sua lealdade, e constancia. Feito isto, fôraõ buscar Cneyo á cova, e elle ainda coxo, e ferido com hum joelho em terra, vendeo a vida cara, porque matou muitos antes de o matarem a elle: Cesonio Capitaõ de Cesar lhe levou a cabeça, e elle mostrando sentimento, e compaixaõ mandou enterralla. Naõ parou ainda aqui a fidelidade Portugueza. Alguns, que no conflicto se retiraraõ para hum monte, vendo que os Romanos se recolhiaõ para os quarteis, fôraõ á cova buscar Cneyo, para o conduzirem nos hombros, e braços, onde fosse curado, e estivesse seguro. Acharaõ o corpo sem cabeça envolto em sangue; foi tal a dor, que juraraõ vingar-se. Unidos fôraõ buscar os Romanos, estes poucos Leões Portuguezes fidelissimos, acharaõ que Cesonio se tinha separado de Didio pelo caminho de Sevilha, para levar a Cesar a cabeça de Cneyo, e que nas prayas estava sem o menor receyo de Portuguezes o Capitaõ Didio, dando crena, e concertando as embarcações de Armada. Dividiraõ-se os poucos Portuguezes em tres partes, e déraõ sobre Didio, e os Romanos de noite huns lançavaõ fogo aos navios, outros degollavaõ os Romanos, tudo era clamor, confusaõ, trévas, chammas, sangue, e fumo, representaçaõ viva do Inferno. Nenhuma cousa se vio, ou sentio (para melhor dizer) neste assalto menos cruel do que a morte, porque os Portuguezes como peleijavaõ só para se vingarem, e naõ para vencerem, obraraõ ferezas, que ainda nos limites da vingança taõ justa fôraõ barbaras. Mataraõ Didio, cortaraõ-lhe a cabeça, e a maõ direita, e mandaraõ este mimo ao Capitaõ Filo, para lhe mostrarem o muito, que tinhaõ obrado para desafrontallo. Sexto Pompeyo, sabendo que seu irmaõ era morto,

morto; ſahio de Cordova com toda a guarnição da praça, á qual ſe uniraõ muitos Luſitanos, que andavaõ eſpalhados: ſahio ao encontro a Ceſonio aquelle vil Romano, que degollou, e levou a Ceſar a cabeça de Cneyo; inveſtio com furor vingativo, deſejando fazer o meſmo, que elle fizera a ſeu irmaõ, mas hia cerdado de Portuguezes, que o puzeraõ em ſalvo. Julio Ceſar entrou logo em Cordova, e caminhou para Sevilha, porém no caminho achou Filo, Capitaõ Luſitano, com Portuguezes irados, que lhe embaraçaraõ os deſignios muito tempo; mas em fim, vendo que era impoſſivel reſiſtir áquella multidaõ victorioſa, degollaraõ todos os parciaes de Ceſar, que eſtavaõ em Sevilha, e ſahiraõ da cidade ſem perigo. Caminhou Filo para a Luſitania com os Portuguezes, com intento de augmentar o exercito para deſtruir o Ceſar victorioſo: encontrou na cidade de Lenio o Capitaõ Cecilio Nigro, inimigo de Ceſar, e grande amigo de Filo; ambos traziaõ Soldados Portuguezes, mas Cecilio muitos mais do que o outro; uniraõ-ſe facilmente nos deſejos, e déraõ ſobre Julio Ceſar em Sevilha ambos: mas ainda que ao principio lhe déraõ grandes cuidados, depois miſeravelmente ficaraõ vencidos, e a mayor parte delles morta, ſendo a mais luzida. Ceſar, vencida eſta difficuldade grande, entrou por todo o Reyno de Portugal alegre, vencedor, triunfante, affavel, e benigno: todas as praças fechadas lhe abriraõ as portas, todas as povoações abertas lhe fôraõ offerecer as fazendas, e as vidas, todos lhe levantavaõ arcos triunfantes nos caminhos, e os que lhe naõ podiaõ fazer eſtes obſequios, porque viviaõ mais diſtantes, lhos faziaõ iguaes no modo poſſivel por Embaixadores, de ſorte, que todo o horror da paſſada guerra ſe converteo na mayor alegria. Vinde logo ouvir a mayor façanha de Ceſar, e gloria da Naçaõ Portugueza.

FIM DA TRIGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto. 1759. *Com todas as licenç neceſſar.*

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVI.

SO' Julio Cesar no seculo quadragesimo do mundo soube estimar os naturaes do nosso Reyno, conhecendo a nobreza dos nossos corações, de que resulta a fidelidade incorrupta aos nossos Principes; e se algum nacido em Portugal faltou a ella, estai certos, e firmes (disse o Soldado) que naõ he Portuguez, aindaque naceo no Reyno. Recebeo Cesar os Portuguezes nos braços, deo liberdade a todos os captivos, e premios, conhecendo a lealdade, com que defendêraõ contra elle os Generaes, a quem déraõ homenagem; mandou, sobpena de morte, que ninguem lhes fizesse o menor damno; e finalmente juntando em Béja os Embaixadores de todas as Provincias da Lusitania, conseguio a paz desejada. Propuzeraõ elles, como condiçaõ infallivel, que os naõ havia de carregar de tributos insoffriveis, que era o mesmo que fazer sede á sede Italiana; e o Cesar, que só queria os nossos leaes corações, e naõ as fazendas, fructos, e dinheiros, acçaõ Real imitada sempre dos nossos Augustissimos Reys, levantou os tributos, fez novas, e notaveis mercês, naõ só aos moradores, mas ás povoações, e deixou-nos captivos com liberalidades. Tal gosto lhe causava esta

paz, e exercicio do ſeu nobre coraçaõ, que deo á cidade de Béja o nome de *Pax Julia* com immunidades, e privilegios de Colonia Romana, á cidade de Evora deo o titulo de *Liberalitas Julia*, á Villa de Mertola *Julia Mirtilis*, a Santarem *Julium Præſidium*, com os meſmos privilegios de Colonia; paſſou a Lisboa, e concedeo-lhe a grandeza de Municipio de Cidadões Romanos, que naõ tinha outra cidade alguma de Portugal, e julgou-ſe Ceſar taõ venturoſo em a dominar, que lhe deo por titulo *Felicitas Julia*, como ſe diſſera, que depois de goſar Lisboa, naõ tinha mais felicidades, que deſejar na vida. Sahio Julio Ceſar deſte Reyno ſatisfeito: entrou Roma triunfante, glorioſo, e ficou governando-nos Aſinio Pollio, homem prudentiſſimo; porém tendo eſta virtude em gráo taõ conhecido, naõ pôde evitar os noſſos deſaſſocegos, nem deixar de caſtigallos. Sahiraõ de varias terras algumas trópas de gente faminta, e quaſi barbara, e fizeraõ graves damnos no Algarve, e campo de Ourique: pedio Aſinio ſoccorro aos moradores de Béja, onde aſſiſtia, os quaes lho déraõ facilmente, porque eſtavaõ prejudicados: buſcou os ſalteadores, e com pouco trabalho degollou muitos, e aquietou os outros, que divididos viveraõ emendados. Neſte tempo chegou a Villa-Nova de Portumaõ Sexto Pompeyo com huma Armada de Lacetanos, que o tiveraõ encoberto até eſſe tempo, occupou-ſe no officio de pirata nos mares do Algarve com tal fortuna, que em pouco tempo rico de navios, e gente, renovou os intentos de ſeu pay, e irmaõ; lançou a gente nas prayas de Eſpanha, e alcançou muitas victorias dos Romanos em varias partes della; e na mayor de todas morreo o noſſo Governador Aſinio Pollio, e muitos mil Portuguezes, que fielmente o ſeguíraõ até dar a vida. Sexto Pompeyo navegou para Aſia com as náos cheyas de Portuguezes; em Mi-

leto peleijou com Octaviano, e foi morto na batalha. Escaparaõ quatro mil Portuguezes com vida, os quaes em Macedonia militáraõ por Soldados de Bruto, companheiro de Cassio, que buscava gentes para fazer guerra a Octaviano, e a Marco Antonio, contra os quaes obráraõ os Portuguezes acções memoraveis; mas vencido Bruto, e morto pelas suas proprias mãos para naõ ser captivo, passaraõ os Portuguezes a servir a Octaviano, e a Marco Antonio. Ao mesmo tempo gemia toda Espanha com notaveis calamidades de temporaes, cheyas de rios, esterilidades, e doenças; e para coroa de tantas miserias, sahio de Africa o Rey Bogud. obrou as mayores tyrannias na Andaluzia, passou a Portugal, desembarcando em Villa-nova de Portimaõ tanto mais furioso, quanto menos resistido; porque a gente apenas tinha pés para fugir, e nenhum mãos para se defender. Farto de roubar, matar, e destruir entrou em Setubal, degollou os moradores, e queimou aquella povoaçaõ nobilissima, e o mesmo fez ao templo da Deosa, ou Nynfa Salacia, que, álem de sumptuoso, era naquelle tempo o mais frequentado, para o que concorria a delicia do sitio nas margens do rio de Alcacere. Isto sentíraõ os Portuguezes mais que tudo, e só esta pena os obrigou a juntarem-se para desaggravarem a Deosa offendida. Soube Bogud que formavaõ exercito; e vendo que peleijavaõ pelos seus Deoses, e que nunca o fizeraõ, que naõ fossem vencedores, cheyo de medo embarcou a sua gente nas innumeraveis embarcações, que enchiaõ aquelle rio; mas apenas sahio da barra, foi tal a tormenta, que, batendo os navios huns nos outros, se vieraõ despedaçar dentro no rio. Estavaõ os Portuguezes nas prayas com as espadas, e lanças preparadas, sahiaõ os Africanos nadando, e todos perdiaõ a vida, onde vinhaõ buscalla; outros morriaõ affogados por naõ

ſerem victimas da cólera Portugueza; mortos todos; e o Rey Bogud, reſtituiraõ fielmente ás ondas tudo quanto elle, e os Africanos levavaõ das noſſas terras, porque ſahîraõ á praya todas as alfayas. Tudo attribuiraõ os Portuguezes a milagre da ſua Deoſa Salacia, que, por ſer divindade do mar, o tomou por inſtrumento, para caſtigar aquelle ſacrilegio horrendo; edificaraõ novamente o templo, e taõ magnifico, e famoſo pela arquitectura, riqueza, e devoçaõ do Gentiliſmo de todo o mundo, onde conſtou eſte chamado prodigio, invençaõ notavel do diabo, que para melhor commodo dos infinitos Romeiros, que de todas as partes vinhaõ cumprir votos, offerecer dadivas, e ſacrificios, edificaraõ huma povoaçaõ, que depois mereceo ſer honrada por Octaviano com o privilegio de Municipio, chamando-ſe *Salacia Inperatoria*, admittida ao amparo, e protecçaõ immediata dos Inperadores Romanos, hoje ſe chama Alcacere do Sal, nome derivado de dous do rio, e da Deoſa. Paſſaraõ ſinco annos com varios ſucceſſos triſtes quaſi todos, quando os Gallegos da cidade de Tui, e povoações vizinhas ajuſtaraõ o mudarem-ſe para outras terras: paſſaraõ o rio Minho com mulheres, filhos, e todas as alfayas; roubaraõ tudo o que lhes foi poſſivel, que foi tudo, e vieraõ fazer o meſmo, e aſſento nas terras, que poſſuiaõ os Bracarenſes, e todos os moradores da notavel Provincia de Entre Douro, e Minho. Sahiraõ os Portuguezes a defender as ſuas caſas, e fazendas: porém como os Gallegos eraõ innumeraveis, fôraõ os noſſos miſeravelmente vencidos, e os vencedores ufanos fôraõ tomando tudo até as margens do Douro, aonde os moradores da cidade do Porto lhes mandaraõ Embaixada, pedindo-lhe pazes, lembrando-lhes para iſſo, que eraõ ſeus parentes, porque huns, e outros deſcendiaõ dos Gregos. Conformaraõ-ſe os Gallegos com a ſubmiſ-

faõ do recado, mas roubaraõ, e deftruiraõ todos os lugares vizinhos; nifto fe occupavaõ fenhores de tudo, e fem oppofiçaõ alguma dos Portuguezes, quando fe lhes pegou a péfte, em que ardia efta Provincia; e elles vendo que todos os dias lhes morriaõ muitos mil, caminharaõ para as fuas terras com a mayor préffa, e igual ruîna, porque levaraõ a péfte para toda Galliza, que fez nella mais deftruiçaõ, do que elles nos tinhaõ feito. Desaffombrados os Bracarenfes dos dous açoites, péfte, e Gallegos, infpirados do furor Africano herança de feus avós, fe refolvêraõ a caftigar os do Porto, porque tinhaõ feito com os Gallegos as pazes, que diffe. Sahiraõ em campanha huns, e outros, déraõ varias batalhas, em que fempre os de Braga ficavaõ victoriofos, até que em huma ficaraõ alguns prezos, e os do Porto barbaros vingativos os ataraõ em páos altos, fobre os muros, e depois de os matarem com fetas, os deixaraõ para alimento das aves de rapina. Defefperados os Bracarenfes com efta tyrannia, fahiraõ alguns moços robuftos para fe vingarem; mas, fendo vencidos, e prezos, foraõ igualmente juftiçados, entre elles o fôraõ dous homens illuftres fogro, e genro, cujas mortes laftimaraõ tanto a mulher de hum, e filha do outro, que cheya de efpiritos varonís, juntou as parentas, e amigas refolutas, e com alguns poucos mancebos para guias, fahiraõ de Braga armadas, deixaraõ parte em huma embofcada, as outras caminharaõ até o Porto, fubiraõ os muros, tiraraõ os cadaveres de pay, e marido, e fendo fentidas dos guardas fe formaraõ para a batalha, fahiraõ os do Porto ufanos, e ellas ora inveftindo-os, ora fugindo delles, os fôraõ conduzindo até o fitio, onde eftava a embofcada; aqui degollaraõ a mayor parte, e com os outros prezos com cadêas diante de fi, entraraõ triunfando pela cidade de Braga, onde, depois de fepultarem os cadaveres

do

do pay; e marido com pompa, se matou esta memoravel matrona sobre o sepulcro de ambos ou com muito amor, ou com muita pena, ou com tudo junto. Os do Porto temerosos das mulheres de Braga, pediraõ soccorro contra ellas a Norbano Calvio, Legado de Augusto na Lusitania: sahiraõ contra elle os de Braga, e obraraõ façanhas memoraveis; porém elle se recolheo ao Porto carregado de roubos, os Bracarenses o seguiraõ até ás portas, donde fugîraõ perseguidos dos moradores de tal sorte, que muitas cidades, e lugares vendo-os ja desprezados da fortuna, se uniraõ com os do Porto para os destruirem: a principal conjurada foi a cidade de Cinania, mais vizinha de Braga, que do Porto. Desesperados os de Braga com esta ingratidaõ, sahiraõ com cento e quinze mulheres armadas a cavallo, e duzentos homens, deixaraõ emboscado o corpo do exercito, e fôraõ desafiar Norbano, e os do Porto, os quaes sahiraõ em grande numero, e as mulheres com a mesma astucia de investidas, e retiradas os conduziraõ ao sitio, onde estava o exercito: huma mulher de Braga degollou Norbano, as outras muitos, de sorte que quando entraraõ em Braga triunfantes, cada mulher levava na maõ huma cabeça de hum Romano. Os Portuenses sabendo este infortunio pediraõ pazes aos de Braga, offerecendo-lhes (com vilania infame, só natural de Gregos de quem descendiaõ esses todos) que lhes entregariaõ todos os Romanos, que havia na cidade para se vingarem; e com effeito mataraõ muitos, e prendêraõ os outros, sendo seus hospedes, e convidados para defendellos: entregaraõ aos Bracarenses os Romanos presos, os quaes fôraõ justiçados com barbara tyrannia, e ainda assim naõ satisfeitos os corações das matronas de Braga, ellas, e seus parentes concedêraõ as pazes com taes condições, que a morte era muito melhor de

tole-

tolerar do que qualquer dellas: a primeira, que poderiaõ levantar muros ſem licença das mulheres de Braga; ſegunda, que para ſe habilitarem os homens do Porto, para officio pûblico, lhe poria o pé no peſcoço huma mulher de Braga armada; a terceira he taõ gentilica, immunda, e contraria á honeſtidade, que eu me naõ atrevo a contalla, aindaque em muitos authores a vi impreſſa; a quarta, que homem do Porto naõ pudeſſe caſtigar ſua mulher, ſe ella commetteſſe adulterio com homem de Braga; a quinta, que ſe algum do Porto tiveſſe amores com mulher de Braga, foſſem apedrejados, e os dous parentes mais chegados do adultero ſeriaõ eſcravos do aggravado. Outras mais ſe achaõ eſcriptas, e conſtaõ de tradições, mas todas (ſe aſſim ſuccedeo) ſaõ partos de entendimentos cégos com as trévas, e diabruras da gentilidade, que profeſſavaõ todos, advertindo, que deſtes, e dos mais Portuguezes nem ha deſcendentes, nem fumos das cinzas; porque as outras Nações, que depois dominaraõ a Eſpanha toda tantos ſeculos, extinguiraõ totalmente a deſcendencia deſtes antigos. Vendo-ſe os Bracarenſes deſaggravados, convertêraõ o furor contra os moradores da cidade de Cinania, que no tempo das victorias dos Portuenſes ſe tinhaõ unido com elles. Sahio a campo formidavel o exercito de Braga, puzeraõ cerco á cidade, que os eſperava com todo o neceſſario para a defeza; houve combates, e aſſaltos horriveis, em que huns, e outros obraraõ façanhas notaveis, até que a fome começou a vexar os cercadores, e muito mais aos cercados, que afflictos comeraõ quantas immundicias havia na praça, e finalmente deſeſperados ſahiraõ della a vender, ou comprar as vidas com a eſpada: foi o combate horrendo; e os Bracarenſes ſe viraõ quaſi perdidos; mas como os de Cinania, álem de ſerem menos, eſtavaõ debilitados,

fôraõ

fôraõ degollados todos, e a cidade arrazada com tal ira, que só o nome della se acha. O Inperador Octaviano Augusto, vendo-se absoluto senhor do mundo, e desejando premear com descanço os Soldados velhos, lhes determinou campos, que os sustentassem com os seus fructos, e fundou huma cidade na Lusitania para elles assistirem, hoje chamada Merida, e entaõ *Eremita Augusta*, titulo que lhe deo o Inperador na fundaçaõ, e com elle honras, e privilegios, como ja dissemos tinhaõ outras de Portugal. Daqui naceo hum taõ fervoroso agradecimento nos corações de todos, que levantaraõ muitos templos a Octaviano Augusto com imagens suas, naõ só nelles, mas em outros sitios decentes, onde lhe offereciaõ sacrificios, e votos, chamando-lhe Deos Augusto. Só os do Porto naõ fizeraõ este obsequio, naõ obstante verem a notavel devoçaõ de todas as povoações de Portugal com o novo Deos vivo: mas doendo-se das penosas condições, que aceitaraõ aos Bracarenses, mandaraõ a Augusto Embaixadores, pedindo-lhe os livrasse daquelle opprobrio, dando-lhes soccorro para o desaggravo. O Inperador, que todo o seu empenho era parecer Deos como ja lhe chamavaõ, mandou Cayo Antistio, e Marco Agrippa com exercito, de que logo vos contarei gostosas façanhas.

F I M

DA TRIGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVII.

TAl brio, e furor concebêraõ os do Porto só com a noticia de que vinha desaggravallos hum soccorro Romano, que, antes delle chegar, sahiraõ em campanha, destruiraõ, e queimaraõ naõ só os campos vizinhos de Braga, mas entraraõ na cidade; e achando os moradores no mayor descuido, degollaraõ muitos, e fizeraõ innumeraveis damnos: mas elles tomando as armas os fizeraõ sahir fugindo, e os perseguiraõ até o Porto, a quem puzeraõ cerco. Neste tempo chegou o exercito Romano, e os Bracarenses ponderando o perigo, se recolhêraõ a Braga logo, preparados para hum terrivel cerco: assim foi; mas antes que os Romanos tomassem quarteis, sahíraõ os Bracarenses homens, e mulheres a disputar-lhes o campo; igual foi o damno, que recebêraõ huns, e outros: porém hum Soldado Romano teve a sorte de captivar huma formosa donzella de Braga, que montada em hum cavallo tinha obrado maravilhas nesse dia. Teve Agrippa noticias da captiva, quiz vêlla, e captivou-se della, obrigou-se ao preço, que pedia por ella o Soldado, para darlhe liberdade logo; mas o Soldado, ou porque estava igualmente captivo, ou porque necessitava logo o di-

nheiro, clamava impaciente pedindo a captiva, ou o preço della. Catania (este era o seu nome) vendo a petulancia do Soldado, e prevendo o fim da venda, ou captiveiro, de repente tirou da cinta do vendedor a adaga, e intentou matallo com ella á vista de Marco Agrippa; mas naõ o podendo conseguir, se matou a si com a mesma adaga, e remio com a vida a pureza. Agrippa ja amante, e Romano brioso a sepultou com hum sumptuoso enterro. Retiraraõ-se os Bracarenses, aquartelaraõ-se os Romanos, combatiaõ-se fortemente todas as horas, até que em huma escaramuça ficou captivo o Capitaõ Cayo Antistio, companheiro de Marco Agrippa, e ficou escravo do pay de Catania; este lembrado das honras, que Agrippa fez a sua filha, naõ só lhe deo liberdade, e o tratou com as mesmas, e mayores honras, que tinha entre os Romanos, mas tambem lhe deo com grandeza peças de ouro, e prata, com que podesse resgatar-se de outro captiveiro, se fosse prisioneiro em outro encontro, e captivo de algum Bracarense menos rico, ou brioso. Sahio Cayo Antistio de Braga obrigadissimo ao pay de Catania, chegou ao exercito Romano, deo parte a Marco Agrippa, seu igual companheiro, e Capitaõ desta empresa: pasmaraõ os Romanos ouvindo esta bizarria, e inventou competencias com ella a bizarria Romana. Ordenaraõ os dous Capitães que cessassem os combates, assaltos, e hostilidades, levantaraõ o sitio, e pediraõ ao Inperador logo que favorecesse com honras, e mercês os Bracarenses, certificando-lhe a pouca razaõ, que tinhaõ os do Porto contra elles; e o Inperador conformando-se com a sua petiçaõ deo aos Bracarenses por livres, e á cidade o privilegio de Colonia Romana, com o sobrenome de Augusta. Depois no anno segundo antes do Nacimento de Christo Senhor nosso, achando-se em Tarragona Octaviano

viano Augusto; recebendo Embaixadores de todo o mundo, entre elles com notavel agrado ouvio os de Portugal naturaes de Santarem, que lhe pediaõ licença para edificar-lhe hum templo naquella villa, e os de Lisboa lhe offerecêraõ outro na serra de Sintra, consagrado aô Sol, e á Lua. Neste tempo se despiraõ as armas em todo o mundo, e todo elle gozava paz; dividio Augusto o nosso Reyno em quatro Chancellarîas, que ja vos disse, e quando se publicou o Edicto para se numerarem todas as familias sujeitas ao Inperio Romano, e pagarem huma moéda de tributo, foi a primeira publicaçaõ na Chancellarîa de Santarem, e a ella acodiraõ todos os póvos, que viviaõ desde o Téjo ate o Douro. Constou da lista que tinha a Lusitania nesse anno sinco contos e sessenta e oito mil pessoas, cabeças de familias, numero admiravel, e muito mais por ser em tempo, que a vida tinha por inimigos em casa para a sua diminuiçaõ a peste, espada, e cubiça. Cada familia pagáva huma moeda de prata, que valia pouco mais ou menos trinta e seis reis, tinha de huma parte hum rosto humano, e da outra huma flor, e destas dizem eraõ as trinta, que recebeo Judas por entregar a Christo Senhor nosso, e seguindo esta opiniaõ de gravissimos authores; os trinta dinheiros na nossa moeda eraõ dez tostões, e quatro vinteis. Conta-se huma acçaõ heroica do Inperador Augusto com hum Portuguez da Provincia de Entre Douro, e Minho neste mesmo tempo. Chamava-se Corocota, juntou criminosos, e vadîos, e com elles depois de commetter roubos, e insultos, esperou em campo aos Romanos, os quaes o obrigavaõ a fugir para Biscaya, onde continuou a sua má vida. Prometteo Augusto tres mil Ducados, a quem o prendesse, e perdaõ de qualquer crime. Corocota temendo que muitos procurassem o perdaõ, e premio, resolveo-se a ganhar hum,

e outro; foi presentar-se ao Inperador, o qual satisfez a palavra, e accrescentou para gloria da Naçaõ outra muita notavel, perdoou-lhe, mandou dar-lhe o dinheiro, e nomeou o Soldado da guarda da sua pessoa; honra extraordinaria. Chegou em fim o anno mais feliz, que teve o mundo, em que naceo Christo Senhor nosso; naõ assevero o seu numero desde a creaçaõ do mundo, porque saõ muitas as opiniões dos authores nesta materia; a que mais me agrada, e seguem muitos Santos Padres de especial nota, e authores famigerados, he que foi o de tres mil e sessenta e sete, porque estes dizem que a Ley natural durou dous mil annos, a Ley escripta outros dous mil, e que a Ley da graça ha de durar outros dous mil, e que toda a idade do mundo será de seis mil annos, correspondendo cada mil a hum dia da sua creaçaõ, fundados no que diz o Santo Rey David, que mil annos para Deos saõ hum dia, e o septimo, que he o descanço, vem a ser a Eternidade; porem ou seja este, ou o de quatro mil e sincoenta e dous, como querem muitos, ou de sinco mil cento e noventa e nove, como diz a Igreja no Martirologio, ou de 5195 como quer Dionisio Exiguo, e muitos; o mais seguro em tudo nesta vida he seguir a opiniaõ, que segue ate o presente a Igreja, e assim direi, que no anno de 5199 da creaçaõ do mundo, 2957 depois do Diluvio, 2015 do nacimento de Abrahaõ, 1510 da sahida de Moyses, e pôvo de Israel do Egypto, 1032 da uncçaõ de David em Rey de Judá, e todo o pôvo de Deos, na semana sessenta e sinco do Profeta Daniel, na Olinpiada 194, no anno 752 da fundaçaõ de Roma, e 42 do Inperio de Cesar Augusto, estando em paz, e na sexta idade o mundo, naceo em Belem nosso Senhor Jesus Christo; e como todo o mundo estava em paz, gozou o mesmo o Inperio Romano, de sorte, que mandou Augusto fechar as portas do templo

plo do Deos Jano, que estavaõ sempre abertas em quanto o Inperio tinha guerra, para significar que o Deos estava fóra favorecendo os exercitos de Roma; e esta foi a terceira, e ultima vez, que se fecharaõ as portas daquelle templo; as duas primeiras, porque gozava paz o Inperio; esta ultima, e terceira, porque o gozava elle, e todo o mundo. Sinco annos depois do Nacimento de Christo morreo Cesar Augusto, e os Portuguezes, que sempre nas exequias de seus Principes defuntos mostraraõ o amor, com que os veneravaõ vivos, celebraraõ as do Inperador com tal fausto, que Roma os naõ excedeo na prodigalidade, superstiçaõ, e lucto: ainda existem memorias disso em muitas partes da Espanha, que entaõ era nossa; e na que hoje possuimos huma pedra no valle de Ossela junto a Arouca, foi trazida das ruinas de huma povoaçaõ antiga, que houve no alto de hum monte, sobre o rio Cambra, e diz assim: *INPER. CÆS. AVG. INTER. DIV. REL. COHORT. PRÆSID. VACE. OSCEL. LANCO. CALEN. AEM. LEG. X. TRETENS. EIVS. NVM. SPECTACVLA. ET. LVD. GLADIAD. E. V. VRBES. LVSIT. L. A. EXP. ET. HECATOMB. D. D.*; quer dizer: *As Capitanías da Legiaõ decima, chamada Tretense, que presidiaõ em Vouga, Ossela, Feira, Porto, e Agueda offereceraõ espectaculos, e jogos de Gladiadores á divindade do Inperador Cesar Augusto; e as cidades de Lusitania ja nomeadas fizeraõ os gastos, e celebraraõ Hecatombas.* Algumas grandezas da nossa Monarquia se inferem da inscripçaõ desta pedra; a primeira, que os Romanos de tres em tres leguas tinhaõ presidios neste Reyno, no tempo, em que elle estava na mayor paz do mundo, signal de que sempre respeitavaõ, e temiaõ o nosso valor, e intrepidez; a segunda a grandeza daquelles antigos lugares nomeados, que podiaõ

diaõ sustentar presidios Romanos, Vaca, ou Vouga fundada em hum sitio alto sobre o rio deste nome ; Offela onde se achou a pedra ; Lacobriga, pouco distante do Porto na extremidade de hum monte; Porto com o nome Cale, ou Gaya ; Eminio, que he a villa de Agueda. Terceira, que se os Romanos celebraraõ jogos de gladiadores nestas exequias, os quaes a rogo dos vivos se matavaõ em memoria dos defuntos, os Portuguezes observantes dos seus antigos ritos, offerecêraõ o mais solemne sacrificio, que era o das Hecatombas, e constava de cem altares, nos quaes matavaõ, e offereciaõ varios animaes, de cada especie hum cento; e sendo por Inperador, haviaõ de ser Aguias, e Leões. Governava neste tempo a Espanha ulterior, em que se comprehendia o nosso Reyno, o Proconsul Vivio Sereno, tyranno, e avarento, opprimia com tributos os póvos, e rompendo os montes desta Monarquia, tirava das minas delles muitos milhões de ouro taõ puro, que naõ se purificava no fogo, privilegio, que a natureza só deo ao deste Reyno, assim das minas delle, como dos rios Téjo, Mondego, Douro (que dahi teve o nome), Alva, Seira, e outros. Naõ era menos admiravel a invençaõ de pedras preciosas neste Reyno, pela industria de Vivio, especialmente no Alemtejo, junto a Villa-Viçosa, onde conserva o nome de Oiteiro da mina, daqui dizem as memorias de Luiz de Couto se extrahiraõ nesse tempo pedras de extraordinaria grandeza, especialmente huma esmeralda, que elle offereceo ao Inperador Tiberio taõ grande, que della fez hum notavel copo, hum punho de espada, e outras alfayas; tambem se infere, que neste oiteiro se achou a primeira vez a pedra preciosa, de que he feito o cofre do Santissimo Sacramento do Mosteiro de nossa Senhora da Graça de Lisboa, a qual hoje se naõ acha, e certamente naõ he diamante, tendo todas

das as qualidades de diamante, excepto a dureza, como escreveo o Graõ Duque de Tuscana, que pessoalmente veyo reconhecer a qualidade desta pedra; e vendo que o diamante a riscava, sendo seu irmaõ em tudo o mais, disse: *Faz-lhe damno, sendo mais seu parente do que meu.* He este cofre a joya de mayor valor, que hoje tem o mundo, porque nem se póde fazer outro, por mais que se offereça pelas pedras, de que ja naõ ha minas, nem ha dinheiro, que o pague, aindaque só dem ás pedras delle o valor infimo dos topasios, ou quaesquer outras pedras preciosas; sendo certo, que estas saõ mais preciosas do que todas, mas he tal a disgraça da Naçaõ Portugueza, que só honra, e valor estima, que ja houve Chronista desta familia, que fallando destas preciosissimas, unicas, e admiraveis pedras, no valor, qualidades, e grandeza, disse, que eraõ cristal precioso, sem reparar que o mesmo cofre tem columnas do melhor cristal de roca, que se vio, e á vista das pedras parece barro; e sem advertir, que estas pedras só differem do diamante na dureza, e que o pouco preço, porque foi vendido na Asia, era effeito da necessidade dos vendedores, e do pouco, que nesse tempo os Monarcas da Europa, occupados em guerras, cuidavaõ em alfayas, cujo preço lhes tirava o sustento dos exercitos, hum ou muitos annos; tal foi o primeiro, que na Europa se pedio por esta admiravel prenda, entre os seus poucos estimada, e no mundo todo senhora da eterna fama por unica, inestimavel, e preciosissima. Julga-se que neste oiteiro foi vista a primeira vez, porque diz a memoria era quasi diamante; ainda hoje se achaõ nelle pedras excellentes, e no Santuario da Sachristia da Capella Real dos Serenissimos Duques de Bragança em Villa-Viçosa se admiraõ muitas em huma corôa da caveira de hum Santo Martyr; e eu creyo, fundado em experiencias, que o nosso Reyno

ainda

ainda hoje produz todas, e tambem as medicinaes; porq̃ em Torres-Vedras vive o Doutor Maximo Moniz de Carvalho, que defcobrio as quadradas verdadeiras; antigamente teftifica Manoel de Faría e Soufa fe achavaõ as mais preciofas pedras na Lufitania, e ellas, e o ouro fempre fe cria, ou entaõ era mais a neceffidade, diligencia, e induftria, ou agora mais a perguiça, que a natureza, por mais que a julguem velha, e cançada, he a mefma, e eftá viva. Taõ grandes thefouros recebia o Inperador Tiberio do noffo Reyno, que, offerecendo-lhe os Portuguezes hum templo, e outro a fua máy Livia Druzilla, com o fim de que efte obfequio o moveffe a tirar-lhe o governador tyranno, elle que eftimava mais o muito ouro, que lhe mandava o Proconful, que o fer adorado, negou a licença, e defmentio com apparencias de modeftia as ancias da cubiça. Vinde logo ouvir hum cafo raro, fuccedido nefte anno 37 do Nacimento de Chrifto.

FIM

DA TRIGESIMA SETIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.
Anno de 1759.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVIII.

JA os Portuguezes se inclinavaõ ás letras com o mesmo gosto, que antes ás armas, de sorte, que muitos deixaraõ a patria para gozarem as lições de Tito Livio em Roma; outros fizeraõ a mesma jornada para darem conta ao Inperador de hum portento, que se via na costa de Portugal, e vinha a ser, que da escura, e notavel cova de hum rochedo, pendente sobre o mar, sahia algumas vezes hum homem, e tocava hum buzio com tanta força, que álem de admiraçaõ causava terror. Naõ achei até agora noticia certa do sitio, em que apparecia este homem, nem o fim, que teve, porque naõ ha rochedo em Castella, e Portugal, que naõ digaõ os velhos fôra o Palacio daquelle homem incognito; mas a tradiçaõ melhor, que achei nos manuscriptos de muitos curiosos ja citados, persuadem que nesta villa de Peniche, que temos á vista, dizem que quando nella fôraõ cercados por Cesar os Herminios, habitadores da Serra da Estrella, de que ja em outra Conferencia vos demos noticia, alguns homens, e mulheres se escondêraõ com seus filhos, e filhas nas covas dos rochedos, que tantas vezes temos admirado junto á Igreja de nossa Senhora do Livramento; alli mudaraõ pou-

co de coſtumes, e alimentos; porque os ſeus antigos quaſi todos eraõ barbaros: polvos, caranguejos, e outros peixes, e mariſcos crûs fôraõ os primeiros guizados: depois fôraõ nadadores taõ inſignes, que á maneira de peixes grandes, ſe ſuſtentavaõ dos outros peixes, colhendo-os com as mãos, e com os dentes, paſſando no mar a mayor parte dos dias, e noites, e fugindo das embarcaçóes como peixes, de ſorte, que todo o Gentiliſmo deſte Reyno os teve ſempre por Deoſes do mar, offerecendo-lhes ſacrificios os navegantes para os livrarem de tempeſtades. Eſte, que appareceo no anno 37, cauſou novidade, porque lhe ouviraõ tocar horroroſamente o buzio, que dizem fôra o primeiro que entre os taes Herminios ſalvagens uſara deſte inſtrumento quando tinha fome, paraque os ſeus netos, e biſnetos, que andavaõ pelo mar ao longe comendo lagoſtas, e peixes, lhes trouxeſſem o meſmo alimento para elle, e os mais homens, e mulheres, que ou por velhos, ou porque, ſendo dos primeiros Herminios, nunca fôraõ taõ déſtros, naõ podiaõ ir colhellos nadando; o que ſe verificou, porque depois de largo eſpaço daquelle horrivel eſtrondo, acodiaõ muitos, que ſubiaõ o rochedo com taes uyvos, que mais pareciaõ lobos marinhos, que homens barbaros; os Portuguezes lhes edificaraõ hum templo para os terem propicios para as navegaçóes, e peſcarias; e quando neceſſitavaõ do ſeu patrocinio, matavaõ as rezes á porta do templo, tendo todos os roſtos cobertos excepto o Sacerdote, e logo embarcavaõ todos com o preſente de carne, governando o Sacerdote o leme, e os mais remando ſem vêr para onde; na praya deixava o Sacerdote a carne, que lhe parecia, e com a outra ſe recolhia para caſa, dizendo aos pobres vendados que os Deoſes por acenos lhe tinhaõ dito que naõ queriaõ mais, e lhe davaõ a outra para elle comer. Chegados ao

templo

tempo lhe deſtapava os roſtos, que tinhaõ cobertos antes para naõ vêr os Deoſes, privilegio ſó concedido aos Sacerdotes, os quaes embuſteiros, como todos os do Gentiliſmo, nunca os viraõ, porque os taes ſalvagens chamados Deoſes fugiaõ para o interior dos rochedos, e covas delles apenas ſentiaõ o menor eſtrondo de remos. Deſcobertos os roſtos, adoravaõ a carne, que ficava para os Sacerdotes, que era quaſi toda; e a cauſa, porque a adoravaõ, era porque os Deoſes a tinhaõ viſto, aceito, e dado aos ſeus Sacerdotes, a quem igualmente adoravaõ, porque os viraõ, e logo ſeguros faziaõ viagem. Hum dia fôraõ levar a offerta a tempo, que os taes homens, e mulheres brutos entravaõ na agua a buſcar como peixes o alimento; e o Sacerdote vendo o furor com que elles ſe lançavaõ das penhas nas ondas, foi tal o ſeu medo, ou porque nunca tinha viſto aquelle medonho eſpectaculo, ou porque julgou ſó entaõ que eraõ Deoſes, que tinha offendido, furtando-lhe com embuſtes o melhor, e mais do que lhe offereciaõ os navegantes, que ſe lançou ao mar gritando lhe perdoaſſem os furtos; os do barco com os roſtos cobertos ficaraõ mais atemorizados, porque ouviaõ as vozes do Sacerdote na agua, e os urros, uivos, e ſilvos dos Deoſes: neſta conſternaçaõ prevalecendo o reſpeito á curioſidade (acçaõ natural de Portuguezes), remaraõ ſem deſcobrirem os roſtos, nem ſe atrever algum a tomar o leme, que largou o Sacerdote, promptamente bateo a embarcaçaõ nos penhaſcos, e ſe desfez com o movimento das ondas, ſalvaraõ as vidas, e morreo o Sacerdote deſpedaçado nas penhas. Com os roſtos cobertos gritavaõ todos pegando-ſe aos rochedos, e ſangrando-ſe nelles copioſamente, atéque hum, ou mais reſoluto, ou menos religioſo deſcobrio os olhos, conheceo os perigos, fez deſcobrir a todos, e para evitar a morte, que lhes ameaçavaõ

Pp 2 as

as ondas na maré cheya, subiraõ ás penhas; e chegaraõ ás covas, onde acharaõ alguns homens, e mulheres velhas, que mais pareciaõ féras horrendas, do que racionaes indomitos; ao principio fugiraõ para o interior das cavernas uyvando; mas considerando-se perseguidos do primeiro, que dissemos se descobrio, furiosos voltaraõ, e juntos morderaõ huns, que logo cahiraõ com o susto de que os Deoses os despedaçavaõ; e em fim abrindo o caminho saltaraõ no mar com tal alarido, que os outros salvagens vizinhos sahiraõ todos fóra das covas, ou para vêr o que succedia, ou para lhes acodir; porém os naufragantes ja desenganados de que naõ eraõ Deoses, tal gritaria lhes fizeraõ, que huns se precipitaraõ no mar, e por velhos, ou pouco costumados, á vista de todos morrêraõ, muitos ficaraõ prezos, e com grande trabalho os conduziraõ á praya onde esperavaõ achar ao menos taboas da embarcaçaõ, para fabricarem huma jangada, invençaõ a mais antiga, que se vio sobre as aguas; porém vendo que nem o menor signal de embarcaçaõ tinhaõ deixado as ondas, enfurecidos contra os salvagens, que tinhaõ sido a causa dos seus trabalhos, mataraõ quasi todos; ficaraõ só vivos huma mulher, hum velho, e dous meninos, que reservou a cólera para fazer presente ao Inperador Tiberio. Com estes subiraõ outra vez os rochedos com iguaes trabalhos aos primeiros, e mayores sustos, receando viessem sobre elles os filhos, netos, e parentes dos mortos, que andavaõ no mar comendo, e haviaõ de trazer sustento para os que tinhaõ deixado vivos. O medo lhes accrescentou o juizo, continuaraõ o trabalho incrivel da subida, e aindaque feridos, e escalavrados entraraõ na Ilha, fôraõ logo ao templo, que, segundo a mesma historia, era no sitio onde agora vedes o Convento de S. Bernardino, ou para melhor dizer, onde fôraõ os assentos antigos detrás da

Capel-

Capella de Santo Antonio da cerca do dito Convento, mataraõ os Sacerdotes, queimaraõ o edificio, lançaraõ no mar mulheres, filhos, e alfayas de todos; e foi tal a raiva, que os mesmos, que traziaõ para o presente, degollaraõ, e com as pelles de alguns, cheyas de palha, andaraõ pelos portos maritimos da Lusitania desenganando a todos. Faz verosimil toda esta historia a noticia certa de que muitos annos se mostraraõ nas Espanhas citerior, e ulterior pelles de homens marinhos, que podiaõ bem servir para solas de sapatos, e tudo faz possivel a vida do homem chamado Peixe Nicoláo, de que trataõ authores fidedignos, que vivia como estes, só com a differença de que era domestico, e tratava com as gentes, e ha bem poucos annos em Castella houve outro; cuja vida authentica refere o sapientissimo Feijó, o qual sendo menino fugio, no mar se criou, depois de homem o prendêraõ, e foi conhecido, mas nunca fallou palavra alguma, nem tratou os parentes com mais urbanidade, do que ir onde o mandavaõ, conservando viva a lembrança dos caminhos, e pessoas, que na primeira idade tratara; experiencia, com que se verificou ser elle o mesmo, que fugira, e se criara no mar: foi sempre visto com horror dos navegantes muitos annos até que, perdido o medo, o pescaraõ. Neste mesmo anno se descobriraõ excellentes minas de prata na Lusitania, e da primeira, que foi a Roma, se fizeraõ excellentes peças para varios templos, sendo a mais memoravel o trono de Minerva; mas dizem que os Portuguezes occultaraõ com edificios muitas minas para se vingarem da tyrannia, com que o Proconsul mandava para Roma todo o ouro, e prata, que se achava em todas; em varias partes de toda a Espanha he tradiçaõ derivada, segundo dizem, desse tempo, que nos sitios onde ha vestigios de templos Gentilicos, edificados nestes annos,

estaõ occultas minas grandes de metaes preciosos. Era aborrecido o Proconsul, e mais aborrecido, e desprezado nos corações dos Portuguezes o Inperador, por ser bebado pûblico, e com tal escandalo, que os mesmos Romanos em lugar de *Cayus Tiberius Nero*, lhe chamavaõ *Caldus Biberius Mero.* Em fim o odio crecceo de tal modo, que elle se matou a si mesmo. Muitos julgaõ que o principal motivo do aborrecimento foi a destruiçaõ de hum templo de Apollo, onde os Sacerdotes roubavaõ para si, e seus filhos tudo quanto os pôvos offereciaõ para sustento daquelle Deos; e Tiberio, que, para augmentar os thesouros, desejava extinguir o culto dos idolos, talvez lembrado da notavel sagacidade, com que o Profeta Daniel em Babilonia quasi dous mil annos antes tinha desenganado o Rey, e o pôvo de que Jupiter naõ comia o que todos os dias lhe davaõ. Naõ obstante o templo ser na Asia, sentio esta injuria com tal excesso Roma, entaõ cabeça da Gentilidade mais pia, e brutal, que o Inperador nas festas, que vio se preparavaõ para o desaggravo de Apollo, conheceo que elle havia de fazer papel em algum sacrificio; e antes que lhe tirassem a vida como victima, quiz elle acaballa com as suas mãos, depois de se embebedar como quem se despedia: foi pessimo este Inperador, porém ainda foi peyor Cayo Caligula, que lhe succedeo, e só reinou quatro annos, porque o matou o Tribuno Cherea. Neste anno de 41 do Nacimento de Christo, diz Manoel de Faria, prégava S. Tiago na Espanha; Santo Isidoro diz que as primeiras luzes da sua doutrina as recebeo á parte mais occidental, que era a Lusitania; e o Papa Calisto II. diz que elle juntara nove discipulos em Galliza, e como a melhor parte dessa Provincia era o que hoje chamamos Entre Douro, e Minho, e a cidade mais illustre Braga, alli erigio o Apostolo a primeira Cathedral

dral de Espanha, e sagrou por seu primeiro Bispo S. Pedro de Rates, seu discipulo, nome mysterioso talvez para admirarmos a firmeza da Fé Romana em toda a Espenha lá, e cá fundada em pedra. Converteo innumeravel gente á Fé de Christo, e entre elles a mulher, e filha de hum Regulo (que nesse tempo eraõ tantos como hoje os Titulos), o qual o martyrizou; seu corpo está na Sé de Braga, e fóra dos muros o lugar onde foi achado com hum templo antiquissimo. Tambem deixou por Bispo de Citania S. Torcato, o qual martyrizaraõ huns rusticos de Serra de Vieira, do sitio onde nace o rio Selle, com páos, e pedras lhe tiraraõ a vida. Os moradores deste Paiz ainda hoje ou por especial devoçaõ; ou penitencia, que lhes encommendaraõ seus avós, todos os annos visitaõ este Santo no templo mais vizinho descalços. Conserva-se a memoria de que no dia do seu martyrio florecia huma oliveira, que estava á porta do templo, e das azeitonas, que dava, se extrahia azeite, que bastava para alimentar hum anno todo a luz da sua lampada; conserva-se huma Ermida sobre hum monte de pedras (que tantas fóraõ) debaixo das quaes acabou a vida, e huma fonte milagrosa no lugar por onde correo o sangue; Citania foi cidade populosa entre Braga, e Guimarães nas margens do rio Ave, hoje apenas ha algumas tristes sombras do que foi. Dividio S. Tiago os mais discipulos pelas Igrejas de Espanha; em Granada deixou por Bispo S. Cecilio; em Almeria, entaõ chamada Ursi, Santo Indalecio; em Liturgi S. Eufrasio; em Avila S. Segundo, em Béja S. Thesiphon, em Carcesa S. Esichio. No Inperio de Nero, que foi successor de Tiberio Claudio Druso, que succedeo a Caligulla, padeceo S. Pedro de Rates, e S. Torcato; os mais quasi todos no Inperio de Nerva, que foi septimo depois de Neto. No monte de Granada chamado santo fóraõ achados

dos os corpos de muitos; a Igreja de Eſpanha reza de todos, e algum dia vos contaremos os ſeus martyrios, acções, e milagres. Neſtes annos Herodes foi privado do Reyno pelo Inperador, e Senado Romano, e deſterrado para fóra da Paleſtina, pobre, miſeravel, perſeguido, tudo pouco, para o que obrou contra Chriſto Senhor noſſo, e com S. Joaõ Baptiſta; veyo buſcar refugio na Eſpanha, que ſempre o foi de todos os Extrangeiros; julgou que ſó nella acharia fortuna, porque tinha neſſe tempo muitas, e ricas ſynagogas de Judeos, que o haviaõ de ajudar por ſer elle da caſa Real Judaica, e ſua mulher da familia Aſomonea; mas enganou-ſe, porque o mataraõ em Portugal, junto a hum lugar chamado Rodio. Dous houve em Portugal deſte nome, hum junto á villa da Redinha, entre Pombal, e Condeixa, e foi cidade notavel, de que ainda exiſtem obras Romanas; outro foi junto ão rio Téjo, no Biſpado do Guadiana; os moradores de ambos deſconfiaõ, e perſeguem aos que lhes perguntaõ onde eſtá a ſepultura de Herodes: naõ he para ſer deſejada a reliquia, mas he barbara a deſconfiança, porque he gloria da Naçaõ Portugueza ſer ella quem vingou as injurias de Chriſto Senhor noſſo, e a morte do Baptiſta.

F I M
DA TRIGESIMA OITAVA PARTE.

L I S B O A:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIX.

DO tempo do Inperador Cayo Caligula naõ consta haja neste Reyno memoria alguma; só em Roma será eterna a de hum Portuguez chamado Diocles, o qual em todos os jógos, e desafios públicos, e particulares daquelles tempos alcançou mais de duzentas victorias, honras, e premios notaveis, e por corôa de todos os seus merecimentos lhe levantaraõ duas estatuas os Romanos, outros dizem que só huma, consta de duas pedras, huma em Preneste, outra no campo Marcio; os que julgaõ foi mais de huma o inferem de certa inscripçaõ antiquissima achada nas ruînas de Citania, que á força querem fosse a sua patria, e o mesmo Diocles (quando apenas se pôde entaõ lêr), que foi em Roma taõ célebre. Do Inperador Nero ha varios monumentos, e de sua mãy Agrippina; a ambos levantaraõ os Portuguezes estatuas, de huma se acha memoria na villa de Moura, que entaõ se chamava Arucia, ou Arouce, nome de hum valle vizinho, onde D. Pedro Rodrigues, tronco famoso da familia dos Mouras, matou hum Rey Mouro poderosissimo. Governava Lusitania no Inperio de Nero Oto Silvio, seu Valído, e honrado com esta legacia, para lhe gozar en-

tretanto o Inperador ſua mulher Popea, mais culpada, que Nero no adulterio. Dez annos governou Oto Sylvio eſte Reyno taõ moderado, taõ ſuave, taõ obſervante dá juſtiça com os Portuguezes, que os achou depois com armas, vidas, e fazendas promptos para o coroarem Inperador em Roma. Aindaque com o favor de Deos, e de ſua Máy Santiſſima Senhora da Conſolaçaõ, Patrona deſta humilde Academia vos havemos contar todas as vidas dos Inperadores, Reys, e Principes do mundo com a mayor brevidade, he juſto vos digamos nas menos palavras alguma couſa dos Inperadores Romanos, de quem fomos vaſſallos. Julio Ceſar foi morto no Senado por Bruto, e Caſſio com vinte e tres punhaladas, tendo de idade ſincoenta e ſeis annos; Octaviano Auguſto morreo na cidade de Nola no anno decimo ſexto de Chriſto, de idade de quarenta e ſinco annos, e alguns mezes; Claudio Tiberio Nero matou-ſe no anno 39 de Chriſto, e 38 de ſua idade; Cayo Caligula foi morto pelo Tribuno Cherea no anno 43 de Chriſto, e 29 de idade; Tiberio Claudio Druſo morreo de veneno no anno 56 de Chriſto, e 64 de idade; Domicio Nero em tudo monſtro, fugindo dos que o intentavaõ matar, ſe matou no anno 70 de Chriſto, e 32 de idade; no ſeu tempo fôraõ martyrizados (depois de abrazada Roma) S. Pedro, S. Paulo, e S. Tiago com ſeus diſcipulos; na cidade de Evora (ſendo nella Preſidente Validio) S. Mancio, ſeu primeiro Biſpo, e hum dos ſetenta diſcipulos de Chriſto; tambem o foi S. Torpes, Valido de Nero, ao qual depois de morto mandou lançar em hum barco velho ſem vélas, nem remos, que veyo parar na villa de Sines neſte Reyno, a quem levantou templo, e ſepulcro Celerina, matrona Portugueza, a quem Deos revellou tudo; a meſma corôa ganharaõ os Santos Suſana, Torcato, e Cucufate, naturaes de Braga,

elles

elles degollados, e a virgem tambem, depois de ser exposta á ferocidade de hum Urso; fôraõ seus companheiros S. Victor, e S. Sylvestre Bispo. Achava-se em Braga Sergio Galba, e celebravaõ os Bracarenses em Abril huma notavel festa ao Deos Sylvaõ, ou Sylvano, para o que traziaõ o idolo em procissaõ fóra do templo, coroados de flores todos os que o acompanhavaõ. Era a festa nos bosques entre Braga, e Guimarães, e toda ella consistia em correrem hum porco montez, e na ponte, que ainda hoje existe, era a mayor galhofa, porque nella estava assistindo o idolo ao festejo; obrigaraõ ao mancebo Victor, paraque o adorasse, repugnou elle constante na Fé, açoitaraõ-o prezo a huma arvore, queimaraõ-o com laminas de ferro em braza, e depois o degollaraõ na ponte diante do idolo. No tempo de Filippe III. sendo Arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Jesus, ou de Castro, da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, fez este mudar huma pedra, que estava na tal ponte com tradiçaõ constante de que S. Victor fôra degollado sobre ella, o que se verificou naõ só porque a pedra sempre tinha conservado nodoas de sangue, mas porque quando a tiraraõ para o templo, que edificou ao Santo o dito Arcebispo, se achou debaixo da pedra sangue fresco em grande quantidade, como se fosse derramado naquelle instante; o Bispo S. Sylvestre foi degollado por sepultar honorificamente o corpo de S. Victor. Morto o Inperador Nero, como ja disse, lhe succedeo Sergio Sulpicio Galba, a quem ajudou para a conjuraçaõ contra Nero com dinheiros, e gente o nosso Governador Octo Sylvio, para vingar-se da offensa, que o Inperador lhe fazia amancebado com sua mulher Popea; foi Galba mais desejado, que bemquisto, e por isso morto quando apenas tinha oito mezes incompletos de Inperio no anno setenta para setenta e hum de Christo,

 e se-

e fetenta e tres de sua idade. Sahio logo Octo Sylvio de Lusitania acompanhado de numeroso, e luzido exercito a tomar posse do Inperio Romano, tendo as vontades de todos certas com as promessas de beneficios, que lhes negou a avareza de Galba, e lembrado do que devia á Naçaõ Portugueza lhes concedeo privilegios grandes a muitas cidades, especialmente a Merida entaõ cabeça da Lusitania. Neste tempo era Tribuno em Roma hum Portuguez natural de Béja chamado Emilio Pacence em memoria da sua Patria, que nesse tempo se chamava *Urbs Pacensis*, o qual foi Capitaõ dos eleitores de Galba, e da sua guarda. Chegou Sylvio a Roma a tempo, que os Alemães tinhaõ acclamado por Inperador ao seu General Aulo Vitelio, dizendo que naõ eraõ dotados de menores espiritos para levantarem hum Inperador, como os Espanhóes, e Lusitanos tinhaõ feito. Octo Sylvio mandou a França Narbonense Emilio Pacence com dous Capitães, a fim de ajuntar a sua parcialidade áquella Provincia; porém fôraõ mal succedidos, e nada aceitos daquelles póvos: ja Vitelio marchava de Alemanha confiado nos Portuguezes, que o seguiaõ, e na intrepidez dos Alemães, que o acclamaraõ, no melhor de Italia começou em ruînas, e hostilidades a guerra de sorte, que Sylvio mais obrigado de compaixaõ dos póvos, que padeciaõ por seu respeito, do que desesperado de ser bem succedido, se matou a si mesmo metendo a espada pelo peito no terceiro mez de seu Inperio anno 71 de Christo, e 38 de sua idade. Desabafou o amor dos Portuguezes em se matarem muitos no tempo, em que se queimava o seu corpo, ceremonia barbara gentilica ainda hoje usada na Africa, e Asia, e sempre a mayor, que inventou a lealdade, amor, e capricho dos vassallos na morte de seus Principes. Entrou Aulo Vitelio em Roma, onde resuscitou as memorias

rias de Nero, apenas sepultadas, e no pôvo o odio para tirar-lhe a vida, por naõ soffrer insolencias: assim o executaraõ, passados oito mezes; com huma corda ao pescoço foi arrastado por toda Roma, depois feito em miudos pedaços, e lançado no rio Tibre no mesmo anno 71 de Christo, e 57 de sua idade. Succedeo-lhe Flavio Vespasiano, cuja modestia, affabilidade, e valor enxugou as lagrimas commûas, e serenou a tristeza de todas as Provincias; a Lusitania respirou mais, que todas, porque elle se lhe mostrou affeiçoado com especialidade sylustrando-a com obras notaveis; a primeira he o caminho desde Braga até Orense com quinze leguas de distancia sem descida, ou subida consideravel; para o fazer se rompêraõ montes, e rochedos, e das voltas, que dá, se chamou Giro, e Giresio o monte, que rodêa, que agora se chama Gerez; nelle se achou huma pedra com inscripçaõ, da qual consta o tempo, e author da obra. Junto á villa de Chaves, chamada *Aquas Flavias* em obsequio do Inperador, levantou huma excellente ponte sobre o rio Tamega; onde fixou huma pedra com larga noticia das dignidades, que teve o Inperador antes de o ser, e os nomes das povoações, que concorrêraõ para esta fábrica, que saõ *Aquas Flavias*, que ja disse era Chaves, Iteramica entre o Lima, e Minho, Tamacama Entre o Douro, e Tamega, Arobrigencia, Bibala, Celerina, Equesa Ebilocia, e Querquerna adjacentes á villa, de que só permanecem estes nomes, Limica parte de Galiza. Morreo Flavio Vespasiano em pé de hum fluxo do ventre sem querer deitar-se, dizendo que os Inperadores em pé deviaõ acabar: succedêraõ-lhe seus filhos Tito Vespasiano excellente, e Domiciano preverso. No seu tempo se dividio a Lusitania em tres Provincias, cujas cabeças eraõ Merida, Béja, e Santarem; quarenta e sinco lugares de importancia havia nellas, sinco

delles

delles Colonias Romanas, que eraõ Merida, Medellim, Béja, Norba Cesarea junto de Alcantara, e Santarem, Municipios Lisboa, Evora, Alcacere do Sal era Colonia superior á cidade de Braga, sobre vinte e quatro cidades com seus districtos, em que habitavaõ trezentos mil vizinhos; floreceo nesse tempo o Portuguez Daciano, raro Filosofo, e Poeta, e peregrinou Plinio toda a Espanha, especulando segredos da natureza. O Inperador Tito Vespasiano destruio a cidade de Jerusalem, cujo horrivel cerco, e castigo vos contaremos a seu tempo; morreo de veneno, que lhe deo seu irmaõ Flavio Domiciano no anno 83 de Christo, e 41 de idade; o preverso successor foi o primeiro, que ordenou lhe chamassem Deos nos edictos pûblicos com as palavras: *Nosso Deos, e Senhor assim o manda fazer.* Pouco lhe durou a imaginada divindade, e de pressa lhe mostraraõ que era homem, tirando-lhe a vida com huma lançada nas vrilhas no anno 98 de Christo, e 45 de sua idade. Succedeo-lhe o Velho Nerva Cocejo, que falleceo de debilidade de estomago no anno 100 de Christo, e 66 de idade; foi bom, e desejoso de acertar; a melhor obra sua foi adoptar por filho a Ulpio Trajano, Espanhol de Naçaõ, e o melhor Inperador, que teve o mundo no governo Romano: Intentou com brandura, e clemencia dominar o mundo, mas vendo que abuzavaõ muitos de huma cousa, e outra, mandou dous notaveis Capitáes Maximo, e Luso Portuguez castigar os rebeldes, o primeiro morreo em huma batalha, o segundo domou a cidade de Nisibis, destruio a de Edessa, e recolhia-se triunfante a Roma quando o Inperador mais necessitava delle para castigar os Judeos, que se levantaraõ na ilha Chipre, e degollaraõ quatrocentas, e sincoenta mil pessoas de todos os estados, e idades: foi Luso sobre elles, matou todos, os que havia em Chipre, e quasi ex-
tinctos

tinctos os deixou nas partes de Levante. Engrandeceo Trajano este Reyno com obras magnificas, feitas liberalissimamente á custa das rendas Inperiaes, sem accrescentar, nem impôr tributos; a primeira he a ponte célebre de Alcantarà sobre o Téjo, ainda hoje chamada de Trajano, outra em Chaves, se bem julgaõ muitos que ambas fôraõ edificadas á custa de muitos póvos, e que estes as dedicaraõ a Trajano, o que naõ creyo. No tempo, em que o Inperador nos era mais propicio, lembrado do Solar illustre, que lhe deo o ser, os Governadores eraõ tyrannos com tal excesso, que os Lusitanos tomaraõ as armas para se defenderem de insolencias: a Roma chegaraõ as informaçóes do caso, viciadas de sorte, que os Governadores naõ fôraõ castigados, e padecêraõ o mais cruel castigo os póvos. Mandou o Inperador quatorze Legióes a reforçar os presidios, e estas assolaraõ ás povoaçóes mais opulentas dos Lusitanos, sendo Lamego a que mais padeceo, e a que mais tinha que perder em toda a Espanha. Os muitos Portuguezes, que vinhaõ nestas quatorze Legióes, fôraõ o remedio da sua patria, intercedendo pelos seus naturaes perante os Capitães Romanos, e Governadores; na terceira Legiaõ, chamada Italica, vinhaõ dous terços de Portuguezes capitaneados por Lucio Voconio Paulo, natural de Evora, este defendeo com razóes eloquentes á patria naõ só perante os Magistrados de Espanha; mas tambem de Roma com taõ bom successo, que a cidade lhe levantou estatua com letreiro honorifico, do qual consta que era filho de Lucio Quirino Edil Questor, seis vezes Flamen, Prefeito da cohorte primeira de Lusitanos, da primeira de Vetóes; Tribuno da Legiaõ Italica: naõ só este, mas outros muitos Portuguezes nesta occasiaõ tiveraõ na Lusitania igual premio por similhante beneficio; Junia Verecunda, Sacerdotissa perpetua da cidade de

Evora,

Evora, e Portugueza, dedicou outra estatua a seu filho Cayo, Antonio Flavio Soldado da Legiaõ segunda Augustal, que por seu valor mereceo com soldo dobrado hum collar de ouro. A Quinto Cecilio Volusiano tambem de Evora levantaraõ os seus patricios estatua de bronze com o letreiro: *Foi Capitaõ do primeiro terço de Soldados Romanos, venceo seis desafios, premiaraõ-o seus Generaes com duas lanças, tres bandeiras, duas coroas civicas, huma mural, obsidionaes quatro.* Corôa civica davaõ os Romanos aos que em algum perigo soccorriaõ, ou livravaõ algum cidadaõ, ou cidade, corôa mural aos que primeiro subiaõ os muros de alguma praça escalada, ou as trincheiras dos inimigos, que cercavaõ alguma praça pertencente ao dominio Romano por amizade, vassallagem, ou feudo; corôa obsidial, ou obsidional, aos que faziaõ levantar algum cerco de praça sitiada por inimigos do Inperio; corôa castrense davaõ aos primeiros, que entravaõ nos alojamentos quando se preparavaõ exercitos. Roma teve os melhores Generaes, Capitáes, Cabos inferiores, e Soldados, porque só Roma (disse Valerio Maximo) soube inventar-lhes premios, e triunfos. Morreo Trajano, e causou a sua morte pasmo: supposta a posse, em que estava o Inperio, de que fosse violenta a dos Inperadores, morreo de repente: descobrio a navegaçaõ de toda a India, Persia, Arabia, teve noticia de todos os mares, Provincias, e Naçóes do Indostaõ, ou Graõ Mogor, e China, naõ passou a conquistar, porque lhe faltou a vida quando formava para essa fortuna a melhor idea.

FIM DA TRIGESIMA NONA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto, Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XL.

NO anno 118 do Nacimento de Christo Senhor nosso morreo Ulpio Trajano, e lhe succedeo Elio Adriano no Inperio; o qual vendo com madura consideraçaõ a impossibilidade de conservar tantas Monarquias, e Provincias, liberalmente deixou muitas com a permissaõ de elegerem quem as governasse; e para segurar o resto do Inperio usou da melhor industria, que foi pôr nas Provincias Governadores, naturaes dellas; aos Portuguezes lhos deo Andaluzes, e aos Andaluzes Portuguezes taõ justos, e moderados, que a dous delles levantaraõ estatuas os moradores de Tarragona, hum era natural de Braga, outro de Chaves; das inscripções consta que o primeiro se chamava Quinto Poncio Severo, o segundo Cayo Larecio Fusio, ambos da familia Quirina. Vinte e hum annos reinou Adriano, vinte e dous seu successor Antonino Pio; o primeiro morreo no anno 140 de Christo, e no 63 de sua idade, ambos de febre, o segundo com setenta e sinco annos; poucas memorias ha suas nestes Reynos: succedeo-lhe Marco Aurelio Antonino, em cujo governo padeceo a Espanha o primeiro castigo depois do seu descanço, porque inumeraveis gentes

da Mauritania rebelados contra o Inperio Romano entraraõ nos portos maritimos destas Provincias com tal barbaridade, que tudo o que vai desde o cabo de S. Vicente até o Douro foi visto arder, e nadar em diluvios de fogo, e sangue; Lisboa felizmente se defendeo, o Porto fez o mesmo, mas cedeo ao mayor poder, e padeceo mais nas duras condições: em fim começaraõ a marchar as Legiões Romanas; e os Africanos temerosos dellas se embarcavaõ para as suas terras, deixando na ultima miseria as nossas. Nas ruînas da cidade de Ossanova se achou a base de huma estatua, que se levantou neste tempo a hum Portuguez, chamado Lucio Quintilio Galiaõ, e da inscripçaõ consta que fôra libertador da Patria, vencendo, e destruindo nesta guerra muitas vezes os exercitos de Mauritania. Marco Aurelio morreo de veneno, que lhe deo hum Medico por ordem do filho, tendo 59 annos de idade: succedeo-lhe o filho parricida Aurelio Comodo, monstro horrivel de vicios, morreo affogado pela amiga ao tempo, em que cozia huma notavel abundancia de vinho na cama, tendo de idade 31 annos no 194 de Christo: seguio-se Elio Pertinaz, filho de hum cozinheiro; mataraõ-o os Soldados no anno 195 de Christo, e 67 de idade. Succedeolhe Didio Juliano, que só reinou sessenta e seis dias; tal foi a préssa, com que os Romanos lhe tiraraõ a vida. Seguio-se-lhe Septimio Severo, que morreo no anno 213 de Christo com 65 de idade: a este succedeo Antonino Caracala, que nas mãos de hum algoz acabou a vida com 29 annos de idade aos 219 de Christo. A mesma fortuna teve Opilio Macrino, seu successor, os Soldados o mataraõ, e a seu filho Duadomeno; tinha 54 annos, no de Christo 220. Peyor sorte foi a de Avito, ou Heliogabalo, cuja vida nos causará horror especial quando eu a contar; ninguem viveo com mais asseyo, e delicia de aro-

mas;

mas; mataraõ-o juntamente com a mãy em huma secreta, e depois de arrastado o corpo pelas ruas, e Praças de Roma foi lançado no Tibre; tinha 18 annos de idade quando morreo, no anno de 224 de Christo. Com notavel applauso do pôvo Romano foi eleito Aurelio Severo Alexandre, Principe valoroso, e pio, mas desgraçado, porque em Alemanha os seus mesmos parentes, amigos, e familiares lhe tiraraõ a vida; o mesmo fizeraõ á mãy; tinha de idade 29 annos, no de Christo 237. De todos estes Inperadores, de quem fomos vassallos, naõ consta nos fizessem damnos, e menos beneficios; algumas inscripçóes ha do seu tempo, das quaes só consta que elles reinaraõ. Succedeo no Inperio Julio Maximino, que foi pastor de ovelhas; teve o mesmo fim; os seus o mataraõ a tempo, que dormia; deste ha memorias no Reyno, em Braga huma rua, e porta do seu nome, signaes de que fôraõ obras suas, como tambem outras muitas pontes na Provincia de Entre Douro, e Minho, como se colhe de varios letreiros; perdemos muito em reinar só dous annos. Tambem naõ temos noticia de que nos fizessem favor, ou beneficio público os Inperadores, que se seguiraõ até Galieno, que fôraõ Marco Antonio Gordiano, Gordiano II., Clodio Pupieno, Celio Baldino, Gordiano III., Julio Filippe, Filippe Arabio, Decio Trajano, Cayo Vbio Trisbuniano, Emiliano, e Valeriano, todos inimigos de Christo Senhor nosso, e da sua Igreja, tyrannos perseguidores dos Catholicos, e todos mortos desastradamente pelos Soldados, parentes, e familiares no brevissimo tempo de trinta annos. No de duzentos e sessenta e nove de Christo houve aquella horrivel péste, que correo todo o mundo começando no Oriente, e caminhando para o Poente; neste Reyno ficaraõ as cidades sem moradores, e os campos sem cultura; tal foi o castigo, que o conheceo o Inpe-

 rador

rador Galieno, por açoite da maõ Divina pelas perseguições, que fazia á Igreja Catholica, e com effeito mandou suspender os Decretos, e que cessassem os martyrios, e violencias inauditas, que se executavaõ em todo o Inperio contra os Catholicos desde o tempo de Quinto Decio, horrivel demonio, ou monstro, que de homem só teve o feitio externo. Infinitos martyres povoaraõ os Ceos nestes annos, mas tambem muitos miseraveis com medo dos horriveis tormentos adoraraõ os idolos; esta disgraça entre muitos seculares padecêraõ dous Bispos, o de Merida, chamado Marcial, e o de Astorga por nome Basilides, o primeiro blasfemou de Christo em huma doença, em quanto o segundo em humas festas gentilicas fazia diligencias por escurecer a Ley Evangelica: naõ dominou os seus coraçóes tanto o medo, como a malicia; foi desamparo de Deos em castigo de culpas. Eliano, ou Lelio Diacono de Merida, varaõ piissimo, e muito douto acodio a este horrendo cancro de Apostasia, e pessimo exemplo, e conseguio se juntasse naquella memoravel Igreja hum Concilio nacional, em que se acharaõ muitos Bispos de Lusitania, e fôraõ privados da dignidade Pontifical os dous Bispos idolatras; mas elles vendo o miseravel estado, em que ficavaõ depostos, mudaraõ o semblante, fingîraõ arrependimento, e o Summo Pontifice Santo Estevaõ os mandou restituir ás suas dignidades, Igrejas, e honras; naõ obedeceo o Concilio ao Papa nesta materia, e para assim obrarem, consultaraõ a S. Cipriano, entaõ Bispo veneravel de Cartago, o qual resolveo se naõ restituissem, porque estava provado o fingimento, com que enganaraõ o Papa. Depois do golpe horrivel da peste, reinando ainda Galieno, padeceo outro igual todo o Inperio Romano, em que até os insensiveis soffrêraõ o castigo; foi este os Alemães, que desesperados das insolencias

lências dos Romanos sahiraõ como Leões a destruir, queimar, e riscar da memoria dos homens todas as antigualhas, e monumentos dos Romanos, cuja bemaventurança era que os louvassem os futuros: excedeo muito esta perseguiçaõ á dos Godos, porque estes vinhaõ conquistar para si, e para sua conveniencia, e por isso só queriaõ vencer, e naõ destruir; mas os Alemães só tinhaõ por objecto a vingança, motivo, porque nem perdoavaõ ás pedras; a nossa Lusitania padeceo com tal excesso este rayo, que apenas ha vestigios das notaveis povoações, que destruiraõ aquelles barbaros; em fim retiraraõ-se quando ja naõ tiveraõ em que empregar a ira; e o Inperador Galieno, que devia morrer de pena, se conhecesse que a causa de todas estas desordens era a sua perguiça, e incapacidade para governar o Inperio, acabou miseravelmenre a vida nas mãos dos seus mesmos Capitães em Milaõ. A Galieno succedeo Flavio Claudio, que morreo de péste, e só reinou hum anno; seguio-se Valerio Aureliano, que venceo, e triunfou da Raînha Zenobia (de que a seu tempo daremos gostosa noticia) e reinou seis annos. Foi seu successor Marco Claudio Tacito, que só gozou seis mezes o Inperio, em que lhe succedeo Annio Floriano, a quem mataraõ os parentes, passados dous annos de governo, no qual entrou Aurelio Probo, que morreo da mesma sorte com seis annos, e quatro mezes de Inperio, no qual succedeo Aurelio Caro com quasi igual disgraça: passado hum anno, foraõ seus successores Carino, e Numeriano, o primeiro foi logo morto, o segundo morreo na guerra, passado pouco tempo; a estes se seguio o infernal monstro Aulo Valerio Diocleciano, que se matou a si mesmo, tendo setenta e oito annos de idade no anno de Christo 316; de homem só teve a figura, e a empreza, que foi: *Nihil difficilius, quam bene inperare*; quer di-

zer:

zer: *Nada he mais difficil, que o governar bem.* Seguiraõ-se-lhe Constancio Valerio Maximiano, demonio igual a Diocleciano, e com empreza igual Constancio: *Virtus dum patitur vincit. A virtude vence em quanto padece.* Seguio-se-lhe Valerio Maximino, e Valerio Severo, a estes Aurelio Maxencio, e Valerio Licinio todos perseguidores horrendos da Igreja, a qual respirou no successor destes monstros o sempre memoravel, e venerando Flavio Constantino Magno, primeiro Inperador Catholico, baptizado por S. Sylvestre, fundador das primeiras Basilicas de Christandade em Roma, e do Inperio Oriental em Constantinopola, onde morreo de 65 annos, e 31 de governo no anno de Christo 337. Succedeo-lhe Flavio Julio Crispo, a quem matou Fausta; seguio-se Constantino, que deixou o Inperio dividido entre os dous filhos Constancio, e Constante, aos quaes succedêraõ Magnencio, e Decencio, a estes Juliano Apostata, e por isso peyor, que os Inperadores Gentios, e mayores tyrannos; morreo desesperado na guerra da Persia aparando na maõ o sangue das feridas, e lançando-o para o Ceo gritando blasfemo (como se ja estivesse no fogo infernal) contra nosso Senhor Jesus Christo pelo nome de Gallileo: *Venceste Gallileo, venceste.* Tinha 38 annos de idade este maldito, a quem levou o diabo no anno memoravel para o Christianismo, e Inperio de 363 de Christo: seguio-se-lhe Joviniano, que reinou sete mezes, e vinte e dous dias; logo Valentiniano, que reinou doze, a quem succedeo Valente, seu irmaõ, o primeiro, que abraçou a heregia Ariana, e morreo queimado, depois de 14 annos de Inperio. A este se seguio Flavio Graciano, Principe Christianissimo, que aos 27 annos de idade foi morto em França pelo seu Capitaõ Maximo; succederaõ-lhe Valentiniano moço, a quem mataraõ aos 27 annos de idade no de 392 de Christo;

ſto; Theodoſio, que morreo de doença dahi a tres annos com 50 de idade, Flavio Arcadio, e Flavio Honorio, que foi o ultimo, de quem fomos vaſſallos, porque nos conquiſtaraõ os Godos, Vandalos, Suevos, Selingos, e outros, que Deos eſcolheo para deſtruir o ferro do Inperio Romano, e o deixar no barro, figurado tudo nos pés da eſtatua que vio Nabuco. No reinado de Claudio, e Valeriano fóraõ martyrizadas em Portugal nove illuſtres donzellas naturaes de Norba Ceſarea, cidade populoſa deſte Reyno naquelle tempo, em que ja tinha tres ſeculos de fundaçaõ, e augmento, ſituada junto ao rio Téjo entre Alcantara, e Portalegre. Hum Alemaõ chamado Catelio conquiſtou eſta cidade, e ficou ſendo Regulo della (Regulo quer dizer Rey pequeno, ou na fraſe commua Reyzinho, e deſtes tinha tantos o Inperio Romano, como hoje tem Duques, Marquezes, e Condes a Europa, ſendo gloria eſpecial dos Romanos dominarem Reys, e Reyzinhos em grande numero), quando pois Catelio conquiſtou Norba, entre as captivas vio huma formoſiſſima chamada Calgia, a qual eſcolheo por eſpoſa; e paſſados nove mezes, eſtando elle auſente, pario nove filhas; temeo que o marido diſgoſtaſſe della vendo taõ monſtruoſo parto, mandou lançallas em hum rio, e quando veyo o marido diſſe, que tinha abortado molas, e outras immundicias. A criada, a quem fiou o ſegredo, e entregou as nove innocentes para morrerem affogadas, movida de ſuperior inpulſo as deo a criar a diverſas mulheres Catholicas em hum lugar vizinho; ellas namoradas da formoſura das meninas as mandaraõ baptizar, e lhes puzeraõ os nomes: *Genebra*, *Liberata*, *Victoria*, *Eumelia*, *Germana*, *Gemma*, *Baſilia*, *Quiteria*, *Maria*. Creſcêraõ nos annos, formoſura, religiaõ, e piedade Catholica, ſouberaõ que todas eraõ irmans gémias, o perigo a que eſtiveraõ expoſtas, e o prodigio, com que Deos as livrara,

livrara; e para o agradecerem ao Author da Graça, lhe consagr raõ toda a pureza. Passados annos, mandou o Inperador Aureliano que fossem justiçados todos os Catholicos; publicou-se o Decreto em todo o Inperio, e começou Catelio a executallo em todo o seu Dominio, ou Reynozinho; tirou devassa, e sahiraõ culpadas as nove irmans, suas filhas, mandou prendellas, e quando no seu Tribunal lhes quiz fallar com aspereza de gentio idolatra, sentio no coraçaõ tal mudança, que naõ pôde enfadar-se com ellas; mandou que as soltassem, admirado do que sentia, e da formosura, e modestia lhes perguntou quem eraõ: ao que todas com huma só voz respondêraõ, que eraõ suas filhas; mas que estimavaõ mais o serem Catholicas. Ainda naõ percebeo Catelio o enigma, antes julgou diziaõ que elle era seu pay, porque era senhor daquelle districto, costume antiquissimo na Naçaõ Portugueza chamarem os vassallos pays aos seus Reys, porque sempre estes fôraõ seus pays, e os vassallos verdadeiros amantes, e leaes filhos; e se algum o naõ foi, certamente naõ era Portuguez, nem por so hos tal devemos imaginar. Neste errado conceito respondeo Catelio que diziaõ bem, porq̃ elle havia de mostrar que era seu pay para as amparar, se ellas deixassem a Ley de Christo, e adorassem os idolos. Respondêraõ-lhe as santas donzellas que naõ eraõ filhas por serem vassallas, e subditas, mas sim porque elle as tinha gerado em sua mulher Calgia, e Deos milagrosamente as livrara da morte, a que as condemnara sua mãy. Pasmou Catelio ouvindo isto, chamou a mulher, confessou ella a verdade; sem essas averiguações lhe dizia a natureza que eraõ prendas suas: entre lagrimas de alegria as recolheo todas. Logo ouvireis o resto destas admiraveis vidas.

FIM DA QUADRAGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1759. *Com todas as licenç. necessar.*

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLI.

QUem naõ diria que este Gentio vendo-se inopinadamente na posse de nove filhas puras, formosissimas,e Catholicas,abandoava o falso culto dos idolos, convencido com os prodigios, que estava admirando, ou, quando menos,as deixava viver na Religiaõ,em que se criaraõ?Nada menos succedeo; porque assim elle, como sua mulher Calgia as violentaraõ com a mayor tyrannia, para que deixassem a Fé Catholica. Ellas vendo que seus pays eraõ os mayores verdugos, antes que commettessem os mayores absurdos,para que os viaõ dispostos,que eraõ matarem-as, se determinaraõ a deixar a casa, e patria cada huma por seu caminho, certas de que no lugar mais seguro haviaõ de achar sem fallencia o martyrio. Estava toda Espanha cheya de ministros infernaes preparados com exquisitos tormentos para enviar ao Ceo os Catholicos: apenas chegaraõ ás povoações vizinhas as sete donzellas fôraõ presas, martyrizadas, e mortas; ficaraõ só Liberata, e Quiteria, que pelos Soldados de seus pays fôraõ presas em diversos caminhos; conduzidas a sua casa, as fechou em hum quarto, dando-lhes termo para se resolverem a escolher Ley, e estado: nesta prisaõ, em que

muitos julgaõ só esteve Quiteria, fôraõ visitadas pelos Anjos, que lhes determinaraõ os montes onde haviaõ de esperar o martyrio, para o qual lhes déraõ a bençaõ, e prometteraõ assistencia. Ja neste tempo outro Regulo, chamado Germano, pertendia Quiteria para esposa, e ella aconselhada do Anjo, acompanhada de trinta Damas, e seis gentís homens (ja seus pays se intitulavaõ Reys por mercê do Inperador) fugiraõ para o monte Orial, e delle para o monte Columbino, ou Pombeiro, onde desceo Quiteria a reprehender Lenciano, Rey de Aufragia, que tinha destruido os Templos de Deos, porque lhe foi revelado o praso, que o Demonio esperava para levar ao Inferno a alma deste idolatra, o qual obstinado quiz degollar Quiteria: mas vendo-se cego, e surdo, pedio á Santa, que lhe valesse; o que ella fez com orações: e elle vendo-se milagrosamente curado, pedio o baptismo, e com elle se convertêraõ dous Bispos Valentiniano, e Marcial, que o acompanhavaõ em suas obstinações. Subio Quiteria outra vez o monte acompanhada de Lenciano, e dos Bispos a tempo, que Germano, aquelle Regulo, que a tinha pertendido namorado, agora furioso para vingar o despreso vinha com Soldados, e ordem do Rey Catelio, pay de Quiteria, para tirar-lhe a vida; assim o executou, e de hum só golpe lhe cortou a cabeça, a qual a Santa levantou do chaõ, e nas mãos (como outro S. Dionisio Areopagita) a levou até a extremidade do monte, onde hoje está a Ermida de S. Pedro, lugar, que ella muitos dias antes tinha escolhido para seu sepulcro: fôraõ juntamente com ella martyrizados os seis gentís homens; de tres sabemos os nomes, que saõ Remigio, Simplicio, e Columbano; a mesma fortuna gozaraõ as trinta Damas, o Rey Lenciano, e os dous Bispos. Consultavaõ entre si os barbaros quaes seriaõ as affrontas sacrilegas, que se haviaõ

viaõ de fazer aos ſantos cadaveres,quando o Ceo,que ja lhes poſſuia as almas , ſahio a campo para defendellos de injurias; choveraõ rayos ſobre Germano, e ſeus companheiros, que mataraõ quaſi todos, e os poucos, que eſcaparaõ furioſos , e poſſuidos de demonios ſe mataraõ todos huns aos outros. Santa Liberata, a quem chamaraõ juntamente Ontcomera , que em outro monte viveo alguns annos em penitencia, e contemplaçaõ altiſſima , morreo crucificada , o ſeu corpo ſe venéra na Sé de Siguença com a memoria de ſuas irmans , e companheiras. Reinando Diocleciano , hum parente de Catelio , chamado Ontcomero,Regulo Portuguez,ajuſtou o caſamento de ſua filha Engracia com outro Regulo , que governava em França a Provincia de Ruiſelhon ,' mandou-a ao marido com acompanhamento, e fauſto de Infanta Portugueza , ſem ſaber que ella era Catholica , e todos os da comitiva ; entraraõ na cidade de Saragoça , onde Publio Daciano com os mayores tormentos martyrizava todos os dias muitos Catholicos : foi Engracia fallar-lhe, reprehendeo-o da inſolencia, ameaçou-o com a juſtiça Divina ,' e elle nunca mais furioſo , depois de muitos, e crueis martyrios, lhe mandou tirar o coraçaõ, e o figado , eſtando ella viva; em fim acabou no ultimo tormento , que foi traſpaſſar-lhe a teſta , e cerebro com hum prégo groſſo ; fôraõ logo degollados todos os Fidalgos Portuguezes ſeus companheiros , agora mais illuſtres com as palmas , e corôas de martyres : de muitos ſe ignoraõ os nomes , e ſaõ os que ſe ſabem Lupercio , tio de Engracia , Optato , Succeſſo , Marcial , Urbano , Julio , Quintiliano , Publio , Frontaõ , Felix , Ceciliano , Evanto , Primitivo , Apodemio , Matutino , Caſſiano , Januario , Fauſto. Todos (excepto o ultimo , que eſtá ſepultado em Navarra) tem o ſeu ſepulcro em Saragoça. Deſta cidade paſſou Daciano á Luſitania, on-

de martyrizou Santa Eulalia, a quem o pôvo erradamente chama Olaya; esta no tempo dos tormentos converteo muita gente com o que prégava, e constancia, com que soffria; fôraõ seus companheiros hum nobre cidadaõ, que lhe cubrio o corpo, quando a levaraõ núa pelas rûas, e huma criada sua chamada Julia, ambos martyres no mesmo dia; o seu corpo resplandece em milagres na cidade de Oviedo, onde padeceo martyrio S. Lucrecia por ordem do mesmo Daciano, o qual passou a Evora para socegar a contenda, que entre os seus moradores, e os de Béja se tinha excitado a respeito dos districtos de ambas as cidades; em Evora começou a martyrizar S. Vicente natural, e nobre cidadaõ, ao qual ordenou subisse huma escada de pedra, no alto da qual estava hum idolo de Jupiter; o q̃ elle fez por força, e em todos os degráos ficaraõ esculpidos os seus pés, milagre, que ainda hoje existe; chegou assima, ordenaraõ-lhe que idolatrasse, e naõ o podendo conseguir, o recolhêraõ ao carcere, onde suas irmans Sabina, e Christeta lhe persuadiraõ guardasse a constancia para melhor tempo, e quizesse agora conservar a vida para seu amparo. Vicente conhecendo o perigo, a que ellas sincéramente o queriaõ expôr, condescendeo com seus rogos, fugio com ellas da prizaõ para melhor as animar; em Avila os prendêraõ todos quando ja as irmans, persuadidas por Vicente no caminho, estavaõ resolutas a morrer por Christo, fortuna, que tiveraõ logo em hum cruel martyrio, pondo-lhes as cabeças sobre pedras; e machucando-lhas com outras até Santarem pelo campo os miolos, deixaraõ os corpos no mesmo sitio, para que as aves, e féras os comessem; porém Deos, de quem estavaõ gozando com taõ especial vista suas almas, mandou huma serpente a guardallos, era de extraordinaria grandeza, habitava em huma cova vizinha, onde servia de

de eſpanto, e horror a toda a cidade, e arrabaldes. Hum Judêo incredulo deſte prodigio teve a ouſadia de ir vello; mas a ſerpente, cujo officio era guardar os ſagrados corpos, e caſtigar barbaros, apenas vio o Judêo, ſe lhe enroſcou no corpo com tal aperto, e horriveis ſilvos, que obrigou a confeſſar a Fé de Chriſto, feita a confiſſaõ o deixou, e elle agradecido foi pedir o baptiſmo, e da ſua fazenda edificou hum Templo, e nelle collocou os cadaveres dos Santos Martyres em hum decente ſepulcro, ſobre o qual muitos ſeculos foi coſtume na Eſpanha dar juramentos, e padeciaõ horroroſos caſtigos alli os que juravaõ falſo, até que o Rey D. Fernando, e D. Iſabel prohibiraõ iſto nas Leys do Toro, como tambem a próva de innocencia, trazendo nas mãos o ferro em braza. Se hoje foſſem communs eſtes prodigios, ou ſeriaõ raros os juramentos falſos, ou poucos os homens vivos, o contrario choramos. Advirto que eſte S. Vicente natural de Evora naõ he o Padroeiro de Lisboa, porque eſſe he natural de Valença, de que vos darei larga noticia. Pouco depois fôraõ martyrizados em Lisboa os Santos Veriſſimo, Maxima, e Julia irmãos, e naturaes da meſma cidade, depois de cortadas as cabeças, os lançaraõ no Téjo entre Lisboa, e Almada com pedras, que os obrigaſſem a ir ao fundo; porém o rio os reſtituio á praya, e os gentios paſmados de taõ eſtranha maravilha conſentiraõ que os Catholicos lhes deſſem ſepultura na meſma praya, onde ſe edificou o templo chamado Santos velhos, primeiro depoſito deſtes invictos martyres, cujos oſſos mudou o Rey D. Joaõ II. para o notavel Moſteiro das Commendadeiras da Ordem de S. Tiago, chamado Santos novos. Saõ padroeiros de Lisboa, e ſeus quotidianos defenſores, elles a livraraõ dos Alanos, e Suevos, quando a ferro, e fogo conſumiaõ toda Eſpanha, e cercavaõ eſta melhor povoa-

çaõ

çaõ da Europa; caſtigados com péſte levantaraõ o cerco, contentando-ſe com poucos dinheiros, que pediraõ aos moradores. Quando o Rey D. Affonſo a ganhou aos Mouros, apparecêraõ no ar os Santos Padroeiros peleijando contra os inimigos. Preſume-ſe que neſte meſmo tempo foi martyrizada neſte Reyno outra Virgem Portugueza, chamada Eufemia, ignora-ſe como, onde, e quando: e ſó ha noticia certa da invençaõ do ſeu corpo. Em huma pequena planicie nas faldas da Serra de Gerez, raya de Galliza, apaſcentava os ſeus gados huma paſtora de poucos annos; hum dia, em que eſtava aſſás deſcuidada, lançou os olhos para huma penha, e vio que por huma pequena abertura ſahia, e ſe meneava huma maõ formoſa com hum annel de ouro com pedra reſplandecente; correo á penha, ſegurou a maõ, tirou-lhe o annel, e de repente ficou muda; entrou em caſa de ſeus pays triſtiſſima, por acenos lhes deo parte do caſo, e os convidou para verem o prodigio, veyo com ella o pay, e vendo a maõ lhe reſtituio o annel, e como ſe a lingua da filha eſtiveſſe naquella maõ ſanta de penhor, fallou a paſtora no meſmo inſtante, em que ſe fez a reſtituiçaõ, diſſe com individuaçaõ o que por acenos mal ſe tinha percebido; e quando o pay eſtava mais attonito ouvio huma voz do Ceo, que lhe dizia tiraſſe daquellas penhas o corpo de Santa Eufemia, e o ſepultaſſe em huma Igreja vizinha; o que fez logo com piedade Catholica. Daqui o furtaraõ os Gallegos muitas vezes, e outras tantas fugio de Galliza o ſanto corpo para o ſeu jazigo, até que Pedro Segnino, Biſpo de Orenſe, com orações, e votos conſeguio que lá ficaſſe no anno de 1153 no governo do veneravel D. Affonſo I. O Inperador Conſtantino, depois de ſocegar as alterações de Eſpanha; querendo melhorar as couſas eſpirituaes deſta provincia, juntou Concilio em Toledo, e nelle ſe dividiraõ as Igre-

jas

jas Metropolitanas, que fôraõ Braga; e Merida na Lusitania; Toledo, Sevilha, e Tarragona no résto de Espanha; ficaraõ suffraganeos de Braga Astorga, Tui, Coimbra, Iria Flavia, Britonia, que foi junto de Caminha, ou de Valença de Caminha, Visco, Lamego, Idanha, e Orense. A Merida ficaraõ os Bispados de Béja, Lisboa, Evora, Ossonova, Caliabria, Salamanca, e Coria. Favoreceo Constantino muito estas Provincias, levantando-lhes tributos, e concedendo-lhes muitas preeminencias. Dos sinco Inperadores, que se lhe seguiraõ, naõ ha memoria alguma na Espanha, só consta que dous Sacerdotes Portuguezes padecêraõ graves perseguições nesse tempo, chamavaõ-se Ripario, e Desiderio. No tempo de Valente se achaõ monumentos de S. Damaso Papa, natural da villa de Guimarães, centro da Provincia de Entre Douro, e Minho; no anno de 378 algum descanço teve a Igreja no seu tempo, porque faltou aos hereges o favor de Valente; porém Auxencio, Bispo de Milaõ, defendia a falsa doutrina de Ario, e com ella corrompeo alguns Prelados Francezes, e Venezianos, contra os quaes convocou o nosso Portuguez S. Damaso Concilio em Roma, no qual fôraõ especiaes columnas contra Prisciliano dous Bispos deste Reyno Ursacio de Merida, e Iracio do Algarve. No anno 391 respirou a Igreja vendo no Inperador Theodosio renacidas as virtudes de Constantino, casado com Placidia, senhora Portugueza, fortuna, que muitos mezes festejou toda Espanha, mas disso apenas ha tradiçaõ fundada em huma pedra, que se descobrio ha dous seculos em Sevilha, que alguns julgaraõ ser parte de obelisco, que se erigio no campo do festejo; se he certo, foi pouco duravel, porque depressa se converteo em luto no reinado de Honorio, e entrada dos Vandalos, Alanos, Suevos, e Selingos, ultimamente

no

no Inperio dos Godos. Estes fôraõ descendentes de Mogog, filho de Nóe, primeiro povoador da ilha Escandinavia; divide-se de Alemanha, Prusia, e Livonia por hum golfo do mar sueonico, que fórma outro estreito como o de Gibraltar entre ella, e Dinamarca chamada Cimbria Cherzoneso; do Sul tem o mar gelado, do Oriente o Deocalidonico; defronte Escocia, ficando assim peninsula communicada com a terra firme pelas provincias de Tinmarquia, e Biarmia; dentro desta ilha (ou melhor diremos) peninsula, ha tres Reynos notaveis, que saõ Gotia, Suecia, e Noruega; da primeira sahiraõ os Godos bem nomeados por façanhas, e tyrannias; da segunda os Suevos, vizinhos dos Godos, e perseguidos delles até que ultimamente ficaraõ em Alemanha no Ducado de Baviera, confederados com Vandalos, Alanos, Selingos, Burgundianos, e outras Nações septemtrionaes. Os Selingos, que por Estilicon traziaõ origem dos Vandalos, sahiraõ das ribeiras do rio Tanais, e lagoa Meotis a destruir França, e habitar nella. O melhor logo.

FIM

DA QUADRAGESIMA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLII.

NAõ he juſto (diſſe o Ermitaõ) dilateis o muito, que réſta da vida do noſſo Rey D. Affonſo VI., parece melhor ſerá alternar as noticias della com a dos Reys Suevos, e Godos, e os mais, que o fôraõ ſó de Eſpanha, até o que ao preſente reina; e para vos ſer mais ſuave, eu que ſou filho, e neto de ſujeitos, que militaraõ deſde o anno de 1602, em que vos devemos ja noticias, direi neſta, e nas mais conferencias o que ouvi a taõ qualificadas teſtimunhas, cujas acçóes mereceraõ ao Conde da Ericeira eſpecial elogîo. Neſte anno pois, em que meus aſcendentes aſſentaraõ praça, governava o Conde de Schomberg a provincia do Alemtejo, porque ſe auſentou della com licença da Raînha o Marquez de Marialva, e o Conde da Torre. Foi eſpecial mercê de Deos aceitar Schomberg novamente o poſto de Meſtre de Campo General, de que tinha feito deixaçaõ pouco antes, ſentido de ſe lhe naõ cumprir o que elle capitulara com o Conde de Soure quando veyo para eſte Reyno, que fôra adiantallo ao poſto de Governador das Armas, ſahindo o Conde de Attouguia daquella occupaçaõ por qualquer accidente. Inſtancias da

Raînha o fizeraõ aceitar o posto, de que se lhe seguio agora o governo, e delle a nossa felicidade tanto mais estimavel, quanto tinha sido disgraçada a campanha deste anno, como ja ouvistes. Consistio a fortuna em que o Conde de Schomberg acautelado, e perito ordenou que incessantemente assistissem partidas, mudando-se humas a outras sobre as praças de Badajoz, Olivença, e Albuquerque; e foi taõ util este cuidado, que se desvaneceo a campanha, que D. Joaõ de Austria determinava; e o mais era a interpresa de Villa-Viçosa em huma noite, na qual lha intentava entregar o Mestre de Campo Diogo Leite de Amaral, indigno do nome Portuguez, que por dobrões vendeo juntamente com a honra aos inimigos da sua patria. Descobrio-se a traiçaõ por huma partida, que se tomou, e por outros indicios, que se manifestaraõ: mandou prendello o Conde de Schomberg, e remettido a Lisboa, depois de larga prizaõ, foi desterrado para a India. Todo o homem de juizo, que esteve na India, e em Castromarim, pasma de que se mandem degradados para estas duas terras, como se ellas fossem as ilhas de S. Thomé, do Principe, Moçambique, Caboverde, ou os portos de Sofala, Quilimane, Jambane, Sena, onde naõ ha meyo entre morrer, ou padecer. Queixa-se o Conde da Ericeira justamente de que a traiçaõ infame de Diogo Leite tivesse só este castigo leve. Na entrada do Inverno passou com licença o Conde de Schomberg a Lisboa, e ficou o General da artilharia Diniz de Mello governando a provincia. Poucos dias gosou o posto, tantas mil vezes bem merecido; porque a Raînha mandou o Conde de Misquitella para o dito governo, onde naõ fez mais do que podia fazer na sua cama em Lisboa, para onde veyo logo, e morreo, ficando outra vez governando Diniz de Mello; veyo malquisto com todos os Officiaes do exercito o

Con-

Conde, e para completar o odio univerſal, de Eſtremoz deo conta ao Rey das jornadas, que fizera naquella provincia, e dos erros, que achara nas fortificações todas, principalmente na de Eſtremoz, e Villa-Viçoſa, tudo com o fim de deſconſolar, ou criminar o Conde de Scomberg, que ſe achava no Concelho de guerra, onde ſe havia de lêr eſta relaçaõ, q̃ intentou encobrir a prudencia do Viſconde de Villa-nova; mas, naõ lhe ſendo poſſivel, a leo no Concelho, e o Conde de Schomberg, que para ſer General digno de eterna fama, e memoria baſtava ſaber-ſe vencer mil vezes cada dia, ſatisfez inteiramente ás dûvidas do Conde de Miſquitella, e acabou dizendo que as enfermidades das fortificações eraõ como as do corpo humano, que os Medicos curavaõ ſem uniformidade. Neſte meyo tempo interprendêraõ os Caſtelhanos Souzel ſem effeito, e houve alguns encontros, em que ſempre ficamos com credito, e conveniencia de preſas. Na provincia de Entre Douro, e Minho ſe juntaraõ os dous Cabos, Conde de S. Joaõ, que aſſiſtia na de Trás os montes, e tinha patente de Meſtre de Campo General em ambas as provincias, e exercicio de General da Artilharîa na de Entre Douro, Franciſco de Azevedo, ſegundo Meſtre de Campo General da meſma, com o Conde do Prado, Governador della, o qual ſahio em campanha a nove de Julho de 1662 com quatro mil Infantes pagos, quatro mil auxiliares, e mil de cavallo, ſete peças de artilharîa, bagagens, e munições em grande quantidade: ao meſmo tempo ſahio a campo o exercito de Caſtella, de que era Capitaõ General D. Diogo Carrilho, Arcebiſpo de S. Tiago, e para remedio da ſua falta de ſciencia, e experiencia Governador das Armas D. Balthaſar de Roxas Pantoja; conſtava o exercito de dezaſeis mil Infantes, dous mil de cavallo, dezaſeis peças de artilharîa, grande numero de ga-

ſtadores, carruagens, mantimentos, munições, inſtrumentos de expugnaçaõ; em fim toda a gente do exercito de excellente qualidade, porque o Marquez de Caracena tinha eſcolhido a melhor do exercito de Flandres, para paſſar a Galiza; a doze de Julho lançaraõ huma ponte de barcas junto a Lapella, e paſſaraõ a Entre Douro, e Minho, onde, depois de tomarem varios quarteis ambos os exercitos, e oſtentarem as mayores ſubtilezas, e deſtrezas militares os dous Generaes, intentaraõ os Caſtelhanos ſitiar Valença; mas aſſim eſta, como todas as acções deſta Campanha lhe impedio o noſſo exercito, peleijando todos os dias com perdas notaveis do exercito de Caſtella, que ſó nos conquiſtou o Caſtello de Lindoſo, até que com gloria immortal dos Condes de Prado, e S. Joaõ ſe retiraraõ de commum conſentimento os dous exercitos, e ceſſaraõ as hoſtilidades, conferindo o chamado Marquez de Penalva com Joaõ Nunes varios ajuſtes de paz. Na provincia de Trás os montes naõ houve couſa digna de memoria; e na Beira o Duque de Oſſuna começou hum forte em Eſcaláõ, que o Conde de Villa-flor lhe fez deixar, e depois de acabado o deixou guarnecido, e por ſeu Governador o Alferes Joaõ Rodrigues, do Terço de Bartholomeu de Azevedo, homem infame, naõ ſó indigno do nome Portuguez, mas do ſer de homem, o qual movido de promeſſas ridiculas do Duque de Oſſuna, fechou as armas de todos os Soldados da guarniçaõ, e abrio as portas aos Caſtelhanos; porém o Conde de Villa-flor como heróe Portuguez moſtrou ao Duque que para vencermos nunca ſolicitamos traidores infames: ſitiou logo o forte, e foi tal o fogo, que ſe rendeo em poucos dias o ſeu Governador D. Chriſtoval Giral, o que ſentio extraordinariamente o Duque de Oſſuna. Na Côrte ſe celebraraõ os deſpoſorios da Senhora Infante D. Catharina com

Carlos

Carlos II., Rey de Inglaterra; houve touros, que correraõ com singular destreza os Condes de Sarzedas, da Torre, e D.Joaõ de Castro. Chegou a Armada Ingleza, em que vinha o Conde da Ponte, ja Marquez de Sande, constava de quatorze náos de guerra, e sinco Sumacas, seu General Duarte de Monte Gui, Conde Sanduhic com o Titulo de Embaixador extraordinario; acompanhavaõ a Raînha D. Catharina, álem do Marquez de Sande, Embaixador extraordinario, Nuno da Cunha de Attaîde, Conde de Pontevel; D. Francisco de Mello, depois Embaixador em Olanda, e Inglaterra; Francisco Correa da Silva com mais de cem pessoas da sua familia; Duarte de Monte Gui, Primo do General, como Estribeiro mór da Raînha; D. Henrique de Zevout, Védor da Raînha Mãy de Inglaterra; Ricardo Ruxel, Bispo eleito de Portalegre, como seu Esmoler; D.Patricio, Clerigo Irlandes, com o mesmo cargo, e outras pessoas de qualidade. Feita a funçaõ da entrada, partio a Raînha a vinte e tres de Abril na fórma seguinte: Sahio da antecamera da Raînha Regente á sua maõ direita, e dous passos adiante seus irmãos o Rey D.Affonso, e o Infante D. Pedro, Officiaes da casa, Titulos, e Nobreza, descêraõ pela escada do quarto, que entaõ era da Raînha, e baixou á Sala dos Tudescos; e chegando ao topo da escada, que hia para o clàustro da Capella, se deteve a Raînha Mãy, porq̃ alli se havia de despedir da Raînha sua filha, intentou esta beijar-lhe a maõ, e a mãy o naõ consentio, abraçou-a, e lançou-lhe a bençaõ; instou a filha, para que se retirasse antes de ser necessario virar-lhe as costas, e o naõ pôde conseguir; desceo a Raînha de Inglaterra entre seus irmãos, e antes de entrar na carroça, fez á Raînha Mãy huma profunda reverencia, a que ella correspondeo com outra bençaõ, e logo virou as costas, antes que seus filhos entras-

entrassem na carroça: e entraraõ elles, hia a Raînha á maõ direita do Rey, e o Infante D. Pedro na cadeira de diante, acompanhados de toda a Nobreza, com luzidas galas, seguindo a carroça os Capitães da guarda pela Rua nova até á Sé por entre duas alas de Infantarîa; repicavaõ ao mesmo tempo os sinos todos da cidade, e toda a artilharîa dos navios, e fórtes, torres, e fortalezas disparavaõ repetidas salvas; estavaõ as ruas todas armadas, e nellas em muitos sitios differentes danças com bons instrumentos; chegaraõ á Sé pelas nove horas da manhãa, entraraõ na Capella mór com o Hymno *Te Deum laudamus*, recolheraõ-se na cortina, preferindo sempre no melhor assento a Raînha de Inglaterra; em quanto durou a Missa varios Titulos entretiveraõ no claustro da Sé os Fidalgos Inglezes, por serem de differente Religiaõ: acabada a Missa, entraraõ na carroça, e com o mesmo acompanhamento vieraõ pelo Terreiro do Paço, acharaõ neste caminho arcos triunfaes de custo, e vistosa arquictetura, feitos por ordem do Provedor dos Armazens, Contador mór, e Provedor da Alfandega; chegando á Campaînha, acharaõ aberto o muro do jardim, entrou só a carroça dos Reys, apearaõ-se os mais, sahiraõ por outra porta a huma vistosa ponte, em que estavaõ os bargantins; antes de embarcar a Raînha lhe beijaraõ todos a maõ, e querendo fazer a mesma ceremonia ao Rey, o naõ consentio em obsequio da Raînha sua irmãa; entrou esta no bargantim, levando-a o Rey pela maõ, seguio o Infante aos Reys, e depois de sentados entraraõ no mesmo bargantim a Camereira mór, Damas, e Donas de honor, o Embaixador de Inglaterra, o Estribeiro mór, e Védor Inglezes, o Marquez de Sande, Nuno da Cunha, novamente Conde de Pontevel, Francisco Correa da Silva, e D. Francisco de Mello, que eraõ as pessoas

prin-

principaes, que acompanhavaõ a Raînha a Inglaterra, os Officiaes da Casa do Rey, e os seus Gentís homens da Camera, e em diversos escaleres, e outras embarcações custosamente armadas se embarcou todo o mais acompanhamento, danças, musicos, instrumentos, timbales, e clarins; repetiraõ-se as salvas, chegou o bargantim dos Reys á Capitania da Armada Ingleza, onde acharaõ huma notavel escada, subiraõ todos os que iaõ com as pessoas Reaes, entraraõ na camera, que estava armada primorosamente, despedio-se a Raînha de seus irmãos, e lhe beijaraõ a maõ com muitas lagrimas as Damas, e Donas de honor, sendo só permittido o acompanhalla a D. Elvira Maria de Vilhena, Condessa de Pontevel, e a D. Maria de Portugal Condessa de Penalva, que sem casar morreo em Inglaterra; a Raînha acompanhou seus irmãos até o primeiro degráo da escada do navio, e por mais instancias, que lhe fizeraõ elles, para que se recolhesse, o naõ fez, senaõ depois que elles entraraõ no bargantim; em outro vieraõ as Damas, e Donas: navegou o Rey para o Paço, a Armada largou as vélas acompanhada até a barra da Côrte, musicas, e danças. Naõ pôde sahir por causa do vento contrario, senaõ no dia 25 de Abril, e nos tres, que esteve no rio, eraõ continuos os recados da Raînha Máy; e o Rey com o Infante acompanhados da Côrte, e dos melhores Musicos, e instrumentos iaõ todas as noites divertilla, cercando com os bargantins, e falúas a Capitania. Sahio com effeito, mas como os nordestes eraõ fortes, foi necessario entrarem na Bahia dos montes a 18 de Mayo, donde sahio, socegado o vento. Sentio a Raînha muito a jornada, e padeceo graves dores em hum braço. Na bahia tiveraõ principio os obsequios dos Inglezes, e todos satisfeitos do agrado, com que os recebeo, e da sua gentil disposiçaõ, celebraraõ neste desposorio a

sua

ſua fortuna, e da Graõ Bretanha, com fogos notaveis; luminarias, e ſalvas por toda a coſta. Antes de entrar em Porſtmouth aviſtaraõ ſinco fragatas, em que vinha o Duque de York, o qual reconhecendo a Capitania mandou o ſeu Secretario a pedir licença á Raînha para lhe ir beijar a maõ, ao que ella reſpondeo com geral applauſo, que qualquer dilaçaõ lhe ſeria penoſa. Sahio o Duque do ſeu navio em hum notavel bargantim com luzido acompanhamento, e viſtoſas galas; veyo eſperallo o Marquez de Sande, e os mais Fidalgos; recebeo-o a Raînha no ultimo camerote da popa, que por ſer o mais interior, era o mais proprio para a familiaridade preciſa naquella funçaõ; eſtava prevenida huma cadeira de eſpaldas á maõ eſquerda da em que a Raînha ſe ſentou, depois de fallar em pé ao Duque; porém elle ſe naõ quiz ſentar naquelle lugar; e puxando por huma cadeira raza, ſe ſentou nella: havia em pé fallado na lingua Ingleza, e ſentado continuou na Caſtelhana; depois que lhe reſpondeo a Raînha, ſe levantou, veyo beijar-lhe a maõ o Duque de Ormond, que lhe deo carta do Rey, o Conde de Cheſterfield ſeu Camereiro mór, e outros Titulos. Vinde logo.

FIM

DA QUADRAGESIMA SEGUNDA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIII.

EM toda a jornada escreveo a Raînha de Inglaterra muitas vezes a sua mãy, e teve della cartas: e constando-lhe nellas os grandes preparos, que faziaõ contra nós os Castelhanos, escreveo ao Rey seu esposo, pedindo-lhe com o mayor encarecimento quizesse mandar logo a Armada, Cavallaria, e Infantaria, que tinha destinado para nos soccorrer; e levou esta carta o seu Estribeiro mór. Em quanto porém naõ entrou em Porstmouth, todos os dias a visitou o Duque de York; e ella, accommodando-se ao estilo de Inglaterra, lhe recebia a visita no camerote, onde tinha o leito; e correspondia ás visitas pelo Conde de Pontevel D. Francisco de Mello, e Francisco Correa. Entrou a Armada em Porstmouth a 24 de Mayo; seguindo o Duque de York a Capitania, desembarcou a Raînha, levando-a pela maõ o Duque até o bargantim; acompanhou-a a Condessa de Pontevel, e a de Penalva ficou sangrada seis vezes, mas foi conduzida a terra com brevidade. Estavaõ na praya o Governador, Justiças, e mais pessoas do governo com maças douradas: entrou a Raînha em huma carroça vestida á Ingleza; e passando pelas ruas principaes, ficaraõ satisfeitos os

ſeus vaſſallos da ſua regia formoſura ; apeou-ſe nas caſas, que lhe eſtavaõ prevenidas, onde a eſperava a Condeſſa de Suſolck, ſua Camereira mór com quatro Damas, e familia inferior ; no dia ſeguinte lhe diſſe Miſſa o Milord de Aubigny, ſeu Capellaõ mór; nos dias ſeguintes mandou o Rey ſaber da Raînha, e lhe eſcreveo cartas, huma das quaes trouxe Ruy Telles de Menezes ; e a Raînha lhe reſpondeo pelo ſeu Eſtribeiro mór. No terceiro dia lhe ſobreveyo hum diffluxo na garganta, de que melhorou brevemente. Chegou o Rey a Porſtmouth a 30 de Mayo em huma carroça acompanhado de toda a Côrte : eſperava-o no patio o Marquez de Sande com todos os Portuguezes, que o Rey recebeo com notavel agrado ; ao ſubir da eſcada intentou o Principe Palatino Ruberto preceder ao Inbaixador , o qual diſſe ao Rey lhe déſſe o ſeu lugar ; a que elle reſpondeo tinha razaõ; cedeo o Principe, a quem o Embaixador ſatisfez, e elle em quanto o Rey ſe veſtio cortejou o Marquez , e os mais Portuguezes. Veſtido o Rey entrou na Camera , em que eſtava a Raînha , na cama por ordem dos Medicos; e com as mais finas expreſſões na lingua Caſtelhana lhe ſignificou o ſeu contentamento ; a que a Raînha reſpondeo taõ diſcreta , que o Rey depois no ſeu quarto diſſe a todos o muito , que vinha ſatisfeito della. Paſſou-ſe a noite em feſtas , e banquetes. No dia ſeguinte ſe levantou a Raînha ; e depois do jantar , a levou o Rey pela maõ a huma ſala , onde debaixo de hum docel eſtavaõ duas cadeiras , em que ſe ſentaraõ ambos. Leo o Secretario do Rey o inſtrumento , que o Rey havia dado ao Embaixador , e o Secretario Franciſco de Sá de Menezes o que o Embaixador deo ao Rey ; e acabada eſta ceremonia, diſſe hum Biſpo Inglez em vóz alta que aquella era a mulher , com que o Rey eſtava caſado ; e toda a Côrte preſente reſpondeo que viveſſe infinitos

finitos feculos. Levantou-fe o Rey , e levou pela maõ a Raînha ao feu quarto , onde toda a Côrte lhe beijou a maõ, e a Camereira mór , obfervando o eftilo de Inglaterra em fimilhantes actos , tirou da Raînha todas as fitas , que tinha no toucado , e veftido ; deo a primeira ao Duque de York , e as mais ás Damas, Titulos , e Senhores principaes. No dia feguinte recebeo a Raînha carta da Raînha máy do Rey , que eftava em Pariz , a que refpondeo. Paffaraõ os Reys para a quinta admiravel de Hampton-Court,pouco diftante da Côrte,e neffe meyo tempo conferio o Marquez de Sande com o Secretario do Marichal de Turena varios negocios ; e ultimamente conheceo que , por mais , que os Caftelhanos nos impediffem os foccorros de França , fó o poderiaõ confeguir até o anno feguinte. Aqui efteve a Raînha fangrada por caufa da paixaõ , que lhe caufou a noticia do que o Rey D Affonfo feu irmaõ tinha ufado com a Raînha fua máy. Paffados tres mezes nefta habitaçaõ a mais deliciofa da Europa , onde recebeo cartas de muitas Princezas da Europa, e da Raînha de França , refolveo o Rey entrar em Londres pelo agradavel rio Tamafis a dous de Septembro : as fete leguas , que difta a quinta da cidad , eftavaõ occupadas de huma , e outra parte de milicias , e gente do pôvo com luzimento taõ raro, que a Raînha conheceo a inexplicavel grandeza do Reyno, de que era fenhora , os Reys, e o Duque de York fôraõ em huma falua de extraordinaria riqueza , e arquitectura feguidos de outras , em que fôraõ os mais , que eftavaõ na quinta, excepto o Marquez de Sande , que ficou gravemente enfermo. Chegaraõ os Reys a Londres : e para fer mais goftofa a entrada , no mefmo tempo tinha chegado de França a Raînha máy. Foi a fenhora D.Catharina recebida em Londres com o mayor faufto,e jubilo jámáis vifto até aquelle tempo;por-

 que

que a todos, que a viraõ, captivou os coraçóes a sua affabilidade, e formosura. Celebrou-se o recebimento com os ritos Catholicos: houve festas notaveis, em que a Côrte da Graõ Bretanha naõ permitte a exceda outra alguma. Passados poucos dias (diz o Conde da Ericeira) sentio a Raînha os divertimentos do Rey; e começou a ser ainda mais estimada, porque todos pasmaraõ de vêr a sua prudencia, e constancia. Instaraõ os Ministros Inglezes pelo pagamento do primeiro milhaõ de dote da Rîanha, para o que tinha levado Duarte da Sylva diamantes, e outros generos, que havia de reduzir a moéda; e o Embaixador, Marquez de Sande, com notavel industria usava do patrocinio do Rey de Inglaterra, e da Raînha, como tambem da grande inclinaçaõ do Marichal de Turena, para o casamento de Madamoisela de Orleans com o nosso Rey D. Affonso, que naõ teve effeito: e o poder de Castella em França era taõ vigoroso, que Luiz XIV. mandou sahir de Ruaõ a Duarte Rodrigues Lamego, que gozava o titulo de Agente do Rey de Portugal. Melhor fortuna gozou o Conde de Miranda nas Provincias unidas, onde, depois de vencidas as mayores difficuldades, entrou em Lisboa com o Tratado de paz mais necessario, e util para este Reyno naquelle tempo, em que se via obrigado a peleijar por terra com Espanha, e por mar na Asia, e America com Olanda. Logo que partio de Lisboa a Raînha de Graõ Bretanha deo a Raînha mãy casa ao Infante D. Pedro, de que elle tomou posse a quatro de Junho; acçaõ, que tanto envenenaraõ os que prevertiaõ o genio do Rey, que os nomeados para servirem o Infante fugiaõ delle. A Raînha intentou entregar ao Rey o governo logo, e assim o mandou dizer a todos os Tribunaes pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva: porém resolveraõ era necessario separar antes da companhia do Rey

An-

Antonio de Conte, e ſeu irmaõ, e outras peſſoas indignas, que lhe aſſiſtiaõ ; o que ſe fez no dia 16 de Junho pela manhãa, e fôraõ conduzidos para a Bahia em hum navio Antonio de Conte, e ſeu irmaõ, Balthazar Rodrigues de Mattos, Joaõ de Mattos, o primeiro, que fôra moço da Guardaroupa, e o ſegundo da Eſtribeira, e Fr. Lourenço Táveira, expulſo da Religiaõ de Santo Agoſtinho, o qual fugindo das mãos da Juſtiça ſe precipitou de hum deſpenhadeiro, e ficou incapaz para ſer conduzido ao navio, de que tambem eſcapou Balthazar Rodrigues, pelas diligencias de ſeu ſogro Diogo Botelho de Sande, Tenente da Guarda. Eſtava a Raînha Regente com o Rey D. Affonſo ſeu filho na caſa do deſpacho no tempo, em que o Duque do Cadaval com o Porteiro mór Luiz de Mello, ſeu filho Manoel de Mello, e o Corregedor da Côrte Duarte Vaz Dorta Oſorio, fizeraõ eſta bem neceſſaria diligencia, que o Conde de Caſtello melhor intentou impedir; e conſtando-lhe que eſtava feita, mandou entrar na meſma caſa os Titulos, Fidalgos, Tribunaes, Senado da Camera, e Caſa dos vinte e quatro; e perante todo eſte congreſſo leo o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva hum papel em nome de todos, pedindo reverentemente ao Rey quizeſſe evitar os perigos fiſicos, e moraes da ſua vida, e ſaude: o que feito, lhe beijaraõ a maõ: elle perguntou ao Monteiro mór ſe o acto preſente fôraõ Côrtes; e dizendo-lhe com zelo, e prudencia, o que era, e o que ſe tinha obrado, concebeo grande cólera, que muitos lhe augmentaraõ para edificar a ſua fortuna ſobre as ruînas da Monarquia, que por milagre ſe conſervava; á viſta dos perigos, a que o Rey de dia, e de noite expunha a vida na companhia de gente indigna de ſe chamar Portugueza, devendo ſó cuidar em aprender a ſciencia de governar, e na reſtituiçaõ da ſua ſaude, porque

que os ſeus âchaques o tinhaõ reduzido ao miſeravel eſtado de naõ poder ſem milagre ter fructo de matrimonio. Deſta acçaõ da Raînha taõ prudente, e acertada eſperavaõ todos a paz, e ventura da Republica: mas o Rey mal aconſelhado no dia 21 de Junho ſahio do Paço em huma liteira com o Conde de Caſtello-melhor ſeu Valído, e ſe retirou para a quinta de Alcantara, para onde deo ordem o ſeguiſſem o Conde de Attouguia, e Sebaſtiaõ Ceſar: eſtes tres paſſaraõ ordens a todos os Tribunaes, Titulos, Governadores das provincias, fortalezas, e torres, para que ſó obedeceſſem ás ordens do Rey, que ja tinha tomado poſſe do governo; e aos que eſtavaõ na Côrte, para que foſſem aſſiſtir-lhe: o que ſe executou ſem fallencia alguma, porque a Raînha taõ longe eſtava de repugnar á entrega do governo, que antes o deſejava fazer de todo o coraçaõ, e unicamente ſentia o modo, com que o Rey obrava neſte ponto: e para ſe juſtificar ordenou a Manoel Pacheco de Mello que na Cruz da Eſperança eſperaſſe a Nobreza quando paſſaſſe para Alcantara, e a cada hum diſſeſſe que a Raînha lhe queria fallar antes de obedecerem á ordem do Rey: quaſi todos voltaraõ, e deo iſto cuidado ao Rey; mas brevemente ſahio delle, confeſſando-lhe todos a ſinceridade, com que a Raînha queria entregar-lhe o governo da Monarquia; o que melhor conſtou por huma carta, que ella neſſa noite lhe mandou pelo Biſpo de Targa, a que o Rey reſpondeo por D. Thomás de Noronha, Conde dos Arcos, cuja ſubſtancia era, que para bem do Reyno ſe reſolvia a governallo: o meſmo avizo fez ao Infante D. Pedro por Antonio de Miranda Henriques, e elle por D. Rodrigo de Menezes lhe reſpondeo quizeſſe tomar aquella reſoluçaõ com applauſo univerſal na companhia da Raînha; e para o acompanhar para o Paço no dia ſeguinte

pedia

pedia a S. Mageſtade licença. Nada baſtou para vencer o temor, que tinha injuſtamente concebido o Rey de que ſua mãy lhe naõ havia de entregar o governo, motivo, por que ella pelo Conde dos Arcos lhe mandou outra carta, em que lho promettia: o meſmo lhe perſuadio o Infante por ordem de ſua mãy; o meſmo o Secretario de Eſtado, a quem o Rey ordenou paſſaſſe provimento de Conſelheiros de Eſtado a varios Fidalgos; e depois de os ouvir neſta materia, e o Secretario dizer que a entrega devia ſer pûblica, e com os ſellos do Reyno, para o que eſtava prompta a Raînha, lhe deo o Rey commiſſaõ para ultimamente, ſem neceſſidade, ir ſaber iſſo della; voltou com carta, que dizia: *Muito alto, e poderoſo Principe &c. A' manhãa pelas dez horas do dia teraõ recado os Tribunaes para na ſua preſença vos entregar os ſellos, e com elles o governo deſtes voſſos Reynos, na forma que ſe coſtuma: e porque neſta materia naõ haverá duvida alguma, vos rogo queirais recolher-vos a voſſa caſa, &c.* Convencidos os que aſſiſtiaõ ao Rey, veyo eſte de Alcântara para o Paço na manhãa ſeguinte Sexta feira 23 de Junho de 1662; por conſelho dos tres principaes do governo veyo pela Côrte Real buſcar o Infante, que entrou com elle na carroça, e acompanhados de toda a Côrte chegaraõ á preſença da Raînha, que os recebeo com agradavel ſeveridade: ſentou-ſe o Rey á ſua maõ direita, o Infante á eſquerda, os Tribunaes, e Titulos nos ſeus lugares: pôs o Repoſteiro mór diante do Rey huma cadeira raza de veludo carmeſim com almofada do meſmo, e ſobre ella pôs o Secretario de Eſtado a bolſa com os ſellos Reaes, e a Raînha tomando-os em a meſma bolſa os entregou ao Rey, dizendo: *Eſtes ſaõ os ſellos, com que os Reynos de V. Mageſtade me entregaraõ o governo em virtude do teſtamento do Rey*

meu

meu Senhor, que Deos tem; entrego-os a V. Mageſtade, e o governo, que com elles recebi. Prazerá a Deos que debaixo do amparo de V. Mageſtade tenhaõ as ſelicidades, que eu deſejo. Tomou o Rey os ſellos ſem dizer palavra alguma: beijaraõ todos as mãos aos Principes, e diſſolveo-ſe o congreſſo. Mandou a Raînha dar graças pelos Conventos pelo bom ſucceſſo, com que acabou o ſeu governo: entrou vigoroſamente a cuidar na fundaçaõ das Agoſtinhas deſcalças, para o que aceitou a quinta do Conde da Ponte junto ao mar no ſitio do Grillo. Continuai a hiſtoria, que vos pertence, e baſte deſta eſte pouco do muito, que diz o Conde da Ericeira.

FIM

DA QUADRAGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1759.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIV.

NO anno de Christo Senhor nosso 416 entraraõ na Espanha, e Lusitania os Vandalos, Alanos, ou Aloens, Suevos, e Selingos: em diversos manuscriptos curiosos, que allegaõ muitas inscripções, fábricas, monumentos, e tradições antigas achei diversos motivos, que tiveraõ estas Nações para conquistar-nos. Manoel de Faría e Sousa diz que no Reynado do Inperador Honorio acclamaraõ as milicias Romanas em Inglaterra dous Inperadores, que o fôraõ de comedia; porque os mesmos, que lhe déraõ o titulo, os mataraõ ambos logo: chamava-se hum Marco, e outro Graciano, em lugar dos quaes elegêraõ a Constancio, o qual ponderando a pouca duraçaõ dos seus antecessores, e a inconstancia dos que lhe déraõ a Corôa, retirou-se para França, onde pacificamente mancommunado com varios Regulos se fez senhor da mayor parte della, e mandou Capitães a Espanha para expellirem tudo, o que pertencia a Honorio: oppozeraõ-se-lhe dous parentes delle Veriniano, e Didimo, naturaes de Placensia; porém, naõ obstante a resistencia destes nos montes Pyreneos, sempre entrou na Espanha Constante filho de Constancio com algumas Legiões de Soldados velhos, e muitas companhias de Alanos, e Suevos rebelados contra Honorio. Déraõ os Espanhóes obediencia a Constante por força, o qual pôs de guarda nos Pyreneos

os Alanos, e Suevos, para que naõ entrassem na Espanha as Nações barbaras, de que estava França toda cheya; elles que ja tinhaõ conhecido a delicia, e riqueza da Espanha, e quanto era melhor, que França naquelle tempo, apenas os barbaros chegaraõ aos Pyreneos, como eraõ das mesmas Nações, em lugar de lhe defenderem a entrada, os persuadiraõ a ella, com promessa de ser facil a conquista. Entraraõ pois todos unidos, mas governados por differentes Principes; Gunderico se intitulou Rey dos Vandalos, Hermerico Rey dos Suevos, e Resplandiano dos Alanos. Acabou-se na Espanha o Inperio dos Romanos, perecêraõ os seus monumentos, perdeo-se nos Espanhóes a melhor prenda de Roma, que era a lingua Latina, que todos fallavaõ nesse tempo sem terem outra: morreo quasi toda a gente á espada, logo de péste, e ultimamente da mais horrorosa fome, que obrigou aos pays a comerem seus filhos. A mayor perda fôraõ corpos, e reliquias de Santos; até que Pancracio, Arcebispo de Braga juntou hum Concilio, a que assistiraõ os Bispos, que andavaõ fugidos pelos matos, e determinaraõ se escondessem os corpos, e reliquias dos Santos, que tinhaõ escapado do furor dos barbaros, e ficassem as noticias dos lugares, em que se occultavaõ em segredo entre os Bispos, para depois em melhor tempo os descobrirem aos Catholicos. Os Vandalos, gente mais féra, e robusta, ficaraõ com os Selingos na Betica, os Alanos, e Suevos em Galiza, e Lusitania, na qual morto Resplandiano, succedeo Ataces, que assentou a Côrte na cidade de Merida; Hermerico Rey dos Suevos ficou com Lisboa, e o mais até o Algarve, e hum pedaço de Galiza, que hoje pertence a Portugal; Ataces com os seus Alanos conquistou á força de armas toda a Celtiberia, e Carpentania muitas vezes; veyo com as armas victoriosas sobre Lisboa, onde estava Hermerico com os Suevos; ganhou-lhe Condeixa a velha, chamada Collimbria,

bria, e fundou Munda, que hoje he a notavel cidade de Coimbra, em cujos edificios obrigou a trabalhar os Bispos, e Sacerdotes Catholicos com a mayor tyrannia, porque era herege Ariano. Veyo sobre elle Hermerico com as gentes da Provincia de Entre Douro, e Minho, e soccorros de Gunderico; porém Ataces, naõ obstantes os cuidados nos edificios de Coimbra, era taõ vigilante nos da guerra, que sem confusaõ lhe presentou batalha, e venceo com tal fortuna, que Hermerico, e os Suevos apertados pediraõ pazes; e entre as condições foi a melhor, que Hermerico dava a Ataces para mulher sua filha Cindasunda de admiravel belleza, e virtude rara: com pompa grande a levou o pay a Coimbra, onde festejáraõ as bodas com as mayores festas até esse tempo nunca vistas entre as Nações barbaras. Ataces querendo mostrar ao sogro a constante paz, que resultava deste casamento, mandou pintar nas suas bandeiras a noiva em huma torre, de huma parte hum Dragaõ verde, e da outra hum Leaõ ruivo, que eraõ as armas, e insignias do marido, e pay, de sorte, que ficava ella no meyo fazendo constante a uniaõ; os officiaes das obras para lisongearem Ataces, esculpíraõ o mesmo em muitas pedras dos edificios, e saõ hoje as armas da cidade de Coimbra. Saõ as mulheres toda a guerra, e toda a paz dos homens. Era Cindasunda Catholica Romana, e muito pia, devotissima de S. Pedro de Rates, Arcebispo que foi de Braga; era amada de Ataces com o mayor extremo, e valendo-se do amor, que lhe tinha, o abrandou de sorte, que sahíraõ da escravidaõ muitos Catholicos, Sacerdotes, e Bispos, depois de receberem della especiaes beneficios desde que tomou posse da Corôa. Poucos annos durou o socego; porque Ataces orgulhoso, e suberbo fez guerra a algumas terras, que ainda estavaõ sujeitas ao Inperio Romano; e os Romanos unidos com os Godos o vencêraõ, e matáraõ depois de varios

 lan-

lances da fortuna divertidos; porque Honorio sentindo amargamente a diminuiçaõ do Inperio no seu Reinado, dominando Constantino o melhor de França, os Godos a Narbonense, Vandalos, Suevos, Alanos, e Selingos, Espanha, nomeou para General da restauraçaõ a Constancio nobre, e valeroso Romano, o qual cercou a Constantino em Arles com tal vigor, que elle, deixadas as insignias Inperiaes, se ordenou Sacerdote; mas nada bastou para evitar o perigo, que temeo, porque o matáraõ. Buscou logo Constancio a Constante, filho de Constantino, e achou que o tinha degollado Geroncio hum dos principaes rebellados, o qual esquecido da honra, que o Inperador Honorio lhe fizera em dar-lhe o governo de Espanha, e da confiança, que Constantino depois fez delle em materia de lealdade, e honra, julgando lhe ficaria tudo o que furtasse; depois de matar Constante, acclamou por Inperador de Espanha a hum amigo seu, chamado Maximo; o que feito, caminhou para Espanha, onde achou contra si todos os Romanos, que lhe tiráraõ a vida; e Maximo, recebendo esta noticia, deixou todo o fausto Imperial, e morreo pobre, e miseravelmente. Constancio vendo-se livre destes inimigos, e com ordem de Honorio investio os Godos de França, os quaes vencidos entráraõ na Espanha, fazendo os mesmos estragos, que ja tinhaõ feito os Suevos, Vandalos, Alanos, e Selingos. Passados tempos, admittíraõ os Godos pazes com o Inperador Honorio, obrigados do valor, e fortuna de seu General Constancio; pelo contrario os Alanos fiados no poder, com que dominavaõ a mayor, e melhor parte de Portugal, continuavaõ as Conquistas, tratando as outras Nações como vassallos, ou, para melhor o dizer, captivos; isto amotinou novamente toda a Espanha, querendo cada hum defender a liberdade ao mesmo tempo, que Ataces a queria tirar a todas as Nações, assim como absoluta-

lutamente dominava os Lusitanos; e para mais livre, e desesperadamente poder cada Naçaõ defender-se, escrevèraõ ao Inperador Honorio aquella carta, célebre em todos os Escriptores, a qual dizia: *Tende, Senhor, paz com nós-outros, admitti de todos prendas; deixai-nos peleijar, que o damno he nosso, e vosso o frúcto da victoria, se vencemos. O mayor proveito, que póde trazer o tempo á vossa República he sómente o ver-nos a todos consumidos.* Começáraõ a guerra os Alanos contra os Vandalos, e Selingos; acodio Constancio, trazendo em soccorro Walia, Rey dos Godos, que residia em Catalunha: retirou-se Ataces ainda naõ vencido, mas temeroso com os Alanos, e Portuguezes para as suas terras; mas vendo-se perseguido aceitou a batalha nos campos de Merida, onde foi morto, e o seu exercito derrotado, fugindo huns para Galiza, buscando o amparo de Gunderico, pouco antes conquistado, como inimigo; outros para Lisboa, valendo-se dos Suevos. Sem Rey, nem Senhor descançáraõ algum tempo, no qual morreo Honorio: e Constancio querendo-se premiar a si pelos serviços, que tinha feito em França, e Espanha, se mandou acclamar Inperador; mas os grandes motivos de Italia o obrigáraõ a deixar o melhor, que era a guerra, e conquista de Espanha, onde os Alanos, e Portuguezes espalhados entre os Galegos, Vandalos, e Suevos começáraõ a restaurar o perdido, e fundáraõ alguns lugares de novo, sendo o principal Alanker Kana, que na lingua Alemãa quer dizer Templo dos Alanos, e hoje se chama Alanquer. Governavaõ-se sem Rey, nem Senhor, mais que os Capitães, que na guerra só os dominavaõ, e na paz reconheciaõ com certo tributo. Entretanto Hermerico, Rey dos Suevos em Lisboa, e mais terras do seu dominio, restaurava os damnos da passada guerra, tratando aos naturaes com igual benignidade, como os Suevos, de sorte, q̃ elles vendo-se sem distincçaõ amados,

dos, e favorecidos, déraõ mutuamente as filhas para casamentos, de que resultou misturarem-se de sorte em breves annos, que ja se naõ distinguiaõ Suevos de Lusitanos, nem Lusitanos, ou Portuguezes de Suevos, de modo, que seculos depois se chamou Portugal Suevia, e os seus moradores Suevosos primeiro, depois Sevosos, e Suevos. Logravaõ os Alanos sem Rey o descanso, os Suevos, ou Portuguezes com o seu grande augmento, quando Gunderico, Rey dos Vandalos em Galiza, parecendo-lhe facil o avassallar na Lusitania os Alanos, e os Selingos em Andaluzia, desbaratando primeiro ao nosso Rey Hermenerico, que entaõ dominava pedaços de Lusitania, e Galiza, por onde confinaõ com Entre Douro, e Trás os montes; quebrou a p z com os Suevos, entrou furioso pelas suas terras; porém Hermenerico, aindaque descuidado, o venceo, e castigou de tal modo, que fugio para as Ilhas Malhorca, e Minorca. Succedeo-lhe Genserico seu irmaõ de melhor juizo, e mayor fortuna; porque sabendo vinha contra Espanha hum notavel General do Inperio, se confederou com Hermenerico, Rey dos Suevos, ou Portuguezes, e com os Alanos, e Selingos, dos quaes formou tal exercito, que o General Romano, chamado Ecio, vendo-o em Merida se retirou sem peleijar; e elle passando a Africa com todas as milicias extinguio naquella parte do mundo o dominio Romano. O Inperador Valentiniano, sabendo que os Vandalos andavaõ occupados na conquista de Africa, mandou o seu General Sebastiaõ sobre os Alanos da Lusitania, o qual os venceo, tomou Merida, Lisboa, e toda a Estremadura, onde cheyo de vaidade, e esquecido da honra se fez acclamar Rey de Lusitania, com taõ máo successo, que os Vassallos novos o matáraõ, faltando-lhe á lealdade, como elle á q̃ devia ao Inperador. Recuperaraõ logo os Alanos Merida, e os Suevos Lisboa; e Hermenerico vendo-se com muitos annos, e pouca saude, deixou o governo, e mandou acclamar

Rey

Rey ſeu filho Rechila, hum dos mais bem affortunados Principes, que teve a Naçaõ Sueva. Marchava neſte tempo para Eſpanha o General Andebalo, nobre, e valoroſo Romano, a reſtaurar o que nella tinha perdido o Inperio, e Rechila juntava exercito para dilatar o ſeu Reyno, como tinha feito ſeu pay Hermenerico; mas ſabendo que vinha contra todos Andebalo com Alanos, e Suevos lhe ſahio ao encontro nas margens do rio Selingo, que depois ſe chamou Xenil. Morreo Andebalo neſta horrivel batalha, morreo a flor toda da milicia Romana, e a eſperança de ter ja mais dominio conſtante na Eſpanha. A' viſta de taõ notavel victoria ſe rendeo logo ao noſſo Rey Rechila a Andaluzia, e a cidade de Meridâ, em que havia preſidio Romano deſde que o General Sebaſtiaõ a conquiſtara, e em fim a Luſitania toda, e ficou dominando todas as povoações desde Cabo de S. Vicente até Galiza, e as provincias de Andaluzia, Cartagena, e Luſitania. Parece que de contentamento morreo Hermenerico, vendo ſeu filho Rechila taõ ditoſo; acabou em Vienna de Caminha, onde foi ſepultado. Pouco depois conheceo prudentemente Rechila a grande difficuldade, que forçoſamente padecia a conſervaçaõ de hum Reyno taõ dilatado, e que, ſendo menor, o tinha ſeguro; para iſſo deo aos Romanos Cartagena, e Carpentania, de que lhe ficaraõ obrigadiſſimos, e confederados; morreo oito annos depois de ſeu pay com a diſgraça de naõ abraçar a verdadeira Fé. Succedeo-lhe no anno de 448 ſeu filho Riciario. No principio do Reynado ſe vio perſeguido de traidores ſeus parentes, mas depreſſa os degollou a todos ſeu Valîdo Agiulfo; caſou com huma filha de Teodoredo, Rey dos Godos; e, paſſadas as bodas, entrou nos penſamentos de expulſar da Eſpanha os Romanos; com notavel exercito de Portuguezes, e Galegos aſſaltou as terras de Navarra, em que as ſuas façanhas deixaraõ terror para ſempre; á força de armas abrio

o cami-

o caminho para ir visitar em França seu sogro, o qual louvando-lhe os intentos lhe deo novos soccorros para conseguillos; com este mayor exercito conquistou Cartagena, e Carpentania, que seu pay voluntariamente déra aos Romanos; em Aragaõ tomou por assalto Saragoça, e destruio a Provincia; em Catalunha conquistou Lerida, e Saqueda; toda a riqueza de Roma em Espanha; triunfante, e rico elle, e o exercito veyo descançar na Lusitania. Morreo em França Theodoredo, Rey dos Godos, sogro do nosso Rey Deciario; succedeo-lhe seu filho Theodorico, no qual julgou o cunhado achar os mesmos soccorros para continuar a guerra contra os Romanos; porém Theodorico, que era seu amigo, naõ só lhe naõ mandou o que esperava para a conquista, mas tambem lhe pedio que se abstivesse de fazer guerra ás terras do Inperio, porque álem da amizade, que professava com elle, temia algum damno á sua Monarquia, se os Romanos entrassem em desconfiança pelo estreito parentesco de hum com outro. Deciario valoroso, e destemido julgando logo que isto era inveja dos seus augmentos, e façanhas no cunhado, respondeo-lhe: *Que, se tinha inveja das empresas, que elle gloriosamente conseguia na Espanha, o esperasse em França na sua cidade de Tolosa, onde lhe faria resistencia, se o seu poder, e animo se atrevia a tanto.* Natural de Portuguez foi a resposta; mas o Godo colerico, e soccorrido dos Reys de França, e Borgonha, sahio a campo, e na mais sanguinolenta batalha daquelle seculo venceo a Deciario; fugio este para Africa a buscar soccorro dos Vandalos, Suevos, e Alanos, que lá viviaõ: huma tempestade o fez arribar á cidade do Porto, cujos moradores infamemente o prendêraõ, e fizeraõ delle mimo ao cunhado vencedor, o qual mais féra, que homem, lhe mandou cortar a cabeça. Logo direi o que merece eterna mágoa.

FIM DA QUADRAGESIMA QUARTA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1759. *Com todas as licenç. necessar.*

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLV.

DEgollou Theodorico em ſeu cunhado Reciario toda a familia Real dos Suevos, que ſó conſiſtia na ſua vida, e degollou o Principe mais Catholico, Religioſo, e piiſſimo, zelador da honra de Deos, culto Divino, e eſtado Eccleſiaſtico. Com beneplacito do Papa S. Leaó fez celebrar hum Concilio em Celenas, lugar de Galiza, em que por ordem do meſmo Summo Pontifice preſidio Idacio, Biſpo de Lamego, e por ſeu Notario Apoſtolico o Biſpo de Aſtorga S. Toribio; acharaó-ſe nelle muitos Biſpos, e Padres veneraveis de toda a Eſpanha; fôraó condemnadas muitas hereſias, e a principal foi a de Priſciliano, que novamente corrompia o Chriſtianiſmo, e fôraó as determinaçóes do Concilio inviadas a Balconio, Arcebiſpo de Braga, para que as approvaſſe. Victorioſo appareceo Theodorico ſobre a notavel cidade de Braga; e os ſeus moradores, temendo a multidaó, ſe déraó a partidos, taó mal guardados pela fé heretica dos Godos, que foi ſaqueada a cidade, como ſe foſſe tomada por aſſalto. Deixou nella Theodorico por Governador a Agiulfo: paſſou o Douro, e ja com mais humanidade, como quem naó queria deſtruir, mas conquiſtar para ſi, cohibio a inſolencia dos Soldados, e ſe lhe rendêraó todas

as povoações, que obedeciaõ aos Reys Suevos. Alegre victorioso cuidou o recebesse a cidade de Merida, seguindo o exemplo de toda a Espanha; porém achou só nella a mayor resistencia, e jurando obstinado que havia de destruilla, lhe appareceo em sonhos Santa Eulalia, natural da dita cidade, e sua Patrona; ignora-se o que lhe disse, mas foi tal o medo do Godo herege, que levantou o cerco, e caminhou para França, deixando Governadores Godos nas Praças. Tinha feito poucas marchas o exercito, quando lhe chegou a noticia de que Agiulfo, Governador de Braga, se tinha levantado com a cidade, antiga Côrte dos Suevos, chamando-se Rey della, e delles com exercito grande; mudou Theodorico a marcha, e foi castigallo, ficou morto na batalha, e cessou com ella toda a esperança de restauraçaõ na gente Sueva, em quanto naõ padecêraõ as injustiças, e vexaçóes dos Governadores das Provincias, e cidades, que fiados na distancia, em que lhes ficava o Rey Godo, ja em França opprimiaõ com extorçóes, e roubos o melhor da Espanha. Fatigados de recuperar com as armas a liberdade, e socego, recorrêraõ ao sagrado, pediraõ aos Bispos fossem a Tolosa fallar ao Rey, e depois de lhe ponderarem a desordem, lhe pedissem elegesse elle Rey Suevo para governar estas provincias, com os tributos, e vassallagem, que fosse do seu gosto. Fez a oraçaõ Indacio, Bispo de Lamego, velho veneravel por annos, virtudes, e letras naquelle seculo; foi acompanhado de outros muitos Bispos de todas as provincias vexadas; e Theodorico, aindaque era herege Ariano, os recebeo com veneraçaõ, e modestia, filha do seu genio. Concedeo-lhes Rey, e que o nomeassem elles. Juntaraõ-se em Braga Bispos, Sacerdotes, e Seculares, e acclamaraõ Rey a Masdra, filho de Masila: porém a Nobreza sentida ou de naõ ser chamada para esta eleiçaõ, ou de naõ ser Masdra o mais illustre no conceito de todos, que desejàvaõ

o sce-

o ſceptro; acclamaraõ a Franta por Rey dos Suevos em Lugo, o qual logo ſe apoderou das terras, que eſtaõ pela coſta do mar de Galiza, cidades de Lugo, Aſtorga, Orenſe, ficando Maſdra com toda a Luſitania, chamado ſó Rey dos Suevos. Mandou eſte logo a França embaixada reconhecendo com o tributo a Theodorico por ſuperior, e rogando-lhe quizeſſe ſoccorrello para deſpojar a Franta do que injuſtamente lhe tinha uſurpado; porém o Godo conhecendo que mais ſegura tinha a vaſſallagem deſta grande Monarquia dividida em dous Reys, aceitou a homenagem de hum, e outro, que chegaraõ quaſi ao meſmo tempo, e disfarçou com benevolencias, e bons conſelhos o ſoccorro, que ſe lhe pedia. Repartido o Reyno no anno de 457, quando havia de ſer univerſal a paz, o foi a guerra entre os dous Reys, intentando cada hum dilatar o ſeu domínio; dous annos permanecêraõ na contenda, perdendo, e ganhando, que he o meſmo, que ſempre perdendo. Morreo Maſdra, ſuccedeo-lhe ſeu filho Remiſmundo, o qual fez pazes com Franta, e ambos ſe occuparaõ em conquiſtar cada hum pela ſua parte os póvos, que ainda viviaõ affectos aos Romanos, e outros, que ſe governavaõ por Capitães, ſem reconhecerem Rey algum. Pouca reſiſtencia acharaõ os dous Reys; com roubos, e tyrannias obrigaraõ a todos a reconhecellos por ſeus Principes, e pedirem pazes. Dous annos depois deſta conquiſta, e paz morreo Franta, a quem ſuccedeo Frumario, quando em Braga ſe vio nacer o monſtro memoravel de hum menino com duas cabeças em tudo ſimilhantes. Em menores fundamentos coſtumavaõ os antigos eſtabelecer prognoſticos, e agouros, ainda hoje ha innumeraveis ſuperſticioſos; que ſeria naquelle tempo, em que apenas tinhamos deixado as barbaridades do gentiliſmo antigo, e Romano. Huns julgavaõ que ſe dividiria o Inperio; outros que o mundo todo; muitos que o Reyno de

Remiſmundo; em fim o interprete foi o tempo, e o prognoſtico verdadeiro em pouco, por acaſo, como o ſaõ todos. Frumario, e Remiſmundo brevemente queſtionaraõ precedencias, e dominios; tomaraõ as armas para decidir as contendas; e os póvos de ambos os Reynos pagaraõ as cuſtas. Frumario eſcalou a cidade de Flavia, que hoje he a villa de Chaves, queimou, e deſtruio toda a Comarca, e terras vizinhas, ſem perdoar nem ás pedras. Remiſmundo fez nas cidades de Lugo, e Orenſe o meſmo; dous annos durou eſte rayo, e acabou, porque Frumario morreo: e os póvos conhecendo os damnos, que ſe lhes originavaõ todos os inſtantes de terem muitas cabeças, déraõ todos obediencia a Remiſmundo, e ficou ſendo abſoluto Rey dos Suevos. Tomou logo a cidade antiga de Coimbra, que hoje he Condeixa, onde os Romanos ſe tinhaõ fortificado; e deſtruida em caſtigo da reſiſtencia, veyo ſobre Lisboa, que lhe deo cuidado, mas brevemente o livrou de todos a prudencia de hum Cidadaõ, que ponderando o fim, que havia de ter aquella defeſa impoſſivel de ſuſtentar-ſe, abrio as portas da cidade a Remiſmundo huma noite com tanto ſegredo, que os moradores o naõ ſoubéraõ, ſenaõ quando ja era impoſſivel toda a oppoſiçaõ. Vendo-ſe Remiſmundo ſenhor de toda a Monarquia dos Suevos, cuidou em ſegurar o patrocinio dos Godos, que temia deſcontentes com a uniaõ deſtas duas corôas, quando elles fundavaõ o dominio de ambas na diviſaõ perpetua dellas; para contentar pois ao Godo Theodorico mandou Embaixadores a França com a relaçaõ das ſuas victorias, e conquiſtas, e parte grande dos deſpojos de todas; recebeo-os o Godo affavel, e benigno com tal exceſſo, que álém de approvar tudo, e confirmar-lhe o Reyno, lhe mandou ſua filha mais moça para eſpoſa com grande dote, milicias, fauſto, e jubilo dirigido tudo pelo ſeu Embaixador Salano. Fôraõ eſtas bodas infauſtas para o noſſo

Rey-

Reyno, porque a Raînha era herege Ariana; trouxe comsigo hum Bispo, ou Presbytero diabolico, ella preverteo o Rey, e o Capellaõ o pôvo, de sorte, que, sendo nós Catholicos Romanos exemplares naquelle tempo, ficamos hereges Arianos quasi todos; péste que durou cem annos nesta Monarquia, tempo, em que os Bispos, Presbyteros, e mais Ecclesiasticos, e Seculares Catholicos Romanos padecêraõ os mayores opprobrios, desterros, e mortes. Desde que entrou a heregia naõ ha quem dê mais noticia alguma verdadeira das acções ultimas de Remismundo, nem de seus successores hereges, que reinaraõ estes cem annos, e fôraõ Theodulo, Varemundo, Miro, Fharamiro, e outros que houve até Theodemiro; neste tempo veyo a Espanha Eurico Rey dos Godos com intento de a conquistar toda, começou os roubos, e destruições pela Lusitania, retirou-se rico para França, e morreo em Arles; succedeo-lhe Alarico, a quem matou Clodoveo em huma batalha, de que se seguio algum descanço para os Catholicos de Espanha, que nesse tempo celebraraõ varios Concilios, excepto na Lusitania, onde a pertinacia heretica dos Reys Suevos nunca permittio que se juntassem os Prelados; mas os Catholicos Romanos, quanto mais eraõ perseguidos, mais se multiplicavaõ. Neste mesmo tempo, que era o anno de 497 de Christo, teve principio neste Reyno de Portugal o notavel prodigio, que tantos annos admirou o mundo, era elle hum tanque de marmores bem lavrados em fórma de cruz, junto á villa de Ossel, nas margens do rio Cambra, os Catholicos o cercaraõ todo com as paredes de hum templo, no qual havia huma reliquia de Santo Estevaõ Protomartyr; todos os annos em Quinta feira santa vinha o Bispo de Ossel com todo o pôvo, que concorria de todo o Reyno, e de todo o mundo para vêr o prodigio, sentiaõ no templo hum cheiro celestial, e todos viaõ que o tanque estava seco; fechava as portas o Bis-

po,

po, e as sellava de sorte, que naõ podessem ser abertas sem se conhecer; vinha no Sabbado santo com o mesmo concurso, e todos os meninos, que tinhaõ nacido naquelle anno, para receberem o baptismo; abertas as portas apparecia o tanque, naõ só cheyo de agua, mas esta taõ levantada sobre as bórdas por modo de monte, como se naõ fosse liquida; todos offereciaõ vasilhas, que o Bispo enchia sem a agua ter a menor diminuiçaõ, isto fazia depois de a benzer com o Sagrado Chrisma, e acabada a repartiçaõ, que milagrosamente curava todos os achaques, baptizava o primeiro minino, e feito o Sacramento descia o monte de agua, e ficava ella igual com as bórdas do tanque; continuava o Bispo a administraçaõ do baptismo, e apenas acabava a do ultimo, de repente se sumia a agua toda, e ficava o tanque taõ seco, como todos em Quinta fiera santa o tinhaõ visto. Ainda hoje existem vestigios neste templo, e no meyo huns signaes do tanque, a que chamaõ banho os camponezes, mas ignorase em que anno, e como se acabou neste Reyno hum taõ notavel prodigio. Hum Capitaõ Portuguez herege duvidou do milagre, entrou no templo huma noite, e deo de comer aos cavallos no tanque, mas junto a elle perdeo a vida nessa mesma noite, despedaçando-se a si mesmo com furia diabolica. Naõ bastou este castigo pûblico para curar a incredulidade de muitos, e o principal delles foi Theodiselo, Capitaõ dos Godos, que tres vezes o veyo observar, julgando fosse alguma vilhacaria dos Catholicos Romanos; fez a ultima experiencia no anno de 549, em que foi acclamado Rey dos Godos Agila, q̃ vencido em Cordova, se retirou para algumas terras, que tinha na Lusitania, onde levantou exercito para castigar Athanagildo, Capitaõ de valor, e pensamentos taõ altos, q̃ em Sevilha se acclamou Rey de Espanha; achava-se com soccorro dos Romanos, governado por Patricio Liberio, Capitaõ estimado do Inperador Justiniano, deo-se a batalha junto

to a Sevilha, onde foi vencido Agila, que fugio para Merida, onde os seus vassallos lhe tiráraõ a vida; ficou Athanagildo com o Reyno dos Godos na parte da Lusitania, desde a boca do Téjo, até o Cabo de S. Vicente. Deste Rey querem muitos tivesse principio o appellido dos Attaides. Nas margens do rio Visella, no centro da Provincia de Entre Douro, e Minho, ha hum lugar chamado Tigilde, e junto da Villa de Canavezes outro chamado Atailde, e ambos dizem tomáraõ os nomes do Rey Athanagildo. Illustraraõ a patria neste seculo com santidade, e letras os Bispos Santos Juliano de Evora, Aprigo de Béja, Idacio de Lamego, o grande Escriptor Paulo Orosio, natural de Braga, o qual mandou Balconio, Arcebispo de Braga, a Africa consultar a Santo Agostinho, e depois á Palestina a S. Jeronymo sobre os meyos mais efficazes para se extirparem as heresias de Espanha; na Palestina achou o Presbytero Avito, natural tambem de Braga, que mandou por elle as reliquias de Santo Estevaõ, cujo corpo havia pouco tempo fôra descoberto; e no anno de 490 se acharaõ no rio Minho huns peixes nunca mais vistos, nem antes lembrados, os quaes nas escamas tinhaõ certas letras, ou cifras, que juntas diziaõ o numero do mesmo anno, mysterio até hoje incognito. Tinhaõ passado os cem annos; em que guardaõ silencio nas cousas desta provincia os historiadores della; corria o anno 560 de Christo, em que, reinando Theodemiro, respirou a Fé Catholica neste Reyno; era elle herege Ariano, mas deixou de o ser por milagre de S. Martinho; soavaõ no seu tempo os notaveis prodigios, que em França, e em todo o mundo obrava o Santo; adoeceo hum filho do Rey Theodemiro, e o Rey vendo que nenhum remedio lhe dava saude, mandou a França quatro Fidalgos com ouro, e prata em tal quantidade, como pesava o doente, e além disso outras offertas preciosas, com ordem que visitassem o sepulchro de S. Mar-

S. Martinho, Bispõ de Tours, nelle offerecessem o que levavaõ, e da sua parte promettessem ao Santo que, se dava vida, e saude ao Principe enfermo, lhe promettia seu pay o Rey Theodemiro ser Catholico Romano, e todo o Reyno; algumas melhoras teve o enfermo, e o pay instava que lhe trouxessem os Embaixadores huma reliquia do Santo, porque só tocando-lhe teria saude o filho; mas os Francezes por nenhum modo queriaõ condescender com os rogos dos Embaixadores neste ponto; até que elles cheyos de fé pedíraõ lhes permittissem pôr sobre o sepulchro do Santo toda huma noite hum véo subtilissimo, e se pela manhãa estivesse mais pezado, do que naturalmente podia ser, esta sería a reliquia para o seu Rey, que a este mesmo tempo, junto á cidade de Braga, onde era a Côrte, estava edificando hum templo dedicado a S. Martinho, que se chamou de Dume, por ser este o nome do valle, onde está o edificio. Foraõ pela manhãa os Embaixadores, Clero, e Pôvo ao sepulchro do Santo, tirou-se o véo, e estava taõ pezado que parecia de chumbo; éraõ todos louvores a Deos, e ao Santo em altas vozes; voou pela cidade a noticia do milagre, clamaraõ os prezos das cadeyas por S. Martinho, cahiraõ-lhe os grilhões, e abriraõ-se as portas. Com taes vivas e alegrias partíraõ para Espanha os Embaixadores com o véo: e Deos, que intentava premiar duas vezes a fé de Theodemiro, permittio que ao mesmo tempo, em que chegáraõ os Fidalgos com a Reliquia de S. Martinho morto, chegasse a Braga outro S. Martinho vivo. O melhor logo.

FIM DA QUADRAGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1759.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVI.

MOvido de ſuperior inpulſo ſahio de Grecia S. Martinho no meſmo dia, em que ſahiraõ de França os Embaixadores com a reliquia do outro S. Martinho; e ſendo a jornada taõ differente, todos chegaraõ ao Porto ao meſmo dia, e inſtante. Apenas entrou a náo ficou o Principe de repente ſaõ, tudo fôraõ em Braga feſtas, e alegrias, ja adorando a reliquia, ja reverenceando a S. Martinho, que prégava: em fim abjurou o Rey a hereſia, e o meſmo fez todo o Reyno com alegria ſanta. Tratou o Rey com Lucrecio, Arcebiſpo de Braga, que ſe convocaſſe Concilio para darem fórma de crer, e enſinar; juntaraõ-ſe nelle oito Biſpos, que fôraõ S. Martinho de Dume (porque o Rey Theodemiro nomeou a S. Martinho de Grecia logo Biſpo da Igreja, que tinha edificado a S. Martinho de Tours no valle de Dume), Lucencio de Coimbra, André de Iria Flavia, Cotho, Hilderico, Thimotheo, e Melioſo. Condemnaraõ novamente a hereſia Priſciliana, que ſe envolvia com a de Ario, e outras; fizeraõ-ſe Canones utiliſſimos, e reformaraõ-ſe os coſtumes deſcahidos em tantos annos de erros. Pouco depois ſe celebrou em Lugo outro Concilio, a que tambem preſidio o Arcebiſpo de Braga Lucrecio; nelle ſe determinaraõ as Dieceſes a todos os Biſpos com tanto acerto, que quan-

do depois o ſanto Rey Wamba repartio por elles a Eſpanha toda, nada alterou do que eſte Concilio havia determinado; condemnou-ſe neſte huma hereſia entaõ moderna, que negava a aſſiſtencia, e exiſtencia do corpo de Chriſto Senhor noſſo no Santiſſimo Sacramento, que ſempre eſtá expoſto na Sé de Lugo, em memoria de que nella ſe defendeo, e propugnou a verdade deſte auguſtiſſimo Myſterio. S. Martinho illuſtrou eſte Reyno com a ſua doutrina, e eſcriptos notaveis, em que a deixou, e ſe conſerva, com admiraveis obras de piedade, como foi o Convento de Monges de S. Bento, que fundou immediato á Sé, hoje extincto. No reinado de Filippe III. foi achado o corpo deſte S. Martinho pelas diligencias do Arcebiſpo de Braga D. Fr. Agoſtinho de Jeſus ou de Caſtro, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho deſte Reyno, fundador do ſeu notavel Collegio do Populo da meſma cidade. Morreo Theodemiro no anno 570 de Chriſto, e ſuccedeo-lhe ſeu filho Ariamiro, a quem S. Martinho de Tours deo ſaude, e S. Martinho de Dume o baptiſmo, e doutrina: era eſte ja Arcebiſpo de Braga, e dizem fôra o primeiro Capellaõ mór dos Reys, dignidade, que deſde entaõ ſe conſerva em Portugal. Com beneplacito do Arcebiſpo S. Martinho ſe convocou hum Concilio, e acabado elle, ſuccedeo hum notavel prodigio na Igreja de S. Martinho de Dume: entrou nella o Rey Ariamiro com os Grandes, e vendo que huma parreira, que eſtava ſobre a porta da Igreja, tinha ja muitos cachos de uvas excellentes, e maduras, movido da devoçaõ, que tinha ao Santo, que lhe deo vida, e ſaude, e ao templo; que para lha conſeguir do Santo edificara ſeu pay, diſſe: *Ninguem ſe attreva a tocar nas uvas, porque ſaõ do Senhor S. Martinho.* Ninguem ſe atreveo a iſſo, mas hum pagem do Rey, vendo todos na Igreja occupados em oraçaõ, ſubio pela vide, e lançou a maõ para colher hum cacho; apenas o fez, ſe lhe ſecou o braço; gritou, acodio o Rey, e cheyo de zelo quiz cor-

tar-lhe

tar-lhe o braço em caſtigo, impedirão-o os Grandes, entrou na Igreja com elles, pedîrão todos ao Santo remedio, e perdão para o aleijado, e apenas o pedîrão ficou são o moço, alegre o Rey, e o pôvo com o prodigio, S. Martinho temîdo, e mais venerado. Compoſtos os negocios pertencentes á Fé, tomou Ariamiro as armas contra huns póvos de França (ou como outros melhor dizem) de Navarra, chamados Rucões, e os deixou vencidos, e domados. Tinha ſuccedido no Reyno dos Godos Luiva, o qual admittio ao governo ſeu irmão Leovigildo; deixou-lhe para Reyno tudo o que elle gozava na Eſpanha,e tudo o mais,que adquiriſſe nella; e feita a doação, o deixou, e foi viver como Rey na França Narbonenſe. Juntou Leovigildo hum grande exercito, com o qual, depois de adquirir tyrannamente muito por toda a Eſpanha, entrou como herege, tyranno, e mal conſiderado a fazer em Galiza o meſmo damno, ſem que o noſſo Rey Ariamiro lhe podeſſe impedir os paſſos, porque ſe achava fiado na paz antiga ſem o menor reparo para eſta repentina guerra; valeo-ſe da manſidão, e prudencia, mandou embaixada ao Godo,lembrando-lhe a paz jurada, e eſtabelecida entre elles, ſeus pays, e avós: quiz Deos que o Godo ſe convenceo, e ſem fazer mais damnos ſe retirou; tinha elle ja neſte tempo dous filhos o primeiro Hermenigildo,de quem reza toda a Igreja a treze de Abril,e o ſegundo Recaredo;caſou o primeiro com Ingunda,filha de Sigiberto Rey de França,Princeza Catholica, a qual ajudada do Arcebiſpo de Sevilha S.Leandro converteo á Fé Catholica Romana ſeu marido, a quem o pay em dote para o caſamento tinha dado o titulo de Rey de Merida; mas apenas lhe conſtou que tinha abjurado a heregia de Ario, o privou do titulo, e do Reyno. Valeo-ſe Hermenigildo do noſſo Monarca, e do ſeu Reyno, onde juntou alguma gente para ſe defender do pay a tempo, que elle irado o vinha buſcar com florente exercito; retirou-ſe o filho com trezentos Soldados

 dos

dos escolhidos para a cidade de Offela, inexpugnavel por natureza; o que bem advertio o velho, mas raivoso mandou investir: e como o Ceo queria dar trabalhos ao filho, para ser mayor o premio, escalou o pay a cidade, prendeo Hermenigildo, e destruio tudo a tempo, que o nosso Rey marchava para soccorrer os sitiados; e a causa de naõ chegar a tempo de os livrar da morte, e estrago, foi a esperança, que tinha de soccorros de Guntaro, Rey de França, aonde tinha mandado Embaixador a pedillos. Outras vezes antes, e depois desta deo Ariamiro auxilio a hum, e outro; ao pay Leovigildo para domar filho, que fingia ser-lhe desobediente, por ser Catholico, e ao filho contra o pay por melhor informado; huma destas foi em Sevilha, onde foi taõ cruel o cerco, que para matar com sede a S. Hermenigildo, e os que o acompanhavaõ, mudou Leovigildo a corrente do rio Betis, e em fim prendeo o filho, a quem tirou a vida, que a seu tempo ouvireis com admiraçaõ. Neste cerco morreo o nosso Rey Ariamiro, talvez em castigo de ajudar o Godo; succedeo-lhe seu filho Eburico nos Estados de Portugal com poucos annos de idade, e debaixo do amparo de Leovigildo herege. Hum Fidalgo Portuguez chamado Andeca, vendo o Reyno em tutoria, se casou com a Raînha viuva, chamada Sesegunda, fingindo ser zelo da liberdade para criar Eburico sem receyos de que o privasse do Reyno o Godo; em fim depois de segurar todas as praças, prendeo o Rey Eburico, e por força o fez professar a regra de S. Bento no Mosteiro de S. Martinho de Dume; e para se livrar das armas de Leovigildo, que temia acodisse a livrar Eburico desta vexaçaõ, se confederou com o Rey de França Gunterano: mas o Godo astuto, e cheyo de justiça mandou seu filho Recaredo contra França, para que ella afflicta com nova guerra naõ podesse soccorrer ao traidor Andeca, a quem elle veyo buscar com formidavel exercito; e depois de vencido, e prezo o fez tomar o habito, professar, e ordenar-se Sacerdote no mes-

mesmo Mosteiro, onde elle tinha obrigado Eburico ao mesmo; depois o desterrou para Béja, e ajuntou o Reyno de Portugal á sua Corôa. Acabou totalmente em Eburico a Monarquia dos Suevos, q̃ entre prospera, e adversa fortuna dominou cento e oitenta annos pouco mais ou menos esta notavel provincia; no de 585 teve fim glorioso, acabando na Religiaõ de S. Bento; e no de 456 padeceo o primeiro golpe na morte de Riciario, a quem degollou o Godo Theodorico seu cunhado, como ja ouvistes. Só hum Capitaõ famoso chamado Malarico se oppôs á fortuna de Leovigildo, chamando-se Rey dos Suevos; mas logo vencido, e preso pelo exercito Godo, cedeo ao seu poder todo este Reyno, onde permanecia a Fé de Christo pura, como testimunhaõ as letras, e cruzes, que se achaõ nas campas das sepulturas desse tempo. Floreceo nelle Joaõ Abbade de Valclara, natural de Santarem, que, depois de estudar em Constantinopla, e Palestina as letras divinas, e humanas, illustrou á patria peleijando com ellas contra a heresia Ariana, pelo que Leovigildo o desterrou para Barcelona, onde fundou o Mosteiro de Valclara, e morreo Bispo de Girona, depois de escrever notaveis obras, e huma excellente Cronologia do mais digno de memoria no seu tempo. Leovigildo perseguio os Catholicos, degradou os Bispos deste Reyno, e o mesmo fez ao de Merida, chamado Nausona Portuguez; porém Santa Eulalia appareceo de noite a Leovigildo com hum azorrague na maõ, com o qual asperamente o castigou, dizendo-lhe a cada golpe: *Restitue-me o meu Bispo.* O que elle fez logo. Morreo o maldito herege Leovigildo, e succedeo-lhe seu filho Recaredo, piissimo Catholico Romano, educado pelos dous Santos Leandro, e Fulgencio; imitou as virtudes de seu irmaõ S. Hermenigildo, reedificou os templos, restituio as Igrejas aos Bispos, degradou os hereges, que as gozavaõ, e desejou convocar logo Concilio; o que naõ fez, porque Claudio, Capitaõ General da Lusitania nas poucas praças maritimas, que ainda estavaõ obedientes ao Inperio, intentou accrescentallo com as armas, porém foi vencido em Merida pelo Rey

Reca-

Recaredo, taõ pacifico, e benevolo, que conjurando-se contra elle Suna, Arcebispo herege, com varios Grandes, e Uviterico (que depois foi Rey) a ambos perdoou a vida, contentando-se com desterrar Suna, se naõ se arrependesse, e confiscar as fazendas de todos os mais, que desterrou sem condiçaõ, excepto Witerico, que revelou tudo. Gunterano, Rey de França, sabendo estas revoluções, intentou conquistar os Godos com hum exercito de setenta mil homens, o qual Recaredo venceo, e derrotou só com trezentos Soldados escolhidos, como outro Gedeaõ, victoria de que deo especiaes graças a Deos o Papa S. Gregorio, e mandou parabens, e bençãos ao Rey vencedor. Com este triunfo estabeleceo o Reyno, e pôde celebrar o Concilio, em que assistiraõ setenta e dous Bispos, a que presidio o de Braga, e foi extincta a heresia Ariana. Morreo o veneravel Rey Recaredo no anno 601 de Christo. Mil annos quasi depois da sua morte fôraõ achadas algumas moédas, que elle mandou cunhar no seu reinado, humas em Evora, e outras em Lisboa; a primeira tem o letreiro: *Ebora justus*; a segunda: *Olisbona pius*, hum, e outro perfeitos. Succedeo-lhe seu filho Liuva, contra o qual se levantou o traidor Witerico, aquelle a quem tinha perdoado Recaredo na conjuraçaõ de Suna, e no segundo anno do reinado o prendeo, e matou; sete annos gosou o Inperio dos Godos este infame traidor, no fim dos quaes teve o castigo, que lhe devia dar Recaredo, os Vassallos o prendêraõ, e arrastaraõ pelas ruas até acabar a vida. Seguio-se-lhe Gundemaro, que fez Metropolitana de toda a provincia Cartagineza a Igreja de Toledo com consentimento de muitos Bispos, sinco delles Portuguezes. Reinou menos de dous annos, e por eleiçaõ dos Bispos, e Fidalgos lhe succedeo Sisebuto, que ordenou logo se baptizassem todos os Judeos sobpena de morte; em Evora edificou muralhas, e duas torres, bateo móeda na mesma cidade com o letreiro: *Civitas Ebora, Deus adjutor meus*, e da outra parte huma cruz; ordenou que houvesse Armada no mar Oceano: morreo no anno de Christo 621: succedeo-lhe seu filho Flavio Suentila,

o qual

o qual acabou de extirpar de Portugal os poucos Romanos, que ainda nelle possuiaõ algumas terras, bateo moéda em Evora com dous letreiros, de huma parte *Suentila Rex*, da outra *Ebora victor*, depois se prevaricou este Rey com taes vicios, que elle mesmo se privou a si, e a seus filhos, e mulher do trono, fugindo mais de si, do que dos vassallos, que o aborrecêraõ por tyranno; veyo a morrer em Portugal de tristeza. Succedeo-lhe Sisenando, que naõ era seu filho, nem parente, como julgaraõ muitos; juntou Concilio de setenta e dous Bispos, o qual vendo o fructo, que resultava na ley de Sisebuto para se baptizarem os Judeos por força, determinaraõ que nunca mais se obrigasse a ninguem com violencia a receber a Fé de Christo. Morreo no anno de 635, e reinou Chintila, que só teve a corôa tres annos, nos quaes se celebraraõ dous Concilios: succedeo-lhe Tulga, Rey virtuoso, mas em dous annos, que só teve o scetro, naõ pôde mostrar o que se esperava delle; por sua morte se introduzio a reinar por força de armas o General Cindesuindo, e logo celebrou outro Concilio. Morreo no anno de 650, succedeo-lhe seu filho Recesuindo, celebraraõ-se dous Concilios no seu tempo, e foi deposto hum Bispo deste Reyno, que voluntariamente se accusou a todo o Concilio de hum peccado de miseria, que tinha commettido, pedindo que o castigassem; o que fizeraõ privando-o da dignidade; tal era a inteireza, e summo rigor com que naquelle tempo se castigava hum penitente taõ arrependido, que sem ter necessidade, nem obrigaçaõ alguma de se confessar publicamente para Deos lhe perdoar, tal era a sua dor, que publicou a sua miseria; onde naõ achou compaixaõ alguma, sem se lembrarem da paternal benevolencia, com que o Papa Santo Estevaõ perdoou a dous Bispos Apostatas, idolatras, e hum delles blasfemo deste Reyno, e os mandou restituir ás suas honras, e dignidades, só porque, sendo convencidos, fingiraõ dôr, e arrependimento da gravissima culpa a cuja vista era nada esta miseria. Juntavaõ os Reys tantos Concilios, naõ só para se determinarem as materias de Religiaõ, mas para que os Prelados, que nesse tempo eraõ os vassallos

fallos

ſallos mais poderoſos , e ſeguros lhes confirmaſſem a enveſtidura, de que ſe celebrava ceſſaõ eſpiritual, e ordinariamente era a primeira. Neſte tempo entraraõ na Eſpanha os Gaſcões, que fôraõ vencidos, e desbaratados; porém naõ conſta como, nem onde fôraõ as batalhas, e a meſma falta de noticias padecem os vinte annos ſeguintes, que finalizaraõ com a morte de Receſuindo no anno de 672. Bateo muitas moédas em Braga , Merida , e Lisboa; florecêraõ no ſeu tempo S. Fructuoſo, Arcebiſpo de Braga, e Santa Iria martyr , Senhora Portugueza, natural de Thomar, cujas admiraveis vidas ouvireis ſedo. Succedia no trono dos Godos Theodofredo , filho de Receſuindo , porém era taõ menino , e o Inperio taõ neceſſitado de hum Monarca prudente, e valoroſo, que os Grandes, Eccleſiaſticos, e ſeculares conſultaraõ o Papa, e eſte teve revelaçaõ divina , de que fez logo aviſo pelos que fôraõ levar-lhe a conſulta, dizendo: *Deos he ſervido de que Wamba ſeja Rey de Eſpanha.* Era elle lavrador , e nada conhecido, de ſorte, que os Grandes tiveraõ aſſás trabalho em buſcallo, mas em fim o acharaõ em Portugal junto á cidade de Idanha, lavrando com os ſeus boys as terras, de que ſe alimentava , e em que naſcera ; déraõ-lhe os parabens , e intentaraõ beïjar-lhe a maõ , porém elle julgando zombaria o que na verdade era vaſſallagem , e obediencia , intentou continuar a lavoira: mas inſtando-lhe os Prelados, e Titulos (que ja eraõ antigos os Condes entre os Godos) cravou na terra a aguilhada, dizendo, que quando ella lançaſſe flores de ſi elle ſeria Rey ; floreceo a aguilhada no meſmo inſtante , aceitou á viſta do milagre, foi conduzido a Toledo, onde o ungio com Sagrado Oleo o Arcebiſpo, e quando lho derramou na cabeça ſahio della hum vapor viſivel, e entre huma abelha, que ſubio, e deſappareceo; tudo prodigios, com que deo principio ao reinado entre venerações , e eſpanto. Vinde logo.

FIM DA QUADRAGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA : Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto. 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVII.

ALegre mais que nunca estava Espanha com o novo Rey VVamba, Portuguez, santo, e dado por Deos, quando os Navarros, e outros póvos vizinhos intentaraõ com as armas sacodir o jugo dos Godos; mas depressa fôraõ vencidos, e sujeitos pelo nosso Monarca Portuguez, contra quem se rebelou no mesmo tempo na cidade de Nimes na França Narbonense o Conde Hilperico. Juntou VVamba mayor exercito, e por Capitaõ delle hum valoroso Grego, chamado Paulo, taõ infame, que depois de vencer o Conde se mancómunou com elle, e com Ranosindo, Governador de Tarragona, e Heldegesio com o partido de que o acclamassem Rey de Espanha; o que fizeraõ logo, seguindo a mesma voz Catalunha, e Navarra, de sórte, que ufano, e suberbo escreveo ao santo Rey VVamba esta carta de desafio: *Flavio Paulo Suindo, Rey da parte Oriental da Espanha, a VVamba Rey da que fica para o Meyo dia: Se acabastes ja de rodear as penhas dos montes inhabitaveis, se como leaõ faminto despejaste as intricadas brenhas, se tens ja domado a ligeiresa dos corsos, se naõ ha ja vibora que naõ tenhas pizado, supplico-te (senhor dos bosques, e amigo dos penhascos) que mo digas; porque se tudo está ja vencido, e naõ te falta animo para te veres comigo, vem depressa ao alto dos montes Pyreneos, onde acharás com*

quem melhor, do que com os brutos, ter illustre guerra. Estava VVamba occupado na guerra contra os Navarros, e Biscainhos quando recebeo esta carta, que propôs logo em Concelho aos Cabos do exercito; quasi todos votaraõ, que deixassem em boa paz ao novo Rebelde: porém o santo Rey cheyo de zelo, e valor os convenceo, e fez marchar o exercito para o desafio: em sete dias subjugou Navarra toda, logo Catalunha, dividio as trópas ahi em tres corpos, que mandou entrar por differentes partes com igual fortuna, em quanto elle com a flor da gente Portugueza conquistou Barcellona. Foi logo recebido pacificamente em Girona, porque o infame Paulo tinha mandado dizer ao Bispo Amador que recebesse por seu Rey o que primeiro chegasse aos muros da cidade, certo em que havia de ser elle; chegou porém VVamba primeiro, e contando-lhe isto o Bispo, respondeo: *Paulo foi profeta da minha chegada.* Partio daqui o exercito para Colibre, que rendeo á escala, e outras praças fortes nas faldas dos Pyreneos; e passados estes, pôs cerco a Narbona, donde Paulo se tinha ausentado para Nimes; defendeo obstinadamente a praça VVitimiro, desprezando todos os partidos, que lhe offerecia a elle, e aos do seu bando o Rey santo para evitar effusaõ de sangue; foi em fim escalada valorosamente, e VVitimiro prezo com outros rebelados; em Maglona, Agate, e outras praças succedeo o mesmo; resistio Nimes ao exercito, que sobre ella mandou VVamba, mas naõ lhe podendo valer a presença, e respeito de Paulo, se rendeo; os Francezes julgaraõ que a entrega fòra idéa dos Espanhóes para evitarem a ira do Rey, se a vencesse á escala, e voltaraõ contra elles a cólera de sorte, que quando o exercito entrou na praça, e em quanto se occupou em castigar os rebeldes, se occuparaõ os Francezes em degollar Espanhóes; Paulo retirou-se para hum Amphiteatro, obra dos Romanos, e fortissima, onde esteve dous dias. Neste tempo vinha chegando á cidade VVamba com o resto do exercito; sahio-lhe ao encontro Argebato, Arcebispo

po de Narbona, sequaz do infame Paulo, vestido com todos os ornamentos Pontificaes, e postrado em terra, timido, veneravel, chorando, foi espectaculo de admiraçaõ para todo o campo; parou VVamba o cavallo para ouvillo, e elle confessando a sua culpa, e de todos, pedio perdaõ para si, e para elles; perdoou-lhe VVamba logo, e prometteo-lhe moderar aos mais o castigo. Entrou o Rey na cidade com triunfo, presentaraõ-lhe o traidor Paulo prezo, que com outros muitos se postrou diante delle; a todos perdoou a morte, e mandou ter com guardas até se determinar o castigo; deo liberdade aos Francezes, purificou os Templos profanados, e reedificou a praça. Votaraõ todos que mandasse tirar os olhos a Paulo, e aos mais traidores, ja que lhes concedia as vidas; porém elle compassivo os condemnou á vergonha do triunfo, e á prizaõ perpetua: entrou pois VVamba na cidade de Toledo levando diante os traidores com as barbas cortadas, e rapadas as cabeças, postos em camelos, Paulo no meyo delles descalço com huma corôa de pelle negra na cabeça. Em Toledo fez o Rey obras notaveis, que existem: celebrou hum Concilio, e em Braga outro; e constando-lhe que os Mouros de Africa com huma grande Armada infestavaõ as costas de Espanha, fazendo no mar, e terra damnos gravissimos, mandou contra elles exercito de gente escolhida, que os venceo em batalha campal, e lhes queimou a Armada toda. Dizem que os convidara para estas hostilidades hum Conde Grego desterrado pelos Inperadores de Constantinopla, chamado Ervigio, que fôra casado com huma sobrinha do Rey Recesuindo, por onde pertendia ser Rey dos Godos; e para estes o acclamarem, provocou os Mouros com as utilidades da guerra, segurando-lhes que VVamba estava ja muito velho, e incapaz de resistir-lhe, certo em que os Godos vendo-se invadidos dos Africanos, e o Rey incapaz para defendellos, o acclamariaõ Rey para castigar os inimigos: enganou-se porém o infame Grego, mas cego de ambiçaõ buscou outro peyor caminho para subir ao trono; deo ao

ſanto VVamba huma bebida (dizem fôra agua de eſparto); a qual lhe cauſou hum letargo profundo; fez que lhe adminiſtraſſem logo o Sacramento da Extremauncçaõ; acordou VVamba, achou-ſe ungido, por conſequencia obrigado a profeſſar a vida Religioſa em algum Moſteiro, obrigaçaõ terrivel, que naquelles ſeculos tinhaõ todos os que eſcapavaõ com vida, depois de receberem aquelle Sacramento. Com muito goſto deixou VVamba a Corôa, e Scetro do Inperio Godo pela corôa, e cogûla monacal de S. Bento no Moſteiro de Pampliega entre Burgos, e Valhadolid nas margens do rio Piſuerga, onde morreo com opiniaõ de ſanto no anno de 687. O traidor Ervigio fez logo juntar Concilio para lhe confirmarem o Reyno, e juntamente determinaraõ nelle que dalli por diante naõ foſſe obrigado a ſer Monge quem, depois de receber a Santauncçaõ, viveſſe, cremos que o pedio aſſim Ervigio temendo que outro traidor ſimilhante a elle lhe fizeſſe o meſmo, que elle acabava de fazer a VVamba, e tal foi o ſeu medo, que em pouco tempo fez celebrar mais dous Concilios, ſem mais negocios, que confirmarem eſtes dous decretos, e para mayor ſegurança caſou Cixilona ſua filha com Egica, ſobrinho de VVamba, natural de Idanha. Sete annos reinou Ervigio, e morreo no meſmo anno (alguns querem que tambem no meſmo dia) em que morreo no ſeu Moſteiro VVamba. Succedeo-lhe Egica ſeu ſobrinho, circunſtancias todas dignas de admiraçaõ, e cheyas de myſterios; a primeira acçaõ foi repudiar a filha do infame Ervigio, para que naõ reinaſſe ſangue do traidor, que depôs a ſeu tio, exemplo, que ſeguio o pôvo deſprezando todos os filhos de Ervigio, e pedindo caſtigos para elles, e todos os ſeus ſequazes; para iſſo ſe juntou Concilio, em que ſe declarou podia juſtamente caſtigar todos, os que tinhaõ concorrido para a depoſiçaõ de ſeu tio Rey VVamba; mas apenas tinha deſterrado huns, e prezo outros, ſe levantou contra elle outra mayor conjuraçaõ, de que era cabeça Seſiberto, Arcebiſpo de Toledo. Para lhe dar remedio ſe juntou Con-

cilio

cilio de ſetenta Biſpos, dos quaes dez eraõ Portuguezes, e todos fulminaraõ contra o Arcebiſpo a bem merecida ſentença de excommunhaõ, deſterro, e privaçaõ da dignidade Pontifical. Outro levantamento ſe vio logo em Galiza, de que erá cabeça o Conde Vitulo, que depreſſa foi prezo, e morto: mas Egica conſiderando prudentemente que era quaſi impoſſivel governar em paz Monarquia taõ grande, e que ſeu filho VVitiſa, neto de Ervigio, tinha idade, e talento para governar, lhe entregou os dous Reynos de Portugal, e Galiza, e o mandou nelles acclamar Rey, ficando elle com o réſto de Eſpanha, e a França Narbonenſe. Paſſou VVitiſa a Portugal, pôs a Côrte em Braga, e com inſolencias, indignas de ſe contarem, excitou taes diſcordias, que lhe foi neceſſario retirar-ſe para Galiza, até que morreo ſeu pay no anno de 701, em que tomando poſſe de todo o Inperio Godo abrio de ſorte as portas a todos os vicios, que foi o Nero de Eſpanha, e o cometa vivo, que profetiſou a ſua perda dahi a doze annos, ou treze, como querem outros. Para caſtigar eſtes horrendos inſultos ſe preparava o Infante D. Rodrigo com exercito dos mais zelozos do bem do Reyno, e tementes a Deos, quando VVitiſa para evitar eſte levantamento, por conſelho do demonio, ou do Conde D. Juliaõ, que era o meſmo, mandou derribar todas as muralhas, torres, caſtellos, e fortificaçóes de todas as cidades, e villas, de que ſó (dizem) eſcapou Braga por intervençaõ de ſeu Arcebiſpo Felix, amigo do Conde Valîdo D. Juliaõ, ſenhor de Cea, e Covilhãa, que entaõ pertenciaõ a eſte Arcebiſpado, e delle ſe chamou a ſegunda: *Cava Juliani*, porque nella (dizem) naceo Florinda, filha do Conde, a quem os Mouros chamaraõ a Cava, que quer dizer *mulher mal procedida*. Em fim D. Rodrigo ſe levantou com o Reyno, venceo ao infame VVitiſa em huma batalha, tirou-lhe os olhos, e morreo de pena; dous filhos ſeus fugîraõ para Africa, ficou D. Rodrigo ſenhor de todo o Inperio dos Godos, e o Conde D. Juliaõ no valimento. Era o Rey D. Rodrigo, filho do Infante

fante Theodofredo; e neto do Rey Cindasuindo; entrou no governo com applauso de todos, que nelle esperavaõ a resurreiçaõ da Monarquia; mas os peccados della tinhaõ provocado tanto a Divina Justiça, que Deos parece o desamparou em quanto foi Rey, porque os seus vicios, e loucuras excedêraõ as de Witisa; acabou de destruir as poucas fortificaçóes, que ainda havia, obrigado do mesmo temor de levantamento; e para evitar todo o receyo, recolheo na Côrte todas as armas dos vassallos, e reduzio-as a cinza, ordenando se désse morte violenta a todo o que dahi por diante trouxesse, ou guardasse em casa armas de qualquer especie. Tudo (dizem) lhe aconselhára o maldito Conde D. Juliaõ, o qual o persuadio o mandasse a Africa por Embaixador ao Rey Mouro Muçá, para que naõ favorecesse os filhos de VVitiza, que estavaõ na sua Côrte. Conveyo nisso o Rey, e para mandar ao Mouro hum presente notavel, abrio huma torre antiquissima, que havia junto a Toledo com innumeraveis ferrolhos, e cadeados, que nella tinhaõ posto, para que nunca se abrisse, os Reys antigos, e Cidadóes velhos, com a tradiçaõ de que se perderia Espanha quando se abrissem as portas daquella torre; julgou D. Rodrigo que nella estava o mayor thesouro do mundo, e que o agouro, e tradiçaõ eraõ como os ferrolhos, e cadeados para o guardarem mais seguro, abrio as portas, e vio dentro hum horrivel Gigante, que batendo com huma maça de ferro, ou bronze incessantemente nos dous lados de outra porta, impedia a entrada para outra casa escura; assustou-se o Rey com a primeira vista deste medonho espectaculo, fugíraõ todos os que o acompanhavaõ, porém elle que era valoroso, e intrepido, parecendo-lhe injuria da Magestade o retirar-se, investio com a espada ao Gigante; na primeira cutilada conheceo que era de bronze, chegou-se sem medo logo a elle, examinou o movimento da maça, e conheceo que tudo era artificio, que se maneava com rodas, que tinha pelas costas, as quaes moviaõ outras rodas, que estavaõ em outra

outra caſa ſubterranea, por onde corria agua com muita violencia, e com ella ſe animava eſta excellente maquina; ſuſpendeo com as mãos a maça, e puxando-a para ſi com toda a força, parou todo o movimento, porque ſe torcêraõ humas partes, e quebráraõ outras; chamou logo os Grandes, moſtrou-lhes o que temiaõ, e com elles admirados entrou na caſa eſcura, onde ſó acháraõ huma arca ſem fechadura, e dentro hum painel, em que eſtavaõ pintados muitos Mouros com diverſas armas, e humas letras antigas, que poucos conheciaõ, mas na interpretaçaõ de alguns ſignificavaõ na lingua Gotica o ſeguinte: *Quando eſta torre for aberta, huma gente, que uſar deſtes veſtidos, e armas, ha de conquiſtar toda a Eſpanha.* Temeo entaõ o Rey fortemente o agouro, recolheo o painel, fechou a torre com ferrolhos, e cadeados dobrados, julgando que com eſtas diligencias evitava as diſgraças, que vira profetizadas; e faltando-lhe as riquezas, que eſperava na torre para o preſente, o compôs do melhor que póde, e partio para Africa o Conde D. Juliaõ com elle. Chegou; receberaõ-o alegres os filhos de VVitiza, contou-lhes o agouro, com que ficava o Rey, e toda a Eſpanha pela profecia, que ſe achára na torre; conſideráraõ a Monarquia toda ſem muros, torres, armas, nem defeza alguma, exercicio, ou pericia militar, e determináraõ todos vingar a depoſiçaõ, e morte de VVitiza, convidando os Mouros para a conquiſta de Eſpanha: niſto ſe converteo o negocio da Embaixada; falláraõ todos a Muçá, o qual avizou em ſegredo todos os Reys Mouros poderoſos, e o Conde D. Juliaõ veyo a Eſpanha ſegurar falſamente ao Rey D. Rodrigo a amizade do Rey Mouro, e a morte, que havia de dar brevemente aos filhos de VVitiza; pedio o governo de Tangere, e mais praças de Africa, dizendo era lá neceſſaria a ſua aſſiſtencia para o Mouro cumprir a ſua palavra, e ſegurar o Inperio Gotico dos inimigos de Africa; levou mulher, filha, e todo o precioſo, deixando os ſeus vaſſallos promptos, e appercebidos com armas occul-

occultas para tudo o que lhes ordenasse em qualquer tempo. Quando chegou a Africa ja tinha chegado a resposta do grande Halifá, a quem se tinha consultado o caso, e com seis mil Mouros, e seis mil Godos Espanhóes seus amigos, e vassallos, que se lhe juntáraõ logo que desembarcou em Espanha, fez nella a primeira entrada, e destruiçaõ, a que occorreo o Rey D. Rodrigo pelo seu Capitaõ D. Inigo Sanches, o qual com pequeno exercito armado de pedras, aguilhadas, e páos tostados (porque naõ havia outras armas) depois de varios encontros, foi vencido por Tarif Abenzarca, General dos Mouros, e D. Juliaõ dos Godos rebelados. Todos se retiráraõ para Africa a juntar mayor exercito, em quanto D. Rodrigo despertando do letargo de seus vicios, e descuidos compunha outro, fabricando a toda a préssa armas, e levantando fortificaçóes novas. Os barbaros foraõ riquissimos, porque desde o monte de Gebel Tarif penetráraõ toda a Andaluzia, e Lusitania, e roubáraõ tudo; porque os moradores vendo-se desarmados fugíraõ para os matos, e montes, dos quaes vindo agora obrigados dos clamores; e promessas do Rey, sahíraõ com elle dez mil de cavallo, e cento e dez mil Infantes contra cem mil, ou cento e trinta mil Mouros, e trinta, ou quarenta mil Cavalleiros destes, e dos rebelados, que segunda vez tinhaõ desembarcado em Espanha. Foi o nosso primeiro alojamento junto a Xerez, e Medina Sidonia, deixando o mar livre dos barbaros para receberem soccorros; avistaraõ-se junto ao rio Guadelete os dous exercitos em hum Sabbado, primeiro dia de Septembro de setecentos e quatorze, peleijáraõ oito dias successivos, ficamos totalmente vencidos, e derrotados; fugio o Rey Rodrigo a pé em trage desconhecido, e em oito mezes conquistáraõ os Mouros todo este grande Inperio. Para o melhor da historia vos convido logo.

FIM DA QUADRAGESIMA SETIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. Ann. 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVIII.

MUitas saõ as opiniões dos Historiadores (disse o Soldado) a respeito do motivo, e modo, com que o Conde D. Juliaõ se resolveo a entregar aos Mouros o grande Inperio dos Godos, que durou duzentos e noventa e oito annos desde o anno de 416, em que diz o P. Alvares, com os melhores Chronistas, que entráraõ na Espanha até o de 714, em que se acabáraõ nesta batalha; sendo D. Rodrigo o ultimo de trinta e quatro Reys, que tiveraõ, contando Theodórico, que o governou 16 annos, como tutor de seu neto Amalarico, a quem o entregou na idade competente. Os modernos Politicos, e escrupulosos com graves fundamentos, especialmente o sapientissimo Feijó, dizem o que agora vos contei; isto he, que só o moveo a esta vil, e infame traiçaõ o desejo de vingar a morte de Witiza, de quem fôra valído, e melhorar de fortuna seus filhos desterrados, álem do muito que lhe haviaõ de dar os Mouros. Outros, assim Espanhóes, como extranhos, dizem que o Rey D. Rodrigo se desposára com Florinda, filha do Conde D. Juliaõ, e que chegando depois a Espanha a Infante Moura Egilona, ou Eilata, formosissima, o Rey se casára com ella, e ficára sendo Florinda sua Dama com tal pena sua, e de seu pay, que logo fulminára a vingança, e para isso aconselhára a Embaixada. Dizem que apenas

nas elle chegou a Africa, procurára o Rey a Florinda para sua manceba, ao mesmo tempo, que Frandina sua mãy, e mulher do Conde desejava o Rey para seu amante, e que para o conseguir lhe mandava recados em nome da filha por Bimigota sua criada, com o fim de que alguma noite a gozasse o Rey, cuidando que era a filha; e que elle enganado com os recados, achando Florinda só, violentamente usára della, do que se queixára ao pay, que estava em Africa ao mesmo tempo, que a mãy vendo-se desprezada do Rey, ou impossivel o que a sua lascivia desejava, se queixara ao marido, dizendo que elle a pertendia. Outros dizem só que o Rey nesta ausencia do Conde violára Florinda, e que a mãy, como honrada, só consentira que ella mandasse dizer ao pay que perdêra no Paço huma pedra a mais preciosa, que tinha, e depois a achára partida, porque o Rey lhe puzera em sima o estoque, de que se seguio suspeitar o Conde a disgraça da filha, e vir logo a Espanha informar-se della, e da mulher; e sabido o caso, juntára parentes, e amigos, e os juramentára a todos para a vingança do aggravo; e logo enganando com mil fingimentos ao Rey, alcançára o governo das praças de Africa, e levára a familia, deixando a conjuraçaõ preparada. Tudo isto he novella, e crassa mentira, ou o parece; eu creyo com muitos, que amaõ a verdade, que o Conde era de genio pessimo, orgulhoso, e má consciencia: foi valído de *Witiza*, que só cuidava em vicios, e divertimentos, e o Conde governava tudo absolutamente; morto este, aindaque D. Rodrigo o ouvia, e amava, com tudo ja elle naõ era o primeiro Ministro, nem governava como antes o Reyno, porque Rodrigo tinha outro talento, e cuidado nisso, aindaque nos vicios foi mais depravado. O Conde vendo esta mudança na sua fortuna, determinou entregar a vida do Rey, e toda a Monarquia aos Mouros, para que elles lhes dessem algum destes Reynos, em que vivesse independente, e soberano: depois de conseguir a entrega, todos os Godos clamavaõ justiça sobre o

Con-

Conde, e filhos de Witiza, que vieraõ com elle; e elles para se livrarem dos opprobrios naõ só dos naturaes, mas ainda dos Mouros, publicáraõ que se tinhaõ vingado por serem honrados, porque o Rey tinha offendido a honra da sua Casa; isto ouviraõ muitos, que escrevêraõ logo naquelle tempo a perda de Espanha, e talvez fossem amigos, ou parentes do Conde: destes trasladaraõ todos os mais que escreveraõ depois; e com o que huns accrescentaraõ, pelo muito que depois ouviraõ, e outros inventaraõ, sahio a luz esta novella taõ verdadeira, como he dizer o P. Bussieres, que o Rey D. Rodrigo morrera na batalha, sendo certo o contrario que vos direi agora. O Bispo D. Servando, que assistio na batalha, diz que o nosso exercito constava de setenta mil Infantes, e vinte e tres mil de cavallo, quasi todos sem armas mais, que páos, e pedras; e que o dos Mouros, e parciaes do Conde constava de cem mil Infantes, e trinta mil de cavallo; o Rey em todos os oito dias da batalha andou sempre animando os seus em huma carruagem, como liteira, de marfim, vestido com todas as insignias Reaes, costume certo dos Reys Godos; e vendo no ultimo dia que desfalleciaõ os Cabos, e Soldados, vestio as armas brancas, e no seu cavallo, chamado Orelha, obrou notaveis proezas até que, vendo tudo perdido, se retirou para as margens do rio Guadalete, onde (para unirmos todas as opiniões dos Historiadores) despio as armas, trocou os vestidos, que trazia debaixo dellas, com os de hum pastor, o qual fugio com medo do que elle lhe contou; e tal medo, que se naõ aproveitou do cavallo do Rey, nem da corôa, que estava fixa no elmo, e era preciosa, e menos dos sapatos, que o P. Alvares diz serem preciosissimos, e que tudo isto se achára no mesmo sitio, tudo possivel; porque quem vio armas brancas, ou se vestio com ellas, por experiencia sabe que as botas de aço só cobrem o pé por sima, e o calcanhar; e só em cobrirem por sima todo o pé differem dos borzeguins de couro no feitio; a testimunha de vista he o

Bispo D. Servando, digno de toda a fé. O Rey descalço e penitente veyo parar em Merida no Convento dos Eremitas de Santo Agostinho da mesma cidade, onde o hospedou Fr. Romano, com o qual se confessou geralmente, de que resultou sahirem ambos no dia seguinte, o Rey com a Imagem de N. Senhora de Nazareth, que hoje veneramos na Pedreneira, e o P. Fr. Romano com hum cofre de Reliquias de S. Bartholomeu, e S. Brás; a Imagem tinha vindo da Palestina, e era tradiçaõ que da mesma cidade de Nazareth a trouxera hum Monge Grego no tempo, em que lá chegou a heresia, que negava o culto ás Imagens; de que vos dará noticias o Senhor Theologo. Caminharaõ o Rey, e Fr. Romano para a parte do Poente, atravessando todo este Reyno, e pararaõ no lugar da Pedreneira, fundado nas prayas mais célebres hoje do Oceano por este caso; viraõ o célebre monte, que admiramos naquelle sitio de Norte a Sul no meyo do areal, com muito trabalho subiraõ ao alto, e nelle acharaõ huma pequena Ermida com Altar, nelle hum Crucifixo de relêvo, e no pavimento huma sepultura sem epitafio; pasmados de acharem cousa taõ estranha naquella solidaõ, escolheo o Rey a Ermida para fazer penitencia, e nella ficou com o cofre das Reliquias; Fr. Romano com a Imagem da Senhora buscou outro sitio defronte, distante mil passos, no célebre rochedo, que fica sobre o mar eminente duzentas braças; alli entre dous penhascos achou huma gruta, que accrescentou com trabalho, e reduzio a fórma de Ermida, onde collocou a Imagem de N. Senhora, que extrahira do seu Mosteiro de Cauliana, junto a Merida, como ja ouvistes, e nella acabou a vida, que só gozou dous annos neste celestial retiro; nelles padeceo o Rey no seu notaveis perseguições do demonio, contra o qual lhe valeraõ as reliquias de S. Bartholomeu, a quem invocava; ainda hoje se vem nesses penhascos estampados pés de brutos, e de homens com tradiçaõ de que os deixaraõ assim os demonios, que lhe appareciaõ;

o mon-

o monte se chamava nesse tempo Seano, e hoje se chama Santo por causa do que digo. Antes de morrer Fr. Romano se despedio do Rey D. Rodrigo, a quem entregou hum pergaminho, no qual referia isto tudo, para que elle o deixasse com a Imagem, e Reliquias, se algum dia se resolvesse a mudar-se daquelle sitio para outro; o que elle fez logo, naõ podendo tolerar a saudade de Fr. Romano, a quem sepultou na mesma Ermida, em que morrera; e depois de esconder entre as pedras do Altar o cofre das Reliquias com o pergaminho, se despedio da Senhora, que deixou no Altar, e caminhou para a cidade de Viseu, onde acabou a vida na Ermida de S. Miguel, no anno de 848. Cento e trinta e dous, depois que elle sahio da Pedreneira, foi achado o seu sepulchro com o epitafio: *Aqui jaz D. Rodrigo, ultimo Rey dos Godos*. Conta-se que fizera esta jornada para Viseu pelos ares, e que se enterrara vivo com huma serpente de muitas cabeças, o que tudo persuade huma pintura muito antiga sobre o seu sepulchro; porém estai certos que he fabula. No Reinado do nosso veneravel Rey D. Affonso Henriques descobrio esta Imagem de N. Senhora da Nazareth D. Fuas Roupinho, Governador da praça de Porto de Mós, o qual, caçando neste sitio hum dia, achou a Ermida, venerou a Imagem, mas naõ especulou a sua antiguidade; em outro dia no mesmo divertimento, cego com a nevoa correo atráz de hum Veado, que talvez fosse o demonio, que o conduzia para o matar naquelle precipicio, cuja altura vos referirei agora. Chegou o cavallo á ponta do rochedo de sorte, que os pés lhe ficavaõ sobre elle, e todo o mais corpo no ar, sem ser possivel naturalmente voltar para tráz; conheceo D. Fuas o perigo, clamou por N. Senhora, e achou milagrosamente virado o cavallo, deixando nas pedras, como se fosse cera, estampadas as ferraduras até agora; buscou a Ermida, deo graças á Senhora, e mandou lavrar-lhe hum Templo; quando se desfez o antigo se achou o Cofre das Reliquias, e o per-

gami-

gaminho de Fr. Romano, em que contava a ſua vinda para eſte ſitio com o Rey D. Rodrigo, e o mais até a ſua morte. Hoje ſabeis o Templo, que grandeza, e veneraçaõ goſa, nomeado em todo o mundo, e enriquecido com votos, e offertas de todo o Reyno. Vencido D. Rodrigo nas margens do rio Guadalete, entraraõ os Mouros por toda Eſpanha ſem reſiſtencia conſideravel, ſe bem alguns querem foſſe tanta, que lhes cuſtaſſe oitenta mil homens a conquiſta, couſa difficil de crer, ſendo certo que o Rey Witiza, e D. Rodrigo deſmantellaraõ as fortificaçóes todas, e extinguiraõ as armas. Merida, cabeça da Luſitania, dizem reſiſtira até que a fome os obrigou a entregarem-ſe com partidos; e que Sacarú, nobre, e valoroſo Godo, ſeu Governador, ſahira com todos os moradores, e embarcados em huma fróta de caravellas ſahira á buſcar as ilhas Fortunadas, que hoje chamaõ Canarias: ignora-ſe aonde tomaraõ porto; huns dizem que depois foraõ deſcobertos os ſeus deſcendentes em huma ilha, de que ja vos démos noticia, que tem ſete cidades, a qual deſcobrem com a viſta muitos deſde a ilha da Madeira, e ſe depois a buſcaõ navegando a naõ achaõ: vá na fé dos que o contaõ; o que eu ſei de certo, porque o ví trasladado pelo M. R. Padre Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, que foi Provincial dos Religioſos de Santo Antonio de Lisboa, natural de Torres-Vedras, e jurado por elle *in verbo Sacerdotis*, que o tinha extrahido fielmente do original, que ſe guarda no ſeu cartorio do Convento de Lisboa, he, que dous Religioſos da meſma provincia, que vinhaõ do Braſil em hum navio Portuguez com falta de agua, e alimentos, fôraõ pedir eſmola a huma ilha nunca antes viſta, nem conhecida nos Mappas, a qual lhes appareceo hum dia, em que lhes faltou o vento; ſahiraõ a terra na lancha, que foi buſcar agua, e depois de caminharem por entre hum notavel arvoredo grande eſpaço; acharaõ huma cidade pouco povoada de gente com barbas creſcidas, que fallavaõ barbaramente a lingua Portugueza; iſto,

isto, e o mais, que no dito original se póde vêr, juraraõ os Religiosos ser verdade; pelo que dou credito, que assim o viraõ; porém todos os homens de juizo, que tem lido este caso com as muitas novellas, que nelle se achaõ, assentaõ que tal ilha naõ houve, nem ha, e que de ar, ou agua a fingio o demonio nesta occasiaõ para enganar a sinceridade santa destes exemplarissimos Religiosos, e com o seu testimunho jurado estabelecer neste Reyno a heresia politica dos Sebastianistas, cujo alicerse he este pergaminho, taõ digno de riso como todos os mais fundamentos desta loucura mansa. Assim acabou o notavel Inperio dos Godos, taõ glorioso, e extenso desde Tangere em Africa, até o rio Rós em França; perda taõ consideravel, que custou a restaurar sinco mil batalhas no discurso de oitocentos annos de continuas guerras, e fadigas. Foi Galliza a redempçaõ de toda a Espanha, porque nas suas montanhas se recolhêraõ os Catholicos com D. Pelayo, primeiro Rey della depois da sua destruiçaõ, e dahi começaraõ a conquistar lentamente o que era seu. Em breves palavras vos direi o que os Reys de Oviedo, Castella, e Leaõ obraraõ neste Reyno, e continuarei depois sem confusaõ as vidas de todos desde D. Pelayo até D. Fernando, filho de Filippe V. D. Pelayo nos desanove annos, que reinou, nada possuio em Portugal, nem D. Favila; porém D. Affonso o Catholico seu cunhado conquistou Lugo, e Tui, depois Braga, Porto, Agueda, Viseo, Chaves, e foi o primeiro que teve domînio em Portugal; D. Fruela seu filho defendeo as conquistas deste Reyno, matando sessenta mil Mouros, Soldados de Abderramen, Rey de Cordova, o primeiro que se rebelou contra os Halifas em Espanha, e morreo Osmar seu filho, e Capitaõ na batalha. Venceo depois outra batalha notavel, e conquistou Setubal, e toda a Provincia do Alémtejo, que Abderramen recuperou logo. D. Aurelio nada fez neste Reyno; seu irmaõ D. Silo conquistou Merida, donde levou para S. Joaõ de Pravia o corpo de Santa Eulalia, que hoje se venéra em

Ovie-

Oviedo. Maugereto, que lhe ſuccedeo, ſó deixou neſte Rey-no a infame lembrança do tributo das cem donzellas, que ſe pagavaõ ao Rey Mouro de Cordova; Portugal, e Galliza depoſitavaõ nas Aſturias as que lhe competia. No ſeu tempo tiveraõ principio neſte Reyno as armas, e appellido de Figueiredos, Figueiroas, ou Figueiras em Goedo Anſur, que livrou ſeis donzellas deſtas, e matou os Mouros, que as conduziaõ; tres leguas fóra de Viſeo eſtá o lugar, onde dizem ſuccedêra o caſo, e ſe chama Figueiredo. D. Bermudo ſó nos livrou do tributo: D. Affonſo o Caſto ganhou Lisboa com ajuda de Carlos Magno, como querem muitos; conquiſtou Viſeo, Lamego, Coimbra, Braga, e outros lugares vizinhos do Porto, Caſtello Rodrigo, e Almeida. Martyriſaraõ os Mouros ao veneravel Eugenio, Abbade de Lorvaõ, porque ficou por fiador de hum Catholico, que naõ pagou certa divida a hum Mouro no tempo ſignalado. Eloſinda em Coimbra, e D. Thereza Xuares em Braga, accuſadas de adulterio pelos maridos, moſtraraõ a innocencia ſuſtentando a barra de ferro em braza nas mãos ſem ſe queimarem, confórme a ley civil dos Godos, ainda obſervada neſtes tempos. Eſpero logo divertir-vos com memoraveis caſos.

F I M

DA QUADRAGESIMA OITAVA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIX.

DOm Ramiro I. deixou notaveis memorias neste Reyno, onde em muitas batalhas venceo os Mouros, deixou muitas praças conquistadas, e tributarias outras; a principal conquista foi Coimbra, e Monte-mór o velho, de que fez doaçaõ com outras muitas terras ao Mosteiro de Lorvaõ, onde era Abbade o veneravel Joaõ, tio do mesmo Rey, que tinha na sua companhia o valoroso Capitaõ D. Bermudo, seu sobrinho; de cujas façanhas invejozo Garcia Annes, enjeitado a quem o veneravel Abbade tinha criado no Mosteiro com santos costumes, fugio para Cordova, e prometteo ao Rey Mouro entregar-lhe a praça de Monte-mór; e para mais segurança deixou a Ley de Christo, e se chamou na circumcisaõ Zulema; e o Rey satisfeito da sua devoçaõ a Mafoma lhe entregou o exercito para a empreza. Entretanto o Abbade com seu sobrinho D. Bermudo se occupava em castigar os dous Condes Alderedo, e Pinelo, que se tinhaõ rebelado; tirou os olhos ao primeiro, e matou o segundo com sete filhos; destruio a cidade de Viseo; cujo Alcaide ligado com outros intentava outra sublevaçaõ; e achou o sepulchro do Rey D. Rodrigo. Quando nisto mais bem occupado, chegou Zulema, e cercou Monte-mór com o exercito, apertando os sitia-

dos com fome, e assaltos. A tudo resistia valorosamente o santo Abbade com seus Monges, parentes, e vassallos, até que vendo era infallivel ou morrer de fome na praça, ou á espada fóra della, assentou na resoluçaõ mayor, que se vio no mundo, e foi degollar sua irmãa, e sobrinhos, e o mesmo a todas as mulheres, e meninos fizeraõ os outros, para que, depois de vencidos pelos Mouros, naõ gozassem elles vivas estas amaveis prendas; lançaraõ logo fogo a tudo o precioso, abriraõ as portas, e ao som de suspiros, e lagrimas, envestiraõ com tal furor os barbaros, que ficaraõ no campo setenta e seis mil mortos, álem dos muitos, que no Mondego morrêraõ affogados: o veneravel Abbade, aindaque velho, agigantado no corpo, e forças, mostrou neste dia o inimitavel esforço, com que peleijara em outro tempo; elle matou o infame arrenegado Zelema, e elle com os Monges fez o mayor estrago, que apenas cessou com a noite; e tanto que amanheceo viraõ o campo cheyo de alfayas preciosas, que os Mouros traziaõ, como quem naõ só vinha vencer, mas povoar; nada disto infundia alvoroço, lembrando a cada hum a disgraça de ter degollado as mulheres, e meninos, quando chegaraõ da villa alguns, a quem a saudade obrigou mais a hirem vêr os cadaveres, gritando, que todos os meninos, e mulheres tinhaõ resuscitado; naõ era possivel dar-lhe credito, mas todos o crêraõ logo correndo a vêr este prodigio unico, para memoria do qual todos os que fôraõ degollados ficaraõ com hum signal vermelho no pescoço, que se conservou nos seus descendentes muitos seculos, e ja me disseraõ que ainda em certa familia se conservava. O santo Abbade naõ se moveo do sitio, em que recebeo a noticia do milagre, alli edificou huma Ermida a N Senhora com o mesmo signal na garganta, e nella viveo, e morreo sem nunca ir á villa; alli lhe trouxe seu sobrinho D. Bermudo a irmãa, e sobrinhos resuscitados, e alli dando incessantemente a Deos graças, viveo muitos

annos,

annos ; depois de fallecido quizeraõ os Monges levar o ſeu corpo para o Moſteiro de Lorvaõ, mas naõ foi poſſivel movêllo : o veneravel Rey D. Affonſo Henriques, ſeu grande devoto, fez da Ermida hum Templo, e junto a elle hum Moſteiro, que deo aos Religioſos de S. Bernardo, para agradecer ao ſanto Abbade muitos prodigios, que obrara em beneficio deſte Reyno ; acabou eſta grande obra ſeu filho o Rey D. Sancho. A D. Ramiro ſuccedeo D. Ordonho, que venceo ao Rey Mouro de Cordova junto ao Têjo, ſe bem elle ficou ainda taõ ufano, que foi conquiſtar Santarem, e Leiria. Martyrizaraõ os Mouros neſtes annos a muitos Catholicos Portuguezes ; de Ciſenando natural de Béja, que eſtudava em Cordova, e de Elias velho ſabemos ſó os nomes. Seguio-ſe D. Affonſo o Magno, que, depois de muitas victorias neſte Reyno, reedificou as muralhas de Braga, Porto, Chaves, e Viſeo ; conquiſtou Salamanca, donde ſahia o Mouro de Cordova vencedor com todo o precioſo, que perdeo ás mãos do noſſo Rey, e exercito ; o meſmo fez em Viſeo, e Coimbra, que os Mouros pouco antes tinhaõ conquiſtado, de que reſultou grande paz nas Provincias de Entre Douro, e Minho, e Trás os montes, nas quaes ſe reedificaraõ muitas villas, e lugares : ſeguio-ſe-lhe ſeu filho D. Ordonho, que conquiſtou Béja com tal rigor, que ſe lhe rendêraõ todos os lugares vizinhos ; pouco depois eſcalou o Caſtello de Alhaje, a quem os Mouros julgavaõ impoſſivel de vencer, e vendo-o deſtruido, perdêraõ de ſorte o animo, que todos de Entre Téjo, e Guadiana, Algarve, e Extremadura lhe vieraõ offerecer dons, e fazer-ſe ſeus tributarios ; de que ſe arrependêraõ brevemente animados do Rey de Cordova, mas fôraõ ſegunda vez vencidos, e carregados de novos tributos : veyo o Cordovez ſoccorrellos, mas foi vencido junto a Talavera com perda de vinte e ſinco mil Mouros ; para vingar a morte deſtes cercou o Mouro depois a cidade do Porto com mayor exercito ;

foi valorosamente defendida pelo Conde Hemenigildo, e depois soccorrida pessoalmente pelo Rey D. Ordonho, que venceo em batalha os Mouros, e levou o exercito rico com os despojos dos vencidos. A este valoroso Rey succedeo D. Fruela, que foi deposto; a este os Juizes Nuno Rasura, e Lain Calvo, dos quaes naõ ha memorias no Reyno, o qual neste anno de 924 consta ser governado por Capitães Portuguezes, D. Gutterres Arias em Viseo, Hufo Hufes no Porto. Por morte de D. Fruela succedeo D. Affonso, que pôs neste Reyno por Governador em Viseo seu irmaõ D. Ramiro, que sustentou os Mouros sujeitos, e temerosos das armas Portuguezas. Neste tempo foi martyrisado em Cordova S. Pelayo, natural de Coimbra, a quem vulgarmente neste Reyno chamaõ S. Payo; contaremos a seu tempo o seu martyrio. D. Affonso tomou o habito de Religioso, e o scetro D. Ramiro; mas arrependido D. Affonso do novo estado, e os Mouros valendo-se desta discordia conquistaraõ Lamego, Bragança, Porto, e quasi toda a Provincia de Entre Douro, e o Téjo. Era o anno de 934, e nelle perdeo o Sol a luz por tempo de dous mezes, no fim dos quaes appareceo no Ceo huma tal abertura, por onde sahiaõ chammas de fogo, e as estrellas parece que corriaõ pelo ar. Neste Reyno se fizeraõ notaveis penitencias, e votos; os Mouros pelo contrario consultaraõ feiticeiros. Alfarami de Meca mandou dizer ao Rey de Cordova que Deos estava irado contra os Catholicos, e era tempo de sahir a degollar todos; assim o fez com hum exercito sem numero, entrou com elle por todo Portugal revolvendo até os penhascos, e edificios; mandava esfollar os homens vivos, ás mulheres lhes cortavaõ os peitos, e aos meninos tomando-os pelos pés lhe batiaõ com as cabeças nas pedras. Acodio D. Ramiro II. á miseria deste Reyno, no caminho lhe appareceo S. Tiago, e prometteo a victoria, a tempo que elle se retirava, julgando-a impossivel com taõ pouca gente con-

tra

tra o exercito mais formidavel. Animado do Santo deo batalha, em que elle appareceo no ar montado em hum cavallo branco, matando innumeraveis Mouros, grande motivo para a nossa devoçaõ, pois appareceo a primeira vez para defender Portugal; em fim por esta primeira appariçaõ, e por que disse ao Rey que Deos o fizera Padroeiro de Espanha, o venéra por tal desde esta victoria, que foi a mais notavel, e completa. D. Ordonho III., que lhe succedeo, governou em paz, e seu successor D. Sancho conquistou valorosamente á escala a cidade de Lisboa. No seu tempo houve notavel discordia entre os Condes de Portugal, e foi necessario que o Rey viesse pessoalmente aplacalla. Seguio-se Ramiro III. em idade mui tenra, de que se aproveitaraõ os Mouros para entrar neste Reyno com notavel tyrannia até Arouca, onde S. Tiago os castigou com péste. Depois no tempo, em que os Condes Portuguezes, e Gallegos levantáraõ por novo Rey D. Bermudo, entrou Almançor neste Reyno, conquistou o Porto, Braga, Lamego, Viseo, morrêraõ innumeraveis Sacerdotes, Monjes, e Freiras; especialmente o Mosteiro Archense na Beira, e outro junto á villa de Aguiar foraõ arrasados, e morta a Veneravel Columba com todas as Religiosas. Pouco depois lhe sahiraõ ao encontro os Catholicos; e os Mouros foraõ derrotados no campo, que chamaõ ainda a Matança. Neste mesmo tempo he tradiçaõ constante, que na Lusitania, e Espanha se ouvia de dia, e de noite cantar o Officio Divino, e tocar sinos debaixo da terra, e dizem eraõ muitos Conventos de Freiras, que na entrada dos Mouros pedíraõ a Deos as subvertesse antes, do que serem violadas; o que succedeo abrindo-se a terra, recebendo os Conventos inteiros nas entranhas, e fechando-se de sorte, que nem signaes ficáraõ dos alicerses. Muitos annos se ouvíraõ os sinos, e as vozes, até que subiraõ todas ao Ceo a continuar os louvores do Altissimo. Floreceo neste mesmo tempo S. Rozendo, filho do Conde Gutter-

res

res Arias, e de D. Aldara, fenhora virtuofa, a quem foi revelada a conceiçaõ defte filho; foi Bifpo de Dume, de Mondonhedo, e de Compoftella, onde no tempo de D. Sancho o Gordo fez notavel guerra aos Mouros, e livrou Galliza da invafaõ dos Normandos, fundou o Mofteiro de Cella-nova de Monges Bentos junto ao rio Lima, onde profeffou depois de renunciar o Bifpado; quando expirou foi vifta fua alma em figura de pomba fer conduzida ao Ceo entre Córos de Anjos com Celeftial mufica; foi canonizado pelo Papa Celeftino III., e feu corpo fempre refplandeceo em milagres naquelle Mofteiro. Tambem floreceo Senhorinha, parenta de S. Rozendo, Freira de S. Bento, e Abbadeffa em hum Mofteiro junto á Serra de Vieira; foi filha de Hufo Hufes, Conde, e Senhor de muitas terras; muitas vezes converteo agua em vinho para os officiaes das obras do Mofteiro, os quaes hum dia vendo-a fallar fó com S. Rozendo fufpeitáraõ de ambos o que coftuma a melancolia Portugueza; porém o demonio os arrebatou logo, e os deixou cahir mortos, mas com a fortuna, que os Santos Primos os refufcitáraõ. No Mofteiro de Bafto da Ordem de S. Bento eftaõ os corpos defta Santa, e de fua Santa tia Godinha com o de feu parente S. Gervafio. Depois da batalha da Matança, efconderaõ os Catholicos a milagrofa Imagem de N. Senhora da Lapa, de que daremos larga noticia. No anno de 982 entrou no rio Douro huma luzida Armada de Gafções, ifto he, Francezes da Provincia de Gafcunha; achároõ de huma parte o Caftello de Gaya deftruido pelo Rey D. Ramiro, e da outra a cidade da mefma forte; reftauraraõ huma e outra coufa o General D. Nonego, e feu irmaõ D. Sizenando, q̃, fendo Bifpo de Vandoma, deixou a fua Igreja para dilatar, e eftabelecer a Fé na Efpanha; efte trouxe comfigo a milagrofa Imagem de N. Senhora de Vandoma, e foi Bifpo do Porto, onde falleceo com opiniaõ de Santo. No anno de 996 era Arcebifpo de Sevilha Ataulfo, Portuguez, Prelado fanto; e o

Rey

Rey D. Sancho, cégo com peſſimas informações de homens diabolicos, mandou matar o ſanto Arcebiſpo, e para ſer mais tyranna a morte, o mandou expôr a hum touro bravo, o qual lhe deixou as pontas nas mãos, e lhe lambeo os pés; em memoria do prodigio pôs Ataulfo as pontas na Igreja de Oviedo, e o Ceo caſtigou o Rey, e o Reyno por eſte ſacrilegio, ſendo executor da Divina Juſtiça o Rey de Cordova Almançor, que em Portugal deſtruio Coimbra, Lamego, Viſeo, Porto, Braga, e Monte-mór ſem deixar pedra ſobre pedra; tambem o pagou o Mouro com péſte, e com a eſpada do Rey D. Bermudo, ajudado do Conde Portuguez D. Froyla Vermuis, que com a ſua gente desbaratou Almançor em hum monte chamado Albergaria, e Manhouce; foi tal o eſtrago, que delle tomou nome huma povoaçaõ vizinha, chamando-ſe dahi até hoje Almançores; e em memoria de ter apparecido S. Tiago na batalha, levantou no meſmo ſitio huma Ermida dedicada ao Santo. Com ſeis annos de idade ſuccedeo D. Affonſo V. a ſeu pay D. Bermudo, ſendo Governador do Reyno de Leaõ, Galliza, e Portugal o Conde D. Men Gonſalves, grande no noſſo Reyno, em todo elle feliz, porque no ſeu tempo, e com as ſuas determinações ſe reſtabeleceo a provincia de Entre Douro, e Minho, e as de Trás os montes, e Beira: depois ſe viraõ quaſi totalmente livres de Mouros. Todos os Senhores, e Capitães Portuguezes ſe uniraõ para eſta conquiſta, ſendo entre elles eſpecial em tudo Alboazar Ramires, que muitos com Manoel de Faria e Souſa querem ſeja filho do Rey D. Ramiro II., e de Zara, ou Artida, irmãa do ſenhor de Gaya, furtada por modo de novella, contra o que eſcrevem os melhores Chroniſtas de Eſpanha de recta conſciencia; ſeja o pay eſte, ou naõ, e o caſo fábula, ou verdadeira hiſtoria, eſte Cavalheiro com ſeus filhos D. Traſtamiro, e D. Hermigio obraraõ maravilhoſas façanhas neſte Reyno, onde muitos querem ſer ſeus deſcendentes. Neſte anno, q̃ era

o de

o de mil e hum, fôraõ taes as discordias entre o Conde D. Froila Vermuis, e os tutores do Rey, que o Portuguez se vio obrigado a mostrar a innocencia com as armas; deo-se a batalha no destricto de Mafra entre Villa-nova, e Betanços, e ficou o Conde Portuguez desaggravado, e vencedor: mas, crescendo o Rey nos annos, lhe persuadîraõ os que tinhaõ sido seus tutores, e fôraõ vencidos por Froyla, taes enredos contra elle, que o Conde tomou novamente as armas para mostrar ao Rey a sua innocencia, e fidelidade, segundo o costume daquelles tempos: soube o Rey a sua resoluçaõ, e como lhe constava a grandeza de animo,valor, e brio do Portuguez, deo-lhe cuidado, e preparou-se para o castigo a tempo que lhe chegou a noticia de que outro vassallo seu se tinha levantado com a cidade de Oviedo; e como este negocio era de mayor importancia, dissimulou com Froyla, e foi cercar a cidade com todas as forças, que pôde unir. Mas o Conde,que desejava mostrar-lhe que, se o venerava como seu Rey, o naõ sabia temer como seu inimigo, caminhou atrás delle com o seu exercito, e com passo taõ apressado, que o alcançou no cerco de Oviedo; e na hora, em que se estava escalando a cidade com a mayor ancia, a que dava calor o mesmo Rey cheyo de cólera, entre os alaridos dos que subiaõ os muros, e dos que defendiaõ o entrallos, armas, e gemidos dos que cahiaõ das escadas, e vozes dos que animavaõ a subillas, se ouviraõ os tambores,e logo se viraõ as bandeiras do exercito do Conde Portuguez D. Froyla Vermuis. Vinde sedo ouvir a mais gloriosa façanha deste Rey, e Conde, com eterno credito da lealdade Portugueza.

FIM DA QUADRAGESIMA NONA PARTE.

LISBOA:
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA L.

APenas víraõ o exercito Portuguez os Grandes, e Capitães do Rey D. Affonſo V., clamáraõ que mandaſſe tocar a recolher, e deixaſſe o aſſalto da cidade para com todo o exercito reſiſtir ao Conde; porém o Rey, que no juizo, e animo parece naõ teve igual, reſpondeo: *Continuem o combate com todo o vigor; ninguem ſe retire, nem tenha o menor ſuſto, porque o Conde Portuguez he tal Cavalheiro, que naõ ha de accommetter aos ſeus inimigos pelas coſtas.* Dito iſto, deo calor aõ aſſalto, ſem fazer caſo do exercito Portuguez, que ja eſtava taõ perto, que o Conde paſmou de vèr o deſcanço, com que o Rey ſó cuidava na expugnaçaõ de Oviedo, porque ignorava o grande conceito, que delle fazia; mas em fim perplexo mandou fazer alto, quando a vanguarda chegava á retaguarda do exercito do Rey a bote de lança; e advertindo que o naõ lhe virar caras era confiança, que o Rey fazia do ſeu brio, e lealdade; intentou nova fineza, e ſingular façanha para lhe fazer verdadeiro o conceito: mudou a fórma, e mandou ao exercito que eſcalaſſe a cidade pela parte mais perigoſa, e forte; e para que ninguem ſe retiraſſe, elle foi o primeiro que chegou ás eſcadas, e retirando de algumas os Soldados do Rey, ſubio por huma ſeguido da flor do exercito Portuguez, e o reſto por outras com tanto valor, que o meſmo foi ſubir, que ven-

cer; mas com tanto risco do Conde, que foi o primeiro que depois de muitas, e illustres feridas ficou cégo. Todo o valor de Zopiro se vio em D. Froyla, e todos os desejos de Alexandre em D. Affonso. Entrada a cidade recebeo nos braços ao Conde, publicando em altas vozes o seu brio, e lealdade; o sentimento de o vêr maltratado, e o desejo de lhe dar todo o mundo em premio, se em todo elle tivesse domínio, ou dar a vida a troco de restituir a vista a hum heróe taõ famoso; deo-lhe porém todas as terras, que lhe podia dar, de sorte que o Conde lhe pedio deixasse para si, porque só lhe ficava o nome de Rey. Nos corações dos Portuguezes com estas acções heroicas se estampou o Rey D. Affonso para sempre, e no seu ficáraõ os Portuguezes taõ unidos, que logo moveo o exercito para lhe accrescentar cidades, e campos: chegou a Viseo, a quem pôs cerco; porém como obstinadamente se defendia, para melhor a escalar sem perder gente, sahio hum dia de calma sem as armas brancas a reconhecer qual era a parte mais fraca da cidade, e com tal valor, ou descuido se chegou ás muralhas, que os Mouros lhe atravessaraõ o corpo com huma setta, que o obrigou a levantar o sitio, e acabar a vida na cidade do Porto entre lagrimas, e inexplicaveis sentimentos dos Portuguezes, e mais vassallos. Depois de muitas disgraças, e insultos, que sedo vos contaremos, reinou D. Bermudo III., e no seu tempo florecêraõ em Portugal dous grandes heróes D. Tedo, ou Tedaõ, e D. Rozendo, netos do Infante Alboazar Ramires, filho que dizem ser da Moura Artida, ou Zara, filha do Senhor do Castello de Gaya, e do Rey D. Ramiro. Estes com bastante gente valorosa entraraõ por aquella parte, onde o Rio Tavora entra no Douro; e depois de ganharem aos Mouros grande parte do campo, plantaraõ arvores, e fizeraõ searas, a que occorrêraõ os barbaros em taõ grande numero, que foi preciso retirarem-se para hum rochedo notavel, que no mesmo rio existe por modo

do Peninſula, ſem mais que huma ſubida difficultoſa com hum valle em ſima cercado de penhaſcos, donde ſahiaõ continuamente a perſeguir os Mouros. Hum dia de S Joaõ notou D. Rozendo as feſtas, que elles celebravaõ nas margens do rio, e ſahindo com os mais alentados o paſſou ſem ſer viſto, veſtidos todos com trage Mouriſco, e apparecendo-lhe formados, julgaraõ os barbaros que eraõ outros Mouros feſtivos, e alegres, que vinhaõ feſtejar aquella manhãa com elles; corrêraõ a encontrallos ſem ordem, e acharaõ ſobre ſi as lanças dos Portuguezes; conhecido o perigo, ſe formaraõ logo, e reſiſtiraõ de ſorte, que os noſſos perdêraõ campo, e ja peleijavaõ huns, e outros com os pés na agua do rio: teve diſto avizo D. Thedo, e ſahio com a trópa de cavallos a ſoccorrer o irmaõ, e vendo que naõ baſtava apparecer na outra margem do rio para os Mouros terem medo, picou o cavallo, e a nado veyo ſoccorrer D. Rozendo; intentáraõ os Mouros impedir-lhe o paſſo, e o conſeguíraõ, porém elle no rio governando o cavallo, como ſe foſſe em terra firme, os degollou de ſorte, que o rio mudou a côr tinto com o ſangue, até que os Mouros ficaraõ totalmente extinctos, e fugíraõ poucos. Deixou D. Thedo aquella praça, e conquiſtou muitas; chegou a fama das ſuas acçóes a Ardinga, Infante Moura, filha do Rey de Lamego, e namorada delle fugio em trages de homem; veyo parar em huma ſerra, onde hum ſanto Ermitaõ a recolheo, catequiſou, e baptiſou; e conhecendo depois o disſarce, e intento, ſe obrigou a que D. Thedo a recebeſſe por mulher, o que naõ teve effeito, porque o pay a veyo achar na cova do Ermitaõ, e lhe cortou alli a cabeça. Poucos dias depois mataraõ os Mouros a D. Thedo em huma retirada nas margens de hum rio, que hoje tem o ſeu nome. Succedeo na Corôa D. Fernando, que conquiſtou neſte Reyno a villa de Cea, e as cidades de Merida, Béja, Evora, e Badajoz, ultimamente eſcalou a de Viſeo, onde achou

o Mouro, que matou com a ſetta ao Rey D. Affonſo; e para que naõ pudeſſe fazer outra ſacrilega pontaria, lhe mandou tirar os olhos, cortar ambas as mãos, e hum pé, e logo ſervindo o corpo de alvo aos balleſteiros, acabou a vida eſte barbaro. Eſta foi a ultima vez, que Viſeo foi poſſuida de Mouros. Conquiſtou Lamego, e ultimamente Coimbra, a quem teve de cerco ſete mezes, no fim dos quaes o quiz levantar, porém os Monges de Lorvaõ, que tinhaõ perſuadido ao Rey a empreſa, vendo que a fome o obrigava a deixalla, lhe déraõ tudo o que tinhaõ, que era muito, e foi entrada a cidade, onde o Rey com as ſuas mãos armou Cavalleiro ao ſempre memoravel, e illuſtriſſimo Cid Campeador Ruy Dias de Bivar, que ſe achou neſte cerco. Na veſpera do dia, em que a cidade ſe entregou, appareceo S. Tiago a Eſtiano, Biſpo Grego em Galliza, que duvidava aſſiſtiſſe o Santo nas guerras dos Eſpanhóes contra os Infieis; e lhe diſſe, moſtrando-lhe humas chaves, que hia com ellas abrir as portas da cidade de Coimbra ao Rey D. Fernando. Contou o Biſpo a viſaõ pela manhãa; e, combinada a hora, ſe achou que na meſma entrara o Rey pelos muros em Coimbra, onde fez largas doações ao Moſteiro de Lorvaõ, que ainda hoje goza. Apenas ſe auſentou o Rey, os Mouros, que habitavaõ em Monte-mór o velho, perſeguiraõ os novos moradores de Coimbra, que pediraõ ao feliz Monarca ſoccorro com préſſa: tal foi ella, que os achou deſcuidados, entrada a villa, e deſtruido para ſempre o Caſtello. Morreo D. Fernando no anno de 1067, e para contentar aos ſeus filhos todos, dividio os Reynos, deixou Caſtella a D. Sancho, Leaõ a D. Affonſo, e Portugal a D. Garcia. Naõ ficou ſatisfeito D. Sancho com eſta diviſaõ, nem D. Garcia com o Legado das cidades de Toro, e Samôra, que o pay deixou ás Infantes. Tomou pois as armas D. Garcia contra ſua irmãa D. Elvira, ſenhora de Toro, e de outras povoações nas margens do rio Douro, por onde entra em Portugal, e

tomou

tomou as armas D. Sancho , Rey de Castella, para tirar aos irmãos , e irmans tudo o que seu pay lhes deixara ; e para vencer com destreza o que naõ podia de hum só golpe, ajustou com seu irmaõ D. Affonso, Rey de Leaõ, fazerem guerra ambos ao Rey D. Garcia em Portugal , que para dar melhores esperanças aos seus inimigos,governando-se unicamente pelos dictames de seu valîdo Verna , desprezava os Cavalheiros Portuguezes, e Gallegos, os quaes juntos lhe mandaraõ dizer pelo Cid Lusitano D. Rodrigo Froyas, que abrisse os olhos, cerrasse os ouvidos aos conselhos de Verna , e tratasse com os vassallos leaes, illustres, e capazes de sustentar-lhe a Corôa. A emenda foi augmentar os desprezos , de que resultou crescerem os odios , e D. Rodrigo , que naõ era capaz de tolerar desattenções,matou a Verna na antecamera do Rey, e com parentes, e amigos fez jornada para França. Neste tempo soube D.Garcia,que seus irmãos D. Sancho , e D. Affonso o vinhaõ cercar em Coimbra: e como toda a fortuna da Monarquia estava pendente do valor , e experiencia de D. Rodrigo Froyas , escreveolhe pela posta , pedindo-lhe viesse acodir-lhe ; recebeo a carta em Navarra , e attendendo ao credito da lealdade Portugueza , chegou a Coimbra quando o Rey D. Sancho, depois de conquistar o melhor da Beira, vinha cercalla. Adiantaraõ-se do exercito de Castella os Condes D. Nuno de Lara , e D. Garcia de Cabras com bastantes de cavallo : quiz o Rey logo sahir a peleijar, porém o invencivel Portuguez D. Rodrigo lho naõ permittio, dizendo q̃ naõ havia de ir peleijar com quem naõ era Rey ; sahio sim D. Rodrigo com seus irmãos os Condes D. Pedro, e D. Bermuiz, e no campo , que chamaõ Agua de Mayas,degollaraõ seiscentos Castelhanos, e entre elles o Conde D. Fafes , e outros Fidalgos illustres. Retirou-se o Rey D.Garcia para Santarem, aonde o foi buscar com todo o exercito o irmaõ. Temia o nosso Monarca sahir a campo por ser a gente pouca ; porém

rém D. Rodrigo o animou, dizendo que gente lhe ſubejava, porque eſſa pouca era Portugueza. Deo-ſe a batalha em hum campo, perto da villa; e ſendo horroroſa, o foi mais quando os Portuguezes ganharaõ o Eſtandarte Real, ao que acodio o Rey D. Sancho; mas ferido nos peitos com huma lançada, que lhe deo D. Egas Gomes de Souſa, cahio do cavallo, e o prendeo o Cid Portuguez D. Rodrigo Froyas, o qual o entregou prezo ao noſſo Rey D. Garcia, a tempo que ja eſtava vencida a batalha; mas elle taõ debilitado com o muito ſangue, que lhe ſahio das feridas, que tinha recebido em Agua de Mayas, que ja quando chegou o Rey a receber o irmaõ prezo, o achou deitado ſobre o eſcudo, tendo o elmo por traveſſeiro; e aſſim lhe diſſe: *Para mim, ſenhor, baſta-me vêr que ficais com huma tal victoria; para eſtes voſſos leaes vaſſallos quero os premios; ſegui o ſeu conſelho, porque ſempre amaraõ tanto a verdade, que nunca temeraõ dar a vida pela honra.* Dito iſto, beijou a cruz da eſpada, que tinha ſido rayo em toda a ſua vida, e entregou ao Creador a alma: eſte o mayor heróe da noſſa Monarquia; delle, e de outro Cid Caſtelhano dizia D. Fernando, Rey, que ſoube avaliar vaſſallos: *Que podia haver Reys, que dominaſſem Monarquias mayores; mas que ſó elle merecera gozar taes dous Rodrigos Portuguez, e Caſtelhano.* D. Garcia por ſeguir aos vencidos, entregou o irmaõ prezo a certos Cavalheiros, de cujas mãos fugio; e ajuntando-ſe com os ſeus, e com o Cid D. Rodrigo Dias de Bivar, que o vinha ſoccorrer, deo ſobre o noſſo Rey D. Garcia com tal furor, que, derrotado o exercito, o prendeo, e guardou melhor, porque na priſaõ em Caſtella morreo, e ficou D. Sancho ſenhor de Portugal; mas naõ ſatisfeito em privar eſte irmaõ do que lhe deixara ſeu pay, moveo o exercito contra D. Affonſo, ſeu irmaõ, e pacifico Rey de Leaõ, a quem tinha antes enganado para o ter ſeguro com deſcuido, e o obrigou a viver entre Mouros degradado, ſem mais conſola-

çaõ, que o Conde D. Henrique, pay do nosso veneravel Rey D. Affonso Henriques. Morreo em fim D. Sancho, Rey de Castella, e injustissimamente Rey de Portugal, e de Leaõ, ás mãos de Vellido Dolfos, e succedeo-lhe em todos os tres Reynos o irmaõ degradado D. Affonso, o qual dividio Portugal em varios governos, ou Consulados, em Coimbra Sisnando, no Porto, e Entre Douro, e Minho D. Mousinho Ermigiz, o Conde Mem Moniz em Arouca, e sua Comarca, na Beira Egas Moniz. Assim hiaõ succedendo os Governadores nas terras deste Reyno por mercê do Rey D. Affonso, quando Deos para nosso remedio permittio, e determinou que elle agradecido á boa companhia, que o Conde D. Henrique lhe fez no desterro, a ao muito que valorosamente tinha obrado em seu serviço contra seu defunto, e tyranno irmaõ D. Sancho, o casasse com sua filha natural D. Theresa, dando-lhe em dote o senhorîo de Portugal com o titulo de Conde, que possuio, e foi tronco dos nossos Serenissimos Reys, como vos contei, dando principio ás vidas de todos na Conferencia 15, que tivemos no mez de Agosto do anno passado em dia de Santo Agostinho. Em poucas palavras, e menos Conferencias (disse o Ermitaõ) nos tendes instruido nas vidas de todos os que governaraõ esta Monarquia ja separada, ja unida a toda Espanha, ou parte della, ate o nosso Rey D. Affonso VI, cuja vida eu acabarei de contar, como ja o fiz na Conferencia 42. Agora antes que nos conteis as acções dos mesmos Reys de Espanha, obradas fóra de Portugal, desde D. Pelayo, e as mais de todos os Principes, como tendes promettido, para termos noticias de todos os do mundo, he justo nos diga o senhor Theologo, que heresia foi esta diabolica, que tantas vezes inficionou a Espanha. Foi (disse o Theologo) a heresia de Ario, ou Arrio, como escrevem, e pronunciaõ outros, mas do primeiro modo, sem dobrar letra, o pronunciaraõ, e escreveraõ sempre os Latinos, como podeis ver em qual-

quer

quer Breviario. Foi pois Arrio, ou Ario Sacerdote secular, Regente dos estudos de Theologia na cidade de Alexandria, onde intentou ser Patriarca; e vendo que em seu lugar tinhaõ posto Alexandre, homem virtuoso, e doutissimo, intentou desacreditallo, para se vingar; e hum dia que o Bispo prégou, chamando a Christo Senhor nosso, como devia, Deos, e homem verdadeiro, igual ao Pay em tudo; elle possuido do demonio, prevertendo textos, criticou o Sermaõ do Bispo, affirmando que Christo Senhor nosso era só pura creatura, negando-lhe toda a Divindade. Foi logo condemnado este Heresiarca por hum Concilio de cem Bispos, em que presidio Legado de S. Sylvestre Papa: e elle raivoso se unio com Eusebio, Bispo de Nicomedia, herege diabolico, que depois foi idolatra nas perseguições da Igreja, e cortesaõ do Inperador Constantino, a quem enganou, e muito mais a sua irmãa Constancia, que a fez Arriana, gavando-lhe o author desta heresia, que juntamente com elle foraõ condemnados no Concilio universal Niceno; sahio delle Arrio excommungado a cumprir o degredo, em que passou dez annos de vida péssima; até fingindo penitencia, no Concilio de Jerusalem o absolveraõ, e ordenáraõ que Alexandre o recebesse á Communhaõ, o que elle repugnou fazer; e depois, vendo-se perseguido dos Eusebianos, protectores de Arrio, pedio a Deos que, se elle devia ser recebido na Igreja, o matasse; e se o naõ devia ser, morresse Arrio. Sahio este do Palacio do Inperador no dia seguinte, acompanhado dos Eusebianos, para ir commungar da maõ de Alexandre, mas a poucos passos lhe deo huma dôr no ventre, recolheo-se nas secretas públicas, e nellas morreo de hum fluxo de sangue; castigo justissimo de Deos.

FIM DA QUINQUAGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA LI.

SEparada a Raînha D. Luiza (disse o Ermitaõ) do governo do Reyno, e rejeitando o Conde de Attouguia o Officio de primeiro Ministro, o ficou sendo com o titulo de Escrivaõ da Puridade o Conde de Castello-melhor, emprego que teve Joaõ Fernandes da Sylveira no tempo do Rey D. Joaõ I., Nuno Martins da Sylveira no de D. Duarte, Diogo da Sylveira no de D. Affonso V., o Cardeal D. Miguel da Sylva no de El-Rey D. Manoel, Martim Gonsalves da Camera no de D. Sebastiaõ. Passou-se-lhe carta de Governador absoluto do Reyno, uteis emolumentos, propinas em todos os Tribunaes, e Conselheiro de Estado; mandou o Rey que sahissem da Côrte o Duque do Cadaval, que nós conhecemos, velho, e pay da patria, e fidelidade Portugueza, o Conde de Soure, Manoel de Mello, o Monteiro mór, o Conde de Pombeiro, o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, e o P. Antonio Vieira, e que Luiz de Mello naõ fosse ao Paço. Nomeou-se para Secretario Antonio de Sousa de Macedo, e para Confessor do Rey Fr. Pedro de Sousa da Ordem de S. Bento, Bispo eleito de Angra, tio do Conde de Castello-melhor. Nos primeiros dias do governo assistio o Rey a algumas funções delle, depois a nenhuma; a Raînha Mãy estava privada naõ só do governo, mas da assistencia necessaria, com poucas

Damas, Estribeiro, e Védor; muitas noites lhe apedrejaraõ as vidraças do oratorio; e no dia da Conceiçaõ, assistindo na tribuna, lhe negou a cortezia devida o filho, que mereceo lagrimas ao pôvo; em fim tudo desordem, e desconsolaçaõ universal, que se accrescentava a todos os instantes com as noticias dos preparos de Castella para a futura campanha. No Infante D. Pedro pelo contrario cresciaõ as virtudes, e prendas, servindo de consolaçaõ unica para a Monarquia a sua vida preciosa. Começou o anno de 1663, e foraõ nomeados o Conde de Villa-flor para General das Armas no Alemtejo, General da Cavallaría Diniz de Mello e Castro, da Artilharîa D. Luiz de Menezes, Governador das armas Extrangeiras, e Mestre de Campo General o Conde de Schomberg; deste se receava o Conde de Villa-flor pela sua grande authoridade, e para fortalecer o seu partido fez com o Conde de Castello-melhor se criassem novamente dous póstos de Sargentos móres de batalha, que nunca houve neste Reyno até esse tempo, e fôraõ os primeiros Joaõ da Sylva de Sousa, e Diogo Gomes de Figueiredo. Neste tempo queimou Pedro Cesar por ordem de Diniz de Mello as barcas, que os Castelhanos tinhaõ no Guadiana, ganhou o Fortim, que as defendia, conduzio a guarniçaõ preza. Passou o Conde General ao Alemtejo, e com préssa, e actividade dispôs a defeza da Provincia, e o exercito, porque D. Joaõ de Austria temendo o rigor do Sol, que ja tinha experimentado, queria sahir em campanha mais sedo, para o que preparava hum grande exercito, contra o que o Conde de Villa-flor imaginava succedesse este anno; isto obrigou a remetterem-se para Alemtejo levas grandes, dinheiro em quantidade, soccorros das Provincias, trem da artilharía, os tiros de mulas das cavalhariças do Rey, e os melhores que havia na Côrte. A seis de Mayo mandou D. Joaõ da Sylva, que assistia em Elvas, avizo ao Conde de Villa-flor, que D. Joaõ de Austria sahira de Badajóz com o exercito, e ficava alojado sobre as barroças do Caya. Era Capitaõ General D. Joaõ de Austria, Go

er-

vernador das armas o Duque de S. German, Mestre de Campo General, e General da Cavallaría D. Diogo Cavalheiro, General da artilharía D. Luiz Ferrer, Conde de Almenara, os Mestres de Campo, Tenentes Generaes da Cavallaría, e mais Officiaes todos escolhidos pela experiencia de D. Joaõ de Austria para a difficultosa empresa de conquistar esta Monarquia. Constava o exercito de doze mîl Infantes, seis mil e quinhentos cavallos, dezoito peças de artilharia, em q̃ entravaõ seis meyos canhões, tres morteiros, munições, mantimentos, e bagagens conduzidas em tres mil carros, álem de quasi outros tantos machos, e mulas de carga; deo individual noticia Fernaõ Martins de Ayala, que deposto de Capitaõ de cavallos tinha passado para Castella por evitar o ludibrio de fraco, e agora passou de Castella para Portugal a dar este avizo. Assentaraõ no Concelho, que D. Joaõ de Austria hia sitiar Evora, porque para outra qualquer praça da Fronteira naõ marcharia com tantas carruagens no tempo, em que os caminhos ainda estavaõ incapazes por causa do grande Inverno. Mandou o Conde para Evora o Terço do Algarve de setecentos homens, o de Lisboa de quinhentos, trezentos Auxiliares de Trás os montes, e quatrocentos cavallos, quatro peças de Artilharía, e o mais que se julgou necessario. D. Joaõ de Austria a onze continuou a marcha, avistou Estremoz, e por entre esta praça, e Souzel, e alojou no Ameixial aquella noite. Sahiraõ a reconhecer a marcha o Conde Schomberg, e os Generaes da Cavallaría, e Artilharía com varias partidas, que prizionaraõ sessenta Castelhanos, os quaes confessaraõ que a empreza do exercito era sitiar Evora: pelo que o nosso General para mayor segurança lhe mandou por Governador Manoel de Miranda Henriques, que fôra General da Armada da Junta do Commercio, e D Pedro Opessinga, que se offereceo com mil Infantes, e trezentos cavallos, o que tudo entrou na cidade antes de chegar o exercito de Castella, e ficou tendo de guarnição sete mil Infantes, e setecentos cavallos, quatro peças

mantimentos,que bastavaõ,em quanto tardasse em soccorrella o nosso exercito,e oitenta mil cruzados,que tinhaõ vindo de Lisboa,para o que fosse mais preciso. O Engenheiro mór Selincur preparou a praça com todos os reparos, e cautelas possiveis, e a quatorze de Mayo chegou o exercito a dar principio ao cerco; depois de examinada a fortificaçaõ, e terreno, escolheo D.Joaõ de Austria para quartel da Côrte o Convento do Espinheiro, parte do exercito ficou na Cartuxa, quasi vizinho á muralha; occupáraõ o Convento de Santo Antonio, onde se tinha começado hum forte, que se largou, e nesse lugar puzeraõ huma bateria, e fizeraõ no Convento dos Remedios outro alojamento, ficando a Cavallaría servindo de fechar o resto do cordaõ, a que naõ podia chegar o exercito por ser muito dilatado. Começou logo a jogar a artilhería contra a muralha fraca,e incapaz de resistencia, e os sitiados começaraõ a mostrar a sua falta de sciencia Militar. Entretanto o Conde de Villa-flor tinha chamado a Extremoz todas as Milicias para compôr o exercito. No mesmo tempo chegavaõ repetidos avizos de Evora com noticia das desuniões, que havia na praça; Luiz de Mesquita queixoso por lhe tirarem o governo della a titulo de que naõ era prático,Manoel de Miranda,doente, o Conde de Vimioso, que estava dentro com a sua familia, afflicto para os concordar, D.Pedro Opessinga pedindo mil cavallos para a defeza, o exercito clamando q̃ fosse governar Evora o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, General da Artilharía, em fim tudo confusaõ;mandaraõ os mil cavallos com o Coronel Jeremias Jovet, que ficou prisioneiro, e só introduzio hum dos tres batalhões, em que hiaõ formados; o que naõ succedia, se fossem todos unidos. Em fim a 22 de Mayo sahio de Extremoz a soccorrer Evora o nosso exercito, constava de onze mil Infantes pagos, e Auxiliares, tres mil cavallos, quinze peças de artilharía, munições, carros cobertos, cavallos de frisa, e mais instrumentos de exercito, que naõ intenta sitiar. Assim os quarteis, que havia de tomar em

diver-

diversos sitios, como tudo o mais para o bom exito da empreza, hia ideado com tal destreza Militar, que parecia impossivel deixarmos de vencer; porém tudo se desvaneceo no segundo dia de marcha, quando chegou a Evora-monte a nossa vanguarda resoluta a pelejar, por naõ ter avizo em contrario; porque chegaraõ entaõ ao exercito D. Luiz da Costa, e D. Pedro Opessinga com a infeliz noticia de que se tinha entregado Evora com bem pouca honra, sem valerem as persuasões do Conde de Vimioso, e de outros valorosos Officiaes, que a queriaõ defender até dar a vida, sendo os principaes D. Luiz da Costa, e Manoel de Sousa de Castro. Largaraõ os Conventos dos Remedios, e Carmo, em que se podiaõ defender, até chegar o soccorro, deixaraõ caminhar os aproches até chegarem as minas á muralha, sem haver sortida, que os impedisse, nem contramina, que os desvanecesse; déraõ os Castelhanos fogo ás minas, e cahio hum grande lanço de muro, ficou aberta huma dilatada brecha, a que só acodíraõ com huma ruim cortadura; Manoel de Miranda, doente, D. Pedro Opessinga sem querer largar o governo, nem passar ordens, lendo em público cartas de D. Joaõ de Austria com promessas, e ameaços, e dizendo a todos que naõ haviaõ de ter quartel, porque estavaõ com brecha aberta; em fim se entregaraõ com o partido de sahir o Governador, e Officiaes para o nosso exercito com huma peça, e algumas munições, tres rebuçados, hum dos quaes foi D. Pedro Opessinga, por ser vassallo do Rey de Castella, os Soldados, e cavallos para Castella, até o fim da campanha; mas isto com tal amphibologia, que D. Joaõ de Austria, depois deo os cavallos por perdidos: entrou elle em Evora triunfando da nossa ignorancia, offereceo liberdade para sahirem da praça com tudo os que se quizessem isentar do seu dominio, favor que aceitou logo o Conde de Vimioso, e o Dom Abbade de Alcobaça Fr. Luiz de Sousa, Governador do Arcebispado, e tio do Conde de Castello-melhor. Os Soldados Portuguezes ficaraõ em Evora prezos, expostos

ão tempo, e mortos á fome com taõ pequena porçaõ de biscouto para alimento; que muitos acabaraõ a vida, que gloriosamente podiaõ sacrificar na defeza da praça. Muitos, e diversos foraõ os pareceres no nosso exercito com esta noticia, huns que fosse interprender Olivença, que se achava com guarniçaõ muito pouca, outros que se désse batalha, outros que se naõ expuzesse o exercito, e outros (diziaõ meus pays, e avós) que logo logo á escala se combatesse Evora, aindaque todos na empreza perdessem a vida. Neste mesmo tempo D. Joaõ de Austria continuava os progressos no interior da Provincia, obrigando os lugares abertos a pagarem varias contribuições de dinheiro, mantimentos, e outras cousas; e para melhor fomentar as alterações do pôvo de Lisboa, de que tinha noticia, mandou entrar em Alcacere do Sal tres mil cavallos, e dous mil Infantes. O motim de Lisboa resultou da noticia da perda de Evora, junta com a summa imprudencia do Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, o qual mandou lançar huma linha no meyo do Terreiro do Paço, com pregaõ, que todos aquelles que valorosos a passassem para a parte do Paço, seriaõ escolhidos no soccorro do exercito para defeza da patria; concorreo innumeravel pôvo ao som da novidade, e como bruto sem freyo converteo a liberdade da patria na mayor insolencia; do Terreiro do Paço em altas vozes corrêraõ ao dos Arcebispos, onde assistia Sebastiaõ Cesar, e ás casas do Marquez de Marialva, e de Luiz Mendes de Elvas; rompêraõ portas, assaltaraõ janellas, e destruiraõ todas as alfayas preciosas que naõ podiaõ levar. A Nobreza capitaneada pelos Condes de Castello-melhor, e Sarzedas aplacaraõ o motim, obrando acções heroicas, e valorosas, principalmente em casa do Marquez de Marialva, para acodirem á Marqueza, e suas filhas, que por especial favor de Deos anticipadamente se tinhaõ recolhido no Convento da Esperança. Estas noticias movêraõ os Cabos do nosso exercito a provocar para huma batalha o Castelhano;

no, e com effeito o buſcamos ſempre com ſingular vantagem, e fortuna aſſim na paſſagem dos rios, como nos alojamentos, e marchas, perdendo os Caſtelhanos muita gente todos os dias nos meſmos póſtos, em que nós ficavamos ſem perda ſeguros, tudo devido á incomparavel ſciencia Militar do Conde de Schomberg, que, a pezar dos ſeus emulos, reſplandeo neſtas funções como Sol; motivo, porque ſempre ouvi dizer aos veneraveis velhos verdadeiros, que fôraõ ſeus diſcipulos, que ſó depois que entrou Schomberg em Portugal tivemos Cabos ſcientes, acautellados, aſtutos, peritos, e praticos, porque antes delle os enſinar, ſó os tinhamos valoroſos, intrepidos, e temerarios, e ainda os q̃ aprendêraõ em Flandres, como o Conde de Villa-flor, e outros, nada ſoubêraõ, ſenaõ depois que Schomberg lhes enſinou em todas as funções praticamente, e ſem confuſaõ, o que elles tinhaõ aprendido ſem eſte grande exemplo. Tudo iſto conhecia admiravelmente D. Joaõ de Auſtria, e por iſſo quanto mais o buſcava o noſſo exercito, tanto mais elle fazia diligencias para ſe retirar a Badajoz ſeguro ſem peleijar; deixou Evora guarnecida de tudo para hum largo ſitio, que lhe temia; e determinou a retirada; neſſa tarde tomaraõ os noſſos Generaes em huma eſcaramuça alguns priſioneiros, que naõ diſſeraõ couſa, que nos adiantaſſe a noſſa preſumpçaõ, e neſſa noite ſe levantou o pôvo de Evora, a que acodio D. Joaõ de Auſtria, e depois de caſtigar os principaes authores do motim, tirou as armas a todos, e chamando as peſſoas principaes da cidade, em que entrou o Sargento mayor dos Auxiliares Manoel Freire, depois de huma larga oraçaõ, em que reprehendeo o exceſſo paſſado, e os exhortou á obediencia do Rey de Caſtella, para lhes ſuavizar a todos a cólera, louvou com deſtreza a com que a noſſa artilharîa tinha laborado na paſſagem do rio Degebe, onde quinze peças deſde as tres da manhãa até as tres da tarde diſpararaõ ſetecentas e ſetenta balas, de que ficou o campo cheyo de Caſtelhanos, e notaveis Cabos. Ouvio iſto o Sargento mayor Manoel

Frei-

Freire, e naõ podendo conter a cólera Portugueza, respondeo: *Sim, senhor, dizem que matou muito Castelhanos.* Celebraraõ o inadvertido impulso os Officiaes presentes, e conhecêraõ que era impossivel dominar Castella os nossos coraçoẽs. Na noite seis de Junho mandou D. Joaõ de Austria partir as carruagens pela estrada de Bruceiras, e para nos enganar, rodearaõ o nosso quartel varias partidas, tocando vivamente á arma; pela manhãa vimos as carruagens avançadas, e o exercito em marcha, e resolvemos dar batalha no primeiro sitio, que fosse opportuno. Passaraõ o rio Tera os dous exercitos, sem distarem mais que huma legua hum do outro, e avizando o Capitaõ das guardas avançadas, que a vanguarda dos Castelhanos seguia a estrada de Sousel, e que tinhaõ degollado os paizanos, que lhe impediaõ o passo, se resolveo o Conde de Villa-flor a dar logo a batalha, para o que mandou Manoel Freire occupar hum sitio alto, em que se achavaõ Castelhanos; o que elle fez, e se empenhou em huma escaramuça no valle, onde ficaria, a naõ o persuadir o General da artilharîa a retirar-se. D. Joaõ de Austria conhecendo a vantagem do sitio em que nos haviamos de formar, mandou occupallo pela Cavallarîa, o que ella fez com tal desordem, que desamparou a artilharîa, e bagagens: o que notando o Conde de Schomberg puxou pelas linhas de Cavallarîa, e avizou ao Conde de Villa-flor, o qual lhe respondeo que se retirasse, ordem de que justissimamente se sentio o Conde de Schomberg sempre, e podera malograr toda a nossa felicidade; em fim nos dous montes se plantou a nossa artilharîa, e o Conde de Schomberg formou o exercito. Vinde logo ouvir as acçoẽs desta batalha.

FIM DA QUINQUAGESIMA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA LII.

EM outros montes, que dividia hum pequeno valle, e eraõ muito mais asperos, e eminentes, formou D. Joaõ de Austria a sua Infantarîa, e mandou fabricar duas baterias de quatro peças cada huma, e toda a Cavallarîa ficou formada ao pé do monte do lado direito em huma campina, recolhendo as carruagens, e segurando huma estrada, pela qual o exercito forçosamente havia de passar, que por ser muito estreita, e profunda lhe chamaraõ os paizanos canal, e este nome teve tambem a batalha junto com o de Ameixial. Até ás tres horas da tarde duraraõ as baterias de ambos os exercitos, e algumas escaramuças; porém notando o nosso General da artilharîa o pouco, que as dos inimigos disparavaõ, e outros movimentos dos Castelhanos, conheceo o engano, com q̃ nos desejavaõ entreter, e passar até Arronches sem peleijar. Avizou logo pessoalmente o Conde General, q̃ achou com todos os Cabos do exercito, os quaes, ouvido o parecer, e instancias de D. Luiz de Menezes, votaraõ o contrario, e elle afflicto desceo com muitos a hum valle, onde achou o Conde Schomberg observando o melhor sitio, e modo para se peleijar; entaõ conhecêraõ todos a necessidade, e conveniencia, a que os esforçou Simaõ de Vasconcellos, irmaõ do Conde de Castello-melhor, dizendo que esta era a vontade do Rey, só faltava a do Conde de Villa-flor; mas segurando-a o General da artilharia, lhe fize,

raõ avizo de que começavaõ a dar a batalha ; e o Conde de Schomberg a dispôs desta sorte. Depois de varias escaramuças, e movimentos para occupar sitios importantes para o combate, começáraõ a subir quatro Terços o monte, onde se achava D. Joaõ de Austria com toda a Infantaría ; eraõ os Mestres de Campo, que os governavaõ, Tristaõ da Cunha, Francisco da Sylva e Moura, Joaõ Furtado de Mendonça, e o Tenente Coronel Inglez Thomás Hut. Subio Tristaõ da Cunha pelo lado direito, Joaõ Furtado pela frente ; e os Inglezes pelo lado esquerdo, junto ao qual ja peleijava a Cavallaría Castelhana com a nossa; e quando víraõ subir os Inglezes, os investíraõ quatrocentos cavallos, mas elles unidos déraõ taes descargas, e fizeraõ resistencia taõ impenetravel, que os tres Terços entre tanto subíraõ o monte aspero, e inaccessivel, que o mesmo D. Joaõ de Austria na carta, que escreveo ao Rey seu pay, dando-lhe conta da batalha, comparou o dito monte ao castello inconquistavel de Milaõ, e que a natureza naõ formara melhor, nem mais segura praça de Armas, de sorte que vendo-se em tal sitio, tivera escrupulo do demasiado resguardo, que usara ; mas que os Portuguezes com incrivel resoluçaõ subíraõ a elle (saõ palavras formaes) como gateando (em mais claro portuguez) subíraõ ao monte como gatos. O Conde da Ericeira, entaõ General da artilharía, tinha antes infundido o mayor animo aos Soldados, persuadindo-lhe que a Infantaría Castelhana era possivel, q̃ neste repente naõ tivesse buxas nas armas ; e desta sorte, aindaque disparassem, primeiro haviaõ de cahir as balas no chaõ do que offendessem ; o Sargento mór Manoel de Sequeira Perdigáõ, por entre nuvens de balas se offereceo a ir vêr se no alto havia Cavallaría ; e achando o contrario, animou os Terços a subir, dizendo, que naõ tinhaõ quem lhe impedisse o passo ; com pés, e máos subíraõ os Soldados, naõ como gatos, mas sim como leóes, sem dar fogo a huma só arma, formados, e unidos, de que resultou chegarem, e darem fogo todos a hum tempo com tanta fortuna nossa, e disgraça dos

Caste-

Castelhanos, que cheyos de pavor, vendo vencida a difficuldade de subirmos ao monte, viraraõ as costas, e desampararaõ huma tapada, em que estavaõ quatro peças de artilharía, de que logo tomou posse o Conde da Ericeira, e as mandou disparar contra elles; D. Joaõ de Austria vendo que os Soldados lhe perdiaõ o respeito, fugindo cegamente dos seus olhos, naõ podendo supportar os botes da nossa picaría, se apeou do cavallo, e gritando com razões de honra, os fez parar em outra eminencia menos aspera; mas chegando os nossos Terços com os dous Cabos valorosos, viraraõ outra vez costas os Castelhanos, de sorte que D. Joaõ de Austria montou a cavallo, e se retirou a toda a pressa para Arronches. Entre tanto o Conde da Torre, vencendo incriveis difficuldades, subio com sinco Terços a outra eminencia, onde os Castelhanos se tinhaõ fortificado com outras quatro peças de artilharía, que desampararaõ logo, e padeceraõ o mesmo damno, que os do outro lado; Affonso Furtado, e o General da artilharía, depois de vencerem os Castelhanos da segunda eminencia, caminharaõ á terceira, onde ja naõ acharaõ resistencia, e o General da artilharía vendo que se fechava a noite, e estavaõ perto as carruagens dos Castelhanos, em que se podia a Infantaría desmantellar com a avareza do saque, usou de huma notavel idéa para reprimir a marcha, e desuniaõ; mandou sentar os Officiaes do Terço de Francisco da Sylva, de que elle fôra Mestre de Campo, e era o que vinha mais avançado; á vista desta novidade pararaõ todos, e chegando o Conde da Torre com ós mais Terços, se formou toda a Infantaría no monte com destreza, e uniaõ, que o Conde de Schomberg, que chegou neste tempo, louvou a todos os Officiaes, e Cabos muito satisfeito. Em quanto isto succedia nos montes, a nossa Cavallaría, e Infantaría no valle, governada por taõ grandes Generaes, com a mayor destreza, e fortuna derrotaraõ a cavallarîa inimiga, que he a flor de Castella, a quem D. Joaõ da Sylva quiz seguir até as portas de Arronches, e o naõ conseguio, porque os nossos Sol-

dados, tanto que encontraraõ as carruagens com despojos, naõ foi possivel unillos, desordem certa nos exercitos vencedores de todas as Nações. A noite suspendeo as armas, e ficou o exercito formado sobre ellas, ouvindo os ays, e gemidos dos feridos, e moribundos, horroroso som, e peyor espectaculo, que se vio no dia seguinte nove de Junho, em todo aquelle campo, e montes desbaratado hum exercito, que vinte e quatro horas antes se julgava invencivel, tanto pela rara capacidade dos Cabos, e Officiaes, como pelo valor dos Soldados, e fortaleza do sitio o mais ventajoso, em que se aceitou batalha na Europa, na opiniaõ de todos os que souberaõ a difficil sciencia da guerra, e no que subeja o testimunho autentico do grande D. Joaõ de Austria, o qual entrou em Arronches pelo meyo dia de nove de Junho com dous batalhões de cavallarîa, que se lhe incorporaraõ, e quinhentos Infantes com D. Diogo Cavalheiro, e os Tenentes Generaes da cavallarîa, acharaõ em Arronches o Duque de S. Germain, que na noite antecedente havia entrado na praça com apressada marcha, e D. Joaõ de Austria o reprehendeo com severidade colerica; de todos os Soldados, que escaparaõ, formou hum corpo de dous mil cavallos, com que se recolheo a Badajoz, deixando na praça os quinhentos Infantes, e a isto se reduzio aquelle notavel exercito, que pouco antes vinha conquistar Portugal taõ florente, que nada julgava difficil. Em Badajoz castigou varios Officiaes de grande opiniaõ, deo á Naçaõ Espanhola o mais vergonhoso castigo, tirando-lhe o privilegio de levar as vanguardas dos exercitos, honra, que deo aos Extrangeiros dahi por diante, e escreveo ao Rey seu pay taes opprobrios contra os Castelhanos, tudo effeito da grande paixaõ, com que estava, que os calla justamente o Conde da Ericeira por naõ profanar o decoro de huma Naçaõ taõ valorosa, e honrada. A perda dos Castelhanos nesta batalha foi das mayores, que se viraõ na Espanha; ficaraõ no campo mortos quasi sinco mil, e mais de seis mil ficaraõ prisioneiros, em que entraraõ dous mil e quinhentos feridos. Fôraõ os Officiaes de mayor caracter

sinco

finco Meftres de Campo Caftelhanos , dous Coroneis Alemães, quatro Commiffarios geraes da Cavallaría, hum Tenente de Meftre de Campo General, onze Capitães de cavallo, fetenta e finco de Infantaría, vinte e dous reformados, trinta Alferes, grande numero de Officiaes menores, e peffoas de qualidade, entre ellas o Marquez de Liche, herdeiro de dous Validos, e finco vezes Grande de Efpanha; o Meftre de Campo D. Anielo de Gufmaõ, filho do Duque de Medina de las Torres, o Conde de Efcalante, D. Joaõ Henriques; e das trópas Extrangeiras o Conde Fiefco, o Conde But, o Conde de Locefquein, e outras peffoas grandes: tomaraõ, fe oito peças de artilharía, que eraõ todas as que trazia o exercito, hum morteiro, armas fem numero, porque as defencaminharaõ os paifanos, e o mefmo fizeraõ aos cavallos, porque de tantos fó mil e quatrocentos fe repartiraõ pelas companhias, quafi tres mil carros carregados de fato preciofo, em que entrava grande quantidade de prata, ouro, e joyas, dezoito carroças, tres de D. Joaõ de Auftria, a fua Secretaria com todos os papeis, em que fe continhaõ fegredos importantes, os livros das contas das Védorias do exercito, e artilharía, doze bandeiras de Infantaría, muitos eftandartes da Cavallaría, e os mais importantes para a gloria Militar, que foi o eftandarte Real de D. Joaõ de Auftria com as armas Reaes de Caftella de huma parte cuftofamente ornadas, e da outra huma emprefa, que moftrava o Sol em campo celefte, dando refplandor á Lua entre eftrellas com huma letra, que dizia: *Si no es Sol, ferá Deidad.* O defconto de toda efta felicidade fôraõ as peffoas, que nos morrêraõ na batalha todas dignas de grande eftimaçaõ, entre ellas caufaraõ mayor fentimento Manoel Freire de Andrade, General da Cavallaría da Beira, Diogo Soares de Almeida, Meftre de Campo dos Auxiliares do Crato, Fernaõ Martins de Seixas, Tenente de Meftre de Campo General, Chriftovaõ de Brito, Capitaõ de arcabufeiros da guarda do Conde de Villa-flor, tres Capitães de cavallos, fete de Infantaría, mil Soldados, e quinhentos feridos. Das Companhias Francezas morrêraõ trezentos

Solda-

Soldados, e entre elles Labesce, Tenente da Companhia do Conde de Scomberg, ficou ferido seu filho o Marquez de Schomberg, e seu irmaõ o Baraõ com dous Capitães de cavallo. Das Trópas Inglezas morrêraõ sincoenta Infantes, e de cavallo, em que entrou o Tenente Coronel D. Miguel de Ogan. Os prisioneiros Portuguezes, que os Castelhanos levavaõ de Evora para Badajoz, tanto que no conflicto se viraõ livres dos esquadrões, que os guardavaõ, apanharaõ as armas, que estavaõ pelo campo, e com ellas perseguiraõ os Castelhanos fortemente, vingando-se do máo trato, que delles tinhaõ recebido em Evora, e na jornada; e pela manhãa se uniraõ ao corpo do nosso exercito. O Conde de Villa-flor apenas conheceo que vencia, mandou Jeronymo de Mendonça a Lisboa com a noticia; chegou no dia seguinte nove de Junho, Sabbado dedicado a N. Senhora, que com o Titulo da Conceiçaõ he Padroeira do Reyno, e invocaçaõ, que se deo ao exercito naquelle dia feliz: eraõ onze horas da noite quando Jeronymo de Mendonça entrou no Paço, porém as luminarias, e alvoroço, que logo causou em toda a Cidade a noticia, anticiparaõ o dia. Desceo o Rey com o Infante á Capella Real a dar graças a Deos pela victoria, estava exposto o Santissimo Sacramento, e concorreo todo o pôvo a adorallo, conhecendo visivelmente cumprida a sua palavra Santissima infallivel dada no Campo de Ourique ao Veneravel Rey D. Affonso I. O Conde de Castello-melhor, que em todas as acções do governo deste Reyno mostrou o grande talento, e piedade, de que o dotara a Providencia, persuadio ao Rey que mandasse fazer suffragios, e dizer grande quantidade de Missas pelas almas dos que morrêraõ na batalha. O Conde de Villa-flor entretanto compôs os Terços, e preparou o necessario para a restauraçaõ de Evora; e distribuidas pelas praças as milicias necessarias para guarnecellas, sahio de Estremoz a quatorze de Junho, tempo, em que o Marquez de Marialva partia de Alda-Gallega com o soccorro para o nosso exercito, que constava de tres mil e quinhentos Infantes, trezentos cavallos, e quatro peças de arti-

artilharîa. Acompanharaõ o Marquez os Condes de Sarzedas, Santa Cruz, Vidigueira, e Misquitella, e outros muitos Fidalgos valorosos, e illustrissimos; junto ao rio Degebe se uniraõ com o exercito, que festejou ao Marquez, como pedia a sua authoridade, zelo, e socego de animo, com que sem fazer caso da horrivel insolencia, que o pôvo de Lisboa commetteo contra a sua casa, poucas horas depois della, passou a Alda-Gallega a preparar o soccorro, com que agora vinha; passaraõ mostra ao exercito, e acharaõ constava agora todo de treze mil Infantes, e dous mil e quinhentos de cavallo, numero proporcionado para a empreza. A dezoito de Junho pela manhãa se adiantou o Conde de Schomberg com os Generaes da Cavallarîa, e artilharîa a reconhecer o estado, em que estavaõ as fortificações de Evora, que acharaõ muito mais adiantadas do que imaginavaõ; fôraõ recebidos com repetidas cargas de artilharîa, e mosquetaria, mas a pezar dellas reconhecêraõ a praça, e o Conde de Schomberg dividio o exercito em duas partes, e mandou dar principio a dous quarteis, o primeiro no campo, que fica fronteiro ao Collegio dos Jesuitas, o segundo, que era o da Côrte, se formou na quinta dos mesmos Padres em Valbom, nelle assistiaõ o Conde de Villa-flor, o Marquez de Marialva com as pessoas principaes do exercito, que serviaõ sem posto, e guarneciaõ-o as Trópas competentes. O General da artilharîa tomou por sua conta o governo de dous aproches, hum, a que logo deo principio, que sahia do quartel da Côrte, e se encaminhava ao baluarte de S. Bartholomeu, deixando á maõ direita o forte de Santo Antonio; outro que sahia do Convento da Cartuxa, e caminhava á muralha opposta ao fórte de Santo Antonio. Pedro Jaques de Magalhães, Mestre de Campo General, que governava o outro quartel, começou o aproche delle, que caminhava á barbacãa da muralha, que cahe entre a porta de Machede, e a da Mesquita. Gastou-se o primeiro dia em algumas breves escaramuças, e começou a laborar a artilharîa da cidade contra os dous aproches, em que assistia o General, e destes

com

com igual vigor contra a cidade, na segunda noite se trabalhou nelles com grande vigor, e determinou o Conde de Schomberg, com ordem do Conde de Villa-flor, atacar o Fórte de Santo Antonio, o que naõ teve effeito, porque se lhe oppôs o Conde da Ericeira com razões admiraveis, cuja força conhecêraõ os Generaes, e mudaraõ de parecer. Largo espaço continuaraõ os aproches sem os Castelhanos sentirem o estrondo das ferramentas, e só atiravaõ para segurar o campo; mas tanto que reconhecêraõ por onde se lhes preparava o damno, foraõ vigorosas as descargas; e os nossos valorosos Cabos, e Soldados desprezando perigos, conseguiraõ deixar os aproches muito adiantados; porque o do Conde da Ericeira, General da artilharía, ficou com o alojamento em trezentos passos de distancia da muralha, e o de Pedro Jaques quatrocentos; parou com a manhãa o trabalho, mas naõ o perigo, porque o aproche do General, que caminhava a S. Bartholomeo, ficou enfiado com a Igreja, situada no mesmo baluarte, e superior ao aproche, e della recebia notavel damno, como tambem das baterias do forte de Santo Antonio, que o offendiaõ ao través para o lado direito; o aproche de Pedro Jaques caminhava mais coberto, porque só o descortinava huma meya Lua, sem outro movimento: jogaraõ as baterias até o meyo dia, hora, em que os sitiados fizeraõ huma sortida contra o aproche do General da artilharía com trezentos de cavallo, e oitocentos Infantes; investiraõ huma casa, que guarneciaõ trinta mosqueteiros, e se defendiaõ valorosamente; sahio a soccorrellos D. Luiz da Costa, e D. Joaõ da Sylva com a Cavallaría: Lourenço de Sousa, e Sebastiaõ Correa Lorvela com os seus terços saltaraõ valorosamente a trincheira, fugiraõ desordenados os Castelhanos, deixando no campo mortos dous Capitães de cavallo, e muitos Soldados. Se quereis noticias de gosto, vinde logo.

FIM DA QUINQUAGESIMA SEGUNDA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760.
Com todas as licenças necessarias.